



Kat Martin

Coração Ardente

Série Coração 02

Como filha de um visconde, a vivaz Coralee Whitmore está perfeitamente situada para escrever a respeito da elite de Londres na descarada gazeta para damas Coração a Coração. Mas sob sua elegante fachada pulsa um coração de uma verdadeira jornalista.

De modo que quando a morte de sua irmã fica descartada como um suicídio, Corrie jura descobrir a verdade, suspeitando que o célebre conde de Tremaine fosse o amante de Laurel e o pai de seu filho ilegítimo. Corrie se infiltra no castelo Tremaine fingindo ser uma ingênua parente cuja encantadora figura, e precárias circunstâncias, a faz irresistível para o exímio vagabundo. Mas Corrie descobre que o conde não é o que parece... nem ela é imune a seus encantos, apesar do muito que despreze seu comportamento libertino. Longe da coluna de sociedade, a vida de Corrie se parece mais a uma novela de Dickens. Mas o perigo de seu ardil dificilmente é fictício: alguém está empenhado em assegurar-se que as perguntas de Corrie fiquem sem resposta... e sem ser formuladas.

Disp em Esp: Elloras Digital

Envio e formatação: Gisa

Revisão: Waléria

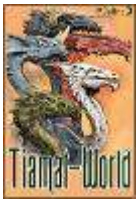
Revisão Final: Matias Jr.

Tiamat - World

Comentário da Revisora Waléria: O livro é muito interessante conta a história de Corrie, que não se conforma com a morte da irmã e busca o culpado pela sua morte. O começo é meio devagar, mas a medida que a história vai se desenrolando e mostrando todos os lados da questão se torna interessante e prende a leitura. Vale a pena ler, tem algumas cenas hot. Boa Leitura.

Comentário do Revisor Matias Jr.: O livro, continuação já por mim iniciada, é muito bom. O final dos bandidos não convenceu, faltou criatividade nessa parte. Mas, tirando essa pequena falha, mostra uma garota esperta e com raciocínio rápido e meio azarada nos flagrantes... É pega com a mão na massa quase sempre... Uma detetive que não ia longe se fosse viver disso... Risos. Uma boa diversão para quem se arriscar.





*Para todos os meninos.
Espero que encontrem amor, alegria e paz.*

Capítulo 1

Londres, Inglaterra. Janeiro 1844

Uma garoa gelada caía sobre o cemitério da igreja. As tumbas se achavam em penumbra e as lápides resultavam ilegíveis entre as sombras dos altos muros de pedra da igreja de St. Michael. Embelezada com um pesado vestido de crepe negro e a cara oculta sob o véu de um chapéu negro de asa larga, Coralee Whitmore permanecia erguida junto a seus pais, os viscondes de Selkirk, escutando as monótonas palavras do bispo, mas sem as ouvir em realidade.

No ataúde, ao lado de um montículo de terra úmida, jazia frio e rígido o corpo de sua irmã, recuperado fazia tão somente uns dias das geladas águas do rio Avon; segundo as autoridades, vítima de um suicídio. Laurel, haviam dito, lançou-se ao rio para escapar da vergonha.

—Está tremendo. - Um gelado vento agitou o cabelo acobreado do visconde, do mesmo tom ígneo que o de Coralee. Era um homem de estatura média, cuja compleição robusta o fazia parecer mais alto.

—O bispo terminou. É hora de voltar para casa.

Corrie cravou o olhar no ataúde, baixou à rosa branca de talo longo que levava na mão coberta com uma luva negra. As lágrimas nublaram a vista quando se moveu para diante, sentia as pernas rígidas e intumescidas por baixo da pesada saia negra, e a fria brisa de fevereiro agitava o véu do seu chapéu.

Depositou a rosa sobre o ataúde de palisandro¹.

—Não acredito - murmurou à irmã que jamais voltaria a ver. - De jeito nenhum. - Corrie trago o doloroso nó que tinha na garganta. - Adeus, querida irmãzinha. Vou sentir saudades. - Virando-se, caminhou para seus pais: o pai que ambas compartilhavam e a que era só mãe de Corrie.

A mãe de Laurel morrera no parto dela. O visconde voltou a se casar, e Corrie nascera pouco tempo depois. As duas garotas eram meio-irmãs, cresceram juntas e tiveram uma relação muito estreita, ao menos até os últimos anos. Logo, o trabalho de Corrie como editora da coluna de

¹ Madeira de algumas árvores tropicais de cor vermelho escura



sociedade em de Coração a Coração, uma gazeta para damas londrinas, começou a absorver, cada vez mais, parte de seu tempo.

Laurel, que sempre preferira a vida tranquila no campo, vivera com sua tia Agnes no Selkirk Hall, a fazenda familiar no Wiltshire. As duas garotas seguiam em contato por correspondência, mas inclusive no último ano esta escasseara.

"Oxalá pudesse voltar atrás no tempo - pensou Corrie enquanto o nó da garganta se fazia cada vez maior e doloroso. - Oxalá estivesse ali quando necessitou de mim."

Mas esteve muito ocupada com sua vida, muito ocupada assistindo a bailes e veladas² para escrever sobre eles em sua coluna. Esteve muito atenta as suas coisas para dar-se conta de que Laurel tinha problemas. E agora sua irmã estava morta.

—Está bem, Coralee?

De pé, no salão azul da mansão dos Whitmore em Grosvenor Square, Corrie se virou ao escutar a voz de sua melhor amiga, Krista Hart Draugr, que cruzava a sala para ela, onde as cortinas de damasco de cor azul clara, assim como o brocado do sofá e as cadeiras Hepplewhite, foram cobertos por uma braçadeira de luto.

Corrie levantou o pesado véu negro para enxugar a lágrima que escorregava pela sua face.

—Estarei bem. Mas já sinto falta dela, e me sinto tão... culpada.

A maioria das pessoas que se aproximaram para oferecer suas condolências - não muitas devido às circunstâncias da morte de Laurel - estavam no salão canela, um enorme salão decorado em tons dourados e ocre, com uma grande lareira de mármore cor Siena no rincão. Serviu-se um extravagante Buffet para os assistentes, mas Corrie não tinha ânimos para comer.

—Não foi tua culpa, Coralee. Não sabia que sua irmã tinha problemas. - Krista era uma beleza loira e alta; mais alta de fato que a maioria dos homens, salvo seu marido, Leif, um gigante loiro que fazia parecer com sua esposa uma mulher pequena e delicada.

Era o homem mais bonito que Corrie já vira. Estava no outro extremo do salão, conversando com seu irmão, Thor, que apesar de ser tão moreno como Leif era loiro, era quase do mesmo tamanho, e embora de uma maneira mais agreste, parecia inclusive mais bonito.

—Deveria ter suspeitado de algo quando deixaram de chegar suas cartas - disse Corrie. - Deveria ter sabido que algo não ia bem.

—Tinha vinte e três anos, Coralee. Era quase dois anos mais velha do que você, e era muito independente. E te escreveu de Norfolk, segundo recordo.

O verão anterior, Laurel viajara ao East Dereham no Norfolk para viver com sua outra tia, Gladys. Além de Allison, uma prima da idade de Corrie, eram os únicos parentes que tinha por parte materna.

Laurel jamais se deu bem com a mãe de Corrie, mas suas tias, ambas solteironas, queriam-na

² noitadas



como a uma filha, e Laurel correspondera a esse carinho.

—Escreveu-me de Norfolk, sim, mas muito poucas vezes. Só mantivemos uma verdadeira correspondência o último mês, depois de sua volta a Selkirk Hall.

Segundo a polícia do condado de Wiltshire, quando Laurel esteve residindo no Selkirk estava grávida. Agnes manteve em segredo até que a gravidez de Laurel se fez evidente, logo a enviou ao norte com Gladys até que nasceu o bebê. Corrie olhou a Krista, que era quase quinze centímetros mais alta que ela; uma jovem formosa com um busto generoso e preciosos olhos azuis, enquanto que Corrie era miúda e com uns olhos cor verde intensa. Krista acabava de ser mãe, mas ainda dirigia a gazeta, uma revista para damas conhecida por seu desejo reformador.

—A polícia acredita que se suicidou - disse Corrie. - Dizem que segurou nos braços o menino que tinha levado em seu ventre durante nove longos meses e que saltou ao rio com ele porque não podia suportar a vergonha. Eu não acredito. De jeito nenhum. Minha irmã jamais faria mal a ninguém, e muito menos a seu próprio filho.

No olhar de Krista apareceu um rastro de pena.

—Sei que a amava, Corrie, mas embora tenha razão, não pode fazer nada.

Corrie ignorou o sentimento de pesar que causavam essas palavras.

—Possivelmente não.

Mas não estava de todo convencida. Refletira sobre as circunstâncias que rodeavam a morte de sua irmã desde que recebeu a notícia da tragédia: sua irmã se afogou com os restos de um pulôver azul de bebê entre as mãos.

Corrie ficou desolada. Queria a sua irmã mais velha com loucura. Não podia imaginar a vida sem ela. Havia dito atrocidades de Laurel, mas Corrie se negava à acreditar. A morte de Laurel não podia ser um suicídio. Com o tempo, se descobriria a verdade.

Capítulo 2

Londres. Três meses depois

Os escritórios da gazeta para damas londrinas "Coração a Coração" estavam localizados em um edifício de tijolo próximo a Picadilly. Corrie começou a trabalhar na gazeta pouco depois da morte da Margaret Chapman Hart, quando sua filha, Krista, assumira o controle do negócio junto com seu pai, o professor sir Paxton Hart. No ano anterior, Krista se casou com o Leif Draugr, agora dono de uma bem-sucedida empresa naval, e nove meses depois tiveram um filho, mas Krista ainda continuava trabalhando quase todos os dias em "Coração a Coração", seu orgulho e paixão.



Quando Corrie entrou no escritório procurando sua amiga, viu a Bessie Briggs, a recepcionista, trabalhando na enorme prensa Stanhope, a alma da gazeta, preparando a seguinte edição.

Bessie levantou a vista, sorriu e seguiu trabalhando sem prestar atenção a deprimente vestimenta negra que Corrie vestia durante os três últimos meses e que ainda levaria outros três meses mais.

Corrie golpeou a porta entre aberta do escritório que Krista ocupava na planta baixa.

Sua amiga levantou o olhar e sorriu.

—Já que raramente bate na porta, suponho que deve ser algo importante. Entra, Coralee. - As rígidas saias negras fizeram um ruidoso frufú quando Corrie entrou e fechou a porta a suas costas.

—Há algo do que eu gostaria de falar e como você é minha melhor amiga... - Krista lhe lançou um olhar especulativo.

—O que ocorre?

Corrie se sentou e alisou uma inexistente ruga da saia.

—Tentei me esquecer da morte de Laurel, mas o certo é que, simplesmente, não posso. Preciso averiguar a verdade, Krista. Jamais acreditei que Laurel se suicidou com seu bebê, e vou provar que não foi assim.

Os traços da Krista se suavizaram.

—Sei como foi duro para você perder a sua irmã. Sei que se sente responsável. Mas Laurel se foi e não há nada que possa fazer para recuperá-la.

—Isso já sei. Mas falhei uma vez quando ela mais me necessitava, e não voltarei a fazê-lo. Minha irmã não se suicidou, o que quer dizer que alguém a matou, e tenho intenção de descobrir quem o fez.

Krista arqueou uma de suas sobrancelhas loiras.

—E como pensa fazê-lo exatamente?

—Começarei por averiguar algo aqui mesmo, em Londres. Sou boa nisso, não? É meu trabalho descobrir fatos e falatórios para minha coluna.

—Sim, mas isso não é o mesmo.

—Eu acredito que é exatamente o mesmo. Tenho intenção de revisar cada uma das cartas que minha irmã me escreveu antes de morrer para procurar alguma pista.

Corrie levantou a vista, um olhar implacável aparecia em seus olhos.

—Logo irei ao campo. Vou averiguar quem é o pai do bebê de Laurel, e então saberei onde começar a procurar as respostas e como e por que morreu.

Averiguar o nome do pai era uma peça chave do enigma, o homem a quem sua irmã devia ter amado. Nem sequer a tia Agnes sabia quem era. Conforme a tia Agnes, Laurel se negou categoricamente a revelar sua identidade.

—Não tem que preocupar-se pela gazeta - continuou Corrie antes que Krista pudesse falar. - Já



pensei em quem poderia me substituir temporariamente. Assumindo que o aprove, pedirei a Lindsey Graham que ocupe meu lugar enquanto estou ausente. - Lindsey era uma amiga da escola, uma companheira de classe da Academia Briarhill, onde Krista e Corrie se conheceram.

—Lindsey se dedica a escrever artigos sobre livros - continuou Corrie, - algo muito aborrecido, acredito. Seu pai é barão, e está muito bem relacionado, assim não terá nenhum problema para mover-se livremente entre a alta sociedade. Acredito que fará um bom trabalho.

—Suponho que sim, mas?

—Bom, o certo é que já pensei em contratar a Lindsey enquanto Leif e você desapareceram nessa ilha atroz. - Corrie sorriu. - Levar a gazeta com você desaparecida era uma tarefa quase impossível. Jamais fui tão feliz de ver alguém como quando você retornou.

A história de Leif e Krista era um segredo muito bem guardado. Que esse gigante e seu irmão procedessem de uma ilha situada ao norte da Escócia que não figurava em nenhum mapa e onde a gente ainda vivia segundo os costumes dos vikings era, no melhor dos casos, completamente incrível e era muito melhor não mencioná-lo. A única coisa que importava era que Leif e Krista se conheceram e que se amavam com loucura. Corrie se perguntou se ela conheceria em algum momento ao homem adequado. O que fez com que voltasse a pensar em sua irmã. Nas primeiras cartas de Laurel vindas de Selkirk, mencionou que conheceu a um homem. Descrevera-o como alguém virtuoso e explicara o quanto desfrutava de sua companhia. Corrie tencionava revisar as cartas para ver se havia nelas uma descrição, algo que pudesse ajudar a averiguar seu nome. Quem roubara o coração de Laurel? Quem tomara sua virtude para em seguida abandoná-la?

Corrie perguntava-se se o homem responsável pelo bebê de Laurel teria sido também o responsável pela morte de ambos.

—Não pode estar falando a sério, Coralee. Diga-me que não tenciona levantar este doloroso assunto mais uma vez.

Agnes Hatfield estava sentada no sofá de veludo rosa de uma pequena sala da mansão Whitmore. A sala estava decorada em tons brancos e rosa com um estilo feminino e elegante, e dava ao jardim da parte traseira da casa. Faziam três dias que retiraram as braçadeiras de luto negros das cortinas e dos móveis, depois de três longos meses de luto.

—Me dou conta de que não é uma tarefa fácil, tia Agnes, mas estive pensando muito neste assunto e não fica mais remédio que atuar.

A tia Agnes, como Corrie sempre a chamara embora não tivessem laços de sangue, era uma senhora de uns sessenta anos, gordinha, com o cabelo prateado e, até a morte de sua sobrinha, sempre sorridente.

Sentada a seu lado estava a prima de Laurel, Allison Hatfield, uma jovem magra com o nariz reto, o queixo afiado, o cabelo muito escuro e uns olhos cor avelã que observavam a Corrie com evidente inquietação.



Os pais de Allison morreram de cólera, deixando-a sob a tutela de sua idosa tia Gladys.

Ante o convite do visconde, ambas escolheram ficar na cidade em vez de retornar ao Selkirk Hall e às horríveis lembranças que o lugar tinha para elas.

—Assim pretende iniciar algum tipo de investigação? - perguntou tia Agnes.

—Sim.

Allison não fez comentário algum. Era uma jovem tímida e discreta que raramente se mostrava em desacordo com qualquer coisa que se dissesse. Possivelmente essa foi a razão pelo qual aceitou abandonar East Dereham e acompanhar a Laurel de volta ao Selkirk Hall, fazendo-se passar pela mãe do bebê.

Ou possivelmente foi porque Allison estava cansada de depender da generosidade de sua idosa tia Gladys, e Laurel prometeu para Allison uma considerável soma e a possibilidade de um futuro melhor em troca de sua ajuda com o bebê.

—Em nenhum momento acreditei na versão que deram as autoridades sobre o ocorrido - disse Corrie, - e depois de considerá-lo por dois meses, decidi passar à ação. Penso em dar todos os passos necessários para descobrir o que ocorreu de verdade a minha irmã. A tia Gladys, a tia Agnes e você ajudaram Laurel. Agora devem me ajudar a averiguar o que aconteceu com ela e o bebê.

Allison tirou um paninho bordado com extravagância e deu uns ligeiros toquezinhos nos olhos. Esteve muito afeiçoada a Laurel e ao bebê de um mês, Joshua Michael, assim como a Agnes, que também tirou um paninho bordado para afundar nele seu nariz empoeirado.

A anciã inspirou com força.

—Ajudarei com tudo o que possa... possivelmente minha ajuda sirva para descobrir que, em realidade, sua irmã não se suicidou.

Corrie aumentou os olhos.

—Assim que você também não acredita que ela se suicidou! E se ela não tirou sua própria vida, alguém a assassinou. Laurel e o menino foram vítimas de um crime. É a única explicação.

Do seu lugar no sofá de veludo rosa, a suave voz de Allison atravessou a sala em um sussurro.

—Há uma coisa... não sei com segurança... mas é possível que Laurel estivesse com alguém na noite em que desapareceu. Não me disse aonde ia, mas estava muito entusiasmada. Não me dei conta de que levou o bebê com ela até mais tarde, quando entrei no quarto do menino e vi que o berço estava vazio.

Corrie sentiu que uma imensa tristeza a invadia e sentiu o aguilhão das lágrimas. De propósito se inclinou contra as rígidas baleias de seu espartilho, e o leve desconforto a ajudou a conter-se.

—Por favor... devemos nos concentrar.

Agnes assuou o nariz.

—Tem razão, é obvio. Todas choramos mais que de sobra. E não vamos encontrar justiça para nosso querido anjo perdido se ficamos aqui sentadas e chorando.



Corrie cravou o olhar no cabelo escuro de Allison.

—Disse às autoridades que era possível que Laurel se reuniu com alguém na noite em que morreu?

—Não parecia importante nesse momento. O agente de polícia disse que se atirou no rio. Na semana anterior, Laurel estava um pouco alterada, embora não me disse por que. Quando o agente de polícia chegou com as terríveis notícias, eu pensei que possivelmente... bom, aceitei a explicação da polícia sobre o que ocorreu.

Corrie tomou nota mental para averiguar o que tanto alterou a sua irmã na semana anterior a sua morte.

—Teve três meses para pensar, Allison. Ainda considera que Laurel se suicidou?

Negou com a cabeça.

—A princípio estava tão aflita que nem podia pensar com clareza. Laurel e Joshua morreram e não me importava nada mais.

—Bom, pois importa para mim - disse Corrie. - E também é importante para Laurel. Está segura, tia Agnes, de que minha irmã não deu nenhuma pista sobre o pai de seu filho?

—Nada. Sou uma anciã. Prestei pouca atenção às idas e vindas de minha sobrinha.

—Que homens puderam ter visitado a casa nessas datas?

—OH, houve uns quantos que nos visitavam de vez em quando. O filho do latifundiário Morton, Thomas, fez alguma visita. E o filho do vigário? OH, senhor? qual é seu nome? Lembrarei em um momento. Em qualquer caso, esse menino também nos visitou em alguma ocasião.

—Alguém mais?

—Bom, sim. O Castelo de Tremaine está perto. - De fato, era a fazenda mais próxima ao Selkirk Hall. - Lorde Tremaine apresentava seus respeitos cada vez que visitava a residência, em ocasiões acompanhado por seu primo. Seu irmão, Charles, e sua cunhada, Rebecca, apresentaram seus respeitos em alguma ocasião, e sempre nos visitavam no Natal.

Corrie franziu o cenho enquanto processava mentalmente toda essa informação.

—Lorde Tremaine, diz?

—Pois sim. Sempre nos visita quando está no campo, mas nunca fica muito tempo.

"Gray, o filho de Forsythe, conde de Tremaine." O nome que veio para a memória era o que havia herdado o título cinco anos atrás. Corrie nunca vira o conde, que parecia muito reservado, mas ouvira dizer que era muito alto e de aparência agradável. O homem tinha uma reputação sórdida e escandalosa no que a mulheres se referia, e em sua própria seção de fofocas, "batidas do coração", Corrie mencionara mais de uma vez os rumores que circulavam sobre ele. E se não lhe falhava a memória, o conde estava frequentemente em sua residência, o Castelo de Tremaine, onde residiam seu irmão e sua cunhada.

—Posso ver o que está pensando - disse Agnes. - Admito que o conde é um homem atraente,



mas também é sombrio e sinistro. Não posso imaginar a sua irmã interessando-se por um homem assim.

—Afastou o olhar. - Laurel era sempre muito alegre e adorava divertir-se, uma jovem afetuosa e cheia de vida. - Seus olhos se encheram de lágrimas e voltou a usar o lenço.

Corrie sentiu um peso entristecedor no peito.

—Possivelmente tenha razão - disse, decidida a não permitir que suas emoções saíssem à superfície. - Mas conforme ouvi, esse homem é realmente desumano com respeito às mulheres.

Suponho que se queria seduzir a uma juvenzinha inocente, seria bastante fácil para ele.

—Possivelmente. - Agnes tentou manter suas emoções sob controle. - Mas simplesmente não posso. - Negou com a cabeça, arqueando de uma vez suas sobrancelhas prateadas. - Seu primo, Jason, é muito elegante. Também passa muito tempo na residência campestre. Suponho que pense... - Se interrompeu de novo. - Sinto, Coralee, mas simplesmente não posso imaginar a nenhum desses jovens assassinando a nossa doce e querida Laurel e ao bebê. É isso o que está pensando, não?

—É uma possibilidade. Quem sabe o homem por quem Laurel se apaixonou não a amava. Possivelmente não queria ver-se forçado a casar-se com ela.

—E possivelmente, simplesmente, Laurel saiu para dar um passeio de noite e a atacaram uns salteadores de caminhos. Possivelmente tentaram roubá-la, mas ao descobrir que não tinha dinheiro os lançaram, a ela e ao bebê, ao rio.

Era uma possibilidade que Corrie já tinha considerado.

—Suponho que poderia ter acontecido assim. Tudo é possível neste momento, salvo que Laurel se suicidou com seu filho.

—Coralee tem razão - disse Allison com suavidade, de onde estava sentada, como se fosse um passarinho, na borda do sofá. - Laurel queria ao pequeno Joshua com cada parte de seu ser. Não poderia ter feito nada que o ferisse. E estava absolutamente decidida a que ninguém averiguasse a identidade do pai. É algo admirável. - Corrie assentiu com a cabeça.

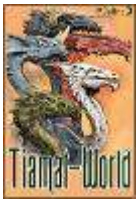
—Certamente. - Tia Agnes a olhou com receio. - Odeio perguntar isto, mas suponho que é minha obrigação. Poderia nos dizer, Coralee, o que é exatamente que pensa fazer?

Corrie endireitou as costas. Nesse momento não estava segura. Mas ia fazer algo. Disso sim que estava completamente segura.

Excitada por seu descobrimento, Corrie subiu correndo a escadaria de entrada de "Coração a Coração" e abriu a pesada porta principal. Quando entrou no grande vestíbulo, viu que Krista saía do armazém para dirigir-se a seu escritório. Corrie a seguiu e fechou a porta com rapidez.

—Krista, não vai acreditar no que averigui! - Sua amiga se virou para ela, parecia que não percebeu a presença de Coralee até esse momento.

—Assim segue fuçando nos panos sujos. Sei que está empenhada em demonstrar que Laurel foi assassinada, mas não acredita que seria melhor para sua irmã que simplesmente aceitasse sua morte



e seguisse com sua vida?

—Dizem que matou a seu bebê. Acredita que minha irmã gostaria que todos pensassem que fez algo tão atroz?

—A polícia não encontrou sinais de roubo, Corrie. Não existia nenhuma marca incriminatória em seu corpo.

—Levara vários dias na água quando encontraram seu corpo. A polícia disse que era impossível dizer com exatidão o que ocorrera, mas apresentava uma contusão em um lado da cabeça.

—Sim, e se não recordo mal, a polícia acreditava que devia ter golpeado a cabeça quando caiu ao rio. As autoridades acreditam que o bebê se afogou e que o curso do rio o fez desaparecer mar adentro.

—E eu acredito que a polícia se equivoca. Laurel foi assassinada por alguém que não queria que ninguém descobrisse o segredo do nascimento do bebê, ou por algum outro motivo igualmente sinistro.

Krista suspirou.

—Bom, também é certo que se cometeram assassinatos por menos razões que impedir algum tipo de escândalo.

—Sim, e quando Agnes mencionou o conde de Tremaine, comecei a pensar. Faz alguns anos, ouvi algumas fofocas sobre ele. Corria o rumor que ocorreram várias aventuras amorosas, e inclusive mencionei sua escandalosa reputação um par de vezes em minha coluna. Pus-me a revisar algumas de nossas velhas edições. Lady Charlotte Goodnight escrevia minha coluna, "batidas do coração", quando sua mãe dirigia a gazeta. Dei uma olhada.

Pela primeira vez, Krista mostrou curiosidade.

—O que encontrou?

—Alguns artigos mencionavam o que eu já ouvira; diziam que esse homem era um completo pilantra no que se referia a mulheres. Chamavam-no "o sedutor"; ao que parece é um professor na arte do amor.

Além disso, Grayson Forsythe tinha um cargo no exército antes de herdar o título. Passou vários anos na Índia antes que seu irmão mais velho caísse doente e ele retornasse para assumir seus deveres como conde.

Krista sorriu.

—Parece um homem interessante.

—Sim, bom, suponho que pode dizer-se que sim. Mas conforme ia lendo sobre ele, recordei algumas coisas!

—Como quais?

—Esta manhã fui até os escritórios do magistrado e procurei os registros em seu nome e ali estava... o certificado de seu matrimônio com lady Jillian Beecher de três anos atrás.



—Agora que o menciona, lembro ter ouvido algo sobre isso. Mas Tremaine está solteiro, é um dos solteiros mais cobiçados de Londres. O que aconteceu com sua esposa?

—Isso é o que estou tratando de averiguar. Fiz algumas investigações, falei com algumas de minhas fontes de informação, discretamente, é obvio. Descobri que o conde estava casado a menos de um ano quando morreu lady Tremaine. A condessa era filha de um barão muito rico, e a herdeira de uma grande soma de dinheiro. Morreu deixando ao conde um considerável incremento em seu patrimônio, e outra vez livre para continuar com suas conquistas amorosas.

—Não recordo ter ouvido nada disso.

—Acredito que a família manteve o assunto em segredo. - A Corrie brilhavam os olhos. - E aposto o que queira a que tampouco sabe que lady Tremaine se afogou, Krista... ali mesmo, no rio Avon!

Capítulo 3

Uma fresca brisa primaveril entrava pelos vidros abertos da carruagem que viajava para o povoado de Castle-On-Avon, uma cidadezinha pitoresca com um pequeno mercado e rodeado de verdes campos e casas rurais com telhados de palha. No topo de uma colina próxima aos subúrbios do povoado, Selkirk Hall se destacava majestosamente sobre mil e duzentos acres de terras de rico pasto.

Era um edifício de três andares construído no período georgiano com pedra escura do Cotswold.

Coralee, tia Agnes e Allison retornavam ao campo na carruagem de Agnes, não no elegante carro de quatro cavalos do visconde. Corrie não podia arriscar-se a que o chofer dissesse a seu pai que abandonara o veículo antes que este chegasse ao Selkirk Hall. De fato, tencionava ficar em A Galinha e o Corvo, uma estalagem próxima, onde alugaria um quarto para passar a noite antes de continuar para o seu destino pela manhã com uma nova identidade.

Passou-se menos de uma semana que Corrie idealizara um escandaloso plano. Fazia três dias que o expôs a tia Agnes e a Allison.

—Funcionará... sei que sim!

Tia Agnes retorcia um lenço entre suas gordinhas mãos.

—Não sei, Coralee, parece muito arriscado.

—Para começar, ninguém saberá quem sou - explicou Corrie. - Me farei passar pela Letty Moss, a esposa de um primo longínquo de lorde Tremaine, Cyrus.

Letty se encontra na miséria ao ter sido abandonada por seu marido, e necessita desesperadamente a ajuda do conde. - Uma história que inclusive poderia ser verdade.



Corrie achara essa informação durante a investigação do conde e sua família. Através de uma amiga que conhecia um amigo que, por sua vez, conhecia um dos primos longínquos do conde - um homem chamado Cyrus Moss,- inteirou-se de que Cyrus deixara a sua jovem esposa em sua residência em York e partira rumo à América em busca de fortuna. Depois de dois anos, Cyrus ainda não retornara.

Segundo suas fontes, lorde Tremaine não conhecia Letty Moss e nunca teve contato com seu primo longínquo. A informação proporcionou a Corrie a cobertura perfeita para infiltrar-se no Castelo de Tremaine.

Dessa maneira poderia descobrir se lorde Tremaine era o pai do filho de Laurel e, se fosse, averiguar se fora ele o responsável pela morte de sua irmã e do pequeno Joshua.

—Funcionará, tenho certeza. Tem que funcionar. - Tia Agnes se apressou a discutir, mas no final aceitou o plano. Se Corrie conseguisse descobrir a verdade sobre o que ocorreu a sua amada sobrinha, então deveria seguir adiante com seus planos.

Corrie observou a mudança de paisagem pela janela da carruagem: onduladas colinas sob as nuvens escuras, um cão latindo, a carreta de um comerciante levada por um cavalo com aspecto cansado.

—Não sei se conseguirá ter êxito - se lamentou a tia Agnes do extremo oposto da carruagem. - O mais provável é que alguém de Selkirk Hall, ou inclusive do povoado, reconheça-te.

—Não estive em Selkirk desde que tinha doze anos. Tanto minha mãe como eu preferimos Londres ao campo. Cada vez que Laurel e eu queríamos estar juntas, minha irmã vinha à cidade.

Para distanciar-se ainda mais dos acontecimentos ocorridos em Selkirk, Corrie decidira deixar o luto. Não queria que ninguém a relacionasse com a morte de Laurel, e ir embelezada com esses atrozes objetos negros podia colocar ideias na cabeça de qualquer um.

Corrie pensava que sua irmã não se importaria. Acreditava que Laurel preferiria que descobrisse a verdade sobre sua morte em vez de que sua irmã mais nova andasse vestida com deprimentes roupas de luto, sem incomodar-se em limpar seu nome.

Agnes dirigiu a Corrie um olhar inquisitivo.

—Está resolvida a descobrir a verdade, mas e se ao final essa verdade resulta ser algo que não deseja saber?

Existia a possibilidade, é obvio, de que a verdade não resultasse ser do agrado de Corrie. Precisava confiar que Laurel foi em todo esse assunto a donzela seduzida que Corrie acreditava que era.

—Aceitarei se for assim.

—E o perigo que corre? - pressionou Agnes. - E se o conde for na verdade um assassino, o que impedirá que mate a você também?

Corrie tentara por todos os meios que sua tia não se preocupasse, entretanto, esses mesmos



pensamentos passaram por sua cabeça.

—Já falei, Tremaine não saberá quem sou. Além disso, se assassinou a sua esposa, o fez por dinheiro. E se matou a Laurel e ao Joshua, fez para conservar sua liberdade, ou possivelmente para proteger a sua família do escândalo. Como só sou uma parente pobre que está ali de visita, não terá nenhuma razão para me assassinar.

—E eu estarei ali com ela - acrescentou Allison com suavidade, recordando a ambas o papel que ficava destinado a ela: o de donzela de Corrie.

—Assim é. Allison será meu contato contigo, e te comunicará de qualquer problema que possa surgir.

Por sorte, o tempo que Allison permanecera em Selkirk com Laurel se passou por uma jovem viúva com um bebê recém-nascido. Sempre vestiu-se de luto, e jamais fora ao povoado, por isso estava a salvo de que a reconhecessem no Castelo de Tremaine.

Agnes lançou um profundo suspiro.

—Espero que as duas saibam o que estão fazendo.

Corrie sim sabia. Ao menos sabia que o conde de Tremaine estava em sua residência, o Castelo de Tremaine, e que levava ali várias semanas. Agnes disse que o homem permanecera no castelo desde a morte de Laurel, e também durante os meses anteriores. Ultimamente parecia passar mais tempo no campo que na cidade.

Possivelmente encontrara uma nova vítima com a que exercer seus dons de sedução.

Ignorando suas companheiras, Corrie olhou pela janela e divisou a estalagem A Galinha e o Corvo um pouco mais adiante. Um leve estremecimento de antecipação a atravessou.

Ainda estava vestida de luto, com a cara oculta sob um véu de tule preto, e assim seria até que abandonasse a estalagem na manhã seguinte.

Então se vestiria com as roupas de uma jovem que atravessara tempos difíceis; objetos que Allison encontrara em um mercadinho de roupas usadas: vários vestidos de viagem passadas de moda, vestidos de dia de musselina gasta e alguns vestidos de noite que serviriam perfeitamente apesar dos punhos desfiados e as pregas sujas.

Embora os vestidos não eram do estilo que Corrie estava acostumada a usar, não lhe importava. Qualquer coisa era melhor que a deprimente roupa preta que a fazia recordar da maneira que falhou com sua irmã.

Capítulo 4

Ignorando o rangido do couro ao trocar de posição na sela de montar, Grayson Forsythe, sexto



conde de Tremaine, observou sua fazenda, as terras que rodeavam o Castelo de Tremaine.

Passeou a vista pelo sob muro de pedra à esquerda, o denso bosquezinho ao fundo, o rio que corria com o passar do perímetro à direita e os campos verdes com colinas ondulantes e a nova erva da primavera, que pareciam chamá-lo por seu nome. Debaixo dele, o enorme garanhão preto, Rajá, corcoveava impaciente por continuar o passeio que começaram pela manhã cedo.

Durante os últimos dez dias, só encontrara a paz percorrendo as colinas no lombo de seu cavalo, escapando dos limites da casa, escapando de sua família e, das lembranças.

Como cada ano, aproximava-se o temido dia, o passado voltava a rondar como um fantasma.

Em 19 de maio, o dia que sua jovem esposa, Jillian, morreria.

Gray dirigiu ao garanhão colina abaixo em um galope desenfreado que parecia devorar a terra. O vento alvoroçava seu grosso cabelo preto, que não seguia a moda fazia muito tempo e que levava preso em um rabo, e agitava sua camisa branca.

Ali fora podia controlar suas lembranças, sabendo que acabariam por desvanecer-se como o faziam a cada ano. No castelo, que se erguia junto ao rio onde ela morreria, não poderia fazê-lo.

Gray seguiu cavalcando durante a hora seguinte, e ao alcançar os limites de sua propriedade, fez girar ao garanhão e o guiou a passo lento para a casa.

Com o tempo as lembranças se desvaneceriam. De novo se veria absorvido pelos problemas cotidianos de seus arrendatários e de suas terras, os livros de contas da fazenda Tremaine, e os negócios que herdara junto com o título, e o passado voltaria a ocupar um rincão de sua mente. Mas para em 19 de maio ainda faltava uma semana.

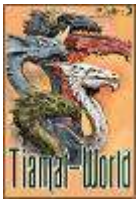
Gray se recompôs e urgiu a Rajá para o antigo castelo que coroava a colina ao lado do rio.

Corrie olhou fixamente através do vidro da deteriorada carruagem que alugara na Galinha e o Corvo. Ao final do longo caminho de cascalho, o Castelo de Tremaine se erguia no alto de uma colina como a fortaleza que foi antigamente. Dentro desses grossos muros encontraria ao Grayson Forsythe, o homem que podia ter assassinado a sua irmã.

—Está segura disto, Coralee? - Allison se inclinou para ela, espremendo as mãos com nervosismo sobre o regaço. - Tia Agnes poderia estar certa, sabe. Podemos estar nos colocando em um local terrivelmente perigoso.

—Sou Letty ou a senhora Moss. Deve recordar de me chamar assim, Allison. E não têm nenhum motivo para nos fazer dano. Acreditarão que sou uma parente longínqua caída em desgraça. E se ocorrer algo que nos dê a mínima impressão de que poderíamos estar correndo perigo, partiremos imediatamente.

Allison alisou a singela saia de algodão, inclusive mais desgastada que o vestido de cor azul clara que Corrie levava. Embora a sobre saia tinha sido adornada com um encaixe amarelo pálido, o vestido estava claramente passado de moda. Corrie ajustou as cintas do chapéu azul a jogo, ignorando uma mancha mal visível no bordo inferior.



Como o resto das roupas que levavam nos baús, os vestidos foram retocados para poder usá-los. Corrie parecia o que se esperava dela, uma provinciana que necessitava a ajuda urgente de um parente rico.

Com uma sacudida que quase as fez cair do assento, a carruagem se deteve diante da enorme estrutura de pedra que era o Castelo de Tremaine. O fosso defensivo que em seu dia esteve cheio de água, agora tinha sido recheado de terra para plantar nele narcisos. O antigo edifício, que fora reformado durante os centenas de anos que passaram desde sua construção, era impressionante; com enormes leva de madeira esculpida e duas asas de dois andares a cada lado da edificação que em seu dia fora o centro nevrálgico da fortaleza.

A família Forsythe possuía uma considerável fortuna, incrementada pelo oportuno falecimento da esposa do Grayson Forsythe.

O chofer ajudou a descer a Coralee e a Allison da carruagem alugada, baixou seus baús e logo voltou a subir à boleia.

—Querem que fique aqui até que as recebam, senhoras?

Corrie negou com a cabeça.

—Estaremos bem. Sou a prima de lorde Tremaine, e venho de visita. - Coralee queria que a carruagem partisse imediatamente para que não houvesse maneira de que o conde as despachasse com uma patada nesses traseiros tão desalinhadamente cobertos.

Tranquilizou a si mesma, e esperou que o chofer fosse embora. Tomou seu tempo até que deixou de ouvir o ruído das rédeas e os arnês quando o veículo desapareceu pelo longo caminho de cascalho.

Ignorando seus trementes joelhos, subiu a escadaria até a enorme porta esculpida.

Depois de bater na porta, um mordomo, impecavelmente vestido com uma librea negra, umas calças negras e uma impoluta camisa branca, abriu o pesado portal.

—No que posso ajudá-las?

Corrie esboçou um sorriso.

—Vim a ver lorde Tremaine. Poderia dizer que a senhora Moss, Letty Moss, a esposa de seu primo Cyrus, veio o visitar?

Não estava segura de que o conde fosse reconhecer o nome, mas esperava que lembrasse vagamente.

—Temo-me que sua senhoria não se encontra neste momento no castelo, mas seu irmão Charles está aqui. Avisarei-lhe de sua chegada. Se forem tão amáveis de me acompanhar?

O mordomo, magro e com o cabelo grisalho, guiou-as, a Allison e a ela, a uma salinha mobiliada com muito bom gosto. Estava decorada seguindo o estilo neoclássico, com altos tetos adornados com molduras brancas, uma lareira de mármore e elegantes sofás e cadeiras estofadas em tons ocres com adornos de um brilhante tom rubi.



Allison se sentou em uma das cadeiras, retorcendo as mãos sobre o regaço. Corrie rogou em silêncio que à garota não desse um ataque de nervos antes que começasse a atuação.

Sentando-se no sofá de brocado, Corrie se manteve sorridente e esperou, logo se levantou ao ouvir o frufrú de umas pesadas saias que anunciavam a chegada de uma presença feminina pelo corredor.

Allison se levantou também. Corrie observou que continha os nervos.

Uma mulher com o cabelo dourado penteado em cachos sobre os ombros entrou na salinha. Tinha os olhos azuis e uns rasgos muito formosos. A recém chegada examinou às duas mulheres e, observando a roupa singela e ligeiramente desfiada da Corrie, mas de melhor qualidade que a da Allison, centrou o olhar nela.

—A senhora Moss, suponho?

—Sim, a senhora do Cyrus Moss. Meu marido é primo de lorde Tremaine.

—E esta senhorita é sua donzela?

—Sim, a senhorita Holbrook. - Allison fez uma reverência que a mulher ignorou. - Vim a falar com ele sobre um tema de vital importância.

—Lorde Tremaine não retornou ainda de seu passeio matutino. Como meu marido está ocupado neste momento, possivelmente eu possa as ajudar. Sou Rebecca Forsythe. Se seu marido for primo do conde, também será então parente do Charles.

—Pois sim. Encantada de conhecê-la, senhora Forsythe. - Corrie dirigiu um olhar rápido a Allison. - Possivelmente minha donzela possa esperar na cozinha enquanto falamos em privado.

—É obvio. - Rebecca chamou o mordomo. - Senhor Flitcroft, conduza à senhorita Holbrook à cozinha para que possa tomar algo. E nos sirva a nós um chá com massas.

Corrie não deixou de sorrir em nenhum momento. Esperava falar com o conde. Ao fim e ao cabo, seria lorde Tremaine quem decidiria se podiam ou não ficar.

Mas não podia se permitir o luxo de ignorar a essa mulher em seu papel de esposa de um primo de seu marido. Corrie precisava lhe contar sua história e esperar ganhar a simpatia da mulher.

Allison dirigiu um olhar preocupado e seguiu o mordomo para fora da salinha. Corrie voltou a ocupar seu lugar no sofá e Rebecca se sentou junto a ela.

A loira sorriu. Era incrivelmente bela, não chegava a ser mais velha em cinco ou seis anos a Corrie, com um busto abundante e uma cintura estreita. Estava embelezada com um vestido cor água com rosas bordadas na saia.

—Temo-me que não conheço primo Cyrus - disse Rebecca. - Mas acredito que Charles teve entendimentos com seu pai. Onde disse que vivem?

—Cyrus e eu vivemos em York, entretanto, por desgraça, ele leva mais de dois anos ausente. Essa é a razão de que esteja aqui.

—Temo-me que não a entendo.



Corrie pensou em Laurel, o que a ajudou a mostrar uma expressão desolada. Tirou um lenço da bolsinha e enxugou os olhos.

— Isto é terrivelmente vexatório.

— Tome seu tempo - disse Rebecca em tom alentador.

— Conheci o Cyrus através de uns amigos de meus pais, e no princípio de nosso matrimônio fomos muito felizes. Por ser quase vinte anos mais velho que eu, Cyrus me adorava. Possivelmente me amava muito, e esse era o problema. O certo é que Cyrus tinha pouco dinheiro, só o que herdou de seu pai, e o gastou com rapidez uma vez que nos casamos. Mas Cyrus estava resolvido a me dar as coisas que ele acreditava que eu merecia.

O olhar azul da Rebecca passeou pelos objetos usados que vestia Corrie.

— E onde está Cyrus agora?

— Bom, verás, esse é a essência da questão. Cyrus desejava me dar o melhor, razão pela qual, suponho, decidiu abandonar a Inglaterra e embarcar rumo à América em busca de fortuna. Cyrus tinha planos, grandes planos, e ali tinha amigos que acreditava que o ajudariam.

— Lembro que Charles mencionou algo sobre um primo longínquo que se foi a América em busca de aventura.

Corrie assentiu energicamente com a cabeça.

— Esse era Cyrus. Segundo suas cartas, chegou sem nenhum problema. Logo deixei de receber correspondência. Não sei nada de meu marido há quase dois anos.

— Lamento ouvir isso, senhora Moss.

— Mas pior ainda que perder ao Cyrus, é que meus recursos se esgotaram. Para lhe ser franca, senhora Forsythe, estou na mais absoluta miséria. Traguei-me o orgulho e vim até aqui para rogar ao conde que me ofereça refúgio. Se se negar, não sei o que farei. - Afundou de novo a cara no lenço, disposta a estalar em pranto se fosse necessário.

Rebecca franziu o cenho. Não era um bom sinal.

— Não querará viver aqui?

— Bom, eu? eu?

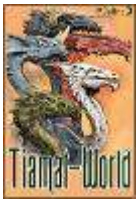
Justo então, ouviram-se vozes no vestíbulo de pedra por onde Corrie acessara. Uma pertencia ao mordomo, mas a outra era mais profunda e ressonante.

— Acredito que o conde retornou - disse Rebecca, levantando-se com graça do sofá. Soou um leve golpe enquanto atravessava a salinha, e um instante depois, o mordomo abriu a porta.

— Sua senhoria voltou - disse o homem de cabelo cinza. - Informei-o da visita.

Corrie ainda estava sentada no sofá. Foi uma sorte.

O homem que atravessou a porta não era o que ela esperava. Esse homem, com o cabelo preto recolhido em um rabo de cavalo, não estava precisamente vestido com casaca e calças, mais sim com umas calças pretas de montar salpicadas de barro, umas botas pretas até os joelhos e uma camisa



branca de manga longa. Com esses insondáveis olhos escuros, parecia mais um bandoleiro do século XVIII que um rico lorde inglês.

—Gray! Estava esperando que voltasse. Temos uma visita, acaba de chegar, a esposa de seu primo Cyrus, Letty Moss.

Esses penetrantes olhos olharam em direção a Corrie e pareceu que a deixavam prisioneira no sofá.

—Não sabia que tinha um primo chamado Cyrus.

—Asseguro-te que Charles me falou dele. É filho de seu defunto terceiro primo, Spencer Moss. Spencer vivia em York, quão mesmo Cyrus, se mal não recordar. A senhora Moss veio de muito longe para verte.

Tremaine não se desculpou por sua aparência desalinhada, só se voltou para ela para fazer uma breve reverência.

—Senhora Moss. Bem-vinda ao Castelo de Tremaine. Agora se me desculpa, tenho várias coisas urgentes das que me ocupar!

—Eu gostaria de falar com você, milord. - Corrie se levantou do sofá. - É algo importante e fiz uma viagem muito longa.

Ele arqueou uma de suas sobrancelhas pretas. Ficava claro que não estava acostumado a que uma mulher se expressasse tal como ela o fizera. Por um momento ficou olhando, como pensando que medida devia tomar.

Curvou fracamente os lábios.

—Suponho que, já que fez uma viagem muito longa, como você diz, posso lhe dedicar um momento. - Houve algo nesse duro sorriso que provocou a que Corrie formasse um nó no estômago.

Tremaine olhou a sua cunhada.

—Se nos desculpas, Becky?

Rebecca esboçou um sorriso.

—É obvio. - retirou-se para a porta, mas não parecia muito feliz de fazê-lo. Corrie tinha a clara impressão de que à cunhada do conde não gostava da ideia de que a esposa provinciana de um empobrecido primo longínquo se mudasse à casa sem importar o grande de que esta fosse.

O conde esperou até que o mordomo fechou as portas da salinha.

—Assim deseja falar comigo. O que posso fazer por você, senhora Moss?

Não a convidou a sentar-se. Estava claro que ele não esperava que a entrevista durasse muito. Corrie teve que conter sua irritação, começava a ficar nervosa. O conde era inclusive mais bonito do que diziam os rumores. Era muito alto e tinha os ombros muito largos, o estômago plano e as pernas longas e musculosas rodeadas pelas calças de montar pretas.

Olhando diretamente a esses olhos escuros e penetrantes, resultou-lhe fácil imaginar por que uma jovem inocente como sua irmã podia sucumbir ante tal masculinidade.



—Não sei como começar. - Corrie reuniu coragem e se preparou para meter-se em cheio em seu papel.

—Simplesmente me diga por que está aqui, senhora Moss.

"Estupendo." Adeus ao dilacerador discurso que planejava dar.

—Bom, milord, para deixar de rodeios, seu primo Cyrus, meu marido, abandonou-me a minha sorte e se largou a América em busca de aventura. Levo quase dois anos esperando sua volta e não tive notícias dele.

Não tenho família nem ninguém que possa me ajudar. Gastei meu último penique na viagem ao Castelo de Tremaine, meu lorde, e necessito desesperadamente de sua ajuda.

Os olhos escuros a percorreram de cima abaixo, tomando nota desse singelo vestido, cuidadosamente arrumado, e fazendo uma metódica avaliação de seu busto, que era abundante para seu tamanho e aparência incluso com esse vestido abotoado até o pescoço.

—Como já falei, jamais ouvi falar de Cyrus Moss. Não duvido de que seja um parente longínquo, tal como minha cunhada falou, mas como sei que você é realmente sua esposa?

E se formos a isso, como sei que ele se casou?

Corrie viera preparada para isto. Segundo suas fontes, Grayson Forsythe era um homem muito inteligente. Fora comandante no exército, um homem que viajara a países muito longínquos.

Não era uma pessoa fácil de enganar.

Corrie colocou a mão na bolsinha de mão e tirou duas folhas de papel dobradas. Um certificado de matrimônio falso que não foi nem barato nem fácil de conseguir. Mas ela estava metida no mundo da imprensa e tinha muito bons contatos.

Atravessou a sala para ele e lhe entregou os papéis, odiando o fato de ter que levantar a cabeça para poder olhá-lo à cara.

—O primeiro documento é um certificado de meu matrimônio com o Cyrus Moss faz três anos, o qual está devidamente registrado na igreja. O outro é uma carta do Cyrus, em que se dirige para mim como sua esposa, e que foi enviada da cidade de Filadélfia na América.

Coralee escrevera ela mesma essa tolice, falsificando a arrevesada maneira de escrever de um homem.

O conde estudou a carta com atenção, lendo como Cyrus professava seu amor e prometia retornar. Para alívio da Corrie, suas fontes asseguraram que ele ainda não havia tornado a pôr um pé nas costas inglesas.

—Cyrus se reuniu com seu pai em várias ocasiões - disse ela enquanto ele terminava de examinar os documentos e os voltava a dobrar. Corrie esperava que a informação tivesse sido correta.

—Acredito que meu marido o tinha em alta estima. Já que o anterior conde não se encontra entre nós, vim a você para solicitar sua ajuda.

Tremaine franziu o cenho quando ela mencionou a seu pai, e Corrie se perguntou se as relações



entre os dois homens não teriam sido tão boas como ela acreditava. Ele não parecia muito contente quando lhe devolveu os documentos, e Corrie conteve o fôlego.

Finalmente, ele suspirou.

—Se me acompanhar ao escritório, darei-lhe uma remessa bancária e poderá iniciar a viagem. - deu-se a volta e pôs-se a andar.

Corrie lutou contra uma quebra de onda de pânico.

—Espere!

Lorde Tremaine se voltou. Centrou a atenção no rosto de Corrie e ela sentiu de novo essa estranha sensação na boca do estômago.

—Já disse que te darei dinheiro. Que mais quer?

A Corrie encheram os olhos de lágrimas. Não lhe resultou difícil já que seu plano estava a ponto de fracassar.

—Eu não tenho um lugar onde ficar, milord... mas será por pouco tempo. Em só umas semanas tomarei posse de uma pequena herança. Meu pai criou um fundo fiduciário ao que poderei acessar quando fizer vinte e dois anos. Para meu sustento, legou-me um estipêndio mensal. Não é muito, mas será suficiente para me manter com modéstia até que retorne Cyrus.

As fulminantes sobrancelhas negras do conde formaram uma linha.

—Então, seus pais estão mortos? Não tem a ninguém mais que a possa ajudar?

—Como já falei, não tenho parentes vivos. É uma das razões pelo qual me casei com o Cyrus. Ao não ter a ninguém que cuidasse de mim, necessitava seu amparo. Por desgraça, seu amparo não durou muito.

—Quanto tempo viveram juntos antes que Cyrus partisse?

—Algo menos de um ano.

O conde a estudou durante compridos momentos. Corrie respirou fundo com os olhos alagados de lágrimas enquanto se preparava para soltar um pranto dilacerador que esperava servisse para persuadi-lo.

O conde elevou a mão em alto como se tivesse adivinhado sua intenção.

—Não há necessidade disto. Pode ficar, pelo menos até que resolva o que fazer com você.

Corrie iluminou a cara. Dirigiu-lhe um tímido e radiante sorriso, sentindo um grande alívio por dentro.

—Obrigado, milord. Sempre estarei em dívida com você.

Ele simplesmente assentiu com a cabeça.

—Falarei com a Rebecca, para lhe dizer que estaremos encantados de ter conosco a nossa prima durante uma temporada.

—É você muito amável, milord. Asseguro-lhe que Cyrus estaria ainda mais agradecido que eu.

Tremaine ignorou o comentário, voltou-se e se dirigiu à porta. Assim que saiu da salinha, Corrie



se deixou cair sobre o sofá, suas pernas não podiam sustentá-la mais.

Conseguira-o! Mentira como uma velhaca para poder ficar no Castelo de Tremaine! Logo que se estabelecesse, logo que a família Forsythe comesse a baixar a guarda e a confiar nela, começaria sua investigação.

Corrie apertou os lábios. Gray Forsythe podia ser um dos homens mais bonitos que jamais conhecera, mas isso não queria dizer que fosse inocente de um assassinato. E se matou a sua irmã e a seu bebê recém-nascido, Joshua, o conde de Tremaine ia pagar por isso.

Gray percorreu irado os corredores, estava ainda de pior humor que antes de sair de casa. Não estava seguro do que acontecera exatamente, mas de algum jeito, quando a vira com esses objetos remendados, durante esses minutos nos que ela o olhou com olhos suplicantes, uns olhos tão verdes como esmeraldas e com grossas pestanas pretas, baixou a guarda e permitiu que uma mulher que não conhecia em nada ficasse a viver em sua casa.

Não o compreendia. deu-se conta de sua atuação desde o começo, dessas lágrimas fingidas e de como se retorcia as mãos, de seu olhar suplicante e sua voz tremente. Mas durante toda essa farsa ele também percebera o brilho de algo que o deixara intrigado. Acreditava que podia ser desespero, e estava seguro de não haver-se equivocado, mas também tinha que ver com a determinação.

De qualquer maneira, lhe interessara o suficiente para permitir que ficasse.

Gray sacudiu a cabeça. Por isso ele sabia, Letty Moss era uma enganadora, estava ali para tirar seu dinheiro, para roubar ou para algo pior.

Pensou na juvenzinha com esses fogosos cachos cor cobre aparecendo sob a asa suja do chapéu, e quase sorriu. Foi militar, teve a suas ordens às tropas do exército britânico. Se ela era um aborrecimento, simplesmente sacudiria no que prometia ser um traseiro muito atrativo.

Pensar nisso o avivou de uma maneira que não esperava. Desde que Jillian morrera, deitou-se com muito poucas mulheres. Era pelos remorsos de consciência, sabia, não se deixava tentar pelos prazeres da carne porque se sentia culpado de que ele estivesse vivo e Jillian não. Por não ter estado ali para protegê-la quando necessitou.

Levantou a vista e viu a Rebecca entrando no vestibulo.

—Espero que tenha se comportado como um cavalheiro - disse ela com um sorriso, - já sei que essa jovem esperava que a permitisse ficar no castelo, mas?

—Vai ficar.

—O que?

—Não será por muito tempo. Logo herdará um estipêndio mensal que será suficiente até que retorne seu marido.

—Mas, nem sequer a conhecemos. Como pode deixar que fique em casa assim sem mais?

O sorriso dele era sardônico.

—Sempre me repreende por minhas maneiras. Seria o cúmulo do mau gosto rechaçar a um



membro da família e jogá-lo na rua.

—Sim, mas pensei que lhe daria dinheiro, não que a convidaria a ficar no castelo.

Embora Rebecca fosse alta para ser mulher, Gray olhou por cima de seu ombro para a enorme escadaria de madeira esculpida que conduzia aos andares superiores.

—Nesta casa há duas asas e setenta dormitórios. Acomoda-a em algum sítio onde não te incomode.

—Mas?

Ele pôs-se a andar.

—Não descerei para jantar. Se ocupe de que nossa convidada coma algo.

Rebecca era, em geral, quem exercia de anfitriã, outra razão pela que a surpreendia sua reação daquele dia. Por outra parte, ele era o conde, algo que sua família parecia esquecer com muita frequência.

Possivelmente chegara o momento de deixar as coisas claras.

Gray atravessou o vestíbulo, de repente desesperado por voltar a sair sob a luz do sol, longe dos grossos muros de pedra da casa. Perguntou-se de novo por que devotou seu amparo a essa mulher.

Não cabia dúvida de que fora motivado pelo aborrecimento.

Capítulo 5

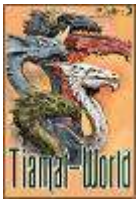
—Não posso acreditar que o tenha conseguido. - Allison estava sentada sobre o tamborete estofado da penteadeira do dormitório que lhes atribuíram. Estava situado no extremo mais afastado da asa leste da casa, um quarto que não foi remodelado igual a outros dormitórios pelos quais passou Corrie.

A cama de colunas esculpidas em madeira maciça parecia pertencer ao século passado, e o tapete persa estava descolorido. As borlas das cortinas de veludo verde escuro estavam desfiadas em vários lugares, as cortinas eram tão grossas e pesadas que bloqueavam os raios do sol.

Mesmo assim, era algo muito oportuno, já que ao estar na parte mais afastada da casa, Corrie poderia mover-se sem chamar a atenção. Examinou o quarto. Os lençóis estavam limpos, e por seu rápido desejo prepararam o quarto contíguo para a Allison, que conforme explicara Corrie era sua acompanhante além de sua donzela.

Corrie considerava todo um êxito ter conseguido chegar tão longe.

—Acredito que sua querida prima Rebecca não está precisamente encantada de ter a outro parente na casa - disse Allison, enquanto pegava um dos vestidos arrumados de Corrie do baú e o pendurava no armário de palisandro do canto.



—Isso parece. - Mas o certo era que não se importava. Corrie conseguira entrar na casa e tencionava ficar ali até que obtivesse todas as respostas que procurava ou se visse obrigada a abandonar.

—O que fazemos agora?

Corrie esteve pensando muito nisso.

—Para começar, supõe-se que é minha donzela, assim espero que com o tempo o pessoal te aceite e possa surrupiar algo sobre o escândalo de Selkirk Hall. A morte de Laurel tem que ter sido muito comentada por aqui, embora meu pai se esforçasse em manter em segredo todo o relacionado com o bebê assim que se conheceu o relatório médico. Sempre há fofocas em uma casa deste tamanho.

Se Laurel mantinha uma relação com o conde, possivelmente saiba algum dos criados.

—Essa é uma ideia muito boa, Cor, digo, Letty.

—E eu investigarei a todos os que vivem na casa. Ainda me falta por conhecer o Charles. Convidaram-me para jantar, mas declinei o convite. Não desejava parecer muito ansiosa. E queria dispor de algum tempo para me habituar ao lugar, possivelmente vá dar um passeio pelos arredores da casa. Enquanto isso, por que não desce e come algo? A verei antes de ir para a cama.

Allison abandonou o dormitório, e Corrie, embelezada com um cômodo vestido de musselina azul e sem chapéu, seguiu o tapete na passagem do corredor até as escadas desta asa. Há essas horas, o jantar estaria em pleno apogeu e ela poderia mover-se de um lado a outro sem levantar suspeitas. Mesmo assim, esperava que não parecesse que tinha algum motivo ulterior, algo que, é obvio, tinha.

Com os nervos ainda agitados depois do tenso encontro com o conde, decidiu ir ao jardim. Desceu uma estreita escada ao final do corredor, e abriu uma porta para sair ao ar fresco da noite.

Era agradável estar fora da casa, descobriu enquanto avançava pelo terraço, sobre tudo quando sentia a imperiosa necessidade de tomar ar fresco.

A primeira coisa que observou foi quão distinta era a noite no campo. O ar era limpo e fresco, não havia nem sequer uma partícula de fuligem na brisa suave que soprava sobre a paisagem.

Fazia tantos anos que não pisava no campo que jamais lhe ocorreu fixar-se nisso até essa noite. Inclusive as veladas às que assistira se celebraram, na maioria das ocasiões, em fazendas próximas à cidade.

Aqui, em troca, as estrelas eram tão brilhantes que podia reconhecer aquelas constelações cujos nomes aprendera na Academia Briarhill. Ali estava Orión, observou enquanto localizava em silêncio cada estrela, e a Ursa Maior.

Perguntou-se se Laurel teria olhado as estrelas com o Grayson Forsythe.

Pensá-lo fez que o estado de ânimo de Corrie decaísse. Saiu do terraço e começou a perambular por um dos caminhos. O jardim estava em plena floração e as verdes folhas das árvores pendiam



sobre os caminhos de cascalho iluminados pelas tochas. Não havia luzes de gás como no jardim da casa que seu pai tinha na cidade, e o certo era que gostava de como titilavam as luzes laranjas e amarelas, e as sombras dançantes das folhas.

Corrie vagou pelos caminhos, tentando ordenar seus pensamentos para planejar seu próximo movimento. Virou um canto do caminho e, de repente, chocou-se contra uma figura alta que não vira na escuridão.

Tomou ar sobressaltada e lutou por recuperar o equilíbrio.

Uma mão grande a agarrou rapidamente pela cintura, e a sustentou antes que pudesse cair ao chão de maneira vexatória.

—Tranquelize-se.

O estômago deu um tombo ante o som dessa profunda voz masculina. Levantou o olhar até um largo peito, e a elevou ainda mais para encontrar-se com o escuro e penetrante olhar do conde.

—O que está fazendo aqui fora? - perguntou ele com um leve indício de acusação em seu tom. - Por que não está na casa jantando?

—E por que não está você? - respondeu ela, desejando que esse homem se encontrasse em qualquer outro lugar que não fosse esse. Corrie mordeu a língua. Não era uma jornalista fazendo seu trabalho; estava desempenhando um papel e precisava assumi-lo. - Quero dizer, não sentia fome e precisava tomar um pouco de ar fresco. Foi uma longa viagem de carruagem. Não pensei que se importasse que saísse a passear.

Ele a estudou um momento, logo voltou o olhar à fonte borbulhante que se encontrava a uns metros deles.

—Gosta de passar um momento ao ar livre?

"Não muito." o que gostava de era dançar em esplêndidos salões, assistir à ópera, ao teatro, e jantar em bons restaurantes. Ao menos, até essa noite.

—É muito agradável estar aqui fora. Jamais imaginei quão puro é o ar no campo.

O conde arqueou uma de suas sobancelhas pretas.

—Falei com o Charles. Pelo que ele recorda, Cyrus Moss vivia em uma granja.

"OH, Deus bendito."

—Pois sim, sim, é obvio, mas... tínhamos animais, já me entende? e cheiravam muito mal todas essas vacas e ovelhas. - Que demônios lhe estava passando? Soava como se fosse total e absolutamente estúpida. Não obstante, possivelmente foi melhor desse modo. Quanto menos inteligente pensassem que era, menos ameaçadora pareceria.

Tremaine entrecerrou os olhos durante um momento, logo curvou levemente as comissuras dos lábios, uns lábios cheios e sensuais que lhe provocavam mariposas no estômago.

—O certo é que me custa imaginá-la ocupando-se de um rebanho de ovelhas. Jamais se fez uma afirmação mais certa. Desejava dispor de mais informação sobre o Cyrus, mas simplesmente não teve



tempo de averiguar mais coisas sobre ele.

—Bom, não me dedicava a essas coisas. Cyrus era muito protetor. Mal me permitia sair da casa.

—Já vejo. Quanto tempo disse que viveram como marido e mulher?

Quanto lhe havia dito antes? Santo Deus, não estava segura.

—Algo mais de um ano.

Por um instante o olhar do conde pareceu aguçar-se, e Corrie temeu não ter respondido de maneira correta.

—Suponho que sente falta dele - continuou o conde com suavidade, e ela se relaxou de novo antes de voltar a assumir seu papel.

—Pois sim, claro que sim - tencionava continuar a mentira, mas depois decidiu que o mais inteligente seria mantê-lo mais perto possível da verdade. Não poderia sentir falta de um homem que a tivesse deixado atirada como Cyrus fazia com ela! - Bom, isso não é de tudo certo. Sei que deveria sentir saudades, já que é meu marido, mas Cyrus é muito mais velho que eu, e depois de como me abandonou, é difícil sentir outra coisa que ressentimento para ele.

—Sei como se sente. - O conde a avaliou com o olhar, baixando a vista pela garganta e os seios de Corrie até a cintura, um exame lento e minucioso que a deixou repentinamente sem respiração.

—O que faz? - Ele estava tão perto dela que podia sentir seu calor e a força de seu alto corpo masculino.

Vestia uma camisa branca e umas calças negras bastante rodeadas, tal como ditava a moda, mas não usava nem o casaco nem o colete. Levava o cabelo recolhido em um rabo de cavalo como antes.

Corrie se deu conta de que ele era um homem pouco dado ao convencionalismo. Isso, somado aos rumores que ouvira, convertia-o em um homem intrigante.

Não acreditava que pôs colônia, mas alcançou a cheirar um fraco e agradável aroma a sândalo, e se perguntou de onde provinha. A fragrância pareceu envolvê-la, invadindo cada um de seus sentidos, e Corrie começou a tremer.

—Tem frio. Possivelmente deveria retornar para dentro.

Corrie tragou saliva.

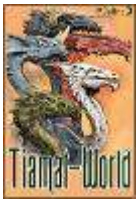
—Sim, sim, acredito que é uma boa ideia. - Mas não tinha frio. De fato, sentia bastante calor. O conde fez uma reverência, o cabelo preto cintilou sob a luz das tochas, e ela sentiu um estranho estremecimento no ventre.

—Boa noite, senhora Moss.

Ela deu um passo para trás para proteger-se.

—Boa noite, milord. - Logo Corrie girou e empreendeu o caminho de volta à casa.

Estava acostumada aos cuidados dos homens. Depois de tudo, era filha de um visconde, e apesar de ser teimosa e não ter freios na língua, sabia que quando estivesse pronta para o



matrimônio, não faltariam pretendentes.

Gostava da companhia dos homens, jamais teve medo do sexo masculino, mas agora, enquanto se apressava pelo jardim, Corrie teve que fazer um grande esforço para não sair correndo.

Gray observou a jovem de fogosos cachos que quase corria pelo caminho do jardim. Sob a luz das tochas era preciosa... essa pele tão delicada como o cristal, os luminosos olhos verdes, e uma exuberante boca da cor das rosas. Era uma mulher muito bela, pequena mas elegante, o tipo de mulher que fazia que um homem pensasse em lençóis de seda e em coxas ainda mais sedosas, embora Gray suspeitava que isso era algo que possivelmente ela não soubesse. Mesmo assim, ela não era exatamente o que queria que ele acreditasse, devia andar com cuidado.

Gray fez um ruído desagradável com a garganta. Primeiro disse que vivera com seu primo menos de um ano, e agora que a perguntou novamente, respondeu que tinha sido um pouco mais.

Era óbvio que jamais viveu em nenhum lugar parecido com uma granja. Quem era? perguntou-se de novo.

Nos últimos dois anos, desde que Jillian morrera, Gray havia sentido uma inquietação como nunca antes. As poucas mulheres com as que se deitou proporcionaram pouca satisfação, só umas breves horas de alívio sexual. Sentia-se como se vagasse sem rumo nem propósito.

Ao herdar o título de conde, teve tantas coisas que fazer que mal teve tempo para pensar, ao final de cada dia tinha acabado rendido. Teve que aprender a ser conde, e ao Gray gostara do desafio. Gostava de sua vida, e seu celibato. Teve inumeráveis amantes, e embora se cansasse delas com facilidade, sempre as recompensara generosamente quando a aventura chegava a seu fim.

Logo conhecera a Jillian. Era jovem e bela, embora um pouco tímida e mais reservada do que normalmente gostava. Mas chegara o momento de tomar esposa, o momento de cumprir com seu dever e conceber um herdeiro, e Jillian e sua família pareceram desejosos dessa união. Dez meses depois, sua esposa estava morta e ele de novo sozinho.

Gray avançou em silêncio pelo corredor da asa oeste para a suíte do conde. Desde a morte de Jillian, havia se sentido cada vez mais inquieto; rondava pela fazenda como procurando algo, mas sem saber exatamente o que. Com a chegada dessa mulher, pela primeira vez em semanas sentira interesse por algo. Letty Moss era todo um mistério e Gray tencionava resolvê-lo.

Chegou a seus aposentos, abriu a pesada porta de madeira e entrou nas salas que pertenceram a seu pai. A salinha com suas cortinas de veludo dourado e o escuro mobiliário de carvalho trazia desagradáveis lembranças e o perturbava. Atravessou-a enquanto seguia pensando em Letty Moss e no que poderia descobrir sobre ela.

—Boa noite, sahib. - Seu servente, Samir Ramaloo, saiu do quarto de banho anexo ao dormitório. As nuvens de vapor se elevavam da banheira de mármore que preparara para o banho noturno de Gray.

—boa noite, Samir. - O pequeno homem moreno fora o criado de Gray na Índia durante os três



anos que prestou serviço no exército. Cada oficial tinha um séquito de serventes, um pessoal necessário para sobreviver em um clima tão quente, árido e exigente.

Com seu impecável serviço, Samir se fizera indispensável para o conde. Além disso se convertera no professor de Gray, iniciando-o nos costumes sociais daquela terra exótica, oferecendo uma nova perspectiva de um país tão diferente ao dele. Mais que um criado, Samir era seu amigo, e o homem mais sábio que Gray conhecia.

—Seu banho está preparado, sire - lhe disse agora, percorrendo-o com uns olhos tão negros que pareciam poços insondáveis.

Gray assentiu com a cabeça com ar ausente e continuou por volta do quarto de banho.

—Sua mente está em outra parte - disse o hindu; conhecia-o suficientemente bem para saber quando algo lhe distraía. - Está pensando nessa mulher. Vi-a esta manhã quando chegou e de novo de noite. É muito bela.

—Sim, é. - Era preciosa, como uma bonequinha de porcelana perfeitamente modelada. E com toda probabilidade com a mesma cabeça oca. Apresentou-se como uma jovem esposa com um breve matrimônio a suas costas que fora abandonada por seu marido. Gray conhecia as mulheres, e o estado de nervosismo em que esta se encontrava lhe assegurava que pouco desfrutou das carícias de um homem, e que quase com toda probabilidade jamais as havia devolvido.

Isso podia ter feito que sua história fosse convincente, se não fosse porque ele acreditava que havia algo mais.

"Interessante essa Letty Moss."

Samir ajudou Gray a despir-se, logo se afastou quando entrou na água vaporosa e apoiou os ombros contra o bordo da banheira de mármore.

—Ouvi que essa mulher é sua prima.

Gray se mofou.

—Por matrimônio, uma longínqua relação sem sentido.

—Está casada?

—Isso parece. Seu marido a deixou na ruína e a abandonou para ir em busca de fortuna.

—Ah, então ela necessita um protetor, igual a você necessita a uma mulher. Está ignorando os desejos da carne, mas estes o estão consumindo como se fossem uma besta interior. Possivelmente possa dar a essa mulher o que necessita e em troca ela dar o que você necessita.

—A senhora Moss tem a cabeça cheia de pássaros - disse ele, tentando convencer-se a si mesmo de que as palavras do Samir não o afetaram, - e além disso, não é o que parece.

—Ah, é um enigma que você deve resolver. Isso a faz ainda mais interessante.

—Exato. Não sei por que está aqui, mas tenho intenção de averiguá-lo.

—Isso está bem. Desse modo pode permitir o luxo de dar prazer a essa mulher e de desfrutar dela enquanto o descobre. Verei o que posso averiguar.



Gray não respondeu. Precisava vigiar de perto a sua suposta prima, e assegurar-se de que não causaria nenhum problema. O olhar vigilante do Samir podia ser de ajuda.

Qualquer que fosse sua verdadeira história, Gray logo descobriria a verdade.

E possivelmente, como Samir sugerira, uma vez que a conhecesse, poderia descobrir coisas mais íntimas sobre Letty Moss.

O coração de Corrie pulsava como louco enquanto se apressava pelo corredor que conduzia a seu dormitório. Não gostava nada dessa sensação. Chegou à sala, abriu a porta e se encontrou a Allison esperando-a no interior.

—Pensei que poderia necessitar ajuda para se despir - lhe disse.

—Obrigado, Ally. - Embora fosse verdade que podia necessitar ajuda com os botões e o espartilho, Corrie não se entusiasmou de encontrá-la ali. Não enquanto sua mente ainda dava voltas aos inquietantes momentos que passou com o conde no jardim.

—Averiguou algo útil? - perguntou Allison enquanto atravessava o quarto.

—Que? OH, não, só dei um passeio pelo jardim. - Coralee não descobrira nada, salvo que Grayson Forsythe exercia um efeito muito preocupante sobre ela.

Virou-se para que Allison pudesse desabotoar as costas do vestido.

—O conde estava lá. Não jantou com a Rebecca e seu irmão.

Allison levantou a cabeça de repente.

—Falou com ele no jardim?

—Pois sim.

—É a segunda vez que fala com ele. O que te pareceu?

Corrie mordeu os lábios. Como descrever ao conde?

—É, o conde é um homem bastante incomum. além de ser extremamente bonito, há algo nele... algo que não consigo definir. É um homem intenso e está rodeado por um halo de mistério.

Allison a ajudou a tirar o vestido e o pôs em cima da cama.

—Acredita que seja capaz de cometer um assassinato?

Um calafrio a percorreu dos pés a cabeça.

—Não estou segura. Mas é um homem grande e o suficientemente forte para levá-lo a cabo se essa fosse sua intenção. É um homem do mundo capaz de atrair a qualquer mulher.

Terei que investigar mais, e é obvio, devemos encontrar alguma prova de que Laurel e ele mantiveram algum tipo de relação.

Allison começou a afrouxar os laços do espartilho e Corrie respirou com alívio.

—Acaba de chegar - lhe disse sua companheira. - Com o tempo, averiguará a verdade.

—Isso espero. - Tempo era a única coisa que necessitava. Precisava encontrar respostas sobre Laurel, e sobre o conde. O que significava passar mais tempo em sua companhia.

Corrie ignorou a estranha e ardente sensação que sentiu na boca do estômago.



A manhã se apresentou nublada, o vento batia nos ramos das árvores contra as janelas. Tomando um momento para armar-se de coragem, Corrie se deteve ante a porta do refeitório do café da manhã que lhe indicou um criado pequeno, magro e moreno.

Falava com um acento que ela não ouvira nunca, disse que se chamava Samir. Quando perguntou de onde procedia, ele respondera que nascera no distrito Oudh da Índia, mas que sua família morrera e ele se mudou para a Inglaterra com lorde Tremaine.

Um criado hindu. Esse conde cada vez a intrigava mais. Não havia ninguém entre seus conhecidos que fosse como ele.

Corrie entrou no refeitório do café da manhã, uma alegre sala decorada em tons amarelos e ocre, com uma mesa carregada de porcelana com baixelas de ouro e prata. Uns deliciosos aromas se elevavam de um ornamentado aparador no que se encontrava uns pratos quentes prateados e bules fumegantes com café e chá.

—Bom dia, prima. - Um homem loiro e de aparência agradável se levantou de sua cadeira. Charles Forsythe era algo mais baixo que seu irmão, e tão loiro como sua esposa, em vez de moreno como o conde.

Tremaine a viu e se levantou também, mas com mais lentidão, com uma despreocupada insolência que parecia ser parte de sua natureza.

—Sou o primo Charles - continuou o loiro. - Já conheceu a meu irmão, Gray, e a minha esposa, Rebecca.

—Pois sim. Me alegro de o conhecer, primo Charles. Bom dia a todos. - Não olhou ao conde. Não gostava da sensação de vertigem que experimentava cada vez que o olhava.

—Nos acompanhe - disse Charles. - Deve estar faminta. Perdeu o jantar de ontem à noite.

Corrie esboçou um sorriso.

—Sim, descobri que esta manhã tenho uma fome canina.

Lançou a Tremaine um olhar de desafio, viu que seus olhos se obscureciam com algo que não pôde reconhecer, e continuou para a cadeira que Charles separou para ela.

—Já se instalou? - perguntou. - Sua donzela encontrou a cozinha e conheceu a nossos serventes?

—Sim. É muito amável de sua parte permitir que fique aqui. - Charles sorriu. Tinha os dentes muito brancos e os olhos cor avelã, e, embora não fosse tão imponente como seu irmão, resultava um homem muito atraente.

—Asseguro-lhe que Becky desfrutará da companhia de outra mulher.

Mas quando Corrie olhou a Rebecca, o tenso sorriso com que a recebeu deixou claro que a prima Becky tivesse desejado que Letty Moss jamais tivesse chegado ao Castelo Tremaine.

O café da manhã continuou com a agradável conversação do Charles, que resultou possuir um encanto do que seu irmão maior carecia. Tremaine falou pouco, mas Corrie podia sentir seus olhos



nela, o que provocou que pequenos calafrios nervosos atravessassem todo seu ser. Havia algo nele. E quanto mais tempo passava com o conde, menos podia imaginar a sua irmã desfrutando de sua companhia, e muito menos apaixonando-se por ele.

Laurel sempre foi doce e terrivelmente tímida. Um homem como Gray Forsythe a teria aterrorizado, não ficava dúvida. Mas possivelmente havia outra faceta nesse homem que Corrie desconhecia.

O conde chegou antes que o resto da família e estava terminando de tomar o café da manhã quando um criado encheu o prato de Corrie e o deixou sobre a toalha. Era óbvio que era um homem madrugador.

Terminou os ovos, dirigiu a ela um último olhar e se desculpou ante todos. Assim que desapareceu do refeitório, a opressão no peito de Corrie começou a desaparecer.

Respirou fundo e soltou o ar lentamente, centrando a atenção no Charles e Rebecca e unindo-se a sua irrelevante conversa.

—Temo-me que esta tarde tenho um compromisso anterior - disse Rebecca. - Possivelmente amanhã tenhamos oportunidade de nos conhecer melhor.

—Isso seria maravilhoso - disse Corrie, sem esperar esse acontecimento com ilusão apesar de que Rebecca poderia proporcionar informação sobre Laurel e o conde.

No transcurso do café da manhã, nem Charles nem Rebecca mencionaram o marido desaparecido de Letty, Cyrus; uma bênção, já que Corrie não sabia quase nada sobre ele.

Assim que terminou, desculpou-se e retornou ao seu dormitório. Já que Rebecca evitara sua companhia, Corrie tencionava aproveitar esse tempo para ir ao povoado. Não estava longe, e ela estava preparada para começar sua investigação. Não fora ao Castle-on-Avon desde que era menina. Ninguém a reconheceria nessas terras e ela estava ansiosa por descobrir o que podia averiguar.

Depois de colocar um vestido de musselina cor damasco e um xale, e agarrar sua bolsinha e o chapéu de palha, Corrie se encaminhou para o povoado.

Capítulo 6

Um vento tempestuoso levantava a borda do xale, mas as saias e anáguas protegiam as pernas do frio. Corrie gostava de passear pelo campo mais do que esperava, observando quão verdes estavam os prados, e como as flores silvestres pareciam dançar na brisa. Fez sombra nos olhos para obter uma melhor vista do bosquezinho que havia no horizonte e então o viu: uma alta figura masculina que montava um enorme cavalo preto. A silhueta que se perfilava contra o sol ia embelezada com as calças de montar e a camisa branca que o conde levava no dia anterior. Com o



cabelo recolhido para trás, Tremaine parecia ser de outro tempo e lugar, como se devesse ter vivido cem anos antes. No momento que a divisou andando pelo caminho, o conde fez girar os arreios e pôs-se a galopar sem pressa em sua direção. O formoso cavalo subiu a costa sem esforço algum e o conde deteve o animal a uns metros dela.

—Senhora Moss. Acreditei que passaria o dia com a Rebecca. E em vez disso a encontro dando um passeio. - Sorriu, mas não parecia um sorriso sincero. - Parece estar passando bem.

—Assim é. - As palavras saíram com um vergonhoso tom entrecortado e ficou tensa. - Sua cunhada estava ocupada e aproveitei para fazer um pouco de exercício. Faz um pouco de vento, mas o sol esquentava e resulta um dia perfeito para dar um passeio pelo campo.

Tremaine franziu o cenho e suas sobrancelhas pretas formaram uma linha.

—Onde está sua donzela? - Sua voz mostrava um leve indício de desaprovação que a irritou imediatamente.

—O povoado não está longe, e não preciso recordar, milord, que sou uma mulher casada.

O conde apenas curvou os lábios.

—Não precisa me recordar isso senhora Moss. Já recordo o suficiente. - Disse-o como se a frase tivesse um duplo sentido, mas ela não pôde adivinhar qual era.

—Temo que devo partir - disse ela, - tenho que fazer umas compras no povoado e não desejo retornar tarde.

—Possivelmente deveria acompanhá-la, para me assegurar de que não a incomodam.

—Não! Quero dizer, obrigado. Mas me arrumarei bem sozinha. Boa tarde, milord.

Corrie continuou caminhando, tentando ignorar as mariposas que revoavam no seu estômago. Não podia entender por que esse homem a afetava dessa maneira, mas não gostava. E não queria que a acompanhasse.

Tinha perguntas a fazer, e dificilmente poderia fazê-las com o conde pegado nela.

Enquanto continuava seu caminho, jogou um olhar por cima do ombro e viu que ele se encaminhava em sentido contrário. Suspirou aliviada. Com a mente posta de novo nas perguntas que tencionava fazer, apertou o passo em direção ao povoado.

Assim que Letty Moss desapareceu de sua vista, Gray fez deter rajá e dirigiu o garanhão em direção oposta. Mantendo-se a uma distância prudencial, procurou não ser visto e seguiu à mulher ao povoado.

Viu-a entrar em uma das lojas da praça do mercado e, enquanto ela estava dentro, dirigiu-se aos estábulos.

—Não demorarei - disse a um dos meninos dos estábulos, lhe entregando as rédeas do cavalo ao mesmo tempo em que lançava uma moeda. Se encarregue dele até minha volta.

Voltando para o High Street, a rua principal do povoado, viu a Letty saindo de uma loja para dirigir-se a de ao lado. Logo que esteve dentro, Gray se aproximou da janela. Dentro da loja, Letty



estava examinando cilindros de tecidos, deslizando o dedo com suavidade pelas coloridas amostras de seda. Logo se dirigiu a balconista. O conde observou a animada conversação entre as mulheres, mas não pôde ouvir o que estavam dizendo.

Letty saiu da loja e entrou no açougue, do qual saiu em pouco momento comendo uma pedaço de presunto. Depois passou pela chapelaria. Não parecia estar comprando muito, mas bem se entretinha dando uma olhada aos artigos, mas claro, se sua história era certa, não dispunha de muito dinheiro para gastar.

Tampouco parecia ter nenhuma entrevista, nenhum encontro ilícito com um homem; em realidade não estava fazendo nada que pudesse levantar suas suspeitas.

Disse-se a si mesmo que devia retornar para casa e deixar sozinha à mulher, mas algo o impedia. Assim seguiu Letty durante as quase duas horas que esta andou percorrendo o povoado, logo foi em busca de Rajá e a seguiu ao castelo.

Observou-a caminhar pelo atalho através dos verdes pastos, com os quadris balançando-se como se seguissem o ritmo de uma canção silenciosa. Sua virilha se esticou. Não podia acreditar que esse inocente e inconsciente movimento pudesse avivar dessa maneira. Deu um puxão às rédeas do garanhão ansioso por alcançá-la.

Ela deve ter ouvido algum ruído a suas costas já que se voltou com rapidez para o som e o pé ficou travado em um obstáculo escondido entre a erva. Corrie lançou um grito impróprio de uma dama e caiu para trás sobre um enorme canto rodado. As saias ondearam no ar e suas brancas anáguas de encaixe subiram de repente até seu queixo.

Gray surpreendeu a si mesmo ao sorrir amplamente. Não podia recordar a última vez que o fez. Diminuiu o passo e, dirigindo a Rajá a um lado do caminho, desceu da sela de montar.

—Venha, me deixe ajudá-la.

Ela separou de um tapa a mão que oferecia, baixou as saias e apoiando-se nos braços e os joelhos ficou de quatro.

—Não necessito de sua ajuda. Você é o motivo de que me encontre nesta humilhante posição.

—Como posso ser eu o responsável por que tenha tropeçado? - Agarrou-a pelo pulso e a ajudou com brusquidão a ficar em pé.

Ela não se incomodou em responder, só dirigiu um olhar que dizia tudo o que pensava. Soltaram as fitas do chapéu e este estava caído sobre a erva. O glorioso cabelo acobreado se soltou por um lado e caía em uma massa de cachos sobre o ombro. Gray resistiu ao desejo de enterrar os dedos na espessa juba e atrair sua boca para a dele para lhe dar um beijo.

Era uma loucura. Mal conhecia essa mulher, e estava claro que não confiava nela. Possivelmente Samir tinha razão sobre que se negou a satisfação sexual durante muito tempo. Tomou nota mental de visitar o Bethany Chambers, a esposa do velho conde de Devane, cuja residência campestre, Parkside, estava um pouco mais à frente do seguinte povoado. Gray ouvira que a



condessa já retornara para passar o verão.

Embora não a via fazia vários meses, era uma mulher de fortes apetites, e sabia que daria a bem-vinda a sua cama.

Letty começou a sacudir o vestido, atraindo a atenção do conde para o busto que pressionava contra o sutiã. Perguntou-se se seus seios seriam tão cheios e tentadores como pareciam, e como seria senti-los entre suas mãos. Letty não disse nada, simplesmente deu a volta para empreender o caminho de volta, logo cambaleou ao falhar o tornozelo e Gray a apanhou antes que caísse.

Ela o olhou com esses surpreendentes olhos verdes.

—Acredito que torci o tornozelo.

—Sente-se na rocha e me deixe dar uma olhada. - Letty se sentou com cuidado e Gray se ajoelhou diante dela. Agarrou seu pé, tirou a bota de pele de salto baixo e começou a examinar o tornozelo com suavidade.

—O que está fazendo?

—Estive no exército. Quero estar seguro de que não é nada grave. - Existia buracos nas meias, observou ele, embora foram cuidadosamente remendados. Pelo menos essa parte de sua história tinha reflexos de ser verdade. Certamente necessitava de dinheiro.

—Só torceu - disse ela, tentando liberar o tornozelo de sua presa. - Asseguro que está bem.

Gray não o permitiu.

—Detenha-se, por favor. Só faz que eu seja mais duro. - Não era o único que se estava pondo duro. Enquanto percorria os finos ossos dos pés de Letty com a mão, a virilha se esticou.

Gray apertou a mandíbula para conter o inoportuno desejo e continuou medindo cada ossinho, tentando encontrar qualquer possível lesão, tentando não pensar como seria deslizar a mão para cima sobre a suave meia de seda que cobria essa panturrilha tão bem proporcionada até dentro dos calções para logo tocar... esticou a mandíbula ante o golpe de luxúria e o doloroso palpitar de sua ereção. Amaldiçoou em silêncio.

Necessitava de uma mulher, e a necessitava já. Embora esta fosse a única que lhe fazia arder o sangue, não podia tê-la. Ainda não.

O conde sentiu que ela se estremecia e se deu conta de que ainda embalava o pequeno pé entre as mãos.

Gray clareou a garganta.

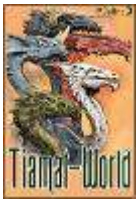
—Não acredito que haja ossos quebrados.

—Já disse, estou bem.

Voltou a pôr a bota e atou os cordões, com suavidade, ajudou-a a levantar-se da rocha. Ela deu um passo e quase caiu de novo.

—OH, Senhor.

—Não pode carregar o peso sobre esse tornozelo. Terá que retornar à casa comigo.



Não deu tempo a ela para discutir, simplesmente a levantou em seus braços e a deixou sobre a sela de montar com uma perna de cada lado do cavalo e as saias erguidas até os joelhos.

Rajá se moveu a um lado quando Gray subiu atrás dela, mas Letty não parecia assustada. Ao menos, não do cavalo.

—Que animal tão belo - disse ela, tentando manter o equilíbrio sem tocar o conde.

Gray quase sorriu. Seus esforços eram inúteis, e como não tinha mais remédio que deixá-la segura em casa, pareceu-lhe que bem podia passar um bom momento. Rodeou-lhe a cintura com um braço e açulou ao garanhão para iniciar a marcha. Letty tentou liberar-se e quase os fez cair os dois do cavalo.

—Aconselho-lhe que fique quieta, senhora Moss, se não quer que ambos acabemos no chão.

Olhou-o por cima do ombro.

—O que estava fazendo aqui? Pensei que havia retornado ao castelo.

—Por sorte sua, ainda não estava preparado para retornar.

Corrie girou a cabeça para lhe olhar.

—Seguiu-me?

—Por que ia fazer isso?

Letty não respondeu, mas não baixou a guarda. Cavalgaram em silêncio com o passar do caminho até que o cavalo apertou o passo e Letty começou a deslizar-se da sela de montar. Agarrou-se às grossas crinas do garanhão para manter-se em seu lugar, mas não serviu de nada, seu traseiro acabou contra as coxas do conde. Inclusive através do tecido das saias e as anáguas, ele pôde sentir a calidez e a redondez de sua carne, e ficou duro ao pensar nas suaves curvas femininas que havia debaixo do vestido.

—Espero que não esteja muito incômodo - disse ela.

"Incômodo?" Por Deus, doía-lhe com cada pulsação do coração.

—Temo-me que isso é ficar curto.

Ela se moveu, retorcendo-se para tentar pôr alguma distancia entre eles, o que o pôs ainda mais duro. Gray reprimiu um gemido.

—Esteja quieta, maldita seja: Simplesmente fique onde está.

Letty ergueu a cabeça.

—Não tem por que resmungar. Como recordará, em primeiro lugar isto foi culpa sua.

Era certo que o acusou disso, recordou ele com um pingo de diversão.

—Sinto muito, o esqueci.

Não voltaram a falar até que o castelo apareceu ante sua vista. Gray se dirigiu diretamente para a parte dianteira, onde lhes esperava um moço do estábulo para pegar as rédeas. Gray desceu da sela de montar, logo levantou os braços para agarrar a Letty, descobrindo que tinha a cintura tão pequena que suas mãos a abrangiam por completo.



—Obrigado - disse ela com suavidade. Ele notou que ela respirava um pouco mais rápido, e se deu conta de que tinha razão sobre ela. Sua experiência com os homens era bastante limitada.

Cyrus era um homem mais velho. Possivelmente o desejo pelas mulheres diminuía com os anos.

Como Samir sugerira, possivelmente as necessidades de Letty acabariam por aflorar, e se isso ocorresse, Gray teria muito gosto em agradá-la. Ou ao menos o faria, assegurou-se a si mesmo, quando estivesse seguro de que ela não representasse uma ameaça nem para ele nem para sua família.

Baixou a vista ao alto da cabeça de Letty, aos fogosos cachos que caíam sobre esses pequenos ombros e fechou seus punhos para conter a vontade de tocá-los. Pode ser que ela não fosse uma mulher de grande intelecto, mas o fazia arder o sangue, e se a tivesse na cama, não perderia tempo falando.

Ela o observou quando a levantou contra seu peito para subir a escadaria, e outra quebra de onda de luxúria o golpeou.

Deus Santo. Samir tinha razão. Passou muito tempo sem uma mulher. Enviaria uma nota a Bethany Chambers. Gray rezou para que a resposta chegasse rápido.

Envolta em uma bata lisa, Coralee se sentou no meio da cama de colunas com as pernas recolhidas em baixo dela. Mimou o tornozelo durante uns dias e não demorou para recuperar-se.

Possivelmente deveria dar as graças ao Gray Forsythe, mas nesse momento não queria pensar nele.

Assim centrou sua atenção nos pacotes de cartas atados com uma cinta rosa suave que cheirava ao perfume favorito de Laurel, estendidos sobre a descolorida colcha.

Corrie trouxe as cartas de Londres; era a única coisa que ficava da irmã que tanto amara.

Palpitou o coração quando estendeu a mão para pegar uma carta; todas estavam ordenadas pela data de chegada. Localizou os dois pacotes que continham as cartas recebidas nos últimos dezoito meses, e desatou o primeiro. No ano anterior, sua irmã esteve vivendo em Selkirk. Em agosto partiu para o East Dereham em Norfolk para alojar-se com a irmã mais velha de Agnes, Gladys.

Dali só enviou uma carta cada mês.

Agora, Corrie sabia que Laurel esteve grávida e que se haveria sentido cada dia mais pesada pelo bebê. Devia haver-se passado cada minuto do dia pensando em seu filho, mas mesmo assim, não se atreveu a contar nada a Corrie sobre o menino que traria para o mundo.

Corrie ficou com os olhos cheios de lágrimas quando releu uma das cartas datada do dia 20 de março quando Laurel já se dispunha a deixar Selkirk Hall.

Sinto-me inquieta e insegura. Tinha muitos sonhos para o futuro que agora parecem desaparecer escurecidos pela dor e o desespero. Mas já sei o que é o amor. Não posso explicar o que se sente.



O amor faz que tudo mereça a pena.

Corrie recordava ter recebido a carta. Respondeu perguntando a sua irmã sobre o homem pelo qual se apaixonou, e por que não podiam casar-se se queriam tanto. Também perguntou pelo nome de seu amado.

A seguinte carta de Laurel não chegou até um mês mais tarde, depois de haver-se instalado no East Dereham. Ignorou todas as perguntas de Corrie e em vez de responder escreveu sobre a vida na granja de sua tia.

Corrie supôs que sua irmã se esqueceu de todo o assunto e que não esteve realmente apaixonada. Nesse momento, a vida de Coralee era um torvelinho e não se preocupou quando o tema não voltou a surgir.

As seguintes cartas de Laurel, apesar de que seguiram escasseando, foram cada vez mais alegres. Em 18 de setembro escreveu:

Embora já chegou o outono, hoje faz sol; os brilhantes e quentes raios se filtram entre os ramos das árvores que há em frente a minha janela. As folhas, já alaranjadas e amareladas, começam a cair e posso ouvir o canto dos pássaros e o chiar dos grilos na erva seca. Ultimamente, o mundo me parece mais brilhante por alguma razão, e acordei maravilhada por tudo o que Deus criou.

Voltando a vista ao passado, Corrie encontrava uma clara diferença entre as primeiras cartas e essas que recebera mais tarde; algo mudou na vida de Laurel. Corrie sabia agora que sua irmã estava esperando um filho, e estava claro pelas cartas o quanto desejava ser mãe, e com que esperança olhava para o futuro.

Formou um nó na garganta ao pensar em quão curto esse futuro resultou ser.

Terminou de reler as cartas, mas não encontrou nenhuma pista sobre o homem ao qual Laurel amou.

Foi Gray Forsythe esse homem? Quando estava perto dele, a Corrie custava pensar. Era como se ele possuísse algum tipo de poder mágico, alguma misteriosa qualidade que ela encontrava quase impossível de resistir. Teria sentido Laurel o mesmo?

Corrie pensou naquela tarde, dois dias atrás, quando foi ao povoado. Enquanto fingia ir às compras, começara uma sutil investigação sobre a morte de Laurel.

Como por acaso mencionara a jovem do Selkirk que se afogou no rio fazia uns meses e, como está acostumado a acontecer, a gente esteve desejosa de fofocar.

—Matou-se - dissera a mulher do açougue. - Diz que perdeu a inocência com algum homem e que não pôde suportar a vergonha que causou a sua família. - A franca mulher meneou a cabeça.

—Não está bem que uma juvenzinha tenha tão trágico final.



Na chapelaria, a história fora similar (embora ficou muito claro que os esforços de seu pai por ocultar o segredo do filho ilegítimo de Laurel não serviram de nada).

—Deve ser um golpe terrível para o visconde, descobrir que sua filha não era tão pura como parecia. - Enquanto a corpulenta mulher continuava trabalhando com o chapéu que estava confeccionando, inclinou-se sobre o mostrador e sussurrou: - ouvi dizer que teve um bebê... e que se afogou com ele.

Corrie sentiu uma quebra de onda de tristeza seguida de um arrebatamento de ira por que os habitantes do povoado acreditavam nessas coisas de alguém tão doce como Laurel.

Recordando a razão de por que estava ali, aumentou os olhos, fingindo surpresa e incredulidade.

—Que coisas tão terríveis ocorrem. Alguém sabe quem era o pai da criatura?

A grossa mulher prendeu uma pluma na cinta de veludo da asa do chapéu.

—Ouvi por aí que poderia ser do filho do vigário, mas a maioria da gente não acredita. Muitos pensam que foi um desses cavalheiros tão sofisticados do castelo.

Corrie ficou com um nó no estômago.

—De quem?

A chapeleira encolheu os ombros.

—Ninguém sabe com certeza. Há um moreno que fascinaria a qualquer mulher. Disso não cabe dúvida. - Sem dúvida alguma, pensou Corrie. - Logo está o casado, mas sua esposa o tem muito a raia.

—A mulher alisou a pluma e comprovou a posição na cinta do chapéu. - Do outro jovem, lorde Jason, dizem que manchou a virtude da metade das leiteiras do condado. Como já falei, ninguém sabe com segurança, e o mais provável é que não cheguemos a descobri-lo nunca.

Mas Corrie tencionava fazê-lo. Depois de agradecer à mulher pelo grato bate-papo, dirigiu-se à saída do povoado convencida de que suas suspeitas não eram infundadas.

As fofocas locais colocavam a um dos homens do castelo como o provável pai do menino de Laurel. Corrie faria alguma verificação sobre o filho do vigário, e sobre o Thomas Morton, um dos quatro filhos do Squire Morton, já que Agnes os mencionara. Mas era Gray Forsythe, cuja esposa se afogou no mesmo rio que Laurel, quem encabeçava a lista de suspeitos.

E agora, enquanto estava ali sentada, no meio da cama, com as cartas de sua irmã dispersas a seu redor, Corrie recordou a sensação do duro corpo do conde, a calidez e a força de seus braços quando a levou de volta ao castelo com ele. Não resultava difícil imaginar que ele pudesse ter seduzido a sua tímida e inocente irmã.

Corrie olhou o relógio do suporte da lareira. Começara a encaixar as primeiras peças do quebra-cabeças. Assim que tivesse oportunidade, daria uma olhada na casa e veria que mais podia averiguar.



Capítulo 7

Ante a insistência de Charles, Rebecca acompanhou Corrie a percorrer a casa. Estava claro que era a última coisa que a mulher desejava fazer. Mesmo assim, mostrou-se educada e distante, e Corrie a imitou.

Qualquer oportunidade era boa para solicitar informação.

—O castelo foi construído em 1233 - disse Rebecca quando estavam na grande sala que fora o salão principal da edificação original. Uma enorme lareira dominava uma das paredes, e as pesadas vigas de madeira suportavam o chão do piso superior. O estilo medieval do castelo fora conservado através dos anos, e agora o espaço servia como sala de jantar de ornamento.

—É obvio, o edifício foi remodelado várias vezes. A mãe de Gray se encarregou de modernizá-lo. Eu mesma também fiz algumas mudanças.

—Havia orgulho na voz da Rebecca quando falava do castelo, que por outro lado era magnífico, um enorme palácio medieval com todos os luxos modernos e mobiliado de maneira elegante.

—Desde quando vive aqui a família Forsythe? - perguntou Corrie.

—O castelo pertence à família há mais de duzentos anos.

—Então o conde passou aqui sua infância?

—Sim.

—Como era a família? Quero dizer, Gray e Charles tiveram mais irmãos? Foram felizes aqui?

Por um momento, Rebecca pareceu duvidar sobre quanto deveria lhe contar.

—Eram três irmãos. Não tiveram irmãs. James era o mais velho, o braço direito de seu pai. Charles era o mais novo e portanto foram mais indulgentes com ele.

—E Gray?

Rebecca meneou a cabeça, fazendo balançar os cachos de cabelo dourados sobre os ombros. Estava embelezada com um vestido de seda rosa e branco. Com essa cutis cremosa e os olhos azul claro, parecia uma bela criação, a perfeita rosa inglesa. Mas Corrie detectara um coração de ferro em seu interior.

—Gray era diferente - disse ela. - Era moreno quando toda a família era loira. Era muito franco e frequentemente teimoso. Ele e seu pai não se davam muito bem.

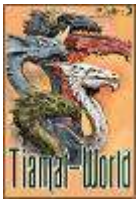
—Foi por isso que se uniu ao exército?

Rebecca encolheu os ombros.

—Era o segundo. É o que costumam fazer.

—Ouvi que esteve na Índia.

Rebecca assentiu com a cabeça. Saíram ao grande vestíbulo e percorreram um dos numerosos corredores.



—Esteve ali três anos antes que James adocesse. Acredito que Gray não gostaria de retornar. Sempre foi um pouco nômade. Assim que se converteu em conde, viu-se forçado a sentar cabeça e assumir suas responsabilidades.

Corrie a seguiu pelo corredor, passando ante várias salinhas belamente mobiliadas.

—Foi essa a razão pelo qual se casou?

—Suponho. Seu dever era produzir um herdeiro, e Gray não é dos que evitam suas responsabilidades. Jillian era muito formosa, tinha dinheiro e uma boa posição social.

O interesse de Corrie ia aumentando.

—Estava apaixonada por ele?

—Acredito que estava mais apaixonada pela ideia de ser condessa. Jillian era infantil em alguns aspectos.

Corrie fora ali procurando respostas. Seguiu insistindo.

—Pouco antes que Cyrus saísse do país, recebeu uma carta de um de seus amigos. - Não era certo, mas era uma maneira de iniciar o tema sobre as coisas que mais precisava averiguar.

—Mencionava a morte da condessa.

—Sim. Em um acidente de navio. Sua morte foi algo muito duro para o Gray.

—Deve tê-la amado muitíssimo.

Rebecca se voltou para ela.

—Não sei se Gray é capaz de amar. Não vou negar que se preocupava muito por ela. Culpou-se de não ter estado aqui quando aquilo ocorreu, por não ter podido salvá-la.

Quer dizer que o conde não esteve ali quando sua esposa morreu. Mais informação para arquivar. Teria tempo de meditá-la mais tarde.

Avançaram pelo corredor da longa galeria onde estavam pendurados os retratos dos antepassados do conde, que ocupavam as paredes do chão ao teto. A maioria eram loiros ou com o cabelo castanho claro, e não se pareciam em nada a Gray, que tinha o cabelo negro como a meia-noite, e os rasgos escuros, mais definidos e masculinos.

—A mãe de Gray devia ser muito morena.

Rebecca arqueou uma sobrancelha com delicadeza.

—Clarissa Forsythe era exatamente igual a Charles. Ela jurava que Gray herdou a cor de pele das mulheres da família pelo ramo materno.

"Jurar." Interessante escolha de palavras. Corrie estudou a parede sem encontrar nem um só retrato que se parecesse com o Gray nem no mais remoto. Possivelmente havia alguma dúvida sobre a linhagem do conde.

Possivelmente era essa a razão de que seu pai e ele não se dessem bem.

Corrie tomou nota mental para acrescentar essa informação ao resto dos dados que solicitara.

Rebecca deu uma olhada no relógio.



—Espero que tenha desfrutado deste pequeno percurso pela casa. Possivelmente em outra ocasião possa lhe mostrar um pouco mais. Agora terá que me desculpar. Há vários assuntos urgentes que requerem minha atenção.

—É obvio. - Corrie ocultou a sensação de alívio. Embora Rebecca fosse muito educada, estava claro que sentia desagrado para ela. Possivelmente suspeitasse que Letty Moss não era o que parecia, e se fosse assim, Corrie não a podia culpar. Ou possivelmente, simplesmente, não queria que outra mulher vivesse sob seu teto.

Independente do que fosse, não estavam destinadas a converter-se em grandes amigas, e tendo em conta a razão de por que Corrie estava ali, possivelmente fosse melhor desse modo.

Girando à esquerda, vagou pelo labirinto de corredores, memorizando onde estavam os dormitórios e deslizando-se sem pressas de um corredor a outro, esperando poder encontrar o caminho de volta sem nenhuma dificuldade. Ao passar pela biblioteca, deteve-se, entrou na sala com estantes que iam do chão ao teto e que estavam lotadas de livros.

A biblioteca era impressionante, cada prateleira de carvalho continha volumes de pele de diferentes formas e tamanhos. Estava situada em uma das zonas mais antigas do castelo, e tinha as paredes de pedra e os chãos de longas pranchas de carvalho que estavam desgastadas em alguns lugares pelo passar do tempo. Mesmo assim, a madeira tinha sido polida até adquirir um brilho lustroso, e os abajures de latão das mesas reluziam. Cada uma das longas fileiras de prateleiras fora cuidadosamente limpas, como se os livros que continham fossem de vital importância para o dono da casa.

Corrie apreciava o valor dos livros. Sua casa de Londres estava repleta deles. Inclusive em seu dormitório tinha uma estante com os livros que mais gostava. Era escritora. E não só isso, além disso era uma leitora voraz.

Percorreu a biblioteca, desfrutando da agradável sensação que transmitia a sala e seus familiares volumes, o aroma ligeiramente rançoso a papel e tinta. Laurel também gostava dos livros.

Corrie se perguntou se possivelmente seria esse o interesse que sua irmã compartilhara com lorde Tremaine. Se era assim, a biblioteca poderia lhe proporcionar alguma pista que indicasse uma relação entre eles.

Por razões que se negava a examinar, pensar isso provocou um gosto amargo em sua boca.

De novo teve a persistente sensação de que Laurel jamais se sentiria atraída por um homem tão temível como o conde.

Laurel fora muito doce, muito amável, enquanto que o conde era justamente o contrário: forte e intenso.

Corrie refletiu sobre a infância de Gray. Sua mãe morrera quando ele tinha, pelo que ela sabia, uns dez anos, deixando-o com um pai que acreditava filho de outro homem.

Teria sido Gray mau tratado por seu pai? Teria se incorporado ao exército para livrar-se de um



pai pouco carinhoso? E o que passou-se com sua esposa?

Rebecca havia dito que Gray era incapaz de amar, mas Jillian não teve dificuldade em casar-se com ele. Era o conde de algum jeito responsável por sua morte? Era por isso que se sentia culpado?

Corrie vagou pelas intermináveis fileiras de prateleiras, pegando um livro aqui e outro lá, reconhecendo a maioria deles. Uma seção estava repleta de textos romanos clássicos, incluindo a Eneida de Virgílio e um volume de poesia do Lucrecio, Da natureza das coisas, editados no latim original. Ambos eram livros que sempre gostou. Sempre gostou da escola, gostava de aprender.

Seu pai ignorou os costumes imperantes e lhe proporcionou os melhores tutores que o dinheiro podia comprar.

Examinou com atenção a seguinte seção, tirou um livro do montão e o abriu: A Odisséia, de Homero. Lera esse livro anos atrás, uma aventura épica que impulsionara seu desejo de escrever.

Assim como antigamente, as palavras ali impressas a seduziram e se encontrou relendo sua passagem favorita. Estava tão profundamente imersa na história, que não ouviu as fortes pisadas do conde amortecidas pelo grosso tapete persa.

—Encontrou algo interessante? - Estendeu o braço e lhe arrancou o livro das mãos. Girando-o, leu as letras douradas impressas na capa de pele. - A Odisséia? - franziu o cenho. - Sabe ler grego?

"Santo céu."

—Eu? eu? Estava só olhando as letras. Veem-se tão diferentes dos caracteres ingleses.

Deu as costas e voltou a colocar o livro em seu lugar na prateleira.

—Se está na biblioteca, suponho que gosta de ler. Que tipo de livro prefere?

Era Letty Moss, recordou-se a si mesmo, um familiar pobre que vivia no campo.

—Hummm, o certo é que leio de tudo. Principalmente eu gosto de ler gazetas para damas, já sabe, o livro para damas do Godey e coisas pelo estilo. - Dirigiu-lhe um sorriso radiante. - Sempre mostram a última moda.

Gray apertou os lábios. Assentiu com a cabeça como se não estivesse nada surpreso. De algum jeito, esse olhar pareceu pior que algo que pudesse dizer.

—Estou seguro de que Rebecca terá algo que possa gostar de ler - lhe disse. - Por que não a pergunta esta noite no jantar?

—Sim, farei isso. Obrigado pela sugestão.

Seguia ali parado, alto, moreno e imponente, esperando que ela partisse.

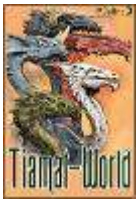
—Eu gosto de ler poesia em ocasiões - disse ela, procurando uma desculpa que lhe permitisse ficar na biblioteca. - Possivelmente poderia encontrar algo para me entreter até a noite.

Importa-lhe que fique um pouco mais? Esta sala é muito agradável.

Olhou sua cara.

—Não, não me importa. Eu também passo bastante tempo aqui dentro.

Dirigiu-lhe um sorriso doce e esperou que saísse. Logo que ele desapareceu pela porta, Corrie



pôs mãos à obra. Não podia perder mais tempo. Precisava saber o que havia nas gavetas da mesa de leitura e examinar a escrivaninha do canto. Assim que tivesse oportunidade, tencionava visitar o estúdio de lorde Tremaine, mas essa era uma tarefa perigosa e não era algo que pudesse levar a cabo em pleno dia.

Corrie se aproximou correndo à mesa de leitura e começou a abrir as gavetas. Havia um montão de periódicos antigos, uma pena com a ponta gasta e alguns livros antigos aos que faltavam páginas. perguntou-se por que o conde não queimara esses livros e logo recordou quanto custava a ela desfazer-se dos textos que tanto amava. Possivelmente, como já havia pensado antes, o conde tinha um lado oculto que ela ainda não descobrira.

Entretanto, bem podia ser Charles o que guardara os livros. Parecia muito mais sensível.

Aproximou-se da escrivaninha. O tinteiro estava seco e a pena necessitava de uma ponta nova. Ninguém escreveu nada nesse escritório fazia tempo e não ia encontrar nada de relevância que pudesse relacionar com Laurel.

Corrie retornou às prateleiras de livros. Laurel amara a poesia. Teria se reunido com seu amante no castelo, possivelmente sentaram juntos nessa biblioteca? Ou mantiveram sua aventura nas escuras sombras do bosque ou em algum outro lugar mais apropriado para os amantes? Uma prateleira alta cheia de livros, que estava um pouco mais afastada do resto, atraiu sua atenção. Ficava fora de seu alcance, assim pegou uma das escadas de mão e, depois de aproximá-la, subiu para poder ver os volumes com maior clareza, mas não reconheceu nenhum.

Kama Sutra era o título de uma das obras. Reconheceu um livro do escritor francês Voltaire, Cândido, um livro erótico e do mais escandaloso que, conforme ouvira, nenhuma pessoa decente deveria ler.

Junto a ele, um livro chamado A arte erótica e os afrescos da Pompeya despertou seu interesse. Gostava de ler sobre lugares longínquos. Esperava poder viajar algum dia e escrever histórias sobre as pessoas e os locais que visitasse. O livro se referia a um povo antigo da Itália, mas tal e como sugeria o título não acreditava que tratasse precisamente sobre temas de viagens.

Corrie não pôde evitar pegar o volume para dar uma rápida olhada.

Abriu o livro e jogou um olhar às páginas cheias de imagens. Aumentou os olhos ao ver o primeiro desenho que surgiu ante sua vista. Era um mural das termas stabianas, conforme dizia o pé da gravura, onde aparecia uma mulher nua com grandes seios, apoiada sobre mãos e pernas. Um homem nu estava ajoelhado detrás dela e a mulher jogava a cabeça para trás no que parecia ser uma careta de dor.

Corrie não podia imaginar o que era o que estavam fazendo exatamente, mas seu coração começou a palpitar de uma maneira estranha e sentiu que uma gota de suor escorregava entre os seios.

Com rapidez, passou a página para ver outro mural. Nesse, Mercúrio caminhava nu com um



enorme apêndice despontando na entre perna. Corrie ficou olhando fixamente.

—Vejo que, depois de tudo, encontrou algo. - O conde estava ao pé da escada de mão. Corrie soltou um grito ao ver a alta figura que a observava, perdeu o equilíbrio e caiu da escada.

Aterrissou nos braços do conde e o livro erótico voou pelos ares para cair aberto com um ruído surdo sobre seu colo.

O conde olhou a imagem de Mercúrio, e Corrie ficou vermelha como um tomate.

—Interessante escolha - disse ele, e ela pôde notar o tom divertido de sua voz.

—Me desça imediatamente! - Tentou liberar-se com todas suas forças para conseguir recuperar ao menos um pinga de dignidade. Pôde sentir a força dos braços que a rodeavam, o duro e musculoso peito de Tremaine, e seu estômago encolheu. O conde a deixou ficar de pé, e apanhou o livro antes que caísse ao chão. Manteve-o aberto e passou o olhar sobre a gravura.

—Aprovo sua escolha, senhora Moss. Acredito que encontrará isto muito mais interessante que a poesia, embora também desfruto com um bom poema. Admito, entretanto, que não acreditava tão atrevida.

Corrie fechou os olhos, sentia que lhe ardia todo o corpo, até as pontas dos seios.

—Eu... só o peguei. Não podia imaginar o que ia encontrar. - Esticou as costas.

—Deveria envergonhar-se, milord, de ter um livro desta natureza em sua biblioteca, onde qualquer pessoa confiada poderia tropeçar-se acidentalmente com ele.

O conde arqueou uma de suas sobrancelhas negras.

—Ao que parece, esta pessoa confiada teve que subir a uma escada para pegá-lo. Não é precisamente um tropeço acidental, senhora Moss. - Curvou a comissura da boca. - Embora se quisesse olhar o resto das imagens, não o direi a ninguém.

—Como se atreve! - Apesar da insultante sugestão, o certo era que lhe interessava seguir olhando o livro. O que estaria fazendo o casal nu?, perguntou-se. E que mais poderia aprender?

—Minhas desculpas - disse Tremaine com um toque de brincadeira. - Só pensei que poderia encontrá-lo educativo... já que é uma mulher casada e está familiarizada com as intimidades que compartilha um casal.

A cara de Corrie avermelhou ainda mais. Recordou o livro que Krista e ela encontraram no porão do dormitório da Academia Briarhill. Descrevia os fundamentos básicos de fazer o amor, mas pouco mais.

Naquele momento, ambas ficaram horrorizadas ao pensar que um homem e uma mulher se uniam dessa maneira. Mas Krista disse que fazer o amor era algo maravilhoso, e considerando a reação de Corrie frente ao Gray Forsythe, a maneira em que se ruborizava e se enjoava cada vez que ele se aproximava, perguntou-se se realmente podia ser assim. Independente de qual fosse a verdade, eram aterradoras essas sensações que ele provocava nela.

E perigosas.



—Acredito que chegou o momento de pôr fim a esta conversa - disse ela. - É, no melhor dos casos, muito pouco apropriado falar destas coisas. Se me desculpar, milord?

Tremaine fez uma reverência formal.

—É obvio. Que passe uma boa tarde, senhora. - A diversão voltou para sua voz, mas havia algo mais.

A Corrie não passou despercebida o quente olhar do conde e, por um momento, foi incapaz de afastar a vista. O seu coração tamborilava como a chuva sobre o telhado, e sentiu a boca seca.

Tentou imaginar a sua irmã com o Gray, mas não foi capaz. Laurel teria necessitado de um amante doce, alguém que compreendesse seu acanhamento, seus tenros sentimentos. Corrie não podia imaginar a Gray Forsythe exercendo um papel pormenorizado. Como amante, ele seria exigente, não tenro. Não estava segura de como sabia, mas sabia.

Deu meia volta, manteve o olhar à frente e saiu da biblioteca. Embora já não podia ver o conde, podia sentir seus olhos sobre ela, tão ardentes como uma chama. As más línguas o chamavam "o sedutor", um professor das artes eróticas. Estava claro pelos livros que vira que ele era um estudioso da arte erótica.

Esse homem devia conhecer uma dúzia de maneiras de tocar, e centenas de formas de incrementar as descabeladas sensações que percorriam seu corpo cada vez que ele se aproximava.

Sucumbira à aura de masculinidade que o rodeava.

Cada vez que Corrie estava com ele, essas absurdas sensações aumentavam.

Mas sua esposa estava morta, e também Laurel.

O pensamento foi um balde de água fria ao fogo que corria pelas veias de Corrie.

Capítulo 8

Krista se sentou ao lado de Leif na salinha da casa que compraram em Berkeley Square. Seu filho de cinco meses, Brandon Thomas Draugr, visconde de Balfour e herdeiro do conde de Hampton, estava com sua babá dormindo a sesta no dormitório dos meninos.

—Espero que estejamos fazendo o correto.

—Não deixou de se preocupar com Coralee desde que partiu. Sentir-se-á melhor se fizer algo a respeito.

—Já deveria ter feito algo - disse Krista. - Em primeiro lugar não deveria ter permitido que se fosse.

Leif sorriu. Com a luz que entrava em torrentes na salinha, seu cabelo dourado cintilava e seus olhos pareciam tão azuis como o mar.



—Sua amiga se parece bastante com você, carinho. Uma vez que se decide a fazer algo, não há quem a faça mudar de ideia.

Krista suspirou. Leif tinha razão. Coralee era tão teimosa como a própria Krista. Possivelmente essa foi uma das razões de que se converteram em tão boas amigas.

—Aparentemente, Allison pôde manter-se em contato com o Agnes Hatfield, a tia de Laurel - disse Krista. - Sabemos que, ao menos de momento, Coralee está a salvo, mas está correndo um risco terrível.

Leif não o negou.

—Possivelmente o senhor Petersen possa ajudá-la como fez conosco. - Leif insistira em contratar o investigador. Nesses momentos Krista se alegrava de que o tivesse feito.

Um ruído na porta atraiu sua atenção.

—Seu convidado, o senhor Petersen, chegou - anunciou o mordomo, um homem de cabelo grisalho com impecáveis créditos que começara a trabalhar para eles pouco depois de que se casassem.

—O faça passar, Simmons. - Krista e Leif se levantaram para saudar o investigador que fazia quase um ano que não viam. Dolph Petersen ajudara a Krista a descobrir a identidade do homem que tentara destruir A Gazeta.

O vilão era um homem cruel e decidido, capaz de tudo, inclusive assassinato. Com ajuda do Dolph, puderam detê-lo. Krista esperava que o investigador pudesse ajudá-los outra vez.

Petersen apareceu justo nesse momento na soleira da porta; alto e elegante, tinha uma cara de aparência agradável apesar do gesto duro.

Leif pousou a mão possessivamente na cintura da Krista, e Dolph esboçou um de seus estranhos sorrisos.

—Parece que os recém casados estão ainda apaixonados. Me alegro de ver a ambos. Felicidades pelo bebê. Ouvi dizer que foi um varão.

—Obrigado. - O enorme peito de Leif se expandiu com orgulho. Era um pai maravilhoso, um marido atento e um amante apaixonado. Krista sabia quão afortunada era.

O que a fez pensar em Corrie e o problema a que se estava enfrentando, e por que Leif insistiu em falar com o investigador.

—Por que não nos sentamos? - sugeriu Krista, guiando aos dois homens aos sofás da salinha. - Gostaria de tomar algo, senhor Petersen? Um chá? Possivelmente algo um pouco mais forte?

—Me chame simplesmente Dolph. Acredito que a estas alturas já nos conhecemos bastante bem. Não quero nada, obrigado.

Krista e Leif se sentaram no sofá e o investigador acomodou seu magro corpo em uma cadeira.

—Que posso fazer por vocês desta vez?

Krista lançou um olhar ao Leif, que assentiu com a cabeça para que começasse ela.



—Recorda à senhorita Whitmore? - perguntou. - Minha amiga Coralee?

—É obvio.

—Bom, viu-se envolta em uma intriga muito perigosa e esperamos que possa ajudá-la.

Petersen se inclinou para diante na cadeira.

—Continue.

Confiando na descrição do homem, Krista e Leif explicaram durante a seguinte meia hora as circunstâncias da morte de Laurel Whitmore e de seu filho ilegítimo. Disseram-lhe que as autoridades concluíram que se tratava de um suicídio, mas que Corrie se negava rotundamente a acreditar que sua irmã pudesse fazer nada que machucasse a seu bebê.

—Acredita que sua irmã foi assassinada - disse Leif. - Está convencida de que o conde de Tremaine é o homem que a matou.

—Grayson Forsythe? - perguntou Petersen com surpresa.

Leif se endireitou no sofá, fazendo destacar sua incrível estatura.

—Conhece esse homem?

—Sim. Deixando à parte a escandalosa reputação do Forsythe com as mulheres, Gray é um homem honrado. Serviu ao exército na Índia e foi condecorado várias vezes antes de retornar.

Por que a senhorita Whitmore acredita que o conde assassinou a sua irmã?

—Para começar, a fazenda do conde, o Castelo de Tremaine, está ao lado de Selkirk Hall. E tanto Laurel quanto a esposa do conde se afogaram no rio Avon.

Krista procedeu a explicação; a morte de Jillian Forsythe fazia com que Gray herdasse uma considerável soma de dinheiro e a possibilidade de reatar seus numerosos romances.

Disse-lhe que Corrie conhecia a reputação do conde com as mulheres e que bem podia ter seduzido a sua irmã, e matá-la depois de deixá-la grávida para evitar o escândalo.

—Interessante. Não se sabe muito sobre as circunstâncias que rodearam a morte da esposa de Tremaine. A família manteve o assunto em segredo.

—Bom, Coralee conseguiu infiltrar-se no Castelo de Tremaine fazendo-se passar pela mulher de um primo longínquo desaparecido faz anos, e essa é a razão de que Leif e eu estejamos tão preocupados com ela.

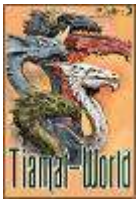
—Se o conde for culpado de assassinato - acrescentou Leif, - Coralee poderia estar em grave perigo.

Petersen grunhiu.

—Devo dizer que a senhorita Whitmore tem muita guelra. Farei algumas investigações, e verei o que posso descobrir. Também tentarei averiguar se Tremaine manteve algum tipo de relação com Laurel Whitmore.

—Se não o fez - disse Leif, - averigue quem o fez.

Petersen assentiu com a cabeça.



—Farei o melhor que possa. - ficou em pé, e também o fizeram Krista e Leif. - Informarei logo que descubra algo.

Krista lhe dirigiu um sorriso de alívio.

—Obrigado, senhor Dolph.

Ele sorriu.

—Como já falei, manteremo-nos em contato.

Krista e Leif se despediram do investigador e retornaram a salinha.

—Me alegro muito de que pensasse em o contratar - disse ela.

—Petersen é um bom homem. Descobrirá tudo o que possa sobre o conde.

Krista sabia que o faria. Só esperava que o que descobrisse não pusesse em perigo a vida de Coralee.

Corrie se sentou em seu dormitório depois do jantar. A refeição fora muito incômoda. Desde sua chegada, notou uma certa tensão entre o Charles e sua esposa que parecia ir crescendo quando estavam juntos muito tempo.

Gray poucas vezes aparecia para o jantar. Uma hora antes, o vira sair dos estábulos em direção ao povoado.

Recordando a reputação que tinha com as mulheres e os livros eróticos que encontrara na biblioteca, supôs que teria ido procurar companhia feminina, uma ideia que ela encontrava estranhamente incômoda.

Soou um ligeiro golpe na porta que comunicava com o quarto de Allison. Aliviada de que sua amiga tivesse retornado a seu dormitório, Corrie se apressou a abri-la.

—Estive muito preocupada contigo - disse. - Onde diabos te colocaste?

—Estive falando com a Hilde Pritchard, uma das criadas da cozinha. Essa mulher é uma fofoqueira... algo que agradecerei eternamente.

Allison se deixou cair na banqueta que havia aos pés da enorme cama de colunas, e Corrie se sentou a seu lado.

—O que averiguaste?

Allison separou da cara uma mecha de cabelo escuro que se liberou da touca. Estava ainda vestida com uma singela saia negra e a blusa branca que proporcionaram como donzela de Corrie.

—Hilde é muito simpática. Leva muito tempo trabalhando aqui, assim conhece muitas coisas da família. Diz que o conde e seu pai não se davam nada bem. Ao que parece, depois de que morreu sua mãe, o conde tratou o Gray muito mal. Era castigado pela mais leve infração. Uma vez o chegou a golpear tanto que a governanta teve que chamar um médico.

"OH, Senhor."

—Por que lhe trataria seu pai tão cruelmente?

—Segundo Hilde, o conde acreditava que Gray não era realmente seu filho, entretanto, até o



dia que morreu, lady Tremaine jurou que sempre foi fiel.

A simpatia que Corrie sentia para o menino que Gray fora aumentou. Um menino cujo pai o odiava, viver em um lar sem amor?

Obrigou-se a pensar em Laurel, em sua gravidez e seu posterior abandono, em sua morte sem sentido. Isso esmagou qualquer vislumbre de simpatia.

—Perguntou a Hilde sobre a esposa do conde? - Allison assentiu.

—Ao que parece, Rebecca planejou uma excursão para esse dia com muitos convidados. Preparou um piquenique e uma viagem em navio pelo rio. No último momento, Gray declinou ir com o resto do grupo. Com meia hora de viagem, na embarcação se abriu uma via de água e se foi ao fundo com rapidez. Charles pôde ajudar a Rebecca a ficar a salvo, mas o vestido de Jillian ficou preso em algum lugar sob a superfície e se afundou com ele com tanta rapidez que ninguém pôde salvá-la.

Corrie sentiu uma imensa tristeza ante a perda de uma vida tão jovem, mas logo sentiu uma pontada de alívio.

—Assim é certo que foi um acidente.

—Aparentemente sim.

Mesmo assim, Tremaine podia ter assassinado a Laurel. Mas Corrie o duvidava. Cada vez suspeitava menos do conde já que, por alguma razão, não podia imaginar que Laurel se apaixonasse por um homem com esse caráter.

—Possivelmente não foi o conde - disse Allison finalmente, como se lhe tivesse lido o pensamento.

—Possivelmente não. Mas havia dois homens mais residindo no castelo o ano passado. Segundo tia Agnes, tanto Charles como Jason Forsythe, o primo do conde, viviam aqui quando Laurel morreu. Se não foi o conde, pôde ter sido qualquer um deles.

—Ouvi que lorde Jason chegará amanhã.

Corrie também ouviu.

—Isso parece. Assim terei oportunidade de conhecê-lo, de ver como é em pessoa. Enquanto isso aproveitarei que o conde partiu esta tarde. Se tivermos sorte, estará fora toda a noite, pelo que terei a oportunidade de revistar seu quarto.

—Seu quarto? Mas se acaba de dizer?

—No que a mulheres se refere, Tremaine é um pilantra sem consciência. Tenho que me assegurar de que não foi o homem que engendrou ao menino de Laurel.

Allison aumentou os olhos.

—E se retornar enquanto está ali?

—Estarei atenta, mas não acredito que o faça. Não parece o tipo de homem capaz de estar muito tempo sem companhia feminina, nem sequer embora tenha que pagá-la.

—O qual, sendo ele tão de aparência agradável, duvidava muito. Corrie ignorou uma segunda



pontada de incômodo.

—Possivelmente deveria ir contigo - sugeriu Allison, mas a incerteza em seus olhos cor avelã dizia que realmente não queria.

—Tenho menos probabilidades de ser descoberta se for sozinha.

Era certo, e o alívio se refletiu na cara de Allison.

—Seu ajudante de câmara estava na cozinha quando saí. É um homenzinho interessante. Tentarei o entreter enquanto você revista o quarto do conde.

—Boa ideia.

—Esperarei você. Não poderei dormir até saber que está a salvo.

Corrie só assentiu com a cabeça, contente de que sua amiga estivesse com ela no castelo.

Olhando uma última vez pela janela para assegurar-se de que certo cavaleiro solitário não retornava, elevou as saias do insípido vestido cinza que escolheu para ficar menos visível e se dirigiu para a porta.

Gray desmontou a Rajá nos estábulos e olhou ao sonolento moço da quadra.

—Não o esperava tão cedo, milord - disse Dickey Michaels com seu marcado acento do East End. - Acreditei que ia passar toda a noite fora.

—Isso eu também acreditava, Dickey. - Deu-lhe as rédeas ao jovem de cabelo castanho. - Deve escovar Rajá antes de colocá-lo no estábulo.

—Sim, senhor. Assegurar-me-ei de fazê-lo. - O menino guiou ao garanhão, e Gray tomou o caminho que conduzia ao castelo.

Estava a meio caminho de Parkside para ver a Bethany Chambers quando trocou de ideia. Necessitava alívio sexual, mas, em algum momento com o passar do caminho, lembrou-se da má disposição da dama e de suas constantes exigências de atenção. Em uma colina, a poucos quilômetros de seu destino, deteve rajá. Tivesse necessidades ou não, essa dama causava muitos problemas.

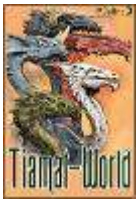
Além disso, percebeu que não sentia o menor desejo pela formosa lady Devane.

"Maldições do inferno." Era outra mulher a quem chamara sua atenção, e não se conformaria com nenhuma outra que não fosse ela.

Gray não podia compreender. Era um homem de fortes apetites sexuais. Por que esta despertara seu interesse era algo que escapava a sua compressão. Havia algo nela que o intrigava, possivelmente fosse o mistério que a rodeava. Fosse o que fosse, desejava-a, e estava bastante seguro de que ela também o desejava.

Ambos eram adultos. Com trinta anos, não era muito velho para a Letty (ou quem quer que resultasse ser). O certo era que não importava. Não supunha nenhuma ameaça que ele não pudesse resolver.

Fosse quem fosse, poderia encontrar-se com ela em Londres e convertê-la em sua amante. Letty necessitava dinheiro. Colocaria ela numa casa de campo nas cercanias.



Tratá-la-ia bem, a manteria economicamente e, em troca, ela cobriria suas necessidades. Gray quase sorriu.

Pela manhã, enviaria uma nota de desculpa a Bethany por não ter ido à entrevista. Enquanto isso, começaria a campanha para atrair à senhora Moss a sua cama.

Com esses pensamentos na mente, Gray se encaminhou para as escadas que conduziam a seu quarto na asa oeste do castelo. A casa estava escura. Só os abajures de gás que Rebecca instalara estavam acesos, davam luz suficiente para encontrar o caminho. Subiu as escadas, atravessou com passo rápido o corredor e abriu a pesada porta de seu quarto.

As cortinas estavam corridas e havia um abajur de azeite aceso em cima da mesinha de cabeceira com a mecha baixa. Durante um instante, figurou-se que Samir devia ter intuído sua volta dessa maneira estranha que tinha e acendeu o abajur para ele. Gray franziu o cenho. Nem sequer Samir poderia ter lido seus pensamentos essa noite, quando nem ele mesmo os tinha muito claros.

Entrou silenciosamente no quarto e examinou o interior. Arrepiou o cabelo da nuca. O sexto sentido que desenvolvera no exército palpitava em seu interior, o advertindo de que nesse quarto havia outra pessoa.

Em princípio, o dormitório parecia estar vazio. Logo fixou o olhar nas pesadas cortinas de veludo dourado iluminadas pelo abajur e viu ali um vulto antinatural. Por debaixo apareciam uns pés, uns pés pequenos, femininos e, pelo que parecia, calçados em umas suaves sapatilhas de pelica. Os sapatos eram muito finos para pertencer a um criado, mas estavam um pouco desgastados.

Com uma repentina certeza, Gray soube que esses pequenos pés pertenciam a Letty Moss.

O que estava fazendo ali? Tentaria lhe roubar dinheiro ou alguma outra coisa de valor? Suas roupas de vestir gastas faziam evidente sua desesperada necessidade de dinheiro.

Cravou a vista na cortina enquanto lhe ocorria uma divertida ideia.

Vestido com sua roupa de montar a cavalo, Gray se sentou no tamborete diante da penteadeira e começou a puxar com força as botas.

Uma atrás da outra, caíram ao chão com um pesado ruído surdo. Tirou o casaco, e logo a camisa, deixando o peito ao descoberto.

Levantando do tamborete, dirigiu-se para a janela enquanto se desabotoava o botão das calças de montar.

Soou um ofego abafado através da cortina quando as calças desceram um pouco sobre os quadris.

—Pode sair, senhora Moss, a menos, claro está, que deseje ficar aí enquanto termino de me despir.

Um leve movimento fez ondular a cortina. Com um suspiro de resignação, Letty apareceu de trás do veludo dourado, com o queixo erguido enquanto enfrentava ele. Embora o olhou à cara, os olhos aumentaram ante a visão de seu torso nu e o encaracolado pelo negro que o cobria. Viu o botão



desabotoado das calças e suas faces ficaram de cor escarlate.

—Posso lhe perguntar o que está fazendo em meu quarto? - perguntou ele com calma, embora sentia tudo menos calma. Letty umedeceu os lábios, e o calor se concentrou na virilha.

—Hummm... me perdi. Saía ao jardim, sabe? Subi pela escada de serviço e... devo ter girado na direção equivocada quando cheguei ao segundo andar.

—Ah, deve ser isso. Seu quarto está na mesma localização no extremo oposto da casa.

—Sim, assim é. - Seu alívio se transformou em receio. - Como sabe em que quarto estou?

Lhe dirigiu um sorriso astuto.

—Eu gosto de me assegurar pessoalmente de que meus convidados estejam cômodos. Encontra-se cômoda aqui, verdade, senhora Moss?

Ela entrecerrou os olhos.

—Não neste momento.

Ele cortou a distância que havia entre eles e se deteve justo diante dela. Agarrou-a pelos ombros e a sentiu tremer mas apesar disso, Letty não retrocedeu.

—Quero saber o que está fazendo em meu quarto, e esta vez quero a verdade. - Sacudiu-a brandamente. - Andava procurando dinheiro? Sei que tem pouco. Suponho que poderia compreendê-lo.

Ela se manteve firme.

—Não sou uma ladra.

—Então?

—Eu, simplesmente... - soltou um suspiro tremente. - Queria saber tudo sobre você. Permitiu-me ficar em sua casa. Pensei que poderia averiguar mais de você se desse uma olhada em seu quarto.

Cravou-lhe os dedos nos ombros.

—Por quê?

Letty o olhou com uns olhos mais verdes que ele jamais vira.

—Por várias razões. E algumas delas nem sequer eu as entendo. - As palavras soaram com uma sinceridade que surpreendeu a ambos.

Gray observou a formosa cara, as sobrancelhas avermelhadas e delicadas, a pequena covinha do queixo. fixou-se no movimento de seus seios ao respirar, e uma quebra de onda de luxúria o golpeou.

Desejava a Letty Moss. Com esse precioso cabelo acobreado e esse pequeno mas voluptuoso corpo o atraía como a luz a uma traça. Gray deslizou um braço pela cintura e a atraiu para ele.

Os olhos de Letty aumentaram pela surpresa um instante antes que o conde colasse sua boca contra a dela.

Por um momento, Corrie ficou rígida, com suas pequenas mãos pressionando contra o tórax de Gray enquanto tentava afastá-lo, mas ele se negou a soltá-la.



A calidez dela o envolveu e seu sabor o inflamou. Atraiu-a mais para ele, envolvendo-a entre seus braços e beijando-a até que sua boca começou a relaxar-se sob a dele. Letty começou a devolver o beijo, e um gemido escapou do mais profundo de sua garganta. Inclinando a boca sobre a dela, ele continuou seu tenro assalto, inspirando seu suave aroma de rosas enquanto se endurecia até o ponto de sentir dor.

Persuadindo-a para que abrisse os lábios, deslizou a língua no interior da boca para saboreá-la por completo, e Letty se derreteu contra ele, apertando seus voluptuosos seios contra seu tórax.

Todo o corpo de Gray se esticou e teve que reprimir-se para não abrir seu singelo vestido e tomar esses cremosos seios na boca.

As mãos de Letty percorreram o peito nu de Gray e se deslizaram ao redor de seu pescoço enquanto ficava nas pontas dos pés para aumentar o contato. Era uma mulher quente e entregue, exatamente o que ele necessitava.

Gray a levantou nos braços e se dirigiu com longos passos para a porta de seu dormitório, e Letty começou a gritar.

—Cale-se! Que diabos faz? Quer despertar a toda a casa e atrair a atenção para nós?

—Me solte imediatamente! - Durante um longo momento só a sustentou entre seus braços, com seu corpo rugindo de necessidade e o membro duro como uma rocha. Só uns segundos antes, Letty fora cálida e complacente.

Agora ele sentia sua rigidez e sabia que o fogo que ardera entre eles começara a apagar-se.

A contra gosto, soltou-a.

—Estava bastante disposta faz só um minuto.

Ela afastou o olhar. Sob a tênue luz do abajur, Gray podia ver o rubor que alagava suas faces.

—Não... não sei o que me aconteceu. Simplesmente... não sabia que ia me sentir assim. - Letty sacudiu a cabeça e Gray franziu o cenho.

Apesar de sua apaixonada resposta, ele sempre percebera sua inocência. Foi seu indesejado primo Cyrus um amante tão miserável que jamais se incomodou em excitá-la antes do coito?

Não teria excitado a sua esposa antes de tomá-la?

—Tenho que ir - disse ela. - Desculpe-me por ter vindo aqui. Foi uma estupidez de minha parte. Espero que me perdoe.

—Me escute, Letty, se o que sente é medo, não tem por que senti-lo. Não a machucarei de maneira nenhuma.

—Tenho que ir - repetiu ela, dando um passo para trás em direção à porta. - Minha donzela estará esperando para me ajudar a me despir.

—As faces de Letty voltaram a avermelhar outra vez ante a menção de despir-se, e Gray sentiu uma nova quebra de onda de luxúria.

Letty girou para a porta e ele não tentou detê-la. Estava claro que a sedução ia levar mais tempo



do que previra.

Bom, ao menos não tinha nenhuma dúvida sobre o resultado.

Letty Moss ia ser dele. Se era por dinheiro o motivo de sua vinda, o daria. Fosse o que fosse o que ela quisesse, ele o daria.

Isso, e algo muito mais prazenteiro.

Gray sentiu o incomum puxão de um sorriso. Muito em breve, Letty Moss passaria as noites em sua cama.

"OH, Deus bendito!" Tremendo ante a lembrança do que acabava de ocorrer, Corrie se deteve diante da porta de seu dormitório enquanto tentava recuperar o fôlego. O coração martelava no peito, e perdera a compostura.

Allison a esperava dentro. Queria saber o que acontecera. Ai, Senhor, o que diria Ally se soubesse?

Corrie apoiou a cabeça contra a parede e se obrigou a esperar um bom momento enquanto se ia tranquilizando. Fez o planejado e entrou no quarto do conde, mas não encontrara nada de interesse.

Pelo menos nada que relacionasse o Tremaine com Laurel. Procurando não deixar nada fora de lugar, revistou cada gaveta da penteadeira, olhou dentro dos armários de palisandro, na escrivaninha, inclusive entre a roupa. Não encontrara nada.

"Nada exceto ao próprio conde."

"Por todos os Santos do céu!"

Como podia ter permitido que a beijasse? E como devolveu o beijo dessa maneira?

Uma cálida quebra de onda a atravessou ao recordar a sensação da boca do conde movendo-se apaixonadamente sobre a sua, os músculos de seu torso nu contra seus seios. Recordou a maneira em que os duros mamilos começavam a palpitar com uma dolorosa necessidade que jamais havia sentido antes. Desejara tocá-lo por toda parte, sentir esses duros músculos contra sua própria pele nua, para saboreá-lo, para...

Interrompeu esses horríveis pensamentos. Deus bendito. Esse pilantra ganhou uma reputação escandalosa. Era um demônio com a habilidade de um bruxo.

Inconscientemente, estirou-se para tocá-los lábios inchados pelo beijo, sentiu-os agradados e estranhamente tenros. Ainda podia saboreá-lo ali. Se fechasse os olhos, podia recordar seu aroma masculino misturado com a fragrância a sândalo.

Era um consumado sedutor, e mesmo assim, depois de ter provado sua ardente paixão, Corrie tinha a firme convicção de que Gray Forsythe não fora o amante de Laurel, não era o homem do qual sua irmã se apaixonou profundamente, o homem que protegera até o final de sua vida.

Corrie conhecia Laurel muito bem, e começava a conhecer o poderoso conde. Eram completamente opostos. Não era possível que sua irmã pudesse ter resistido a intensidade de um



homem como Gray.

Entretanto, Corrie não o podia exonerar até encontrar ao homem que Laurel amara. O homem que a poderia ter assassinado. Respirando profundamente, Corrie colocou as mechas que soltaram do recolhido, abriu a porta e entrou em seu dormitório.

Capítulo 9

Depois de uma longa noite, a maior parte da qual a passou sem dormir, Corrie despertou em uma chuvosa manhã de maio. Ansiosa por escapar da casa e evitar o conde de Tremaine, pulou o café da manhã, e com um vestido singelo, dirigiu-se para o povoado apesar do céu escuro.

O povoado, que tinha alguns edifícios de pedra tão antigos como o castelo, estava tranquilo a essas horas da manhã. Corrie passeou entre as lojas que começavam a abrir suas portas, tomou um pastel redondo e um chá em um diminuto salão e comprou uma bonita cinta de cor azul para sujeitar o cabelo. Falou com algumas mulheres esperando inteirar-se de alguma fofoca, e logo se dirigiu à igreja.

Corrie sabia que o vigário Langston chegara à diocese fazia três anos. Seu filho, Patrick, era atualmente o diácono no próximo condado do Berkshire, mas esteve vivendo no povo na época que Laurel foi assassinada.

Corrie estava no corredor a uns metros do altar quando a abordou o vigário, um homem com bom semblante, de cabelo prateado e afáveis olhos azuis.

—O que posso fazer por você, senhorita?

—Bom, eu... em realidade, vim rezar por uma amiga minha. Morreu faz uns meses. Chamava-se Laurel Whitmore.

O vigário meneou a cabeça.

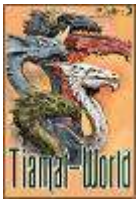
—Uma horrível tragédia. Meu filho e eu visitávamos frequentemente a Laurel e a sua tia. Era uma garota muito doce, amiga da prometida de meu filho, Arial Collingwood.

—Seu filho está comprometido?

—Pois sim. Faz já mais de um ano. As bodas estão previstas para o mês que vem. A senhorita Whitmore ajudava a Arial com seus planos para as núpcias.

Corrie sentiu uma opressão no peito. Se Laurel era amiga da prometida do Patrick Langston, jamais se fixaria nele. Simplesmente, não enganaria a sua amiga.

—Ouvi rumores sobre o que aconteceu - disse Corrie com cautela. - Sei que teve um filho. Ainda me custa acreditar que Laurel se matasse, e me resulta quase impossível imaginar que pudesse fazer algo que machucasse a seu bebê.



—Sim, causou-nos uma grande impressão a todos. De algum modo me sinto culpado. Deveria me haver dado conta de sua pena. depois de tudo formava parte de minha congregação. É obvio, não soube nada do menino até muito mais tarde. Foi algo que não saiu à luz até depois de que aparecesse morta. A família tentou ocultar essa informação, mas é difícil manter um segredo assim em um povoado pequeno como este.

—Imagino. - Dirigiu um olhar ao altar, onde as luzes cintilavam de umas velas e projetavam sombras nos muros de pedra. - Sempre acreditei que a identidade do pai do bebê acabaria saindo à luz.

Mas suponho que ninguém sabe quem é?

—Temo-me que não. Possivelmente jamais soube nada do bebê, ou ao menos não soube até que foi muito tarde. E então já não tinha muita importância.

Santo céu, jamais ocorreu pensar nisso. Era possível que Laurel não falou ao homem que amava que estava grávida? E se assim fosse, por que não o fez?

—Sinto seriamente por sua amiga - disse o vigário. - Apreciava muitíssimo à senhorita Whitmore.

—Obrigado. Eu também a apreciava.

Corrie abandonou a igreja com o coração apertado. Laurel estava morta, e falar dela com o vigário fizera sair de novo a dor à superfície. Ao menos, Corrie podia riscar outro suspeito de sua lista.

Não acreditava que Patrick Langston fosse o pai do filho de sua irmã, não quando sua prometida fora amiga de Laurel.

Corrie seguiu pensando em sua irmã enquanto caminhava pelo atalho que atravessava os campos, quando ouviu um suave gemido. deteve-se, procurando com o olhar a origem do ruído. Ouviu um segundo gemido e abandonou o caminho para dirigir-se em direção ao lugar de onde provinham os sons. Não muito longe, havia um cão mestiço de cor cinza deitado sobre a erva alta, sangrando profusamente por um corte à altura das costelas.

—Tranquilo, menino. - Corrie se ajoelhou ao lado do cão, e passou a mão pela enredada pelagem. Era um animal grande, magro e feio. O cão agitou a cauda. Estava desnutrido e sujo, mas ao olhá-la mostrou uns olhos escuros e inteligentes, e tão cheios de dor e resignação que lhe partiu o coração.

—Tranquilo, menino. Vai ficar bem. Eu me encarregarei de ti. Não deixarei que morra. - Não sabia de quem era esse cão, o mais provável era que se perdeu, mas Corrie não suportava ver sofrer a um animal.

Levantando-a saia, rasgou uma longa tira da anágua, e logo duas mais. Com muito cuidado enfaixou as costelas do cão, atando brandamente cada tira de tecido.

Precisava limpar a ferida e desinfetá-la, mas antes devia levar o animal para casa.

—Fique aqui - disse ela, acariciando a peluda fronte cinza. - Retornarei logo que possa. -



Elevando-as saias, correu para o caminho e seguiu correndo até chegar à casa.

Ofegava quando alcançou o interior do estábulo e se apressou a procurar um moço. Mas a quem encontrou foi ao conde.

—O que ocorreu? - perguntou ele, saindo da baia de Rajá, onde esteve trabalhando. - Está bem? Ela balbuciou umas palavras enquanto tratava de recuperar o fôlego.

—Necessito um carrinho de mão. Encontrei a um cão ferido. Necessita ajuda e eu...

—Espere um minuto, correu até arrebentar por um cão? E seu tornozelo? Poderia tê-lo machucado outra vez.

—Meu tornozelo está bem, mas o cão está ferido. Tenho que o trazer até aqui para poder me encarregar dele.

O conde estudou a cara de Corrie, percebendo o medo que sentia pelo animal. Seus rasgos se suavizaram.

—Venha - lhe disse em voz baixa. - A ajudarei a trazê-lo.

O alívio a alagou. O conde a ajudaria. Por razões que ela não podia compreender, esse fato não a surpreendia. Depois de enganchar um dos cavalos a uma carreta, ajudou-a a subir ao assento e saíram à estrada enlameada. Pegar o caminho seria mais rápido, mas era muito estreito para o carro. Teriam que deixar o veículo na estrada e levar o cão até ali.

Logo que chegaram ao lugar, a meio caminho do povoado, abandonaram a carreta e cruzaram o campo para chegar ao caminho. Corrie necessitou um momento para localizar o lugar onde deixara o cão.

Estava ainda ali, deitado sobre o lado, e com a vendagem provisória manchada em alguns lugares de brilhante sangue vermelho.

—Já estou aqui, menino - disse Corrie, deixando-se cair sobre a erva ao lado do cão. Acariciou-lhe o pescoço e falou com suavidade com o cão, logo levantou os olhos para o conde, que tinha um olhar estranho.

Estaria perguntando-se, supôs ela, por que perdia o tempo com um vira-lata tão feio.

Tremaine se fixou na bandagem provisória, se agachou e começou a o apalpar brandamente em busca de ossos quebrados, tal como fizera aquele outro dia com ela.

—Pergunto-me o que lhe aconteceu - disse ela.

—Não sei. Saberemos algo mais quando levarmos a casa e dermos uma olhada à ferida. - Gray comprovou a bandagem. - usou suas anáguas? - disse-lhe com tom de assombro, ao ver o tecido manchado de sangue.

—Já sei que não tenho muita roupa, mas não tinha outra opção.

O conde curvou os lábios.

—Nenhuma outra opção, é obvio. - Mas a olhou como se nenhuma das mulheres que conhecia tivesse sacrificado um de seus objetos de vestir por um cão.



Tremaine se ergueu e com supremo cuidado levantou o animal entre seus braços. O cão gemeu, mas não tentou liberar-se.

—Não se preocupe, amigo - disse. - Te levaremos a um lugar onde a dama possa ocupar-se de ti. - O conde baixou a vista para ela. - Não se iluda. perdeu muito sangue. Pode ser que não o supere.

Ela endireitou os ombros.

—Não vou deixar morrer. - Ultimamente houve muita morte a seu redor. Laurel. O pequeno Joshua Michael. Não permitiria que esse pobre animal morresse também.

O conde pôs-se a andar e Corrie se apressou a ajustar o passo a essas longas pernadas. Deixou o cão sobre a manta que dispuseram na parte traseira da carreta, ajudou-a a subir ao assento e logo subiu a seu lado.

Tremaine não mencionara a cena da noite anterior em seu quarto; tratava-a, de fato, como se não tivesse ocorrido nada. Em lugar de sentir-se agradecida, Corrie se sentia incômoda porque o encontro não o afetara.

Bom, estava-a ajudando com o cão. por agora era tudo o que importava.

Chegaram aos estábulos, e dois moços se aproximaram a toda pressa à carreta. O moço levou o cão a uma das baias e o deixou com cuidado sobre um colchão de palha. Corrie se deixou cair a seu lado.

—Tranquilo, menino. - Acariciou a suja cabeça do cão enquanto o conde tirava as bandagens que cobriam as costelas.

Um dos moços levou um balde de água e um montão de trapos, e Corrie usou os tecidos para limpar a ferida, fazendo desaparecer o sangue e a sujeira.

O vestido de Corrie estava arruinado. Só levava uns poucos vestidos e Letty Moss não se podia permitir o luxo de comprar mais. Mas quando o cão apoiou a pata sobre sua mão com o que ela interpretou um olhar de gratidão, decidiu que bem valia a pena ter estragado esse vestido.

—O corte não é muito profundo - disse Tremaine depois de avaliar o longo talho, - não tem tão má pinta como pensava. Enfaixaremos a ferida, e se descansar e recuperar as forças, ficará bem.

Corrie levantou o olhar, esperançada.

—Acredita de verdade?

—Diria que tem muitas possibilidades. - Ela sorriu com evidente alívio.

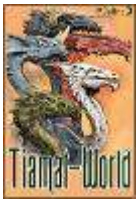
—Obrigado por o ajudar.

O olhar do conde se encontrou com o seu.

—Ajudei a você, Letty, não ao cão. - Mas a ternura que demonstrara a levava a acreditar que, se fosse ele que encontrasse ao animal, não o teria abandonado ali a sua sorte.

—Temos que pôr um nome nele - disse ela. - Como acredita que deveríamos chamá-lo?

—Não deveria lhe pôr um nome até que esteja segura de que vai viver. Só fará as coisas mais difíceis se finalmente falecer.



—Eu acredito que terá que ficar. - Passou a mão pela descuidada pelagem. - Acredito que o chamarei Homero.

—Homero? o Da Odisséia e A Ilíada?

OH, Deus, justo o mesmo. Esse cão parecia um nômade. depois de ter encontrado o livro na biblioteca, o nome veio à cabeça. Corrie pensou com rapidez.

—Homero era o nome de um cão que tinha em York. É também um personagem desses livros?

Gray sacudiu a cabeça.

—Homero era um escritor da Grécia clássica. Suponho que é um nome tão bom como qualquer outro.

—É um nome maravilhoso. - Acariciou o emaranhado pelagem do cão. - Não é certo, Homero?

O animal lhe lambeu a mão como se estivesse de acordo. Quando ela olhou ao conde, viu em sua expressão uma ternura que jamais vira antes.

—Tem um bom coração, Letty Moss. - levantou-se do seu lugar na palha. - Me avise se necessitar de mais ajuda. - Logo se foi.

Corrie deveria ter se sentido aliviada.

Mas se encontrou desejando que ele ficasse.

Lorde Jason chegou no dia seguinte, e resultou ser um demônio muito bonito. Corrie já ouvira os serventes falarem dele, mas ao vê-lo em pessoa pensou que seus comentários ficaram a dever.

De uma maneira diferente e menos intimidante, Jason Forsythe, o filho menor do marquês do Drindle, era ainda mais bonito que Gray. Entretanto, não era tão alto nem tão forte, embora com o cabelo castanho claro e esses sensacionais olhos azuis, era a fantasia de qualquer mulher. Era um homem de sorriso fácil com um par de assombrosas covinhas nas faces, e que além disso tinha uma risada alegre. Estava com vinte e cinco anos, de acordo com Allison, só dois anos a mais que Laurel; Ally o descobrira graças a sua crescente amizade com os criados. E sendo Jason tão fascinante como era, foi fácil imaginá-los juntos.

Não custava imaginar a Laurel apaixonada por lorde Jason, mas não podia acreditar que esse homem fosse um assassino.

—Se soubesse da encantadora companhia que encontraria aqui no castelo - disse ele depois de seu primeiro encontro, - teria retornado antes a casa. - Fez uma extravagante reverência e depositou um beijo sobre a mão de Corrie. - Temo que jamais tive o prazer de conhecer seu marido, senhora Moss, mas devo dizer que tem um excepcional gosto com as mulheres.

Corrie baixou o olhar, desfrutando muito da adulação do homem que, a diferença do conde, parecia ser muito extrovertido.

—Tão somente espero que Cyrus esteja a salvo - disse ela, sujeitando-se a seu papel. - É difícil não preocupar-se depois de levar tanto tempo sem notícias dele.

—Imagino que deve sentir-se terrivelmente só - disse Jason, oferecendo o braço para



acompanhá-la ao jantar. - Possivelmente poderia aliviar essa carga enquanto estou aqui.

Corrie lhe dirigiu um sorriso. Assim como os demais, Jason gostava dela.

—Estou segura de que assim será.

Entraram na sala que a família destinava a jantares menos formais, um precioso espaço dominado por uma longa mesa de palisandro com uma dúzia de cadeiras a jogo com o respaldo alto e estofadas em um tom verde escuro. Só se fizera uma instalação de gás para as principais habitações e os corredores, embora não para os dormitórios, mas nessa sala havia um lustre de gás que iluminava a sala com um suave resplendor amarelo. Jason a ajudou a sentar-se, logo tomou assento frente a ela. Rebecca e Charles tomaram assento em seus lugares habituais, Rebecca colocou um vestido cor nata com um tafetá dourado que fazia jogo com os reflexos dourados de seu cabelo. Corrie tentou não pensar no vestido que ela mesma colocou, um de seda de cor turquesa que jamais esteve na moda.

Embora o vestido lhe deixava os ombros a descoberto como estava na moda, as rosas bordadas e remendadas de seu sutiã lhe ocultavam a forma dos seios, e a prega estava ligeiramente desfiada.

Por uma vez, o conde decidira unir-se a eles. Ocupando seu lugar na cabeceira da mesa, dirigiu ao Corrie um olhar longo e penetrante. De repente foi consciente de que ao Tremaine não gostava que desse tanta atenção a esse primo tão bonito. Negou-se a considerar por que esse fato a alegrava de forma tão desmesurada.

—Rebecca me disse que acaba de voltar do Continente. Quanto tempo esteve ali?

—Só os últimos dois meses. Estive na Itália a maior parte do tempo, mas também visitei a França.

Gray tomou um gole de vinho.

—A senhora Moss está particularmente interessada na história italiana. - Os olhos escuros a gravaram a fogo. - Chegou a visitar Pompeya enquanto esteve ali?

Corrie se engasgou com o vinho que estava tomando.

—Encontra-se bem? - Jason estirou o braço para lhe tirar a taça da mão e deixá-la sobre a toalha.

—M... me encontro bem. Só me engasguei.

—O que ia dizer, Jason? - continuou Gray, e Corrie sentiu desejos de o pegar.

—Temo que não cheguei até Pompeya. Estive em Roma quase todo o tempo.

Corrie dirigiu a Gray um olhar furioso, logo centrou a atenção no Jason.

—Eu adoraria ver Roma. A história do Coliseu é fascinante. Li que em seus momentos de máximo esplendor seus degraus suportavam a mais de cinquenta mil pessoas, e que os jogos inaugurais duraram cem dias.

Sempre pensei que era assombroso que pudessem enchê-lo de areia e água para as batalhas navais. As ruínas devem ser incríveis.

Gray franziu o cenho.



—Acreditava que você só lia gazetas femininas.

Seu tom suspeito a fez voltar para a realidade. Era Letty Moss, pelo amor de Deus! Letty não lia a história de Roma em latim!

Corrie compôs um sorriso.

—Bom, e é certo. O que queria dizer é que tenho uma amiga a que lhe fascina a história. Gosta particularmente ler sobre Roma. Falamos disso em várias ocasiões.

—O Coliseu era fascinante - disse Jason, retomando o fio da conversação (graças a Deus). - Tinha celas e túneis subterrâneos onde os romanos mantinham aos animais e aos gladiadores. A gente quase pode ver Julio César de pé no camarote.

—Eu gostaria de vê-lo algum dia. - Enquanto jantavam frango recheado e bebiam um caro vinho francês, Jason descreveu sua viagem a Roma, e Corrie sentiu-se cativada. Adoraria viajar ali. Ler sobre um país estrangeiro não era o mesmo que vê-lo pessoalmente.

Seguiu-lhe perguntando sobre suas viagens, e lhe contou um pouco sobre a França.

Jason lhe sorriu do outro extremo da mesa.

—*Vous êtes une très belle femme* - brincou ele, com um brilho em seus olhos azuis. "É você uma mulher muito bela."

—*Et vous, monsieur, êtes un flatteur* - não pôde resistir a replicar. "E você, senhor, um adulator."

Gray lhe dirigiu um olhar cheio de suspeita.

—Só conheço algumas frases feitas - explicou ela com um doce sorriso pesaroso. - Sei contar até cinquenta, como encontrar o banheiro de senhoras ou o que dizer quando lhe fazem um cumprimento. Eu adoraria falar francês, soa tão romântico! Mas o que fazer? Jamais tive ouvido para os idiomas.

"Mentirosa". Falava correntemente em francês e italiano, e ultimamente, inclusive aprendera um pouco de escandinavo antigo que o marido de Krista, Leif, lhe ensinara.

Sempre teve ouvido para os idiomas. Desejava viajar a França e falar com as pessoas que viviam ali.

—Gray é o autêntico viajante da família, não eu - disse Jason. Viveu vários anos no estrangeiro antes de incorporar-se ao exército. Sabia que esteve destinado na Índia?

Corrie olhou a Gray e viu que a estava observando.

—Sim, Rebecca o mencionou.

—Possivelmente ele possa lhe contar algo em alguma ocasião. - E a encantaria escutá-lo. Mas o conde não se esforçou em continuar com o tema, só se recostou na cadeira e percorreu a mesa com esse olhar tão arrogante que tinha.

Vestido completamente de negro, salvo a impoluta camisa branca e o colete cinza, com o lustroso cabelo negro cintilando sob a luz do lustre de gás, era o homem mais fascinante que



conhecera. tornou a recolher o cabelo em um rabo de cavalo, acentuando dessa maneira a dura linha da mandíbula e as maçãs do rosto proeminentes, e lhe ocorreu que lorde Jason bem podia ser bonito no sentido convencional da palavra, mas Gray era muito mais viril.

Sentiu um estremecimento e se deu conta de que o olhar do conde se moveu para baixo, à linha de seu decote, exposta por cima do sutiã do vestido cor turquesa. Sob esse olhar sensual, seus mamilos endureceram até converter-se em uns pequenos brotos, e quando alargou a mão para agarrar a taça, e acalmar-se, a parte superior do espartilho lhe roçou os seios. A atenção do Gray se dirigiu ali, a sensação foi grosseiramente perturbadora. O conde curvou lentamente a boca e pareceu que seus olhos obscureciam. Era como se ele soubesse, como se tivesse estendido a mão para tocá-la, como se lhe tivesse cavado os seios com essas mãos morenas e grandes. Esse homem era um demônio. Corrie disse a si mesmo que não era culpa dela que parte de seu corpo respondesse a ele.

Durante o resto do jantar, manteve a atenção posta no primo do conde. Pelo que a ela concernia, esse conde do demônio podia ir-se diretamente ao inferno.

Capítulo 10

A casa estava em completo silêncio, todo mundo estava dormindo. Lendo para não dormir, Corrie esperava com impaciência a que o relógio marcasse as duas. Quando finalmente ouviu o suave toque da campainha, deixou a um lado o livro e se encaminhou para a porta.

Não disse a Allison o que pensava fazer. Sua amiga se preocuparia, e ela não queria que o fizesse.

Vestida com uma camisola branca de algodão, e uma bata azul abotoada até o pescoço, acendeu uma vela e abriu a porta para surgir ao corredor. Era estranho que alguém se aventurasse nessa parte da casa, e menos a essas horas da noite. Sustentando a vela por diante, Corrie chegou às escadas do final do corredor e desceu à planta inferior.

Memorizou com todo detalhe qual corredor conduzia ao estúdio, uma sala que descobrira em suas aventuras, e se dirigiu diretamente para ali. Nunca esteve antes no estúdio, e enquanto entrava sem fazer ruído, perguntou-se Gray teve algo que ver na escolha dos pesados e escuros móveis que ocupavam a sala. Um ar severo. De algum jeito acreditava que não.

Não se moveu até que divisou uma porta em uma das paredes do estúdio, abriu-a e entrou em uma sala menor, e sentiu a presença do conde. Era como se tivesse penetrado em outro mundo, no mundo longínquo da Índia.

Os móveis eram muito mais leves, a maioria feitos de vime, e o aroma suave a sândalo flutuava no ar. Reconheceu a fragrância agradável e ligeiramente almiscarada que associava com o Gray, mas



que até esse momento não relacionara com a Índia.

Um grosso tapete hindu, com um intrincado estampado em tons borgonha e azul marinho, cobria o chão, e umas vasilhas de bronze de diferentes estilos e tamanhos decoravam as mesas. Sustentou no alto a vela, fascinada pelos magníficos artigos que Gray adquirira em suas viagens. Em uma vitrine de cristal, havia figuras de marfim esculpidas com elaborados padrões, e ainda por cima desta, havia um par de sabres cruzados pendurado na parede.

Podia sentir a presença de Gray Forsythe nessa sala como se ele mesmo estivesse ali, atrás dela, e por um instante se voltou enquanto levantava a vela só para assegurar-se de que ainda estava sozinha.

Aliviada ao constatar que assim era, voltou-se de novo e começou sua busca.

Ao mover-se pela sala, encontrou vários artigos de interesse, entretanto, não achou nada que a permitisse vincular Gray com Laurel.

Em uma pequena caixa de latão, encontrou duas cartas cuidadosamente dobradas. Na primeira, a mãe do conde lhe dizia que o amava e que se quando crescesse ouvisse rumores desagradáveis sobre seu nascimento, devia abrir a segunda carta. Dizia-lhe que devia acreditar em cada palavra que ali punha, e que jamais devia duvidar dela, que devia confiar em seu coração para saber que tudo o que dizia era certo.

A data da carta indicava que lady Tremaine a escrevera pouco antes de morrer. Gray tinha dez anos nesse momento.

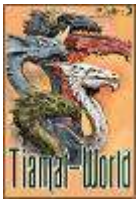
Corrie se deixou cair na cadeira, sentindo-se uma completa bisbilhoteira, mas foi incapaz de resistir a ler as palavras da segunda carta. Nesta, a condessa assegurava a Gray que era filho do conde de Tremaine.

"Jamais fui infiel a seu pai. Não importa o que ele acredite, sempre o amei. São seus ciúmes os que o levam a comportar-se assim. Espero que algum dia possa o perdoar por ter sido tão tolo."

Corrie leu a missiva sentindo uma estranha opressão no peito. Quando era menino, Gray sofrera o ciúme infundados de seu pai. Perdera a sua mãe e a sua esposa. Corrie sentiu uma pontada de pena ante a solidão que ele devia ter sofrido na vida. Perguntou-se se possivelmente Laurel sentiu-se atraída por essa solidão. Mas apesar de quão bondosa sua irmã fora, Corrie não conseguia imaginá-la com o Gray.

Deixando de novo as cartas cuidadosamente na caixa, e depois devolver esta a sua prateleira, Corrie se dirigiu à zona principal do estúdio e começou a procurar ali, começando pela grande escrivaninha de mogno que dominava a sala.

Ao não encontrar nada, revistou as prateleiras de livros que cobriam a parede, e quando já estava a ponto de dar-se por vencida e retornar a seu quarto, seu olhar tropeçou com um livro que estava meio escondido entre dois volumes, como se alguém desejasse que não se visse. Estirando-se para alcançá-lo, pegou o livro que resultou ser de William Shakespeare, Sonetos e poesia romântica.



Deu-lhe um tombo o coração. Corrie conhecia esse livro, era uma das obras favoritas de Laurel. E a descolorida capa de pele lhe resultava muito familiar. Tremia-lhe a mão quando o abriu e ficou olhando fixamente a dedicatória, escrita com letra feminina na primeira página do livro.

Meu querido amor:

Compartilhamos muitos belos momentos. A tarde que lemos juntos este livro é uma lembrança que sempre levarei comigo. Lhe dou de presente isso com a esperança de que me recorde nos anos vindouros.

Com meu mais profundo amor,

LAUREL

O coração de Corrie pulsou com força. Lembranças de sua irmã a invadiram e os olhos arderam pelas lágrimas contidas. Recordava-a sentada no assento junto à janela lendo esse livro, lhe confessando que esperava encontrar algum dia o tipo de amor que Shakespeare derramara nessas páginas. Embora na dedicatória Laurel não mencionava o nome do homem ao que amara, o homem a que presenteou o livro que foi um tesouro para ela, não cabia dúvida de que era um dos habitantes do Castelo de Tremaine.

Fora Gray? Corrie tentou imaginar o Gray e a Laurel lendo os românticos poemas impressos no livro. Simplesmente, não podia.

Percorreu o estúdio com o olhar, detendo-se na porta que dava ao pequeno refúgio do conde. As coisas que pareciam mais importantes para ele as guardava em seu estúdio privado.

Se o livro tivesse sido um presente para Gray, não o guardaria ali?

Não obstante, possivelmente esse presente não significava nada para o conde de Tremaine. Pensou nos outros dois homens da casa. Charles passava muito tempo no estúdio. Era o tipo de homem no qual poderia haver-se fixado sua irmã, mas estava casado. Laurel jamais teria um caso com um homem casado.

O que deixava ao encantador e de aparência agradável lorde Jason. Essa mesma tarde, quando Corrie passou em frente do estúdio, Jason estava sentado atrás do escritório.

"De qual deles te apaixonou, irmãzinha?"

"Foi este homem que amou, o responsável por sua morte e da de seu filho?"

Mas não tinha respostas a essas perguntas.

Odiando separar-se dessa preciosa lembrança, Corrie ficou nas pontas dos pés e o deixou em seu lugar na prateleira. Ao menos, seu desatinado plano de infiltrar-se no castelo não foi de todo uma loucura.

Estava claro que a investigação ia por bom caminho. Com o tempo descobriria quem fora o pai do filho de Laurel. E uma vez que soubesse, averiguaria o que ocorreu com a sua irmã na noite em



que morreu.

Atendo-se um pouco mais a bata azul, Corrie deixou o estúdio e se apressou pelo corredor para as escadas da asa leste da casa.

Quase alcançara seu destino quando uma voz familiar lhe provocou um calafrio de alarme nas costas.

—Bom, senhora Moss, vejo que está imersa em outra de suas correrias noturnas. Só por curiosidade, exatamente aonde se dirigia a estas horas?

Ela se voltou para ver o conde atrás dela, sua alta figura era inconfundível na escuridão.

—R... retornava acima. - Conseguiu esboçar um sorriso. - Não podia dormir. Desci a ver se podia conseguir um copo de leite na cozinha.

—Assim foi à cozinha - disse Gray com evidente incredulidade.

—Pois, sim. Espero que não se importe. Suponho que depois de me haver encontrado bisbilhotando em seu quarto, o mais provável é que acredite que desci para roubar a prata da família ou algo pelo estilo.

Percorreu-a com o olhar de cima abaixo, provocando uma cálida sensação na boca do estômago.

—Algo pelo estilo?

Não havia o menor rastro de diversão na voz do conde e ela se perguntou se ainda seguia incomodado pela atenção que deu a seu primo no jantar duas noites antes.

—É muito tarde. Deveria ir .

—Ao contrário - disse ele, com um tom afiado na voz. - Já que você é incapaz de dormir e eu também, seria estupendo que pudéssemos manter um pequeno bate-papo, ou algo pelo estilo.

O pulso de Corrie disparou. Havia um gesto duro nos lábios de Gray, mas seus olhos diziam o que era exatamente esse "algo pelo estilo". Começou a protestar, mas o conde a agarrou com firmeza pelo braço e a guiou para um corredor em direção oposta. Depois de convidá-la a entrar em uma das salinhas, fechou firmemente a porta.

—Ac... acredito que isto não é uma boa ideia.

—Por que não? Disse que não podia dormir. Sei de uma receita infalível para a insônia.

Sentiu um estremecimento quando passou por seu lado para a lareira, onde os restos de um fogo ainda brilhavam depois do ralo. Supôs que ele esteve nessa sala enquanto ela permanecia no estúdio, e agradeceu em silêncio que esteve o suficientemente longe para não ouvi-la.

Ou sim a ouvira?

Inclinando-se em frente à lareira, o conde acrescentou um pouco de carvão às brasas incandescentes. Uma parte dela queria fugir enquanto ainda tinha a oportunidade de fazê-lo, mas a outra ficou observando com silenciosa fascinação os músculos flexíveis das coxas do conde, ao igual aos músculos das costas que esticavam o tecido de sua camisa branca.



Ele utilizou o fole para reavivar as chamas, logo se ergueu e se aproximou onde ela estava parada junto ao sofá. Baixou o olhar para ela, e a luz que cintilou nos olhos de Gray a fez pensar em coisas proibidas.

—Parece nervosa. Estou-lhe impedindo de ir a algum local? Possivelmente a uma entrevista noturna com meu primo?

A surpresa fez que Corrie aumentasse os olhos.

—Com seu primo? Falei que fui à cozinha a por um copo de leite. Não vejo seu primo há duas noites.

—Não? Pois parece que ele ganhou seus favores.

Ela escrutinou a cara do conde procurando uma pista de aonde poderia conduzir essa conversa, e notou o duro gesto da mandíbula. Ainda estava incomodado. Sem dúvida alguma não podia estar ciumento!

—Jason é um homem encantador - disse ela com cautela, - é natural que me encontre a gosto em sua companhia.

—É obvio. - Havia dureza na voz de Tremaine. Estendeu a mão e apanhou uma mecha de cabelo que escapara da trança, lhe roçando a face com os dedos. O calor que desprendiam esses dedos, enviou-lhe uma cálida sensação por todo o corpo. - Minha dúvida é, se ofereceu já para convertê-la em sua amante?

Corrie se esticou e se separou de seu contato.

—Do que está falando? Seu primo sempre se comportou como um cavalheiro. - O conde encolheu os ombros. A primeira vista, parecia um gesto indiferente, mas ela pôde perceber a tensão nesses amplos ombros.

—Você necessita de dinheiro - expôs o conde em tom casual. - Jason tem de sobra. É óbvio que você se sente atraída por ele. É lógico pensar?

Ela tentou controlar seu temperamento, mas as palavras saíram em turba.

—Seguro que pensar não é algo que você faça frequentemente, milord.

Os escuros olhos de Tremaine se entrecerraram perigosamente.

—Se o fizesse, saberia que não me sinto absolutamente atraída por seu primo.

—Está segura disso?

—Muito segura. - Corrie elevou o queixo, repreendendo-se a si mesmo por haver-se esquecido momentaneamente de seu papel. - Além disso, sou uma mulher casada e não dessas que se dedicam a flertar com outro homem.

A expressão do conde mudou e a tensão pareceu diminuir. Agora havia algo diferente nesses olhos, algo quente que ele conseguira ocultar até esse momento.

—E a outra noite, quando me devolveu os beijos, e com uma surpreendente paixão devo acrescentar, também foi essa mulher?



O rubor alagou as faces de Corrie.

—Bom, pegou-me despreparada, milord.

—Gray - a corrigiu ele com suavidade. - Vamos, Letty, assim que te agarrei despreparada, por isso quando te beijei, você me devolveu o beijo como uma tigresa arisca. E queria que seguisse, carinho.

—O olhar do conde se deteve nos lábios de Coralee. - Acredito que ainda o quer.

Ela abriu a boca para protestar, mas o conde selou com seus lábios os dela, silenciando suas palavras. Foi um saque, um beijo cativante e arrasador, em parte cólera e em parte necessidade.

O conde era um homem viril, todo força e dominação, e seu aroma a sândalo a envolveu. Disse-se a si mesma que pensasse em Laurel, no livro que encontrara, e o que isso significava, mas quando tentou imaginar Gray com sua irmã, sua mente se negou.

Em seu lugar, viu a si mesma em seus braços como estava agora, e o desejo que sentiu por ele rugiu por suas veias. Jamais experimentara a paixão, nunca a compreendera, mas agora sim o fazia.

Pareceu-lhe que outra mulher se deu procuração de seu corpo, uma criatura depravada que ardia com o mesmo desejo agudo que manifestava Gray.

—Desejo-te - sussurrou ele, lhe depositando uns beijos ardentes no pescoço. - Te desejo, Letty Moss, e tenho intenção de te possuir.

Corrie moveu a cabeça de um lado a outro, negando-se. Gray capturou sua cara entre as Palmas, inclinou de novo a cabeça e a beijou outra vez, foi uma carícia úmida, dura e voraz que a deixou com o corpo débil e a mente nublada. A língua de Gray se enredou com a sua quando saqueou sua boca enquanto ela pressionava as mãos inutilmente contra seu peito.

—Gray! - murmurou ela, procurando forças para detê-lo. - Por favor, não podemos... não podemos!

—OH, sim, Letty, claro que podemos. - Com essas palavras seus lábios começaram uma lenta viagem pela mandíbula da garota, deixando um rastro úmido e quente. Corrie não percebeu que ele conseguira desabotoar sua bata até que a deslizou pelos ombros. A boca do conde reclamou a sua enquanto atirava da cinta que atava a camisola para abri-lo. Os ardentes beijos desenharam um atalho por seu pescoço e por seu ombro nu, marcando-a a fogo. Ela gemeu enquanto ele deslizava o suave objeto de algodão mais abaixo até que expôs seu seio, e aproximando ali a boca, lambeu o topo do mesmo, convertendo-o em um pequeno broto enrugado.

—É preciosa - sussurrou ele, lambendo o mamilo e rodeando-o com a língua. - Tinha imaginado assim.

Corrie tremeu ante a aguda necessidade que a percorreu como um torvelinho, um desejo que ameaçava afligindo-a. Gray afrouxou a cinta que assegurava a trança e enredou seus dedos entre as mechas, pulverizando a espessa juba sobre os ombros de Coralee.

—É como fogo - disse ele, enterrando a cara entre os fios acobreados. - Como chamas sedosas.



Lhe beijou o pescoço e seu corpo se esticou de desejo. Balançou-se contra ele, apertando-se completamente contra o conde, e sentindo a quente e dura longitude de seu membro que pressionava com atrevimento contra ela e que não deixava lugar a dúvidas sobre a magnitude de seu desejo. A escura cabeça retornou a seu seio, enchendo-a boca com aquela plenitude, e o prazer a invadiu com tal força que pensou que se deprimiria. Seu outro seio palpitava reclamando seus cuidados, e como se ele soubesse, os longos dedos se fecharam sobre o mamilo, apertando-o com mais dureza do que ela esperava e provocando um calafrio de prazer que lhe percorreu as extremidades.

Gray se sentou no sofá e a atraiu para seu colo. Corrie gemeu e se moveu com desassossego ante a aguda dor que começava a pulsar entre as pernas. Uma das mãos do conde se deslocou à panturrilha de Corrie e, lhe levantando a camisola, deslizou-se ao longo de sua coxa, deixando um rastro de fogo ali por onde passava.

A mente de Coralee lançou uma advertência.

"Não pode fazê-lo! Deve detê-lo antes que seja muito tarde!"

—Não! - Corrie se levantou a toda pressa do sofá. - N... não posso! OH, Senhor, o que estou fazendo? - Sentindo as pernas frouxas, subiu a camisola para cobrir os seios, e atou a cinta rosa com mãos trementes.

Gray se moveu para ela.

—Está bem, carinho, não vou fazer te mal. Só vou fazer o amor contigo.

—Não vais fazer nada disso! - separou-se dele, com as faces ardendo ao pensar nas vergonhosas liberdades que o permitiu tomar. E quanto havia gostado de... - Como o faz? Que truques utiliza?

A diversão fez com que o conde curvasse os lábios.

—Não há nada mau em fazer o amor. Mostrarei-lhe isso, Letty. Veem. Não tenha medo.

Mas ela já quase alcançara a porta. Abriu-a de repente e saiu com rapidez ao corredor. Ouviu como Gray amaldiçoava enquanto a seguia a grandes pernadas.

—Necessitará uma vela - lhe disse enquanto lhe estendia uma. - Sem ela poderá cair.

Mas Corrie continuou correndo, com o cabelo flutuando sobre suas costas, e o corpo pulsando em lugares nos que jamais havia sentido nada parecido.

Santo Deus, precisava ter mais cuidado, precisava manter-se afastada do conde e não sucumbir a forte atração que sentia por ele. Pensou em Laurel, grávida e sozinha.

Por todos os Santos, não queria acabar sendo vítima do desejo de um homem.

Mas ao pensar em Gray e nas selvagens sensações que provocara em seu interior, não podia deixar de perguntar-se se o risco bem valia a pena.

Corrie tremia em silêncio enquanto seu corpo seguia palpitando de necessidade, sabendo que, se não tomasse cuidado, esse conde do demônio ia ser sua perdição.

Gray percorreu o corredor até o estúdio com a mente exausta e o corpo ainda pulsando pelos



restos de uma necessidade insatisfeita. Dissera a Letty a verdade. Esteve vagando pelo jardim e logo foi ler por um momento porque não podia dormir. Ocorria-lhe com muita frequência. O sexo o proporcionava um alívio temporário, mas levava semanas sem estar com uma mulher.

Gray suspirou. Queimara suas chances com a Bethany. Não encontraria alívio ali. E, a verdade, só desejava a uma mulher. A essa criatura misteriosa que vivia sob seu próprio teto.

Em meio da escuridão se dirigiu para um abajur, acendeu a mecha e se sentou atrás da escrivaninha. Tirando uma folha de papel da gaveta, agarrou uma pena e tinta para escrever uma nota.

Escrevia a um amigo de Londres, um homem chamado Randolph Petersen ao que conhecia desde antes de entrar no exército. Nesse momento, Dolph trabalhava para o Ministério da Guerra, fazendo uns trabalhos de investigação dos quais não podia falar. Pouco depois, o homem se converteu em um exclusivo investigador privado, o melhor se Gray confiava no que se dizia dele. Dolph era o tipo de homem que fazia bem seu trabalho, sem importar quanto tempo lhe levasse fazê-lo.

Na carta, Gray lhe dizia que queria lhe contratar para investigar a uma mulher chamada Letty Moss, a suposta esposa de seu primo Cyrus Moss. Dava ao Dolph os poucos detalhes que conhecia, lhe dizendo que, ao que parece, Letty vivera com o Cyrus perto de York até que este abandonara a Inglaterra para fazer fortuna na América, que ela parecia estar na miséria e necessitar ajuda.

"Averigua o que possa e me responda logo que te seja possível - finalizou. Logo assinou: - Seu amigo, Gray Forsythe, conde de Tremaine."

Selou a carta com uma gota de cera e a cunhou com o selo da família Tremaine - o emblema de um leão com um par de sabres cruzados debaixo, - e a levou a sua suíte. Pela manhã, enviaria Samir em um carro de aluguel a levar a nota a Londres.

Tremaine pensava nisso ao entrar em seus aposentos, perguntava-se o que poderia descobrir Dolph, e estava meio tentado a romper a mensagem em mil pedaços. Desejava a Letty Moss. Não queria que Petersen descobrisse algo desagradável que o obrigasse a desfazer-se dela.

Ali parado, sob o tênue resplendor do abajur, golpeou ligeiramente a carta contra a superfície da penteadeira, logo a deixou em cima, sabendo que a única coisa que faltava era enviá-la.

—Está preocupado - disse Samir, saindo silenciosamente de entre as sombras. - Essa mulher não lhe proporcionou alívio esta noite.

—Não.

—Ela o deseja. vê-se em seus olhos quando o olha. Que deseja de você em troca de seu corpo?

Gray quase sorriu. Samir pensava que cada pessoa tinha um preço. Só fazia falta descobrir qual era.

—Acredito que ela tem medo. Só esteve com seu marido, e deve ter sido muito mau amante.

—Isso é óbvio. Mas você é um perito na arte da sedução. Poderá lhe ensinar tudo o que precise



aprender.

—Suponho. Com o tempo. - Mas o tempo era algo que parecia escapar das mãos cada vez que estava com a Letty Moss.

Deu a carta a Samir.

—Entrega-a amanhã, de acordo? Possivelmente possamos descobrir a verdade sobre a senhora Moss.

Samir se inclinou respeitosamente.

—Como você desejar, sahib. - E desapareceu na escuridão, deixando Gray sozinho.

Letty era só uma mulher, pensou, não muito distinta de qualquer outra com quem esteve. Mas havia algo nela... algo que o fazia pensar que podia ser alguma coisa mais do que parecia.

Riu-se de si mesmo. Era só seu corpinho delicioso o que o atraía, isso, e a fogosa paixão que vislumbrara dentro dela, e que estava desejando provar. Sem importar o que Dolph descobrisse de Letty, Gray tencionava possuí-la. Uma vez que tivesse provado seus encantos, ela seria simplesmente outra mulher, uma da que poderia cansar-se e, com o tempo, esquecer.

Gray pensou na vida que levava, nos países que visitara, nas mulheres que conhecera. Até que retornou a Inglaterra, jamais havia sentido essa inquietação, esse vazio que ameaçava devorá-lo.

Ou possivelmente sim, sentira antes. Possivelmente todos esses anos que passou viajando, os anos que vivera na Índia, sentira-o no mais profundo.

Mas não foi até depois de que Jillian morreu que já não pode ignorá-lo mais.

O que era que estava procurando? O que era isso que queria mas que o evitava, que sempre parecia revoar fora de seu alcance? Não sabia, e possivelmente fosse melhor assim.

Gray suspirou de novo. Fechou a mente a esses pensamentos não desejados, despiu-se, apagou de um sopro o abajur e subiu à cama vazia.

Capítulo 11

Quando Allison entrou precipitadamente em seu dormitório a primeira hora da manhã seguinte, Corrie estava ainda atordoada por outra noite de sonho inquieto.

—Venha! se levante! Há uma mulher que quer verte, uma costureira recém chegada de Londres. Todo mundo fala disso.

Corrie abriu os olhos e olhou piscando a luz do sol que entrava em torrentes pela janela.

—Date pressa! - Allison retirou as mantas e a agarrou pela mão puxando-a com força.

—Pelo amor de Deus, o que está fazendo? - Meio sonolenta, Corrie deslizou as pernas por um lado do colchão. Depois de seu encontro com o conde a noite anterior, estava exausta.



Inclusive depois de ir para a cama, foi impossível dormir.

—Hei dito que chegou uma costureira de Londres, uma desenhista de roupa francesa. O conde a fez vir. Tem que te vestir. Estão-lhe esperando ela e o conde.

—O que?

Allison começou a mover-se a toda pressa pelo dormitório, recolhendo a roupa interior e escolhendo um vestido de musselina de uma suave cor pêssego e as pequenas sapatilhas a jogo.

—Ao que parece, o conde disse a Rebecca que já que formas parte da família, é obrigação dela que vá adequadamente vestida. Conforme parece, discutiram a respeito. O conde simplesmente a ignorou.

Corrie pensou no decidido homem com o que se topou no corredor a noite anterior.

—Não me surpreende. Está muito acostumado a sair-se com a sua.

—Possivelmente deveria dizer-lhe você mesma quando descer.

—Não penso descer. - Depois do encontro apaixonado que tiveram, a última pessoa que Corrie desejava ver era a lorde Tremaine.

—A governanta me disse que se não descia, o conde e a costureira subiriam a seu quarto.

—Demônios!

—Exato. Deveríamos nos apressar.

Tão rapidamente como pôde, Corrie colocou a roupa interior, as meias e as sapatilhas, logo pôs o vestido de musselina cor pêssego. Allison lhe escovou o cabelo enredado e com rapidez o sujeitou aos lados com um par de pentes de prender cabelos de tartaruga marinha.

—Não posso acreditar nisso - se queixou Corrie. - Em Londres, tenho um armário cheio de roupa. Não necessito mais.

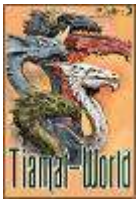
—Não, mas o conde não sabe. Acredita que é Letty, recorda? - Corrie gemeu. - Tem que fazer o melhor possível.

Resignando-se, aspirou profundamente e se dirigiu à porta. Ao pé das escadas se encontrou com a governanta, a senhora Kittrick, uma mulher robusta, com um enorme busto e o cabelo cinza escuro.

—Estão a esperando na salinha azul céu, - tratava-se de uma salinha cujo teto foi pintado durante o Renascimento com querubins flutuando em umas macias nuvens brancas no meio do céu azul.

—Me Siga, por favor.

Seguiu à robusta mulher que poucas vezes subia as escadas. Sempre estava ocupada trabalhando, e parecia muito eficiente. Corrie duvidava que Rebecca esperasse outra coisa do pessoal. Procurando coragem para enfrentar o conde, Corrie acompanhou à governanta a salinha. Tremaine esperava ao lado de uma mulher alta, esbelta, com a cara ligeiramente enrugada e o cabelo escuro que começava a clarear.



—Aqui estou, tal como insistiu - disse Corrie. - Mas não necessito que me compre roupa, - obrigou-se a olhá-lo, negando-se a pensar na noite anterior, e rezou para não ruborizar-se.

—O certo é que sim o precisa - disse ele. - Se por acaso não o recorda, estragou um vestido o dia que salvou a esse cão sarnento. Duvido que trouxe muitos contigo, e embora o tenha feito, não durarão muito tempo mais.

—O duro olhar do conde se suavizou. - Deixe-me fazer isto por ti, Letty. Posso me permitir o luxo. Eu gostaria de te dar de presente uns vestidos.

Ela se sentiu uma autêntica estelionatária. Tinha um dos melhores enxovais de Londres. De fato, sentia-se muito orgulhosa de seu guarda-roupa. Como ia deixar que o conde gastasse seu dinheiro em uma mulher que possuía roupa de sobra e que fora ali com a firme intenção de o acusar de assassinato?

Tentou pensar o que faria Letty, ou pelo menos a Letty que ela fingia ser. Estendendo o braço, agarrou-o pela mão.

—Por favor, milord. Já me humilhei bastante à ver-me forçada a vir aqui para solicitar sua ajuda. Tomaria como um favor pessoal que não me fizesse sentir pior me obrigando a aceitar mais generosidade por sua parte. Não necessito tanta roupa.

Gray parecia aturdido, como se nenhuma das mulheres que ele conhecia tivesse rechaçado jamais um presente como esse.

—Precisa de vestidos, Letty.

—Logo receberei meu estipêndio. Assim que disponha desse dinheiro, poderei comprar o que necessite.

O conde franziu o cenho.

—Está segura? A maioria das mulheres aceitariam encantadas meu presente.

—Eu não sou como a maioria das mulheres, milord.

—Não - disse ele com suavidade, com essa voz profunda que lhe provocava calafrios. - Estou seguro de que não o é - voltou-se para a costureira. - É obvio, abonarei-lhe por seu tempo, mais uma generosa gratificação.

A costureira assentiu com a cabeça, parecia satisfeita.

—Obrigado, milord.

Corrie observou como a mulher recolhia sua cesta de costura e esperava enquanto sua ajudante recolhia os tecidos de amostra. Logo ambas abandonaram a sala.

—Obrigado, milord - disse Corrie. Gray só inclinou a cabeça. Tinha um olhar que jamais lhe vira antes; brilhava de admiração.

Pela primeira vez, Corrie se deu conta de quanto desejava que Gray Forsythe fosse inocente do assassinato de sua irmã.

A manhã amanheceu chuvosa, mas quando Corrie se vestiu e ficou pronta para ir ao povoado,



brilhava um sol radiante sobre os verdes prados.

Agradecida por esse dia que a ajudava a dissipar seu persistente mau humor, passou pelos estábulos para ver como se encontrava Homero, que rondava ansioso pela cavalaria onde estava bem atendido.

—Precisa fazer exercício, senhorita, - o moço, um jovem chamado Dickey Michaels, aproximou-se da porta da casinha. - Homero se sente um pouco enjaulado. - O desengonçado jovem coçou as orelhas do cão, e ficou claro que o animal fizera um novo amigo.

Ela sorriu.

—Estou indo ao povoado. Acredita que Homero está suficientemente bem para vir comigo?

Dickey abriu a porta da casinha e o cão saiu correndo, ladrando alegremente e saltando ao redor das pernas de Corrie e a do moço.

—Parece que se encontra muito bem. Acredito que um passeio lhe faria bem.

—E se escapar?

Dickey encolheu os ombros.

—Suponho que se quer ser livre, é nosso dever deixá-lo em liberdade.

—Sim, suponho que sim.

Mas Homero parecia muito contente enquanto brincava de correr diante dela, perseguindo de vez em quando a uma mariposa, cheirando alguma flor ou escavando na suave terra úmida.

Corrie acariciou sua pelagem cinzenta, agora limpa graças ao Dickey.

—Possivelmente obtenhamos alguma resposta desta vez - lhe disse ao cão enquanto se afastavam da casa. Entretanto, claro está, Homero não respondeu.

Depois do descobrimento do livro dedicado de Laurel, Corrie sabia que a chapeleira esteve certa. Um dos cavalheiros do Castelo de Tremaine foi o homem do qual Laurel se apaixonou.

A pergunta era: qual deles?

Possivelmente soubesse alguém do povoado, mas se era assim, quem? E como poderia conseguir que o dissessem? Lhe ocorreu que os amantes não puderam se reunir no castelo.

Possivelmente alguém da taberna os vira juntos.

Enfiou nessa direção, passando por diante das lojas e de várias carretas. Homero ladrou a um enorme mastim cor canela que havia em uma delas, preso, graças a Deus.

Dirigindo-se ao extremo afastado do povoado, Corrie avistou um pouco mais adiante a taberna O Dragão Verde.

—Fique aqui - disse ao Homero, perguntando-se se em realidade o faria. Logo Corrie subiu as escadas de madeira, abriu a porta e entrou no interior.

À esquerda da entrada de pedra estava o recinto principal da taberna, uma câmara com o teto baixo e cheio de fumaça, com vigas sem desbastar e chãos de carvalho. Corrie seguiu a uma das criadas, esperando que estivesse disposta a falar com troca de dinheiro.



Corrie tirou uma moeda de prata da bolsa e a sustentou em alto diante da cara plaina e redonda da mulher. Era jovem, loira e bonita, com muito peito que mostrava pelo decote franzido da blusa de algodão.

Por um instante, a mente de Corrie retornou a noite anterior, quando sentira a mão do conde lhe cavando os seios, e o calor de sua boca sobre a pele.

Tentando não ruborizar-se, afugentou com força a vergonhosa lembrança e centrou a atenção na criada.

—Você gostaria de ganhar esta moeda?

A garota a olhou com receio.

—O que teria que fazer em troca?

—Como se chama?

—Greta. Greta Tweed.

—Conhece os cavalheiros que vivem no Castelo de Tremaine, Greta?

Ela assentiu com a cabeça.

—Ali vivem o conde, seu irmão e o jovem lorde Jason a maior parte do tempo. - Tratou de agarrar a moeda, mas Corrie a afastou.

—Um deles se via com uma jovem chamada Laurel Whitmore. A garota vivia em Selkirk Hall. Sabe qual deles foi? - Manteve afastada a moeda enquanto a jovem a olhava com desejo.

—Apostaria o que fosse que foi lorde Jason. - Sorriu amplamente. - Esse homem é como um touro. Poderia fazer perder a cabeça a qualquer mulher simplesmente aproximando-se dela.

—Estava claro que falava por experiência, e Corrie sentiu que ficava vermelha como um tomate.

—Mas suponho - pressionou - que não tem maneira de saber com certeza.

Greta encolheu uns ombros arredondados e sardentos.

—Os três são bonitos como o pecado. Poderia ter sido o próprio conde. Ele não paga por seus prazeres como o outro jovem. A maioria das vezes se deita com as que se chamam a si mesmas damas. Se eu fosse a filha de um visconde também o faria, mas não parece o tipo de homem que se ataria com uma garota inocente. Diria que se sente mais atraído por mulheres com experiência.

Greta se aproximou mais.

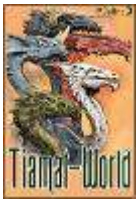
—Pelo que ouvi, é como um garanhão. Dizem que se converteu em um estudioso das artes eróticas quando esteve na Índia. Que sabe como agradar a uma mulher. - Sorriu amplamente.

—Não me importaria comprová-lo por mim mesma.

Com a cara ardendo e desejando poder dar meia volta e correr para a porta, Corrie deu a moeda à garota.

—Há alguém que possa saber com certeza qual dos três foi?

—Normalmente sei tudo o que passa por aqui. Se um dos três se deitou com a garota, mantém-no em segredo.



—Obrigado por sua ajuda, Greta. - Voltando-se, Corrie se dirigiu à porta, ignorando os olhares de curiosidade dos homens da taberna enquanto ela saía a brilhante luz do sol.

Não deveria ter ido. Não era correto que uma mulher entrasse sem acompanhante em uma taberna, mas era a classe de lugar onde se estava acostumado a encontrar informação em troca de dinheiro, e precisava tentá-lo.

Teria sido Gray? perguntou-se a si mesma pela centésima vez. Teria usado esses poderes demoníacos que tinha para atrair a inocente Laurel? Depois do encontro noturno da noite anterior, não ficava dúvida de que tinha a habilidade suficiente.

Um latido ao pé dos degraus reclamou sua atenção. Homero estava sentado esperando sua volta com a língua pendurada. Endireitou as orelhas quando a viu, e Corrie sorriu, feliz de que o vira-lata tivesse decidido ficar. Era bom ter amigos perto - embora fossem seres peludos - em uma casa onde havia tantas intrigas tecendo-se ao redor dela. Pensou no conde e sentiu uma pontada de culpabilidade ante o que permitira que acontecesse. Possivelmente fosse certo isso que diziam do desejo. Que era algo que te escolhia, não o inverso.

Deixando atrás a taberna, Corrie percorreu a rua principal do povoado. Parecia haver algum tipo de briga na loja de comestíveis dos Pendergast. Surpreendeu-a ver o conde falando com um menino de uns dez anos.

O proprietário da loja também estava ali, um homem robusto com frisadas costeletas cinzas.

Sentindo uma grande curiosidade, dirigiu-se nessa direção, mas se manteve colada aos edifícios para não chamar a atenção.

—Não sabe que roubar é um crime? - dizia Gray ao menino, um pequeno fraco, com o cabelo escuro e sujo e algumas mechas revoltas e coladas à cabeça.

—Sim, milord.

—Tem fome? Por isso roubou o pão?

—Isso não vem ao caso - interrompeu o lojista. - Este menino deve receber um castigo. Um bem duro, é a única maneira de que aprenda a distinguir entre o bem e o mal.

O moço empalideceu e os olhos escuros pareceram ainda maiores no magro rosto. Gray dirigiu ao proprietário da loja de comestíveis um olhar de advertência enquanto apertava os dentes.

Corrie supôs que devia estar recordando as surras que recebeu quando era pequeno.

—Perguntei-te por que roubou o pão.

Um olhar às duras feições do conde e Corrie sentiu uma pontada de piedade pelo menino.

O moço o olhou; sua expressão era uma mescla de medo e desafio.

—Meu pai morreu de uma enfermidade pulmonar. Minha mãe e eu viemos de Londres para ficar com a irmã de mamãe, mas quando chegamos, tia Janie já se foi. Não tínhamos comida. Mamãe está fraca como um gatinho. Eu... eu não quero que morra como papai.

O lojista explodiu.



—Vou procurar um agente de polícia. Não tolerarei os roubos, não me importa que desculpa tenha o moço.

—Tranquilo, Pendergast. Não é necessário precipitar as coisas. - A ordem implícita na voz de Tremaine fez que a demanda soasse como se sua palavra fosse lei. O menino ficou a tremer quando olhou o duro gesto do conde.

—Como te chama, filho?

—Georgie Hobbs, milord.

—Onde está agora sua mãe?

—Na casa onde vivia a tia Janie. A dois quilômetros do povoado.

—Sabe que roubar está mau?

O menino baixou a vista e arrastou a gasta ponta do sapato.

—Sim, senhor.

—Se voltar a fazê-lo, deixarei que o senhor Pendergast chame o agente de polícia para que o encerrem. entendeste?

Georgie Hobbs assentiu com a cabeça.

—Sim, senhor.

Pendergast abriu a boca para protestar, mas o conde elevou uma mão.

—Eu pagarei essa barra de pão que roubou, e também um pouco de queijo e carne. O levará a sua mãe. Quando os dois tenham comido, iram ao castelo e me pagará a comida com seu trabalho.

Se não aparecer, eu mesmo te irei procurar. Então sim que te darei pessoalmente o que o senhor Pendergast acredita que te merece. ficou claro?

—Sim, senhor.

—Tenho sua palavra?

—Sim, milord. O juro por minha honra!

—Lhe dê o que necessita - disse Tremaine ao dono da loja, - e aponte-o em minha conta.

—Sim, milord. - O lojista parecia satisfeito de ter feito uma venda com a que não contava.

Deixando que o menino seguisse ao senhor Pendergast, o conde deu a volta e começou a andar na direção que estava Corrie. meu deus, deveria haver partido antes. Agora ele ia para ela e não tinha escapatória.

Gray ergueu a cabeça quando a viu.

—Senhora Moss? não acreditava que voltaria a te ver tão logo. Depois da topada com a costureira, supus que estaria encerrada no dormitório durante vários dias, te ocultando como um coelho assustado.

Sentiu como a irritação a invadia. Não era covarde, e jamais o foi.

—Então estava muito equivocado, milord. - O conde arqueou uma sobrancelha e a Corrie ocorreu que era Coralee Whitmore a que não era covarde, Letty Moss não era tão valente. - Quero



dizer... me dou conta de que o que aconteceu não foi culpa dela.

—Não?

—Bom, depois de tudo estou casada. Não deveria ter permitido que as coisas chegassem tão longe.

Tremaine não respondeu, mas estava claro que ele não se arrependia absolutamente do acontecido.

Homero se aproximou justo nesse momento, ladrando e suplicando atenção. Agradecida pela distração, Corrie se inclinou e aplaudiu sua cabeça.

—Já é hora de voltar - disse ela. - Justo agora me dirigia ao castelo. - Jogou um olhar à loja de comestíveis e soltou um elogio reticente. - Esteve bem o que fez, milord. Não me parece apropriado castigar a um menino por tentar alimentar a sua mãe.

—Não. Mas, igualmente, roubar tampouco é a solução. Não poderei manter minha promessa se o moço não cumprir com sua palavra.

Corrie não o duvidava. Tremaine foi comandante no exército. A disciplina e a honra formaram parte de sua vida. A honra. Quando havia ela começado a pensar em que esse conde do demônio era um homem com honra?

—Eu também me dirigia a casa - disse ele. - Te acompanharei para me assegurar de que chegue sã e salva.

Corrie conteve o impulso de rechaçar sua escolta, de lhe dizer que não o necessitava nem desejava o ter perto. Já era bastante perturbador viver no mesmo lugar que ele. Mesmo assim, ela era sua convidada.

Não ficava mais remédio que aceitar sua companhia. O conde recuperou o cavalo e logo caminhou junto a Corrie pelo atalho, com o Homero atrás. Nenhum deles falou muito durante o passeio, e ela encontrou o silêncio inesperadamente agradável.

—Parece gostar do povoado - disse ele finalmente. - Passa bastante tempo ali.

Ela encolheu os ombros, não queria que ele se desse conta disso.

—Eu gosto de passear por ali. Os habitantes do povoado são gente amigável.

Deixaram o garanhão e o cão com o Dickey, que esperava diante dos estábulos. Tremaine a pegou pelo cotovelo para ajudá-la a subir os altos degraus de pedra que conduziam à porta, a qual se abriu antes que chegassem. Quando entraram, o criado de Gray, o moreno hindu, estava-os esperando.

—O que acontece, Samir? - perguntou Tremaine.

—Chegou uma carta para você, mensahib. Chegou enquanto estava no povoado.

Corrie olhou ao homenzinho e franziu o cenho.

—Como sabia que estava no? Não importa. - Tomou a carta dirigida a Letty Moss. - Desculpa, milord?



Ele fez uma breve reverencia.

—É obvio.

Dando meia volta, Corrie se dirigiu a seu dormitório. As únicas pessoas que sabiam onde encontrá-la, que conheciam essa identidade, eram tia Agnes, Allison, Krista e Leif. Escrevia a seus pais, é obvio, mas como não queria que suspeitassem de nada, recebia todas suas cartas em Selkirk Hall e era Allison quem as trazia.

Corrie baixou a vista à carta que levava na mão. Era da Krista, observou enquanto fechava a porta do dormitório e rompia o selo de lacre. A mensagem era breve.

Leif contratou ao Dolph Petersen para investigar ao Grayson Forsythe. O senhor Petersen diz que a morte da condessa foi devido a um acidente de navio. Não encontrou nenhuma prova incriminatória.

Diz que o conde estava com a Bethany Chambers, condessa de Devane, na noite que Laurel morreu. Não abandonou sua casa até a manhã seguinte. Dolph diz que Tremaine não conhecia Laurel. Por favor, volta para casa.

Seus amigos,

KRISTA E LEIF

Sua mente era um torvelinho. "Não fora Gray. Não fora Gray. Não fora Gray."

As palavras lhe davam voltas na cabeça e sentiu um alívio tão profundo que se enjoou. deixou-se cair na banqueta que havia aos pés da cama justo quando Allison batia na porta e entrava no quarto.

—O que te passa? O que ocorreu? - A touca estava um pouco torcida sobre seu cabelo escuro quando se apressou para onde Corrie estava sentada. - Te encontra bem? Parece um pouco sufocada.

Corrie estendeu a carta.

—Não foi Gray... quero dizer, lorde Tremaine. Estava com sua amante essa noite. - E embora esse fato a incomodava, lhe tirou um incrível peso de cima ao saber que o homem que a atraía com tanta ferocidade nunca fora o amante de Laurel.

Com o qual era muito pouco provável que ele fosse o responsável pelo que aconteceu a Laurel e a seu bebê aquela noite.

Allison leu a carta e a devolveu.

—Pensava que fora o conde, mas não o foi, podemos voltar já para casa?

Corrie suspirou.

—Não foi Gray, mas o livro que encontrei no estúdio prova que Laurel estava apaixonada por um dos homens desta casa. Tudo o que temos que fazer é averiguar qual deles foi.

—Isso é tudo o que temos que fazer? - disse Allison com sarcasmo.



—Está claro que tem que ser um deles.

—Por que não o pergunta? Talvez o culpado lhe diga isso.

Santo céu, ela não podia fazer isso. Ou sim? A dúvida a corroía. Não lhe podia perguntar nem ao Jason nem ao Charles, mas por que não ao Gray? Confiava no que descobrira Dolph Petersen, o que queria dizer que Gray jamais se relacionou com Laurel. Mas possivelmente o conde sabia qual dos outros dois homens fora.

Um estremecimento de inquietação atravessou ao Corrie. Se queria averiguar o que sabia o conde, teria que falar com ele, passar tempo com ele, ganhar ao menos uma parte de sua confiança.

Santo Deus, ela mal podia pensar quando ele estava perto. Não confiava em si mesmo quando estava com ele, não confiava nesses selvagens e caprichosos sentimentos que Gray despertava nela com tanta facilidade.

Mas se dirigia as coisas com muito tato, se mantinha sob controle suas palavras e seu corpo, possivelmente ele poderia dizer o que Corrie sentia tantos desejos de saber.

—Eu não gosto nada desse olhar - disse Allison, que começava a conhecê-la muito bem.

—Acredito, querida Ally, que acaba de ter uma ideia muito boa.

—O que? Estava brincando, Coralee. Simplesmente não pode perguntar!

—Não, mas se manejo bem as coisas, possivelmente possa surrupiar a informação ao conde.

Allison assinalou a carta que Corrie tinha na mão.

—Talvez este senhor Petersen possa averiguar qual dos dois foi.

Corrie assentiu com a cabeça.

—Boa ideia. Deveria haver me ocorrido antes. Sabia que tinha boas razões para que viesse comigo.

Dirigindo-se à cama, ajoelhou-se e tirou uma mala, abriu-a e escondeu a carta em um bolso interior.

—Escreverei a Krista esta mesma noite, explicarei-lhe que encontrei o livro de Laurel, e que ela encarregue ao senhor Petersen que continue a investigação com os outros dois Forsythe.

Enquanto isso, verei o que posso averiguar do conde.

Allison gemeu.

Reprimindo um sorriso, Corrie se dirigiu à porta.

—Voltarei dentro de um momento.

—Está segura de que sabe o que está...?

Corrie fechou a porta com um suave estalo, logo se deteve no corredor para reunir coragem. Não queria passar mais tempo com o Gray, mas necessitava informação e, para obtê-la, não ficava outra alternativa.



Capítulo 12

Corrie encontrou o conde no estábulo, escovando seu enorme cavalo negro. Ele não pareceu notar sua chegada, assim que ficou ali o observando, tentando reunir coragem para aproximar-se onde estava ele escovando o garanhão, ao que logo colocou uma manta sobre o lombo antes de depositar em cima a sela de montar de pele.

Embora fosse um homem alto e largo de ombros, denotava certa graça sutil e economia de movimentos. Soltou-se uma mecha de cabelo da faixa de veludo negro com o que o sujeitava na nuca, roçando um dos cinzelados maçãs do rosto, e a Corrie contraiu o estômago.

Sentiu o estranho desejo de soltar a faixa e deslizar as mãos pelo lustroso cabelo para descobrir se era tão sedoso como parecia. Desejou que a envolvesse entre seus braços e que a beijasse da mesma maneira que a beijara a outra noite.

Demônios! Estava acontecendo de novo, e nem sequer estava perto dele!

—Se segue me olhando desse modo, farei exatamente o que está pensando.

Ela deu um salto e um rubor de culpa lhe cobriu as faces.

—Eu... só pensava que... o certo é que faz um dia muito agradável para montar a cavalo.

Gray fez uma pausa enquanto apertava a cela.

—Quer montar a cavalo, Letty?

—Sim, mas não sou muito boa. - Recebera lições, é obvio. A Krista gostava muito de montar e era uma amazona perita, mas Corrie montara sobre tudo pelo parque como ditava a moda.

—Está no campo - disse ele. - Acredito que hoje será um bom dia para que comece a desenvolver suas habilidades.

—Mas não é possível?

—Viveste em uma granja. Sem dúvida alguma terá um traje de montar.

—Bom, sim... é obvio. - Allison insistira em que levasse um. Como se supunha que Letty vivia em uma granja, fora, sem lugar a dúvidas, uma boa ideia.

—Esperarei aqui enquanto entra e se troca.

Corrie vacilou ao pensar em uma tarde de equitação com o Tremaine, a sós com ele, sentindo esses estranhos e inconvenientes desejos que parecia não poder controlar.

Por outro lado, precisava ganhar sua confiança. Não poderia fazê-lo a menos que passasse mais tempo com ele.

Era um pensamento aterrador.

Controlou-se e esboçou um sorriso.

—Como você deseja, milord.

Homero ladrou a seu lado enquanto voltava com rapidez para o castelo.



Com a ajuda da Allison, conseguiu estar de volta nos estábulos vinte minutos mais tarde vestida com um traje de montar de veludo de cor verde escura e um pouco desgastado. Uma pequena égua alazã estava parada docilmente ao lado do enorme arreios escuros do conde. Moveu as orelhas quando Corrie se aproximou.

—É preciosa.

—Tulipa é muito dócil. - Tremaine deslizou uma mão pelo pescoço lustroso da égua, e Corrie sentiu como se a tocasse a ela. - Não dará problemas.

—Estou segura de que se comportará bem. - Tinha claro que se alguém ia dar problemas esse seria o conde de Tremaine.

Aproximou-se da égua e aplaudiu o pescoço, procurando manter a distância com o Gray, e levantou o olhar para o garanhão negro.

—O que fará Rajá? Não incomodará a Tulipa?

—A égua não está no cio - disse ele com franqueza, provocando que o rubor alagasse as faces de Corrie. - Se comportará bem.

Ela só pedia que Gray também se comportasse.

—Aonde vamos?

—Tenho que visitar um de meus arrendatários. Sua esposa está grávida e quero me assegurar de que não lhes falte de nada.

Assim que se preocupava com seus arrendatários. Isso a surpreendeu. Para ela, ele era esse conde do demônio, mas os demônios não se preocupavam com outros.

—Pronta? - perguntou ele, e ela assentiu com a cabeça. Aproximando-se dela, colocou-lhe as mãos na cintura e a levantou sobre a sela de amazona. Corrie teve que lembrar-se de soltar o fôlego que continha.

Inclusive através do espartilho, sentiu o calor das mãos do conde muito tempo depois de que ele a tivesse soltado.

Gray subiu no cavalo negro e o guiou para a saída do estábulo, e Tulipa o seguiu. Corrie levava meses sem montar, mas não demorou para recordar as lições que recebera ao longo dos anos, e se sentiu cada vez mais cômoda na cadeira de amazona. As rédeas de couro encaixavam perfeitamente entre seus dedos enluvados, e o sol esquentava seu pescoço.

—Monta muito bem, senhora Moss - disse Tremaine com um sorriso quando ficaram lado a lado. Havia um brilho em seus olhos que sugeria que a montada a que se referia não tinha nada que ver com a equitação.

Ou possivelmente sim.

Ruborizou-se levemente e esperou que Gray não se fixasse.

—Obrigado - respondeu ela com educada formalidade.

Os cavalos avançaram docilmente através dos extensos prados verdes, e uma vez que o conde



se sentiu satisfeito com suas habilidades, assim como ela, apertou o passo. Tulipa ia a meio galope como se não existisse nenhuma preocupação no mundo, e Tremaine obrigou a seu garanhão a manter o mesmo ritmo.

Levavam cavalgando quase uma hora quando ele se deteve no alto de uma colina.

—Essa é a casa do Peter e Sarah Cardigan, aí, justo na divisa do bosque. - Assinalou naquela direção e Corrie divisou uma cabana quase tão baixa com o telhado de palha de onde saía uma coluna de fumaça pela chaminé.

Gray açulou ao garanhão, e Tulipa lhe seguiu o passo. detiveram-se diante da pequena casa branqueada, e Gray se aproximou para ajudar a descer a Corrie. Ela se esticou quando sentiu suas mãos na cintura para descê-la do cavalo. Em lugar de deixá-la no chão, atraiu-a para ele, lhe fazendo sentir a dureza de seu corpo palmo a palmo.

Corrie ficou sem fôlego. O coração começou a lhe palpar com força.

—Baixa me, Gray.

Ele curvou brandamente a boca como se tivesse obtido uma pequena vitória, e ela se deu conta de que o chamara por seu nome de batismo, como ele queria.

—Como deseja.

Deixou-a no chão e deu a volta, atou as rédeas dos cavalos a um poste diante da casa, logo a guiou até a porta e chamou.

Recebeu-os um suave gemido.

—Senhora Cardigan? - perguntou Gray em voz alta.

—Por favor? - sussurrou uma mulher, tão brandamente que quase não se ouvia. - Por favor, me ajude!

Gray empurrou a porta entreaberta e entrou na casa, Corrie se apressou a entrar atrás dele. Com rapidez, cruzaram uma sala pequena mas confortável com móveis feitos à mão e com toalhas de mesa de agulha de crochê, depois passaram por uma área que servia de cozinha até um acolhedor dormitório. Havia uma mulher gemendo na cama, a enorme proeminência de sua barriga era visível sob o lençol; tinha o cabelo escuro esparsos sobre o travesseiro.

Tremaine se aproximou de seu lado e lhe agarrou uma mão tremente.

—Senhora Cardigan, onde está seu marido? Onde está Peter?

Ela trágou e molhou os lábios ressecados.

—Foi... foi buscar a parteira. Disse-lhe que não havia tempo, mas... mas ele não sabia que mais fazer. - Gemeu de dor e começou a ofegar para recuperar o fôlego. - Por favor, me ajude.

O conde olhou a Corrie.

—Necessitaremos água quente e panos limpos. Acende o fogão. O poço está fora.

—O que... o que vais fazer?

—Vou ajudar à senhora Cardigan a ter a seu bebê, - girou, tirou a casaca de montar e a atirou



sobre uma cadeira, logo se inclinou para afastar o lençol.

Corrie aumentou os olhos.

—Mas... mas não quererá dizer que?

O conde se voltou para ela, olhando-a com dureza.

—Faz o que te hei dito. Esta mulher necessita nossa ajuda. Sai e me traga o que te pedi! - O tom autoritário de sua voz a tranquilizou, e se dispôs a fazer o que ele queria.

Corrie tragou, aspirou profundamente e assentiu com a cabeça.

—Sim, sim, claro. Água e panos limpos. Trarei-lhe isso tão rápido como possa.

O conde pareceu aliviado. Corrie saiu do dormitório e foi à diminuta cozinha. Havia um fogo aceso no velho fogão de ferro, mas não esquentava o suficiente. Depois de tirar o chapéu e a jaqueta, acrescentou alguns troncos, agarrou o balde do gancho e correu fora. Jamais fizera as tarefas da casa, mas não demorou para descobrir como subir o balde do fundo do poço e jogar a água no que ela havia trazido consigo.

Um agudo grito cortou o ar e Corrie se estremeceu com tanta força que quase derramou a água. Temendo pela mãe e o menino, levou o pesado balde à cozinha e jogou o conteúdo em uma caçarola que havia sobre o fogão.

Panos limpos.

Jogou uma olhada a seu redor. Graças a Deus, havia um montão de roupa branca e limpa em um extremo da mesa; aparentemente, a senhora Cardigan fazia os preparativos para o iminente nascimento de seu filho.

Corrie sentiu uma opressão no peito. Nunca esteve com uma mulher no momento de dar a luz, mas ouvira histórias sobre as terríveis dores e o sofrimento que se padecia.

A mulher gritou outra vez, os gritos eram cada vez mais seguidos, e Corrie pensou em Laurel e a dor que teve que suportar para trazer seu filho ao mundo. Certamente, faria tudo para proteger um presente pelo qual pagou um preço tão elevado.

Agarrando o montão de panos da mesa, Corrie entrou precipitadamente no dormitório.

—Aqui estão os panos. A água quase? - Se interrompeu com horror quando se deu conta de que a camisola da mulher estava subida até a cintura, deixando-a nua e com as pernas abertas sobre a cama.

Havia sangue nos lençóis e na camisa de linho branca do Gray.

—OH, Meu deus!

Não lhe dirigiu nenhuma olhada, mas sua voz foi suave quando lhe falou.

—Está tudo bem, Letty. Sarah o está fazendo muito bem.

—Mas... há tanto sangue.

—É normal quando se tem um bebê. - Levantou a vista com um leve cenho lhe enrugando a fronte. - Vivendo em uma granja, tem que ter visto o parto de algum animal.



—Bom, eu... - aspirou profundamente. - Como já te hei dito, Cyrus era muito protetor. Acreditava que não era correto que uma dama visse isso.

Gray sustentou o olhar dela durante um instante, logo centrou a atenção na mulher da cama.

—Tudo vai bem - lhe disse. - Letty e eu a ajudaremos.

Corrie tragou saliva e deixou os panos limpos sobre a mesinha de cabeceira. Sarah Cardigan gritou de dor, e Corrie começou a rezar. Santo Deus, não tinha nem ideia de como ajudar a uma mulher a dar a luz! obrigou-se a acalmar-se. Saiu correndo do dormitório para ir ver a água que fervia sobre o fogão. Com uma concha de sopa serviu um pouco em um recipiente menor e o levou ao dormitório, logo foi buscar água fria e agarrou um pano para limpar o suor da cara dessa pobre mulher.

Quando retornou ao dormitório, a pele da senhora Cardigan estava da cor do papel e empapada de suor. Corrie limpou a testa e passou o pano pelo pescoço e os ombros.

—Obrigado - disse Sarah por entre os lábios ressecados. Corrie estendeu o tecido úmido sobre eles, para umedecer-lhe. O conde a olhou, viu o que estava fazendo e algo trocou na expressão de sua cara.

Um grito cortou o ar e Corrie se deu conta de que a cabeça do bebê começou a sair do corpo da mulher. Automaticamente, Corrie agarrou a mão de Sarah, cujos gelados dedos se fecharam com a força de uma garra de aço.

—Está tudo bem - a tranquilizou Corrie. - O conde sabe o que precisa fazer.

Gray lhe dirigiu um olhar irônico, logo voltou a centrar a atenção na mulher. Bom, parecia sabê-lo, pensou enquanto ele insistia com Sarah para empurrar no momento adequado, lhe sussurrando palavras de ânimo com uma voz tão profundamente masculina que a fez estremecer dos pés à cabeça.

—O bebê já vem - disse ele. - Procura uma faca e te assegure de que esteja limpa.

—Uma faca?

Ele levantou a vista.

—E um pedaço de cordão.

Sem ter nem ideia de que necessitaria esses utensílios, Coralee correu à cozinha e encontrou a faca e o cordão no mesmo sítio onde encontrara os panos limpos. Agarrou a faca, comprovou o fio e o lavou na água fervendo, e logo pegou também o pedaço de cordão. Voltando a toda pressa para o dormitório, deixou a faca e o cordão ao lado dos panos, voltou-se e viu o Tremaine inclinado sobre a mulher.

Quando se tornou para trás, sujeitava o recém-nascido, rodeando os tornozelos do bebê com seus longos dedos. Deu-lhe uma rápida palmada no traseiro e o bebê soltou um comprido e agudo grito.

Corrie observou com fascinação enquanto ele utilizava a faca e o cordão para cortar o comprido



cordão que unia ao menino com a mãe, e logo envolvia o bebê em uma toalha de linho e deixava o vulto nos braços de Corrie.

—Eu... não sei como pegar a um bebê - disse ela com nervosismo.

Tremaine fez um som com a garganta.

—Todas as mulheres sabem como pegar aos bebês. Acredito que é algo inato. - Olhou à mulher da cama. - Tem uma filha, Sarah. Uma formosa menina.

As lágrimas escorregavam pelas faces da mulher.

—Que Deus benza a ambos pelo que fizeram. - Era uma mulher bastante robusta, mas bonita, com pernas longas e fortes, o tipo de mulher feita para ter bebês com relativa facilidade.

Enquanto Tremaine limpava o bebê, Corrie trocou os lençóis e ajudou à mãe a colocar uma camisola limpa. Quando terminou, levantou o olhar para o Gray, que embalava à menina. Havia tanta emoção na cara do conde que Coralee conteve o fôlego. Ai, Deus bendito, isso não podia ser desejo. Envolvendo ao bebê em uma manta de lã amarela que encontrou dobrada sobre a penteadeira, aproximou-a da cama e a depositou no braço de sua mãe. Corrie observou a Sarah e ao bebê, sentindo uma estranha sensação de ternura no peito. aproximou-se deles em silêncio.

—É tão pequenina. - Estendeu a mão, ansiando tocar ao bebê, com o coração transbordante de emoção. - É preciosa, Sarah.

—Obrigado. Obrigado por tudo.

O nó que tinha na garganta impediu que Corrie lhe respondesse. Piscou para conter as lágrimas. Ajudou a trazer uma nova vida ao mundo. Era a mais assombrosa, maravilhosa e inacreditável experiência de sua vida. inclinou-se para o Gray e viu em seus olhos a mesma euforia que ela sentia.

Nenhum dos dois disse nada, não queriam romper o momento. Logo, a porta se abriu de repente e Peter Cardigan entrou precipitadamente no quarto.

—A parteira foi atender outro parto. Deus todo poderoso, Sarah, como vamos fazer para...? - Viu o conde e piscou, como se não pudesse acreditar no que via.

—Tem uma filha, Peter. E depois de que descanse um pouco, sua esposa estará perfeitamente bem.

Peter Cardigan simplesmente ficou ali, com um olhar de incredulidade em sua cara vermelha e cheia de sujeira. Sem dizer nada, correu ao lado de sua esposa e se ajoelhou junto à cama.

—Sarah? Deus santo, jamais deveria ter te deixado sozinha.

Sua esposa lhe dirigiu um sorriso cansado mas tranquilizador.

—Está bem, carinho. Sua filha está bem, graças ao conde e sua senhora. Tudo está bem.

Peter Cardigan pareceu recuperar o uso da palavra. Olhou ao Tremaine e começou a agradecer uma e outra vez. Finalmente, Corrie e o conde recuperaram seus pertences e se escapuliram, deixando aos orgulhosos pais com a menina que chamaram Mary Kate.

—Sabia o que fazer aí dentro - disse Corrie ao conde enquanto se aproximavam do poço para



limpar-se. - Já trouxeste mais bebês ao mundo.

Ele assentiu com a cabeça e jogou a casaca ao ombro.

—Na Índia. Houve uma mulher, uma camponesa. Encontrei-a entre os arbustos ao lado da estrada. Não dava tempo para ir procurar ao médico. Ninguém podia ajudá-la salvo eu.

Corrie o estudou com renovado respeito.

—Qualquer outro homem a teria abandonado.

Ele encolheu os ombros.

—Possivelmente. Mas eu não sou esse tipo de homem.

Corrie refletiu sobre isso, acrescentando-o à lista de coisas que começava a saber dele.

—O que lhes aconteceu? Estavam bem?

—Estavam a última vez que os vi, pouco antes de deixar a Índia para voltar para a Inglaterra.

O conde estava falando, lhe abrindo o coração. Corrie necessitava que ele continuasse.

—Parecia muito cômodo com o bebê. Queria ter filhos quando esteve casado?

Tremaine se deteve em seco. Corrie conteve o fôlego, esperando a ver o que respondia.

—Queria ter filhos, depois, não mais.

—Por que não?

—Não fui feito para ser pai. Deveria me haver dado conta antes de me casar. Não saberia educar a um menino.

Ela o olhou.

—Porque jamais tiveste um pai de verdade. - O conde esticou a mandíbula. - Ouvi as histórias. Sei que o anterior conde te tratou muito mal.

Gray fez um gesto de brincadeira como se ela se ficou curta.

—Douglas Forsythe era um verdadeiro bastardo.

Ela deveria haver-se escandalizado por sua linguagem. Mas ao pensar nas surras que devia ter sofrido, na casa sem amor em que crescera, não pôde por menos que estar de acordo.

—Não importa como foi seu pai, vi-te aí dentro com a Sarah e seu bebê, e acredito que seria um pai maravilhoso.

—Bom, pois isso não vai acontecer. Não tenho intenção de voltar a me casar, assim deixa de preocupar-se.

—Mas?

—Já basta, Letty. - Quando Gray pôs-se a andar, apertava a mandíbula com tanta força como nunca antes o fizera. Mas se abria para ela um pouco. Com o tempo, possivelmente poderia obter que falasse de seu irmão e seu primo.

Enquanto caminhava a seu lado, ela pensou no que ele dissera sobre que jamais voltaria a casar-se, que já não queria ter família.

Não deveria havê-la incomodado, mas o fizera.



Gray estudou à mulher que ia a seu lado. Uma vez que se sobrepôs à surpresa do iminente nascimento, abandonou-se à tarefa sem reservas.

Nenhuma das aristocratas que ele conhecia estaria disposta a sujar as mãos para ajudar a uma simples camponesa, mas a Letty parecia não haver importado. De fato, havia-se sentido fascinada pelo milagre do nascimento.

Letty o surpreendera com o passar do dia. E ainda continuava assombrando-o, o qual, supunha, era uma das razões pelas que se sentia tão atraído por ela. Isso e suas respostas inocentes.

E é óbvio, também estava essa natureza tão apaixonada e esse delicioso corpo. Se pudesse lhe mostrar quão bem podiam ser as coisas entre eles!

Pensando na frustração que seguia sofrendo, Gray amaldiçoou em silêncio.

Letty lhe dissera que não se sentia atraída por seu primo, e depois de que Gray superasse seus indesejados e completamente inesperado ciúmes, acreditaria.

—Letty lhe pertencia de algum jeito, e embora negasse e protestasse, era só questão de tempo que admitisse a atração que havia entre eles e deixasse fazer o amor com ela.

Voltou a pensar nas perguntas que lhe fizera sobre seu matrimônio. Era um tema proibido. Não falava sobre sua falecida esposa ou a pena que sofrera quando morreu.

A gente que o conhecia tomava cuidado e não puxava assunto tão doloroso, ou se arriscava a sofrer sua cólera.

Mas Letty não se deu conta de que era um tema proibido, e Gray se surpreendeu respondendo a suas perguntas. Não sabia por que, mas com a Letty não parecia tão difícil falar como com outras pessoas.

Gray considerou cuidadosamente a ideia enquanto caminhava para o poço, com um ânimo cada vez mais sombrio. depois de que sua mãe morrera, construíra um muro a seu redor para proteger suas emoções.

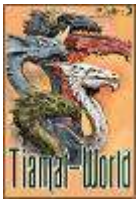
Teve que fazê-lo para sobreviver a esses terríveis anos com seu pai.

Inclusive depois de casar-se, isso não mudara. Jillian fora sua esposa e Gray a cuidara, se sentira destroçado por ter fracassado na tarefa de protegê-la como devia.

Mesmo assim, nunca a deixara aproximar-se muito, nunca baixara a guarda com sua esposa. Não tentara trocar isso.

Não estava preparado para deixar que ninguém, nem sequer a pequena e doce Letty, chegasse até o muro interior que lhe protegera todos esses anos.

Capítulo 13



Corrie estudou as feições sombrias de Gray enquanto se aproximavam do poço.

—É diferente de como pensava que seria. É todo um enigma.

Ele levantou a cabeça. A dureza abandonou sua expressão.

—Você também é um enigma.

Bom, isso era de agradecer, pensou ela. Não queria nem imaginar o tão furioso que ficaria Tremaine se chegasse, ou seja, descobrisse quem era ela em realidade e por que fora em sua casa.

—Soube se colocar à altura das circunstâncias aí dentro - disse Gray. - A maioria das mulheres que conheço se deprimiriam ante a visão de todo esse sangue.

Corrie tentou não parecer encantada.

—Como falei, Sarah necessitava de nossa ajuda.

Tremaine se deteve junto ao poço, deixou a casaca de um lado e içou o balde de água. Corrie não se deu conta de sua intenção até que agarrou a prega da camisa manchada de sangue e a tirou pela cabeça.

Uma pele suave e morena cobria o peito largo e musculoso. Estava coberto por uma espessa capa de pelo escuro que descia pelo estômago plano e musculoso para desaparecer pela cintura das rodeadas calças de montar negras.

Uma quebra de onda de desejo a atravessou, e se assentou no mais profundo do coração de Corrie. A enorme protuberância masculina da braguilha das calças captou sua atenção, e Coralee recordou as palavras da garota da taberna.

"Pelo que ouvi, é como um garanhão".

—Não me olhe desse modo, Letty. Ou terá o que está procurando.

O rubor alagou as faces de Corrie.

—Não estava te olhando, e você, milord, está sendo um presunçoso. Além disso, se olho não é por minha culpa, já que anda tirando a roupa a menor oportunidade.

Ele sorriu amplamente ante sua resposta. Corrie conteve o fôlego ante as mudanças que esse sorriso produziu em sua cara. Parecia mais jovem e era inclusive mais atraente, e quando o sorriso se desvaneceu lentamente, ela se perguntou que aspecto teria se começasse a rir. Teria linhas nas comissuras dos olhos? Soaria sua risada tão profunda, rouca e suave como o fazia sua voz tão frequentemente?

—Sinto muito - disse ele com voz risonha. - Esqueci de seus delicados sentimentos. Por desgracia, não me ocorreu trazer uma camisa limpa.

Jogou água em cima da roupa manchada para limpar o sangue, lavou a cara e o peito e logo voltou a pôr a camisa molhada.

—Satisfaz isto sua modéstia? - perguntou ele, apesar de que o objeto úmido se colava a cada músculo e tendão de seu peito, e resultava tão transparente que ela podia observar seus planos bicos do peito cor bronze.



Uma cálida sensação se assentou em seu ventre e Corrie teve que afastar o olhar. Lavou a cara e as mãos o melhor que pôde e logo se secou com o lenço que lhe deu.

Temendo sua própria reação se o olhasse, observou o horizonte onde as colinas ondulantes se encontravam com o brilhante céu azul.

—É hora de voltar para o castelo.

Corrie pôde sentir os olhos do conde sobre seu corpo.

—Suponho que tem razão.

Pegando a na mão, conduziu-a de volta aos cavalos e a subiu em Tulipa, logo montou no garanhão negro. Depois de um infrutífero esforço por voltar a colocar o chapéu, ele o tirou das mãos e o meteu no alforje de sua sela, logo puseram-se em marcha para o castelo. No que a Coralee concernia, fora uma tarde longuíssima.

Gray fez que Rajá empreendesse um trote suave e Tulipa seguiu seu passo. A formosa tarde que ele teve em mente não terminara de maneira frutífera.

Pensara que depois de uma breve parada para saber sobre seus arrendatários, compartilharia o almoço e um pouco de vinho com a Letty, e que logo faria o amor com ela até que por fim se sentisse satisfeito.

Gray suspirou enquanto cavalgava. Se os planos de um homem podiam se desbaratar em um instante, certamente encontrar-se com uma mulher a ponto de dar a luz fora mais efetivo que qualquer outra coisa que ele pudesse ter imaginado.

Mas apesar disso, quando divisou o afastado bosque onde pensou levar a cabo a sedução, lhe ocorreu que possivelmente seus planos não se desbarataram de todo.

Com apenas pensar em fazer o amor com a Letty ficava duro. Gray fez o cavalo mudar de direção, e Letty o seguiu ao arvoredado. Depois de puxar das rédeas de Rajá para detê-lo, desceu-se da sela de montar.

—Por que paramos?

Gray se dirigiu a grandes pernadas para ela.

—Cavalgamos muito tempo. Parece que necessita de um descanso.

—Encontro-me bem. Não preciso descansar.

—Tenho um pouco de carne e queijo nos alforjes. Não comeu nada desde que saímos.

—Já falei que estou bem.

Ignorando seus protestos, deslizou as mãos pela cintura, e a desceu da sela de amazona para que caísse diretamente em seus braços.

—Letty? - Inclinando a cabeça, cobriu brandamente a boca de Corrie com a sua. Seus lábios eram tão doces como o céu, e o perfume da mulher despertou os sentidos. Riscou-lhe com a língua as comissuras da boca, persuadindo-a para que a abrisse, e o sabor de Corrie o pôs ainda mais duro.

Pôde sentir sua resistência, sua incerteza na leve pressão de suas mãos contra o peito. Gray



ignorou o sutil protesto, beijando-a até que ela emitiu um suave suspiro de prazer, ficou nas pontas dos pés e lhe devolveu o beijo. Ele gemeu para si mesmo. A calidez dessa mulher, a sensação de suas suaves curva contra seu corpo, fez-lhe arder o sangue.

Apertou-a contra suas pernas, lhe fazendo notar quão duro estava, quanto a desejava, quanto precisava estar dentro dela.

—Gray? - sussurrou ela enquanto a beijava no pescoço, e mordiscava o lóbulo da orelha.

—Necessito-te, Letty. - Beijou-a de novo, desta vez mais profundamente, e o corpo de Corrie pareceu fundir-se com o dele.

A necessidade o atravessou, junto com um intenso desejo de fazê-la sua.

—Me deixe me encarregar de ti - sussurrou Gray. - Buscarei um agradável lugar onde viver, cavou os seios e os amassou brandamente. - Uma casinha não muito longe do castelo.

Outro beijo abrasador a fez tremer contra ele.

—Darei o que queira - disse ele com suavidade. - Seja o que for.

Por fim, pareceu que compreendia suas palavras. Mas em lugar de o olhar como se fosse seu salvador, Letty se separou dele violentamente como se a acabasse de esbofetear.

—Não estará sugerindo...? Não pensa que vou converter me em sua amante?

Gray apanhou suas mãos, odiando o olhar de traição em seus olhos.

—Seu marido desapareceu. Não tem nem ideia de quando voltará, ou se retornará algum dia. Necessita um homem que te proteja. Seria tão terrível que eu fosse esse homem?

Corrie ficou com as faces ardendo.

—Não... não estou interessada nesse tipo de acerto. Em umas semanas poderei dispor de minha herança, e então será melhor que vá daqui.

Afastou o olhar e ele pôde notar que a ferira. E isso era a última coisa que tencionava fazer.

—Fui uma tola por deixar tomar estas liberdades - concluiu ela. - Sinto ter causado uma falsa impressão.

Ele captou o brilho das lágrimas um instante antes que ela desse a volta e se afastasse.

—Letty!

Ela o ignorou, tomou as rédeas de seu cavalo e conduziu à égua até um tronco para voltar a montar.

Maldições do inferno! Gray a alcançou e a girou para si, desesperado para que o entendesse.

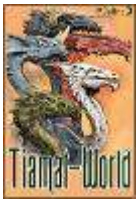
—Deseja-me, Letty. Não pode negá-lo. Me deixe fazer o amor contigo. Posso te mostrar um prazer maior que tudo o que tenha sonhado.

Corrie deu um passo atrás, para proteger-se dele.

—Sinto muito, milord, não posso.

Gray levantou o queixo dela com os dedos.

—Está segura? - Inclinando a cabeça, beijou-a com suavidade nos lábios. - Ficaríamos bem



juntos, Letty. Prometo-lhe isso.

Corrie o olhou fixamente durante longos segundos, e de novo renasceram as esperanças do conde.

Então, ela negou com a cabeça.

—Já lhe disse, não posso.

Ocultando firmemente sua decepção, Gray não disse nada mais. resistiu ao desejo de voltar a retê-la, de tentar uma vez mais que acessasse a seu desejo.

Assim a subiu à sela de amazona com um humor mais sombrio que o de antes. Seu membro pulsava pela necessidade não consumada, e cada vez que olhava a Letty, o fio da luxúria o assaltava.

Não obteria satisfação alguma esse dia, sabia. Mas nem sequer a categórica negativa de Letty a converter-se em sua amante o fazia fraquejar na crença de que logo a seduziria com êxito.

Faria a corte, tomaria, jurou-se a si mesmo, daria a ela o prazer que prometera.

E uma vez que fosse dele, não se negaria de novo.

Gray apertou os dentes com força. Letty Moss se meteu sob sua pele, e não se livraria dela até que a houvesse possuído.

Uma vez que tivesse saboreado sua tímida paixão, uma vez que tivesse satisfeito seu desejo por ela, seria livre desse misterioso poder que ela exercia sobre ele.

Dirigiu-lhe um olhar, percebeu o brilho desse cabelo fogueiro, e seus flancos se incharam com força. Desejava a Letty Moss e tencionava possuí-la.

Esse dia só foi uma pequena amostra do que ele tencionava que fosse uma curta campanha.

Homero ladrou preso a uma correia e meneou com força a cauda, quando Corrie e o conde entraram no pátio. Gray deteve o cavalo e, depois de descer, dirigiu-se para a Corrie e a ajudou a descer também.

Deu-lhe as costas assim que seus pés tocaram o chão.

Não estava preparada para a indecente proposta do conde, nem para seu próprio desejo selvagem de aceitá-la. Era ridículo. Não era Letty Moss, a orgulhosa, empobrecida e abandonada esposa.

Era Coralee Whitmore, a filha de um visconde, e não perderia a virtude às mãos de um descarado como o conde de Tremaine, não importava quão atraente este fosse.

Não esquecera o que escrevera sobre o mulherengo vagabundo em sua coluna, nem seu recente acerto com lady Devane.

Esse homem era um canalha escandaloso que não queria outra coisa que não fosse usar seu corpo. Era uma loucura sentir aquele ridículo desejo por ele.

Aproximando-se depressa ao cão, desatou-o e acariciou sua pelagem cinza.

—Senti minha falta menino? - Coçou-lhe a cabeça tendo muito cuidado de não olhar o Gray. Homero ladrou uma vez mais, e logo pôs-se a correr em busca de um coelho ou de qualquer outra



coisa que pudesse encontrar no campo.

—Voltará - disse Dickey. - É um cão feliz. Encontrou um lar. Acredito que nunca teve um antes.

—Possivelmente não. - Veio-lhe a lembrança de sua conversação com o Gray, e Corrie se perguntou se possivelmente a razão pelo qual ele não queria ter uma família era porque jamais teve realmente uma.

Perdera a sua mãe quando era menino, fora criado por um pai que não o amava e logo se casou e perdeu a sua esposa.

Possivelmente temia que, se voltasse a casar, poderia perder algo precioso outra vez. Pensar isso suavizou a cólera que sentia dele, e virou ante o som de sua profunda voz.

—Obrigado por sua ajuda esta tarde. Não te convidei para que me ajudasse em um parto, mas me alegro de que estivesse ali.

Um relutante prazer a invadiu.

—Eu não fiz nada. Você foi o que se ocupou de tudo o que importava em realidade.

—Teria sido bastante mais difícil sem você. - Segurou-lhe a mão. - Previ um piquenique tranquilo. As coisas não saíram assim, mas possivelmente possa te compensar amanhã.

Ela se apressou a negar com a cabeça.

—Já sabe o que penso, Gray.

—Inclusive se prometer não te tocar?

Corrie se sentia destroçada por dentro. Se queria descobrir o nome do amante de Laurel, precisava passar tempo com o conde. Mas sua indecente proposta ainda a incomodava. Não estava preparada para desafiar tão logo de novo ao leão, e não podia dominar sequer suas próprias emoções.

Corrie deu a ele um sorriso muito brilhante.

—Valorizo seu oferecimento, milord, mas seu primo Jason se ofereceu a me mostrar os arredores. Parece ter bastante interesse nas flores.

Um músculo palpitou na dura mandíbula de Tremaine.

—O único interesse que tem Jason é penetrar debaixo de suas saias.

O sorriso forçado de Corrie desapareceu, sendo substituída por um arranque de cólera que fez avermelhar suas faces.

—Acredita Nisso? Então parece que os dois têm algo em comum.

Esse homem era incorrigível! Dizia o que queria sem preocupar-se com o decoro.

Embora esse fosse um dos traços que o fazia tão atraente.

Deu as costas e dirigiu-se à casa.

—Isto não acabou, Letty.

Ela o olhou por cima do ombro, com o sorriso forçado de novo na cara.

—OH, claro que sim, milord.



As suas costas, ouviu a suave maldição do conde.

Capítulo 14

Corrie se sentou em frente de Charles e ao lado de Jason, no salão de café da manhã. Quando Gray entrou, lançou a ela um olhar sombrio e áspero, e ocupou seu lugar na cabeceira da mesa.

Rebecca entrou com um ar frívolo na sala e os homens se levantaram por cortesia. Charles separou para ela a cadeira que havia a seu lado.

—Obrigado, carinho.

Charles se serviu de um prato de embutido e ovos do aparador que logo colocou diante de sua esposa. Dirigiu a Gray um breve olhar e curvou a boca em um sorriso felino.

—Espero que todos estejam para o almoço - disse. - A condessa de Devane nos visitará esta manhã.

Corrie sentiu um nó no estômago. Lady Devane era a mulher com quem Gray esteve a noite do assassinato de Laurel. A condessa era a amante de Gray! Dirigiu ao conde um olhar de soslaio e observou que tinha o cenho franzido.

—A condessa é amiga de Becky - esclareceu Charles. - Sua fazenda, Parkside, está a menos de uma hora a cavalo.

Coralee sabia quem era essa mulher, embora jamais as tinham apresentado. Lady Devane era bem conhecida entre a sociedade.

Pareceu-lhe que Gray esticava a mandíbula.

—Temo-me que tenha feito planos para hoje. - Dirigiu a Corrie um olhar. - A senhora Cardigan teve ontem um bebê. Penso em levar para ela e a seu marido uma cesta com comida, e de passagem me inteirar como está o recém-nascido.

Embora a preocupação que mostrava por seus arrendatários a agradava, Corrie não disse nada. A amante do conde estaria ali na hora do almoço. Santo Deus, ela teria que sorrir, conversar e tentar não pensar nas coisas que os dois teriam feito juntos.

—Bom, sua visita bem que pode esperar para amanhã - disse Rebecca. - Planejei uma agradável refeição no terraço. Não querará ofender à condessa?

—Tem que vir, Gray, por piedade - brincou Jason. - Sabe que a única razão de que venha a condessa é para verte.

—Jason, se comporte - o repreendeu Rebecca. - A condessa está casada.

Jason sorriu, aparecendo umas atrativas covinhas nas faces.

—Uma mulher casada com um marido tão velho como Matusalém.



Rebecca tentou lhe dirigir um olhar de recriminação, mas Corrie pensou em segredo que Becky parecia feliz de que Jason deixasse claro a natureza da relação. Corrie não era tola.

Inclusive embora a carta de Krista não a tivesse revelado essa informação, teria sabido por essa conversa que a condessa era a amante de Gray. O conde dirigiu a Rebecca um duro olhar.

—Suponho que poderei ficar até depois do almoço, que, estou seguro, terão planejado as duas juntas.

Rebecca só sorriu.

Corrie sentiu o estômago revoltado. Engoliu como pôde os ovos, mas deu a impressão de que não passariam da garganta. O café da manhã se fez eterno e, logo que pôde, desculpou-se cortesmente, e abandonou o salão.

Dirigiu-se diretamente ao jardim, desesperada por tomar um pouco de ar fresco. Era uma manhã nublada de finais de primavera, mas o açafrão já florescera e as árvores estavam carregadas de folhas nos caminhos.

Parou junto à fonte, respirou profundamente para tranquilizar-se e então ouviu uns passos familiares a suas costas.

Sem voltar-se para Gray, disse:

—Por favor, saia.

—Ao menos me deixe que te explique.

Era uma loucura sentir-se ciumenta. Sabia que tipo de homem era, sabia que era um pilantra total e absoluto que não queria mais que desfrutar de seu corpo.

Mas pensar em Gray com outra mulher lhe revolia as vísceras até quase sentir náuseas.

—É sua amante, Gray. - voltou-se e o olhou. - O que terá que explicar?

—A condessa não é minha amante... já não o é. - Solto o fôlego com lentidão. - Depois da morte de Jillian, não podia... não estava interessado em mais que um alívio físico. - Afastou o olhar como recordando esses dias obscuros. - Bethany e Rebecca são amigas. A condessa visitava o castelo frequentemente e, ao final, fez-me ver seu interesse. Queria esquecer o passado. Bethany só foi um meio para consegui-lo. Mas nossa relação estava apoiada na necessidade física, nada mais. Nem sequer fomos amigos.

Corrie se sentiu surpreendida pelas turbulentas emoções que viu aparecer nesses olhos escuros, quase como se importasse o que ela pensava, como se se preocupasse com havê-la ferido.

—A maior parte do tempo Bethany vive em Londres - acrescentou. - Desde que retornou a Parkside, faz mais de um mês, não a vi. Não o tentei sequer.

Corrie elevou o queixo.

—A relação que mantenha com a condessa é teu assunto.

—Pode ser que sim. Mas só queria... queria que soubesse que Bethany não significa nada para mim. - Jamais o representou.



Corrie escrutinou seu olhar e em seu formoso rosto viu uma autêntica preocupação. Mas por que o importaria tanto o que ela pensasse?

—Obrigado por me dizer isso.

Ele inclinou a cabeça.

—Bethany é mais mordaz que Rebecca. Não te deixarei sozinha com ela.

Então Gray notara o comportamento de sua cunhada; um trato que raiava quase a rudeza.

—Suponho que deveria estar agradecida, mas acredito que não estou.

Gray curvou levemente a boca.

—Esperava que estivesse. Poderia te ensinar como me recompensar.

Ela pressionou uma mão contra os lábios do Gray, sentiu o calor de seu fôlego contra as pontas dos dedos.

Ele se separou dela e lhe fez uma reverência.

—Verei-te no almoço, senhora Moss.

Corrie o observou partir, pensando em como devia ter sofrido depois da morte de sua esposa, sentindo que a devia ter amado a sua maneira. Pensou em quão sozinho parecia frequentemente, e desejou não sentir esse agudo desejo de lhe consolar. O homem era um reconhecido vagabundo. Queria ter seu corpo, não seu coração.

Mas ultimamente, quando a olhava, via nele uma necessidade que não vira antes. Atraía-a, a fazia querer o abraçar, apagar a dor que sofrera ao longo dos anos. A fazia querer lhe dar a única coisa que nunca teve. Amor.

A verdade estalou dentro dela, deixando-a sem fôlego. Santo Deus, não podia amar ao Gray! Não se podia permitir o amar. Esse homem a arruinaria sem jamais olhar para trás. Jamais corresponderia a esse amor, estava segura de que nem sequer saberia como fazê-lo. Se se apaixonasse pelo conde de Tremaine, seu coração se romperia em mil pedaços.

Corrie tomou fôlego. Não estava apaixonada por Gray, e de agora em diante não o deixaria tomar mais liberdades. Não o deixaria aproximar-se, nem se deixaria comover por essas olhadas ofegantes e persuasivas.

Acima de tudo precisava proteger seu coração.

Gray observou Letty na salinha. Bethany acabava de chegar na carruagem de seu marido, com um vestido de seda azul pálido com encaixe de marfim e um sutiã muito decotado para um almoço.

Com esses cachos cor mogno, as sobancelhas finas e arqueadas, e o cremoso busto que exibia o vestido, tinha toda a aparência do título que ostentava.

De pé ao lado de Bethany, Letty estava embelezada com um vestido de gaze amarela que já a vira usar; estava um pouco passado de moda, e tinha os punhos um pouco desfiados. Era mais baixa, muito mais miúda que a condessa, um pouco mais insegura dadas as circunstâncias e, a seus olhos, muito mais desejável do que Bethany o seria jamais.



Letty parecia doce, preciosa e inocente, e ele a desejou mais que nunca.

—Então você está casada com um primo de Gray. - A condessa elevou o queixo para poder lhe jogar um olhar por sobre o fino e reto nariz a Letty.

—Assim é. Neste momento meu marido se encontra de viagem. Pensei que podia aproveitar para fazer uma visita.

Bethany esboçou um sorriso astuto.

—Sim, bom, Gray é conhecido por acolher a meninos necessitados.

Ele amaldiçoou interiormente. Bethany expôs as unhas, mas Letty fingiu não dar-se conta.

—Por desgraça, não ficarei muito tempo. - Sorriu como se fosse ela a que lhe estava fazendo o favor. - Logo irei a Londres.

Gray quase sorriu. Letty se mantinha firme, algo que não o surpreendia muito. Pode ser que não tivesse tanta educação ou que não estivesse tão versada nas normas sociais como muitas das mulheres que ele conhecera, mas não era tola.

Os olhos azuis de Bethany avaliaram o vestido amarelo e desgastado.

—Possivelmente quando estiver em Londres, tenha oportunidade de ir às compras. É difícil ter um guarda-roupa na moda quando se vive longe da cidade.

Um leve rubor alagou as faces de Letty, mas só sorriu.

—Sim, assim é.

Não entrava em polêmica, e esse fato, de algum jeito, parecia pô-la por cima dela.

—E você o que pensa, Gray? - falou Rebecca, tentando o introduzir na conversa.

Infelizmente, esteve tão pendente de Letty, que perdera o que havia dito a condessa. dirigiu-se ao grupo, aproximando-se ao lado de Letty, e percebeu um leve vislumbre de seu suave perfume a rosas.

—Sinto muito, estava pensando em outras coisas. O que falou, lady Devane?

—Dizia que estava pensando em organizar um baile de máscaras. Arturo ainda está na cidade e me sinto bastante só no campo.

—Tem mais de cinquenta serventes, condessa. Dificilmente pode dizer que está sozinha.

O sorriso de Bethany se desvaneceu um pouco.

—Sim, mas apesar disso penso que é uma boa ideia organizar um baile.

—Eu também - a apoiou Rebecca. - Me disfarçarei de Maria Antonieta.

—E eu de Diana Caçadora. - Bethany dirigiu um sedutor sorriso que deixava às claras a quem pensava caçar, e que Gray amaldiçoou interiormente. Não compreendia como, em outros tempos, podia ter encontrado atraente a essa mulher.

Então apareceu na porta da salinha um lacaios anunciando o almoço, e Gray agradeceu em silêncio a oportuna interrupção.

—Vamos? - sugeriu ele, conseguindo esboçar um sorriso e lhe oferecendo o braço à condessa, a



mulher de maior fila na sala.

Lhe devolveu um sorriso voraz e apoiou a mão enluvada na manga da jaqueta.

—Sim, vamos. Acabo de descobrir que morro de fome. E ficou mais que claro para o Gray o apetite que ela desejava saciar. Quando olhou a Letty, havia uma incomum faísca nos brilhantes olhos verdes.

Esperava que fossem ciúmes, e pensou que possivelmente, que a condessa tivesse ido a almoçar não era uma ideia tão má depois de tudo.

Gray quase sorriu.

Levantou a vista quando Samir apareceu em silencio na porta da salinha. Gray se desculpou e se dirigiu onde estava esperando-o o homenzinho.

—O que acontece?

—Sinto lhe incomodar, sahib, mas chegou uma mensagem para você.

Gray agarrou a carta lacrada que Samir sustentava em sua mão curtida.

—Obrigado, amigo.

Rompeu o lacre e leu a nota.

No que respeita à investigação da senhora Letty Moss, lamento muito lhe decepcionar, milord, mas não tenho liberdade para aceitar o encargo, já que me veria envolto em um conflito de interesses.

Respeitosamente, seu amigo,

DOLPH PETERSEN

Havia um pós-escrito:

Não me preocuparia muito pela senhora Moss.

Gray leu a nota, logo a releu. Estava Dolph vinculado de algum jeito com a Letty? Ou teria sido contratado por outra pessoa para investigá-la? E por que essa sutil mensagem de que ela não era nenhuma ameaça?

Tremaine sentiu mais curiosidade que nunca, e ao mesmo tempo, um profundo alívio. Confiava no Dolph Petersen. Se Dolph dizia que não devia preocupar-se com Letty, então não o faria.

Simplesmente continuaria com a sedução que planejava.

Deslizando a nota no bolso da casaca, retornou com os outros. Só esperava que, em sua ausência, Rebecca e Bethany não tivessem cravado suas afiadas garras no doce e miúdo corpo de Letty Moss.

Precisava escapar. Sentada em frente a Gray e a condessa, o almoço pareceu interminável. Cada vez que aquela mulher dirigia ao conde um desses olhares provocadores, cada vez que umedecia



aqueles lábios cor rubi ou lhe sorria como se ele fosse um succulento pedaço de carne, Corrie desejou arrancar o brilhante cabelo escuro dessa maliciosa mulher.

Essa mulher era uma diaba, o casal perfeito para esse conde do demônio.

Assim que a refeição terminou, Corrie se desculpou e se dirigiu a seu quarto para colocar o traje de montar. No dia anterior descobrira que ali desfrutava cavalgando mais do que o fazia na cidade.

Confiava em Tulipa e se sentia capaz de relaxar e de passar um bom momento. No dia anterior, montara com Gray. Mas agora tencionava desfazer-se de sua obsessiva imagem.

No estábulo, pediu ao Dickey Michaels que selasse a Tulipa, logo esperou enquanto ele cumpria seus desejos. Ele escovou o cavalo, selou-o e o preparou, logo franziu o cenho quando observou o céu.

—Não sei, senhora. Parece que se aproxima uma tormenta. Possivelmente seria melhor esperar a manhã para montar.

—Vou rápido, Dickey.

Ele assentiu com a cabeça.

—O que você diga. Não me levará mais de um minuto selar outro cavalo. Estarei preparado em um momento.

—Espera, Dickey, lhe agradeço isso, de verdade, mas não é necessário que venha comigo. Não me acontecerá nada.

O jovem arqueou suas sobrancelhas ruivas.

—É que sua senhoria me esfolará vivo se a deixar ir sozinha.

—Temo-me que não tem escolha. Pode lhe dizer o que falei se ver que terá problemas com ele. Estarei de retorno em um par de horas.

Homero ladrou a seu lado e meneou a cauda, desejando ir com ela.

—Esta vez não, menino. - Olhou ao moço. - Sujeita o, Dickey, até que esteja fora de sua vista.

Precisava estar sozinha. Nesse momento nem sequer queria a companhia do Homero.

Pondo a Tulipa ao trote, atravessou o pátio e se dirigiu na mesma direção que seguira no dia anterior com o Gray, acreditando que dessa maneira não lhe custaria encontrar o caminho de volta ao castelo.

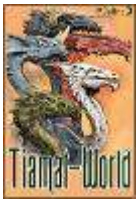
Levantou o vento e o céu estava todo escuro, mas a tormenta parecia estar a bastante distancia.

Não permaneceria fora muito tempo, disse a si mesmo. Só queria estar um momento a sós para limpar a cabeça e pôr sob controle essas turbulentas emoções.

Não era a primeira vez desde que chegara ao castelo que sentia desejos de partir para casa.

Corrie suspirou enquanto cavalgava com o passar do caminho. Em Londres seria livre de Gray e desses desconcertantes sentimentos que a fazia sentir, livre para retornar à vida que vivera antes.

Londres e seu trabalho em De Coração a Coração jamais pareceram mais atrativos, mas simplesmente não estava preparada ainda para dar-se por vencida. Prometera a sua irmã que



descobriria a verdade. Corrie fazia alguns progressos, mas não era suficiente. Precisava continuar e... o faria.

Tudo o que precisava era estar um momento afastada do Castelo, longe da expressão maliciosa de Rebecca e dos sorrisos lânguidos da condessa, longe de Gray e dos indesejados sentimentos que a fazia sentir.

Assim quando o vento piorou, simplesmente encolheu seus ombros. Quando Tulipa se sobressaltou por um coelho e quase caiu, não se importou. Só pôs à égua ao galope, sentindo-se livre pela primeira vez em dias.

Não estava preparada para retornar, ainda não.

Não até que conseguisse tempo de preparar-se para enfrentar a esse conde do demônio.

Capítulo 15

Gray procurou Letty no castelo. Buscou-a no jardim. Quando pensou em Homero e considerou que poderia ter ido ao estábulo para ver o esquálido cão mestiço, passou-se quase uma hora.

—Viu à senhora Moss? - perguntou ao Dickey Michaels, que varria o chão de terra de uma das baias.

—Sim, milord. A senhora saiu com a Tulipa faz um momento.

—Sozinha?

O menino assentiu com a cabeça.

—Tentei que me deixasse acompanhá-la, mas não quis. Nem sequer permitiu que Homero fosse com ela.

Gray soltou uma maldição. Não era culpa do Dickey, era culpa dela. Deveria ter sabido que estaria chateada depois desse deprimente almoço com sua antiga amante ao que se viu obrigada a assistir.

Só que não esperava que fizesse isso.

—Que direção tomou?

—A mesma pela que foi ontem com você. Disse-lhe que se aproximava uma tormenta. Disse-me que estaria de retorno em um par de horas.

Gray observou as escuras nuvens que estavam no horizonte.

—Sela a Rajá. Eu a trarei de volta. - E de passagem lhe retorceria o pescoço por se colocar em perigo.

"Condenada mulher teimosa".

Pensou na oferta de fazê-la sua amante. Letty se sentira insultada, embora fosse uma boa



solução a seus problemas. "Era muito orgulhosa para seu próprio bem. E também muito ingênua".

Olhou ao céu enquanto Dickey selava ao garanhão e lhe estendia as rédeas.

—Se retornar, lhe diga que fui a procurá-la. E diga que tenho intenção de falar com ela assim que retorne.

Dickey arqueou uma sobrancelha, preocupado.

—Sim, milord.

Por que dava medo a todos menos a Letty Moss?

Gray apertou os dentes e se dirigiu para a casa dos Cardigan, esperando alcançá-la quando ela já estivesse de volta.

Mas passou uma hora, e logo outra. O vento começou a rugir, arrastando as folhas e as ervas, e começaram a cair as primeiras gotas de chuva. deteve-se na casa dos Cardigan o tempo suficiente para assegurar-se de que o bebê estava bem e que Letty não passara por ali; logo começou a procurá-la de novo.

Se Letty não abandonara o caminho, já teria ultrapassado a casa. O caminho conduzia até um velho pavilhão de caça, uma estrutura que se edificou alguns anos depois do castelo.

Dirigiu-se nessa direção, perguntando-se se a teria passado sem perceber e já se encontraria a salvo no castelo. Mas o sexto sentido de Gray o advertia de que isso não ocorrera.

Era fácil perder-se por ali, em especial em uma tormenta. A paisagem parecia diferente, os ramos das árvores se viam distorcidos pelo vento, os caminhos se escondiam entre a erva.

Começava a chover seriamente, o vento rugiu através das árvores, arrancando a fita do cabelo. As negras e espessas mechas o esbofetearam a cara com inusitada força, imitando a ferocidade da tormenta, e fazendo que sua preocupação fosse aumentando.

Letty era uma amazona apenas aceitável. E se se cansou? E se Tulipa tropeçara e a jogara? E se Letty estava ferida e a mercê da tormenta em alguma parte?

O pulso acelerou. A preocupação formou um nó nas vísceras. Gritou seu nome uma e outra vez, mas o vento abafava suas palavras.

Oxalá tivesse ocorrido levar Homero. O cão amava a Letty e poderia encontrá-la.

Uma forma escura se movia entre as árvores adiante. Era Tulipa, Gray a viu e ficou com o coração na mão. A égua estava sem cavaleiro, a sela de montar desaparecera e arrastava as rédeas sobre a terra enquanto abria passagem para o castelo. Tulipa conhecia o caminho para casa, mas, santo Deus, o que ocorrera a Letty?

Dirigiu-se para a égua alazã, e agarrou as rédeas. Não parecia estar ferida, nem haver se cansado, mas por que não levava posta a sela de montar?

—Onde está? - perguntou Gray, aplaudindo o lombo molhado da égua. - Onde deixou a nossa garota?

A alazã o observou como se quisesse lhe responder. Guiando Tulipa, Gray se dirigiu na direção



pela qual viera, procurando qualquer sinal de Letty no caminho. Ao longe viu uma mureta de pedra, ao lado do caminho principal. Quando a égua elevou as orelhas e o olhou de novo, Gray pôs a Rajá ao galope e se dirigiu para a mureta de pedra.

Ficou com o coração contraído quando divisou Letty, branca como o papel, estendida no chão do outro lado do muro. Apeando-se com rapidez, dirigiu-se para ela, com o medo agarrado à nuca.

"Que esteja bem. Por favor, que esteja bem". Se sentiu invadido pelas lembranças do dia que Jillian morrera, e o amargo sabor da bílis lhe alagou a boca. Ajoelhando-se na erva molhada, tomou a pálida mão de Letty.

Estava fria como a morte.

—Letty? Letty, ouve-me? - Durante um instante, pensou que estava morta, e se sentiu invadido por uma quebra de onda de náuseas. Tomou o pulso com mão tremente. Ali estava, forte e estável, e o nó do estômago começou a afrouxar-se. Ela respirava com regularidade, e a dolorosa opressão que sentia no peito diminuiu.

Examinou-a em busca de ossos quebrados, sem encontrar nenhum, e quando terminou, Letty começou a abrir as pálpebras.

—Letty! Letty, sou Gray!

—Gray...?

Ele se inclinou e agarrou sua mão.

—Aqui estou, carinho. Está ferida? me diga onde dói. - Ela tragou e tentou levantar a cabeça. - Tranquila, só me diga onde dói.

Ao longe estalou um relâmpago, lhe advertindo da proximidade da tormenta e ato seguido se ouviu o trovão.

—O vento estava nos açoitando - disse ela. - Galopávamos e eu me sentia tão livre. O muro estava aí, e pensei que poderíamos saltar. Se a cilha não se tivesse quebrado.

—Maldita seja, Letty, me diga onde dói!

Os brilhantes olhos verdes se detiveram finalmente na cara de Gray.

—Dói-me um pouco a cabeça. Devo ter golpeado quando caí. Salvo isso, acredito que estou bem.

Sentiu-se invadido por uma quebra de onda de alívio, seguida por um forte estremecimento. Soltou o ar que estava contendo.

—Bem. Isso é bom.

Viram outro relâmpago, seguido imediatamente pelo retumbar de um trovão. A tormenta estava aproximando-se, quase a tinham em cima. Precisavam procurar um refúgio.

Gray olhou para o horizonte e vislumbrou a silhueta do velho pavilhão de caça sob a luz de outro relâmpago.

—Temos que nos pôr a salvo antes que chegue a tormenta. Vou te levantar. Me diga se te



machucar. - Inclinando-se, Gray a ergueu brandamente entre seus braços. - Vai tudo bem?

Ela assentiu e logo recostou a cabeça contra seu peito. Ele a depositou na sela de montar e logo subiu atrás dela.

—Só se apoie em mim. Conheço um lugar onde estaremos a salvo.

Ela não protestou quando ele dirigiu a Rajá para o pavilhão de caça ao mesmo tempo em que puxava as rédeas da Tulipa na mesma direção. Não demoraram para alcançar a rústica estrutura.

Gray desceu, tomou a Letty entre seus braços e se dirigiu a grandes pernas para o edifício que foi seu refúgio quando era menino, e que ainda o era frequentemente.

A pesada porta de madeira nunca estava fechada com chave. Levantou o passador e abriu a porta com a bota, colocando Letty dentro, depois a fechou de um pontapé para proteger-se da chuva.

—Como se sente?

—Melhor. Não acredito que tenha quebrado nada.

Gray esteve morto de preocupação. O medo se converteu em cólera ante a falta de prudência de Corrie, e começou a palpitar um músculo na mandíbula.

—É assombroso que não partiu esse precioso pescoço montando dessa maneira. Juro-te que vou te dar uma surra por me assustar dessa maneira.

Corrie se ruborizou, mas não replicou. Gray a depositou brandamente no sofá de pele que havia diante da lareira.

—Irei acomodar os cavalos e trarei um pouco de madeira para acender o fogo.

Letty seguiu sem dizer nada, e Gray não soube se estava agradecida de que a tivesse encontrado ou se desejava que não o tivesse feito.

Colocou os animais no abrigo anexo ao pavilhão, deu-lhes um pouco de aveia que ali guardava e logo voltou para a casa carregando uns troncos. Não demorou para acender um fogo quente, e o calor que desprendia começou a dissipar o frio da sala.

O alojamento não era grande. Só era uma sala com o teto baixo de madeira. Havia um fogão de ferro e uma velha mesa de carvalho em um lado. A parte central estava provida de um sofá de pele e umas quantas cadeiras perto da enorme lareira de pedra, e uma cama de colunas no canto.

Gray acendeu um fogo no fogão de ferro para lhes proporcionar mais calor, deixou um bule com água para que fervesse e logo retornou onde Letty estava descansando, molhada e manchada de barro, no sofá.

—Temos que tirar estas roupas molhadas.

Letty tremia quando negou com a cabeça.

—Não posso. Não tenho nada que pôr.

Ele se dirigiu para um armário e tirou um par de mantas de lã.

—Isto terá que valer. - Lançou-a uma que caiu ao lado dela no sofá.

Dirigindo-se para a lareira, começou a tirar a casaca, o colete e a camisa. Letty simplesmente



ficou ali, procurando não o olhar.

—Estou bem tal como estou - disse ela. - No final minha roupa acabará por secar-se.

—E então, terá uma febre do demônio.

Corrie elevou o queixo com rapidez.

—E se a tiro, terei que pactuar com o mesmo demônio.

Ele curvou os lábios. Não precisava perguntar a quem se referia. Mesmo assim, a saúde era mais importante que a modéstia.

—Sinto muito, carinho, mas não vais ganhar esta discussão. Ou tira essa roupa molhada ou a tiro eu. O que prefere?

—Não se atreverá!

Começou a tirar as botas.

—Sabe que o farei. Não acredito que tenha nem a mínima dúvida.

Os olhos de Letty relampejaram de cólera. por que havia vezes que Letty parecia como se fosse duas mulheres diferentes, uma doce e dócil, e outra cheia de fogo?

Ela resmungou algo. Mas não acreditava que fosse uma maldição.

—É um autêntico demônio - disse ela. Afastou o olhar enquanto ele terminava de despir-se, agarrava uma das mantas e a envolvia ao redor da cintura, prendendo-a para que não caísse.

—Seu turno - disse ele.

Letty se ergueu lentamente e Gray a ajudou a ficar de pé.

—Como se sente? Está enjoada?

—Estava bem até que me ordenou que tirasse a roupa.

Gray conteve um sorriso. Sorrira em poucas ocasiões desde que Jillian morrera, mas Letty conseguia que o fizesse com muita facilidade.

—Simplesmente fica de pé, e eu farei o resto do trabalho. - Tentou desabotoar os botões do sutiã do traje de montar de cor verde escura, mas ela afastou suas mãos.

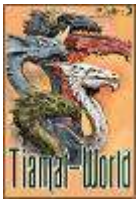
—Posso fazê-lo sozinha.

Ele retrocedeu um passo, deixando que ela recuperasse seu orgulho, e esperou a que se desabotoasse os botões com dedos trementes. Ajudou-a a tirar o sutiã, deixando-a só com a regata e pendurou o objeto em um gancho ao lado do fogo. Logo, Letty abriu os botões da saia que caiu a seus pés e cambaleou enquanto tentava sair dela.

—Tranquila. - Gray a agarrou pelo braço para sujeitá-la e ela não protestou, embora ficava claro pela rigidez de suas costas que desejava que afastasse as mãos dela.

As anáguas foram as seguintes. Completamente empapadas, formaram um montão de algodão branco e molhado a seus pés.

Ajudou-a a sair delas, deixando-a com a roupa interior molhada e grudada a seu corpo, e quase transparente.



Ele estava tentando comportar-se com todas suas forças, depois de tudo, a senhora havia caído, mas seus instintos masculinos estavam voltando para a vida, junto com a parte mais viril de seu corpo.

A regata mal ocultava a doce curva do traseiro de Letty, e Gray começou a excitar-se.

Clareando a garganta, puxou as cintas úmidas do espartilho, afrouxou-as, e deu um passo atrás. Pensou que poderia confiar em si mesmo. Letty se machucou, embora fosse levemente.

Mas enquanto estudava a feminina curva das costas e a tentadora turgidez dos quadris, começou a duvidar de sua força de vontade. Deus, como a desejava. Sua ereção palpitava com cada pulsação.

Um raio iluminou a sala e o vento açoitou com força as venezianas.

—Pode me dar a manta, por favor?

—O que?

—Necessito da manta. Pode me dar isso, por favor?

—Sinto muito. - Sacudiu a segunda manta e a sustentou no alto diante de si mesmo. - Tem que tirar o resto. Prometo que não olharei.

—Não confio em você.

—Eu tampouco confiaria em mim, mas farei o melhor que possa.

Gray acreditou ouvi-la rir.

—Quero sua palavra de cavalheiro - disse ela.

—De acordo, dou-te minha palavra de cavalheiro.

Ele levantou a manta até cobrir os olhos. Letty se moveu e o conde pôde ouvir o frufrú do tecido. Gray baixou a manta o suficiente para ver por cima da borda superior, e observou com crescente luxúria como ela tirava o espartilho e o deixava de lado, para aproximar-se do fogo meio nua. Letty se moveu e ele vislumbrou momentaneamente os seios nus, que eram ainda mais perfeitos do que ele recordava, pesados e com esses topos rosados e cheios. A lembrança de seu sabor enviou uma nova quebra de onda de sangue à virilha.

Continuou com os calções, que pelo que viu não estavam remendados e eram do mais fino e caro algodão. Se tanto os apreciava, compraria-lhe uma dúzia, embora uma vez que fosse dela, a proibiria de usar, pois não queria nada debaixo das saias. Letty desprende as cintas ligas de cetim rosa, e se inclinou para baixar as meias.

A visão desse doce traseiro exposto tão tentadoramente o fez ficar com água na boca e sua ereção palpitou ainda com mais força. Em geral se sentia orgulhoso de seu autocontrole, mas este parecia evaporar-se quando Letty andava perto. Então ela girou, e ele não pôde afastar a vista dos brilhantes cachos castanho-avermelhados que brilhavam entre as pálidas coxas.

O grito ultrajado de Letty lhe perfurou os tímpanos.

—Deu-me sua palavra!



Gray levantou a manta à altura de seus olhos, privando-se a contra gosto da vista.

—Dava-te minha palavra de cavalheiro, algo que nunca fui. Deveria me pedir que te desse minha palavra de soldado. Estaria obrigado a cumpri-la por minha honra.

—É um? - explodiu ela, - é um...?

Ele caminhou para ela, rodeou-a com a manta e seus próprios braços.

—É a mulher mais desejável que conheci. Tão formosa e doce. Meu deus; jamais desejei a ninguém da maneira que desejo a ti.

E então a beijou. Apanhada na manta, Corrie tentou liberar-se, mas ele seguiu beijando-a como se não tivesse outra coisa que fazer. Eram uns beijos suaves, provocadores, docemente apaixonados, que aos poucos se converteram em ardentes e famintos, provocando que sua ereção ficasse dura como uma rocha. No momento que ela deixou de lutar, quando seus lábios se suavizaram sob os dele, Gray suavizou o beijo e Letty o beijou em resposta.

Gray afrouxou o abraço e os braços de Letty rodearam seu pescoço. Ele sentiu como lhe deslizava os dedos entre o cabelo molhado.

—Letty? - não lhe mentira. Não era um cavalheiro e jamais o seria. Tomava o que desejava, e agora desejava a Letty Moss. Em troca, ocuparia-se dela da maneira que merecia. Era um acerto perfeito para os dois.

Gray abaixou a borda da manta e começou a riscar um atalho de beijos para os seios amadurecidos de Letty, decidido a alcançar o objetivo que se propôs. A sedução acabaria com todos os protestos, e ela seria dele.

E não havia nada mais que considerar. Só sabia que tencionava lhe proporcionar o prazer que a prometeu, que faria que o desejasse como ele desejava a ela. Gray colocou mãos à obra.

A manta deslizou até a cintura e Corrie se deixou levar entre os quentes braços que a rodeavam. Os lábios firmes se fundiram com os seus, e esse corpo quente e sólido fez desaparecer os últimos vestígios de frio. Desvaneceu-se a dor de cabeça, e sentiu que sua mente era invadida por um prazer embriagador.

Sabia que estava mau, sabia que precisava o deter, mas não havia sentido nada tão bom como o que sentia nesse momento com Gray. Acariciou o pescoço dele com o nariz. Ela inclinou a cabeça para dar um melhor acesso, e o espesso cabelo negro do conde, livre da faixa, acariciou-lhe a pele. Pensou em quando o vira sob a chuva. Com as pernas abertas e o cabelo alvoroçado sobre os ombros, Gray parecia o bandoleiro que ela sempre imaginara que era.

Gray aprofundou o beijo e os músculos de seu peito pressionaram os seus seios. Sentiu um formigamento e endureceram seus mamilos. Uma dor urgente palpitou entre suas pernas.

Um calor líquido começou a formar-se em seu ventre e o desejo a atravessou, tão tentador como a serpente do paraíso.

Tinha quase vinte e dois anos. E apesar de todas as festas às que assistira, de todos os homens



que a cortejaram, jamais conhecera um como Gray. Não se sentira avivada dessa maneira por nenhum beijo, nem nenhum deles a excitara como ele o fazia.

Pensou no homem que era Gray, recordou o encontro com o cão e como ele a ajudara com o animal, e como resgatara o menino do povoado. Pensou no bebê que havia trazido para o mundo, com que ternura tratara à mãe e ao recém-nascido. Recordou a dor que padecera, as perdas que sofrera. A manta se deslizou mais abaixo e ela sentiu o calor da boca de Gray nos seios, o puxão de seus dentes, e uma arrebatadora sensação de prazer a atravessou. A lasciva criatura que vivia em seu interior se rebelou, desafiando-a a que se deixasse levar e experimentasse o que nenhum outro homem podia lhe dar.

E era verdade, percebeu. Se negasse agora, jamais poderia experimentar o tipo de êxtase que Gray a oferecia. Não tencionava casar-se logo, havia muitas coisas que queria fazer.

Inclusive depois de casar-se, poderia não encontrar em seu marido o tipo de paixão que Gray a fazia sentir.

Tremaine deslizou as mãos pelo cabelo úmido, arrancando as forquilhas. Logo enterrou os dedos nos pesados fios, estendendo-lhe sobre os ombros.

—Adoro seu cabelo - lhe sussurrou ao ouvido. - Adoro cada doce curva de seu formoso corpo.

As palavras a seduziram tanto como as mãos que percorriam sua pele nua, roçando-a e acariciando-a, fazendo que sua pele ardesse ante o mais leve contato. Sua boca reclamou a dela em outro beijo embriagador, sua língua aprofundou em sua boca, provocando-a para que lhe respondesse.

Ela se arqueou, colando-se a seu corpo e se deu conta de que as duas mantas tinham caído ao chão. Os dois estavam completamente nus. Pôde sentir o desejo de Gray, o duro membro masculino que tanto a intrigava, e se afastou um pouco para trás para poder vê-lo.

Aumentou os olhos ante o grosso membro que apontava para ela, a recordando a imagem de Mercúrio, que vira naquele livro erótico.

—OH, céus!

Gray curvou a boca.

—Não passa nada. Simplesmente tomaremos o tempo necessário.

Era agora ou nunca. Se não o detinha nesse momento, seria muito tarde. Observou-o, viu o desejo que ardia em seus olhos, e algo mais, um desejo tão profundo que parecia envolvê-la. Sentiu-se fascinada, presa e incapaz de rechaçá-lo.

—Necessito-te, Letty - sussurrou ele, atraindo-a a seus braços e beijando-a de novo. - Te necessito tanto.

O desejo estava presente em sua voz, quão mesmo a solidão. A mente de Corrie começou a dar voltas, lutando por descobrir por que esse sentimento a comovia tanto, convertia-a em sua escrava.

E então o descobriu, estava tão claro que não podia acreditar que não se deu conta antes. Santo



Deus, estava apaixonada por ele! Não era uma teimosia como temeu antes, era um amor totalmente apaixonado.

Era muito tarde para proteger seu coração, muito tarde para salvar-se, e como não podia fazê-lo, sua única opção era salvá-lo.

Olhou-o, e as lágrimas arderam em seus olhos.

—Eu também te necessito, Gray.

Algo atravessou esses traços sombrios e turbulentos. Gray ficou olhando com uma intensidade que jamais vira antes. O beijo foi duro e profundo, já não era para seduzi-la.

Era o beijo apaixonado de um homem reclamando a sua companheira, e Corrie respondeu com total abandono.

Os beijos, úmidos e sensuais, deixaram-na sem fôlego. As carícias, cálidas e apaixonadas, fizeram arder seu coração. Tocou-a, acariciou-lhe essa sensível pele. Examinou brandamente os cachos na união de suas pernas com os dedos e a tocou como jamais tocou outro homem.

Um desejo arrebatador a invadiu. Isso era o que ela necessitava, o que levava esperando toda sua vida.

—Me faça amor, Gray.

Ela ouviu o profundo gemido da satisfação masculina.

Logo a levantou entre seus braços para levá-la à cama do canto e se estendeu com ela no suave colchão de penas, beijando-a inclusive mais profundamente que antes.

Corrie ardeu para ele, ansiando mais do abrasador prazer que seu duro corpo prometia.

Mas ela já não era a jovem ingênua que crescera em Londres.

—Um momento, Gray, o que acontecerá se fico grávida?

Ele acariciou o úmido cabelo revoltado da têmpora de Corrie.

—Há maneiras de impedi-lo. Camisinhas³, e outras coisas. Tomarei precauções. E se mesmo assim te deixasse grávida, encarregaria-me de ti.

Que Deus a ajudasse, acreditava. Possivelmente era parva de verdade.

Ocorresse o que ocorresse, já não importava. Amava-o e o desejava. Beijou-o com todo o amor recém descoberto que sentia por ele, e deixou que a envolvesse com sua magia.

Gray tratou de recordar as habilidades que adquirira na Índia, as dúzias de truques com os que se podia dar prazer a uma mulher, mas sua mente estava nublada por causa da necessidade que sentia por Letty.

Esperou muito tempo, desejava-a com muito ímpeto. Beijou-a profundamente, acariciou-a até que esteve úmida e preparada, retorcendo-se em baixo dele, o rogando que a tomasse.

Abrindo as pernas dela com os joelhos, abateu-se sobre ela, encontrou a entrada a sua passagem e começou a deslizar-se dentro do seu úmido canal.

³ Vejam os textos no final do livro



Era estreita. Assombrosamente estreita, mas passaram-se dois anos desde que ela esteve com seu marido. Gray a beijou lenta e profundamente, e lhe devolveu o beijo, introduzindo sua pequena língua na boca dele e levando-o a loucura. Gray se sentia orgulhoso de seu autocontrole e habilidade fazendo o amor, mas só podia pensar em Letty e no muito que precisava estar dentro dela.

Podia sentir a estreiteza do envoltório feminino e o desejo o afligiu.

—Gray... - sussurrou ela, lhe deslizando os dedos no cabelo úmido, e atraindo sua boca para a dela para outro beijo ardente.

O pouco controle que Gray possuía se rachou, e logo desapareceu por completo. Com um único e duro golpe, introduziu-se nela, empalando toda sua longitude no doce corpo de Letty.

Quando Letty gritou, o seu cérebro, submerso na luxúria, levou um momento dar-se conta de que a machucara, que a fina barreira que havia sentido e ignorado era seu hímen. Que a senhora Letty Moss era virgem.

—Que diabos? - A fúria o atravessou como um relâmpago. Ergueu-se o suficiente para olhar os olhos úmidos dela. - Não está casada! Quem diabos é, Letty? É esse seu nome?

Ela tragou e alongou uma mão tremante para o acariciar o rosto. Por um momento pareceu duvidar, como se quisesse lhe dizer algo. Logo se estremeceu e negou com a cabeça.

—Nunca... fizemos o amor. Cyrus era muito velho. Deveria ter dito isso.

Gray estendeu a mão e enxugou as lágrimas das faces. Fazia sentido. Ele notara sua inocência desde o começo. E de repente, sentiu-se feliz de que seu primo fosse um velho tolo.

—Se o soubesse, teria mais cuidado. - inclinou-se e a beijou muito brandamente. - Sinto ter te machucado.

Deu um tenro sorriso.

—Bom, já não dói, só me sinto cheia... de ti.

O alívio se mesclou com um estranho sentimento de amparo.

—É uma mulher assombrosa, Letty Moss. - E o era para ele, uma esposa virgem. A amante perfeita.

Gray a beijou brandamente, tomando-se seu tempo, procurando excitá-la outra vez. O suor o alagou a testa e doeram seus músculos dos ombros em seu esforço de controlar-se. Queria agradá-la, satisfazê-la.

—Por favor, Gray - sussurrou ela, arqueando-se em baixo dele, insistindo a lhe dar o que necessitava, e no mesmo momento que Corrie pronunciou essas palavras, ele entrou em movimento.

Um único impulso profundo e Letty se viu arrebatada por um clímax destrutivo. Ele mal podia acreditar. Sentiu uma sensação de triunfo por ter sido o homem que o conseguira, mas não se deteve, e sim seguiu penetrando-a até que ela alcançou o orgasmo outra vez enquanto cravava as unhas nos ombros e o despojava do último farrapo de autocontrole.

Os golpes duros e profundos fizeram arder seu sangue; pesadas estocadas de seu membro o



levaram ao limite. Seu corpo se estremeceu pelo começo do clímax e pediu ajuda a Deus para sair de sua calidez acolhedora antes de derramar sua semente.

Prometera protegê-la e tencionava manter sua palavra. Tinha camisinhas na gaveta de sua penteadeira. A próxima vez os utilizaria.

Gray sorriu estendido ao lado de Letty na cama e a atraiu para seu corpo. Não podia recordar a última vez que se sentira tão completamente relaxado, tão absolutamente satisfeito.

A inquietação desaparecera, ao menos de momento. A satisfação o invadia de uma maneira que não podia explicar.

Beijou-a na têmpora.

—Tudo sairá bem, carinho. Prometo-lhe isso.

Gray fechou os olhos, desfrutando da suave sensação da mulher entre seus braços. Anoitecia e a tormenta ainda rugia fora do pavilhão de caça. Letty se inundou exausta no sonho e embora ele quisesse excitá-la de novo, voltar a fazer o amor com ela, pensou em sua inocência e a deixou tranquila.

Deve ter dormido. Quando despertou, surpreendeu-lhe descobrir que dormira de um puxão até o amanhecer.

Era a primeira noite que dormia tranquilo desde que Jillian morrera.

Capítulo 16

—Onde está, Charles? Onde demônios está minha filha! - Justin Whitmore, visconde de Selkirk, estava no vestíbulo do Castelo de Tremaine com o casaco e o chapéu molhados.

Quando Charles caminhou para ele, observou a angústia do Justin, e seu sorriso de bem-vinda desapareceu lentamente.

—De que demônios falas? Não te estará referindo a Laurel, verdade? Sua morte foi um duro golpe para todos nós, mas...

—Falo de Coralee! Está em sua casa, fazendo-se passar pela esposa de um primo longínquo do conde. Exijo vê-la, Charles. Agora mesmo!

Charles Forsythe pareceu aturdido. Pela primeira vez, Justin se deu conta do longe que chegara sua filha nessa charada.

Não importava. Era uma jovem solteira e de bom berço. Não pegava nada bem ficar no campo imersa nesse desatinado intento de redimir a honra perdida de sua irmã.

Charles clareou a garganta.

—Suponho que se refere a jovem que diz se chamar Letty Moss.

—Sim, acabamos de descobrir sua mutreta. Sua mãe e eu estávamos cada vez mais



preocupados com ela. Suas cartas eram escassas, e nelas não nos contava nada sobre seu bem-estar. Coralee jamais gostou do campo, mas leva aqui várias semanas. Decidimos vir ver como estava, e em lugar disso descobrimos que não estava no Selkirk Hall e que nunca o esteve.

—Já vejo. Bom, é obvio não tinha nem ideia. - As sobrancelhas loiras se arquearam sobre os olhos cor avelã. - Por que motivo, exatamente, planejou sua filha tão elaborado engano?

—Não sei com certeza.

Charles fez um gesto para que o mordomo se encarregasse do casaco e do chapéu que o visconde, em sua pressa por ver a Coralee, ainda levava postos.

—Possivelmente seria melhor discuti-lo em privado - propôs Charles.

—Sim, será o melhor.

—Se não te importa me seguir. - Entrou em uma salinha e Justin o seguiu. Quando os dois homens se acomodaram, o mordomo fechou a porta.

—Devo te dizer que sua filha é uma atriz consumada - disse Charles. - Coralee era só uma menina a última vez que a vimos. Não pode nos culpar de não termos nos dado conta de quem era.

—Não, a culpa não é sua, Charles. De fato, deve aceitar minhas mais sinceras desculpas por todos os problemas que lhes causou. E pode me acreditar quando te digo que penso ter uma longa conversa com ela. Agora, se puder lhe pedir que venha aqui?

Charles baixou o olhar.

—Temo-me que, no momento, isso não será possível.

Justin se sentiu alarmado.

—O que quer dizer?

—Sua filha saiu a montar pouco antes que estalasse a tormenta. Gray estava preocupado, assim saiu atrás dela. Estou seguro de que a encontrou, porque não retornou para casa. Devem ter se refugiado em alguma parte até que passe a tormenta.

—E se não a encontrou? E se estiver aí fora ferida? ou algo pior?

—Graças a Deus insistira em que Constance o esperasse em Selkirk Hall. Se soubesse que sua filha passou a noite fora, estaria profundamente preocupada.

—Meu irmão era comandante no exército. Se não a tivesse encontrado, teria retornado em busca de ajuda. O melhor será lhes dar tempo para que cheguem a casa. Se não estarem de volta nas próximas horas, reuniremos um pelotão de busca para encontrá-los.

Ao Justin irritava esperar. Sua filha estava aí fora, ferida ou algo pior; mas esperar era uma alternativa melhor que ir procurá-la sem saber por onde começar.

—De verdade acredita que seu irmão a encontrou?

—Estou seguro. Como já falei, Gray esteve no exército. É um homem muito capaz.

Justin pensou no jovem de aparência agradável com o qual se encontrou em Londres em várias ocasiões. E na escandalosa reputação que o precedia. Uma ideia desagradável lhe cruzou pela cabeça.



—Se passaram a noite juntos, compreenderá o que isso implica.

Charles levantou sua loira cabeça.

—Por Deus... terá que casar-se com ela.

Justin apertou os dentes. Uma de suas filhas fora manchada, um escândalo que sua família e ele sofreriam durante os anos vindouros. Não toleraria outro. Se esse pilantra passou a noite com ela, casaria-se com Coralee.

Justin pensou na independência de sua filha, em sua teimosa e rebelde natureza.

Casaria-se com o conde... quisesse ou não!

Corrie estava montada sobre Rajá diante de Gray enquanto Tulipa os seguia. Depois de que tivessem feito apaixonadamente o amor, dormiram toda a noite. Gray se levantara cedo e saíra a ocupar-se dos cavalos.

Com a sela quebrada, a cadeira de amazona ficara inutilizada. Pensava enviar Dickey Michaels a recolhê-la.

Sentada diante de Gray enquanto se dirigiam ao castelo, Corrie se perguntava o que pensaria ele sobre a noite anterior. Ocorreu que um homem com essa reputação poderia repudiá-la agora que entregou sua virtude.

Se o fizesse, não seria o homem que acreditava que era, e estaria melhor sem ele.

Esse pensamento formou-lhe um nó nas vísceras. Estava apaixonada por Gray. Não queria o perder. Mas, o que faria ele quando descobrisse que ela não era quem acreditava que era e que tinha ido a sua casa para procurar alguma prova que o implicasse no assassinato de sua irmã?

Durante todo o caminho de volta ao castelo, esses inquietantes pensamentos rondaram na sua cabeça. Nenhum dos dois falou quando saíram do estábulo e entraram no castelo pela porta de trás.

Samir os estava esperando.

—Há problemas, sahib. Lamento lhe haver falhado.

—De que falas, Samir?

—A mulher... deveria me haver esforçado mais para descobrir a verdade.

—Não te ande com rodeios, amigo. me diga?

—Gray! Graças a Deus que retornaste. - Charles se encaminhava para eles com passos vigorosos. - E são e salvo, pelo que vejo.

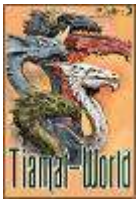
Corrie pôde sentir o rubor que alagava suas faces e esperou que o irmão de Gray não o visse. Estava segura de que já não parecia a jovem inocente que fora na tarde anterior.

—A sela de Letty se rompeu e caiu. Tem sorte de não estar gravemente ferida.

Charles dirigiu a ela um olhar que Corrie não soube interpretar.

—Sim, bom, me alegro de que esteja bem. Entretanto, há um assunto que requer sua atenção e também a... de Letty. Se me seguirem?

—Não sou uma companhia adequada para ninguém - disse Corrie, desejando escapar a seu



quarto. - Preciso trocar de roupa e me pôr um pouco mais apresentável. Se me desculpar, Charles.

—Passou junto aos dois homens, mas Charles a agarrou pelo braço.

—Temo-me que isto não pode esperar.

Gray lhe dirigiu um olhar inquieto e Corrie sentiu um calafrio de alarme. Em silêncio, seguiram ao Charles pelo corredor até a salinha esmeralda, uma sala extravagante de chamativas cores e móveis dourados.

Era a sala favorita da Rebecca e Corrie muito raramente entrava ali.

Entrou na sala, viu seu pai, e quase desmaiou. Gray se deu conta e estendeu a mão para agarrá-la pela cintura.

—Encontra-te bem? Possivelmente, depois de tudo, sim que te fez mal e os sintomas estão aparecendo agora.

—Não... estou bem.

—Bom dia, Coralee. - Seu pai se dirigiu a ela, tinha a expressão mais furiosa que jamais vira antes.

—Bom dia... papai.

Os olhos de Gray foram dela ao visconde.

—Selkirk? - Voltou a olhar a Corrie. - Que diabos passa aqui?

Corrie tragou saliva e se sentiu enjoada de novo.

—Muito boa pergunta, milord - disse seu pai. - Nos importaria de explicar isso, Coralee?

Os penetrantes olhos escuros de Gray se cravaram na cara de Corrie.

—Coralee? É esse seu nome?

—la contar isso Gray, juro-lhe isso. Quis dizer isso ontem à noite. Simplesmente... não pude. Ainda não.

—Coralee é minha filha - começou o visconde. - Era uma menina a última vez que a viu. Já se tem feito maior, como pode observar. De fato, deduzo por seu aspecto desalinhado que o descobriu por ti mesmo.

Corrie conteve o fôlego.

—Papai, por favor!

—Não é Letty Moss - disse Gray em tom sombrio. - É Coralee Whitmore, a filha do visconde.

—Sim... - A palavra lhe saiu quase em um sussurro. Palpitava-lhe o coração e cada pulsar lhe retumbava no peito. Santo Deus, o que estaria pensando Gray? Como o ia explicar?

—Por que veio aqui? - perguntou. - Por que se fez passar por outra pessoa?

—Estava... - disse com nervosismo, umedecendo os lábios. - Estava tratando de averiguar quem matou a minha irmã.

Charles interveio justo nesse momento.

—Isso é absurdo. Laurel se suicidou. atirou-se ao rio.



Corrie se voltou para ele.

—Minha irmã não faria tal coisa. Acredito que a assassinaram. - Charles empalideceu.

O sombrio olhar do Gray a perfurou.

—Me diga que não veio aqui porque acredita que sua morte teve algo que ver com um de nós.

Ela tragou.

—Acreditei... acreditei que foi você. - Fechou os olhos para não ver a fúria que obscurecia seu rosto. - Descobri que sua esposa se afogou como Laurel. Vim para provar que a matou.

—Maldita seja!

—Logo descobri que não foi você. Inteiarei-me de que estava com a condessa essa noite, assim sei que não teve nada que ver.

A mandíbula de Gray pareceu converter-se em granito.

—Sua irmã teve um filho ilegítimo. Foi a fofoca do povoado. Se suicidou quando seu amante se negou a casar-se com ela. Lamento sua perda, lady Whitmore, mas isso não justifica o que tem feito.

Voltando-se, o conde pôs-se a andar, mas a voz afiada do pai de Coralee o deteve.

—Não muda as circunstâncias presente. - Gray se voltou com os olhos duros e brilhantes. - Coralee é uma jovem inocente de uma das melhores famílias de Londres, uma família que já se viu submetida a muitos escândalos. Logo se saberá que passaram a noite juntos. A honra te obriga, Tremaine, a se casar com minha filha.

Corrie conteve o fôlego. Teve que fazer provisão de coragem para não encolher-se de medo ante o feroz olhar de Gray.

—Esperas que me case com ela? depois das mentiras que falou? depois da maneira em que enganou a todos?

Corrie sentiu o afiado aguilhão das lágrimas. Pela primeira vez se deu conta das desastrosas consequências de seu engano.

—Sinto muito, Gray, seriamente que o sinto. Tencionava te contar a verdade, mas, simplesmente... prometi sobre a tumba de Laurel que averiguaria o que aconteceu. Não podia romper minha promessa.

O conde baixou a vista para ela e algo cruzou por seu rosto. Corrie acreditou que era decepção.

—Não é o que parece. Nem é doce, nem amável, nem cortês nem carinhosa. É uma mentirosa e uma enganadora, uma cruel sabichona capaz de tudo para obter o que quer.

Corrie empalideceu.

—Já basta - disse o visconde. - Não te permito que fale com minha filha dessa maneira.

O conde o ignorou.

—Agora te recordo. É essa pequena arpia que escreveu sobre mim na coluna da gazeta. A ver se me lembro... como me chamou? "Um sedutor sem moral nem consciência." Sim, acredito que foi assim.



—Percorreu-a com um olhar frio, um aviso silencioso das intimidades que compartilhara essa noite. - Suponho que tinha razão.

Pôs-se a andar de novo, mas se deteve ante a acerada voz do pai de Corrie.

—Então admite que se aproveitou de minha filha.

Ele se voltou outra vez.

—Seduzi a Letty Moss, a preciosa, empobrecida e jovem esposa de um primo longínquo. Não conheço esta mulher.

Um gemido afogado ficou preso na garganta de Corrie enquanto observava Gray sair. Quis chamá-lo, e dizer que Letty e ela eram faces distintas da mesma pessoa, mas sabia que não acreditaria.

Tudo acabara entre eles. Corrie se sentiu como se lhe tivessem atravessado o coração com uma faca.

Gray saiu da casa e se dirigiu para os estábulos. Por Deus, que parvo fora. Deveria ter sabido que a jovem doce e inocente com a que fizera o amor a noite anterior não existia.

Simplesmente, era muito boa para ser verdade. A ingênua e doce Letty era produto de sua imaginação.

—Detenha-se, Tremaine.

Ante o som da voz do visconde, Gray se deteve no caminho de pedra e se voltou para enfrentar-se a ele. Sempre respeitara a esse homem. Não era culpa dele que sua filha fosse uma raposa com a consciência de uma puta.

—Sei que minha filha te enganou. Espero que tente entender quão afetada estava Coralee pela morte de sua irmã. Até recentemente as duas eram inseparáveis. Coralee se negou desde o começo a acreditar que Laurel se suicidou. Segundo sua tia, estava convencida de que foi o homem que seduziu a sua irmã e que posteriormente a matou, e veio aqui para provar.

Gray ignorou o reticente respeito que sentiu ao considerar o risco que Corrie passou.

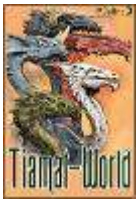
—Pelo que se vê, provou justo o contrário - continuou o visconde. - Se não acreditasse que era inocente, nada na terra a teria induzido a entregar-se a ti, como parece que fez.

Gray permaneceu em silêncio. Uma sensação de perda o atravessou ao assumir que Letty não existia, que a noite que passou com ela entre seus braços não fora mais que uma fantasia.

—Houve muitos escândalos em minha família para deixar isto sem resolver - continuou o visconde. - Espero que faça o correto com minha filha, Tremaine. Se se negar, terei que te desafiar.

"Cristo". Um duelo com o Selkirk era a última coisa que queria. Esse homem e sua esposa já sofreram bastante escândalo e pena. Inclusive agora, de pé diante dele, estava vestido com as roupas negras de luto.

Pela extremidade do olho, Gray divisou uma pequena figura familiar que se apressava pelo caminho para eles. Parecia-se com a Letty, mas sabia que não era absolutamente a doce criatura que



o fez arder na noite anterior.

Chegou até eles com rapidez e o agarrou pelo braço; Gray ignorou um golpe de simpatia quando observou os olhos chorosos.

—Por favor, não aceite - disse ela. - Não tem que se casar comigo. Disse-lhe que não me casaria contigo nem que me pedisse isso. Só por favor... por favor, não aceite.

Ele baixou a vista e algo se removeu em seu interior. Era Letty, mas não o era. A cólera ardeu como uma caldeira fervente no estômago. Desejou fazê-la pagar por todas as mentiras que falou ao mesmo tempo que sentia um agudo desejo de enterrar seu duro membro nela.

—Então não se casaria comigo embora lhe pedisse isso?

Ela tragou.

—Trabalho em Londres. Além disso, há coisas que desejo fazer, lugares que quero conhecer. Não estou preparada ainda para o matrimônio.

Ele arqueou uma sobrancelha.

—Seriamente? - voltou-se para seu pai. - Obtenha a licença. Casaremos assim que tudo esteja preparado.

—O que...?

Gray se dirigiu a grandes pernadas para o castelo com uma sensação de triunfo estendendo-se pelo peito. Faria-lhe pagar por seu engano, e de passagem satisfaria esse inexplicável desejo que uma noite de amor com ela não conseguira satisfazer.

—Não me casarei contigo! - disse ela, recolhendo as saias e correndo atrás dele.

Gray se deteve e a olhou.

—Casará comigo. Não tem escolha.

Corrie ficou boquiaberta quando ele se afastou. Gray acreditou ouvi-la amaldiçoar.

Um sombrio sorriso apareceu em seus lábios. Era uma raposa, mas a paixão que despertara nela a noite anterior era real. Não importava que classe de esposa resultasse ser, tencionava possuí-la até ficar satisfeito.

Logo a enviaria de retorno a Londres.

—Não me casarei com ele!

—Por Deus que o fará. Se te negar te juro que te encerrarei, como deveria ter feito quando era menina.

Corrie não podia acreditar. Seu pai sempre fora indulgente com ela. E agora dizia que precisava casar-se com um homem que a desprezava?

—Não posso me casar com o conde - discutiu. - Tenho um emprego. Trabalho em De Coração a Coração. Acaso isso não importa?

—Jamais deveria ter aceito esse trabalho. Rebaixa-te fazendo esse tipo de trabalho. Além disso, precisava se casar cedo ou tarde. Depois do que ocorreu, não fica mais remédio que fazê-lo já.



—Mas Gray me odeia! Assim que seja sua esposa, o mais provável é que me espanque!

—Bem por ele. Se eu tivesse feito isso, possivelmente teria uma filha tranquila e respeitosa em lugar de uma bruxa teimosa que parece decidida não só a arruinar-se a ela, mas também à família.

Isso fez calar a Corrie. Vira o que os falatórios fizeram a sua mãe e a sua avó, e ao resto da família quando Laurel morrera. Simplesmente não podia deixar que as pessoas que amava voltassem a passar pelo mesmo.

Se Gray tencionava castigá-la por enganá-lo, que assim fosse. O certo era que não podia negar que o merecesse.

Aspirou profundamente e soltou o ar lentamente.

—Está bem, casarei com ele.

O sombrio olhar de seu pai se desvaneceu lentamente.

—Não se entregaria ao conde se não sentisse algo por ele, Coralee. Não é essa classe de mulher.

Não discutiu. Estava apaixonada por Gray. Ou ao menos do homem que chegara a conhecer. Não reconhecia ao desconhecido de rosto duro em que se converteu.

—Com o tempo tudo se arrumará - disse o visconde.

Corrie esboçou um sorriso forçado.

—Seguro que tem razão, papai.

Mas estava bastante segura de que não seria assim. Ultimamente, nada parecia sair como ela pensava.

Capítulo 17

Levou só três dias para tirar uma licença especial e fazer os acertos necessários para umas bodas apressadas. Casaria com o Grayson Forsythe essa mesma manhã na capela dos jardins de Selkirk Hall, logo retornaria ao castelo como esposa de Gray, a condessa de Tremaine.

Pensar nisso a deixou gelada até os ossos.

—Acredito que não possa fazê-lo - disse a Allison enquanto passeava freneticamente ante a janela do quarto. Vestida só com a roupa interior branca de encaixe e uma faixa de cetim azul, girou e seguiu passeando de um lado a outro. - Depois do que fiz, não acredito que possa lhe olhar à cara nem a ele nem a sua família de novo.

Allison e ela chegaram a Selkirk Hall pouco depois do horrível enfrentamento no Castelo de Tremaine. Era incrível quão rápido passaram os dias, e agora Allison estava ali para ajudá-la a vestir-se para as bodas.

—Não tem escolha - disse sua amiga, dizendo o que pensava como muito raramente fazia. - O



deve a sua família. A morte de Laurel os deixou destroçados. Seu pai não o demonstra, mas ainda está aflito. E você não quer que seus pais passem por outro escândalo.

—OH, Meu deus. - Corrie se deixou cair no tamborete estofado da penteadeira de palisandro. O dormitório, decorado em cores branca e malva, era muito mais elegante que o descuidado quarto que Rebecca atribuiu a ela no Castelo de Tremaine. Corrie ficou com um nó no estômago ao pensar que passaria a noite no quarto da condessa, que comunicava com o quarto de Gray.

—Possivelmente depois das bodas consiga que o conde compreenda por que se comportou da maneira em que o fez. É possível que com o tempo chegue a te perdoar.

Ela negou com a cabeça.

—Não acredito que Gray seja um homem muito compassivo. Possivelmente se eu fosse realmente Letty Moss me perdoaria com o tempo. Acredito que lhe importava o bastante. Por desgracia, eu sou Coralee. Sou franca, teimosa e decidida. Não sou a classe de mulher com quem Gray gostaria de casar-se.

—Basta. Letty e Coralee são a mesma pessoa. É amável e considerada. É leal e justa. Com o tempo, seu marido verá isso, e perceberá que é tudo o que ele acreditava e muito mais.

Corrie a olhou, piscando para conter as lágrimas.

—Seriamente, acredita?

Allison a envolveu em um abraço.

—Sim, claro. Esteve disposta a correr um grave perigo porque amava a sua irmã. E ama ao conde. Com o tempo, ele se dará conta e te aceitará como a mulher que é de verdade.

Corrie elevou o olhar à cara de Allison.

—Como... como soubeste que o amo?

—Chegamos a ser amigas, Coralee. Não acredito que se entregaria ao conde se não o amasse.

As lágrimas escorregaram pelas faces de Corrie.

—Gray acredita que o trai, e de certo modo o fiz. Fiz-me passar por alguém que não era.

—Só fingiu um pouco.

Suspirou.

—Possivelmente. Mas já passou por maus bocados antes e protegeu seu coração contra tudo. Não sei se alguma vez conseguirei ter outra oportunidade de chegar a ele.

—Se o ama, tem que tentar.

Corrie tragou o nó da garganta, e se deu conta de que sua amiga tinha razão.

—Tem que pôr o vestido de noiva - disse Allison, recordando que em breve sua vida mudaria.

—Necessito de um momento, Ally, se não se importa.

Allison assentiu com a cabeça.

—É obvio. - Deixou-a para ir vestir-se para a cerimônia com a promessa de que voltaria a ajudar a Corrie a vestir o vestido de noiva.



Passou-se só um momento desde sua partida, quando um suave golpe soou na porta. Corrie se dirigiu a abri-la e soltou um grito de surpresa quando viu sua melhor amiga, a alta e loira Krista Hart Draugr, na soleira.

—Krista! - Corrie se lançou a seus braços e ambas as mulheres se abraçaram. - Estou tão contente de verte! Sabia que faria todo o possível para vir, mas temia que tivesse surgido algum contratempo e que não pudesse fazê-lo.

—Não precisava se preocupar. Deixei Londres logo que recebi sua carta. As estradas ainda estão enlameadas depois dessa terrível tormenta e nos levou mais tempo do que o esperado. Leif, Thor e meu pai estão lá em baixo. Todos estávamos preocupados contigo. Está segura disto? Está segura realmente de que isto é o que quer?

Corrie suspirou.

—Jamais estive menos segura de algo em minha vida.

—Então possivelmente deveria rechaçar a proposta do conde.

Soltou um risinho histérico.

—Foi mais uma ordem que uma proposta. Está claro que não o conhece. Estremeço-me ao pensar o que faria ele se de verdade tivesse coragem para rechaçá-lo.

—Como falei, Leif e Thor estão lá em baixo. Se o conde causar algum problema...

—Não é culpa do conde. O certo é que tudo isto é minha culpa. Inclusive se fosse o suficientemente egoísta para querer ver minha família envolta em outro escândalo, não desejaria que isso acontecesse a lorde Tremaine. Casando-se comigo, deseje-o ou não, sossegará as más línguas. Não é o homem horrível que eu acreditava que era. Não assassinou nem a sua mulher nem a minha irmã, e não merece que sua reputação se empane mais do que já está.

Krista agarrou sua mão.

—Parece que se importa... ao menos um pouco.

Corrie levantou a vista com os olhos cheios de lágrimas.

—Amo-o, Krista. É intenso, difícil e muito exigente, mas estou loucamente apaixonada por ele. Por desgraça, Gray não me ama. De fato, odeia-me por enganá-lo.

—Já vejo. - Pareceu refletir sobre a situação. - Suponho que o conde está zangado e que tem todo o direito do mundo a está-lo. Mas o mais seguro é que com o tempo compreenda por que se comportou dessa maneira.

—Possivelmente. - Corrie se olhou no espelho, notando a incomum palidez de seu rosto. Lançou um tremente suspiro e se voltou para sua amiga.

—Além de me casar com um homem que me despreza, não sei o que acontecerá com meu emprego.

—Lindsey está fazendo um excelente trabalho em sua ausência. Queria nos acompanhar a suas bodas, mas alguém precisava ficar e fiscalizar a edição desta semana. Asseguro-te que está disposta a



continuar até que você decida o que vai fazer.

Corrie levantou a vista.

—Acredita que poderei retornar? Eu gosto de trabalhar na gazeta. Eu gosto de trabalhar contigo, Krista. Não estou preparada para o matrimônio.

Krista segurou sua mão.

—Não estava preparada para se apaixonar, ponto. Algumas vezes as coisas ocorrem sem mais.

Como aconteceu a Krista, recordou Corrie. Ao princípio, sua relação com o Leif foi um desastre. Agora eram incrivelmente felizes. Corrie pensou em Gray e sentiu de repente um vazio.

Deu a volta e se dirigiu para a janela. Do jardim ouvia as vozes dos convidados que já haviam chegado.

—Jamais descobrirei o que aconteceu a minha irmã.

Krista se uniu a ela na janela.

—Recebi sua carta. Sei que pensa que um dos homens do castelo era seu amante. Mas isso não quer dizer que a tenha matado.

—Sei. Hei-me dito isso mesmo uma e outra vez.

—Hoje é o dia de suas bodas. Não é o momento para pensar no passado. Sua irmã queria que fosse feliz.

Corrie sentiu um peso no coração. Laurel desejaria que se casasse com um homem que a amasse. Isso não ia ocorrer.

—Gray procurará alguma classe de vingança. Vive de acordo com suas próprias regras, mas, a sua maneira, é um homem honrado.

—E você é uma mulher valente e digna. Com o tempo se dará conta.

Mas Corrie não acreditava. Fosse o que fosse o que Gray sentira por ela, deixara de existir na manhã que Letty Moss se esfumou.

Embelezada com um vestido de três capas de organdi⁴ cinza pomba adornado com cintas de seda cor malva, e o cabelo acobreado caindo em cachos de cabelo sobre os ombros, Corrie se deteve na porta que dava ao jardim.

Planejara vestir-se de luto ao menos outro mês mais, como era o costume, e escolhera o vestido de noiva com esse propósito em mente.

—O conde ainda não chegou. - Sua mãe, uma mulher de cabelo castanho de quase cinquenta anos, vestida só com o meio luto para as bodas, estava a seu lado retorcendo as mãos. - Santo Deus, possivelmente não venha.

Corrie sentiu uma opressão no peito. Era possível. Possivelmente deixá-la plantada no altar era

⁴ **Organdi**, do francês *organdi*, é a designação de um tecido originário de Urganje, região russa situada no antigo Turquistão, famosa na Idade Média por seu mercado de seda. Na língua portuguesa, passou a denominar uma espécie de musselina, um tecido transparente, mais consistente que a seda, mas igualmente leve, e com um preparo especial, um acabamento engomado que lhe confere uma certa consistência.



o castigo que o conde planejara para lhe fazer pagar pelas semanas de engano.

Pelo bem de seus pais, rezou para que não lhe fizesse essa humilhação pública.

—Só se atrasa uns minutos - disse, tratando de evitar que sua mãe pusesse-se a chorar. - Possivelmente teve problemas no caminho. - Mas acreditava que se tratava mais de uma advertência do conde.

Se atrasasse, ficaria claro que não era um noivo ansioso.

—Já está aqui! - Krista deu as costas à janela e se apressou para elas. - Acaba de entrar no jardim.

—Graças a Deus - exclamou sua mãe. Corrie se aproximou dela e lhe deu um abraço tranquilizador, embora não estivesse segura de qual das duas o necessitava mais.

—Tudo vai sair bem, mamãe.

A mulher esboçou um tremente sorriso.

—Sim, é obvio que sim. Depois de tudo, casa-te com um conde. Com o tempo, às pessoas esquecerão a precipitação destas bodas.

Corrie sentiu uma fria pontada de culpabilidade. Se tivesse escutado a Krista e tivesse permanecido em Londres, nada disso teria ocorrido.

—Chegou o momento, Coralee. - O suave aviso de sua amiga enviou um estremecimento por todo seu corpo.

Aspirou profundamente para tranquilizar-se e se dispôs a enfrentar à dura prova que tinha por diante. Krista se ajoelhou e endireitou a cauda do vestido de organdi, logo abriu a porta.

Embora os convidados fossem poucos, a capela fora decorada com enormes vasos de barro cheias de crisântemos brancos e malvas. Um tapete branco conduzia até o altar.

Leif e Thor esperavam na porta. Um loiro, outro moreno, ambos enormes e com o olhar mais triste que Corrie jamais vira.

Leif se inclinou e a beijou na face.

—Está preciosa. Seu conde é um homem afortunado.

Corrie esboçou um sorriso tremente.

—Obrigado.

—Se não te tratar bem - disse Thor em tom sombrio, - só precisa me dizer algo.

As lágrimas lhe arderam nos olhos. Tinha sorte de ter tão bons amigos.

—Obrigado. Recordarei seu oferecimento, Thor. - Ela sabia muito bem o que desejou dizer.

Thor Draugr procedia da mesma ilha desconhecida que seu irmão. Fora tão analfabeto e atrasado como Leif a primeira vez que chegou. Mas o professor Hart obteve com o Thor o mesmo milagre que com o Leif.

Era assombroso o progresso que realizara o enorme norueguês.

—Deveria ir já. - Krista lhe deu um último abraço antes de voltar com seu marido. Ver a maneira



em que eles se olhavam fez com que o coração de Corrie se enchesse de desejo. Oxalá Gray a olhasse com esse amor nos olhos... mas não acreditava que o fizesse nunca. Seu pai a estava esperando.

—É uma noiva preciosa, Coralee. - inclinou-se e a beijou na face, com o cabelo acobreado, da mesma cor que sua filha, cintilando. - Não importa o que pense de minhas ações, sabe que isso não quer dizer que não te ame.

—Sei, papai. Eu também te amo.

Segurou a mão enluvada do pai e a beijou.

—Aconteça o que acontecer, estou orgulhoso de sua força, Coralee. E de sua lealdade. O conde vai ter uma esposa maravilhosa.

Ela simplesmente assentiu com a cabeça. Tinha um nó na garganta e não podia pronunciar as palavras que queria. Logo dirigiu o olhar ao altar, e viu o homem que seria seu marido, o moreno e alto conde de Tremaine.

Tinha a mandíbula apertada e os olhos duros e sombrios como o ônix.

Tratou de recordar ao homem compassivo que fora procurá-la sob uma chuva torrencial, o homem que a amara com ternura, mas não havia nem rastro dele.

—Pronta? - perguntou seu pai.

Ela assentiu com a cabeça. Foi tudo o que pôde fazer.

Corrie tentou não tremer enquanto percorria o corredor. Viu algumas caras conhecidas: Allison ao lado da tia Agnes, que retorcia as mãos com inquietação; Rebecca e Charles ao lado de Jason, que parecia quase divertido.

Corrie tinha uma avó a quem adorava, mas estava muito delicada para viajar de Londres. Sua mãe esperava no final do corredor a que seu marido entregasse à noiva e se reunisse com ela.

No outro lado, sir Paxton Hart, o pai da Krista, permanecia de pé junto à Krista, Leif e Thor.

Corrie voltou a olhar ao altar, onde o conde estava esperando-a. Seu pai lhe dirigiu um olhar que continha um sinal de advertência, logo a deixou sob seu amparo.

Sentiu as mãos geladas dentro das luvas quando olhou fixamente as duras linhas de sua cara.

—Lamento-o - disse ela brandamente, - jamais pensei que ocorreria algo assim.

O conde arqueou uma sobrancelha negra.

—Suponho que, de algum jeito, eu também o lamento. Se não tivesse desejado seu precioso corpo, ainda seria virgem e não me veria forçado a me casar contigo.

Ela se encolheu ante a lembrança. Gray sempre fora rude, mas hoje preferia que guardasse suas investidas até que estivessem a sós.

—Estamos preparados para começar? - O vigário Langston estava de pé no altar diante deles. Dirigiu a Corrie um olhar de simpatia e um sorriso tranquilizador.

—Algumas vezes o Senhor atua de maneiras misteriosas. Espero que ambos tenham posta sua confiança nele.



Ela sentiu o agulhão das lágrimas, mas as conteve. Não ia chorar. Não diante do Gray. Para ele já caíra muito baixo.

—Agradaria-me que dessem as mãos.

Gray tomou os dedos enluvados de Corrie e ela pôde sentir a cólera reprimida que bulia nele.

—Queridos irmãos - começou o vigário, - estamos aqui reunidos, para unir a este homem, Grayson Morgan Forsythe, sexto conde de Tremaine, e a esta mulher, Coralee Meredith Whitmore, em santo matrimônio ante Deus e segundo as leis da Inglaterra!

O vigário continuou pronunciando as palavras que a uniriam ao Gray, mas Coralee mal as ouviu. Por dentro, estava tremendo, seu coração sofria ante o incerto futuro que se estendia em sua frente.

Gray acreditava que perdera Letty.

Quando a cerimônia chegou ao final e ele tomou em seus braços para lhe dar um beijo duro e castigador, Corrie soube com certeza que perdera o Gray.

As bodas terminaram por fim. O pequeno cortejo nupcial se trasladou ao salão, onde se preparou um generoso bufê com carne, cordeiro assado com molho, salmão defumado e uma mescla de verduras, queijos e frutas. Em uma mesa à parte estavam as sobremesas: pudim de pão de gengibre, nata pasteleira, mingau, bolos. Sua mãe não regulara em gastos e os convidados pareciam impressionados ante o suntuoso desdobramento de comida.

Desempenhando o papel de noivo solícito, Gray encheu um prato para Corrie e o levou a mesa com uma toalha de linho onde estavam sentados, mas ela não tinha apetite. Não quando cada uma de das olhadas que seu marido lhe dirigia parecia mais sombria que a anterior.

Gray percorreu com a vista o vestido de noiva cinza. Não andou com rodeios.

—Está preciosa hoje, mas se acredita que vais voltar a levar luto por sua irmã, já te pode ir esquecendo. Não quero que minha esposa ande como uma alma penada pela casa, recordando a morte a minha família. Já a choraste o bastante. Sua irmã está morta e o passado, passado está.

—Mas?

—Não há nada mais que dizer, Coralee.

Não discutiu. Odiava usar essas roupas tão deprimentes que não serviam mais que para manter viva a lembrança da morte de Laurel. Na verdade, pela primeira vez desde que se casou, estava agradecida por algo.

Gray se reclinou na cadeira.

—Ao menos seu quarto será melhor do que o que ocupou a última vez.

—Sim... já o pensei.

Gray apertou os lábios.

—É obvio, a Letty não parecia importar.

O temperamento de Corrie se inflamou um pouco. Deixou a taça sobre a toalha com mais dureza do que queria, e várias gotas se derramaram pela borda.



—Sei que pensa o pior de mim. Mas não sou a criatura mimada e egoísta que acredita que sou.

—Não o é?

—Não. - Jogou uma olhada ao redor para assegurar-se de que ninguém a estava escutando. - Não me desculparei porque minha família tenha riquezas e status social. Não escolhi nascer sendo filha de um visconde mais do que você escolheu ser conde.

Gray a observava agora com interesse, e ela viu uma oportunidade para explicar ao menos algumas coisas que ocorreram.

—Sei que está zangado por um montão de coisas, uma das quais é pelo que escrevi sobre você em minha coluna. Aí, mencionei o que se dizia de você nesse momento. Mas era meu trabalho refletir o que ouvia.

Ele se reclinou na cadeira.

—E o fez bastante bem. Depois de tudo, não é a simples esposa provinciana pelo qual te fez passar. - Franziu o cenho como se lhe tivesse ocorrido algo de repente. - O chamou Homero pela Odisséia, não?

—Sim.

Gray lhe dirigiu um olhar afiado.

—Então admite que sabe latim?

Corrie elevou o queixo um pouco.

—Também sei grego. Não é um crime, sabe?

—E é provável que até fale francês?

Jason deve ter percebido o veneno que destilava a voz do Gray. deteve-se a seu lado e os felicitou nessa língua. Corrie aceitou as felicitações, respondendo em um francês impecável, dirigindo ao Gray um olhar quase tão sombrio como as que ela esteve recebendo dele.

Gray trocou um duro olhar com seu primo.

—Tome cuidado com o que diz a minha esposa - advertiu. - Recorda que eu também falo essa língua.

Jason sorriu, e as covinhas apareceram em suas faces.

—Vá, e pensar que acreditava que só tinha ciúmes de nossa pobre priminha. Que interessante.

O conde apertou os dentes quando o jovem deu a volta.

—Parece que meu primo ainda te deseja. Ao que parece não se importa que nome tenha.

—Não seja ridículo. Só estava sendo educado.

—Agora é minha esposa, Coralee. Faria muito bem em recordá-lo.

—Já falei isso, Jason não me interessa. - Aproximou-se mais a ele. - Se recorda bem, foi a ti e não a ele a quem deixei entrar em minha cama. Ou já esqueceu?

Os olhos escuros pareceram brilhar intensamente.

—Não me esqueci. Nem se esquecerá você assim que chegemos em casa.



Corrie conteve o fôlego. Possivelmente provocar a ira desse conde do demônio em sua noite de bodas não era uma boa ideia. Santo Deus, quando aprenderia a morder a língua?

A festa ia terminar rápido para o gosto de Coralee, mas pelos tórridos olhares que lhe lançou o conde, não seria o suficientemente rápido para ele.

—Agarra o casaco - disse ele. - Vamos.

—Mas?

—Já!

Corrie se apressou a acatar a ordem. Quis lembrá-lo que não era Letty. Não precisava dançar ao som que ele tocasse. Mas Gray tinha direito a estar zangado, e estava claro que essa noite ele tencionava fazê-la pagar pelos problemas que causou.

Um estremecimento de inquietação a atravessou. Não conhecia o homem com o qual se casou, era diferente ao homem com o qual fizera o amor sob a tormenta. Que planos tinha para ela?

O que esperaria ele que fizesse?

Sua incerteza ia aumentando. Mal notou quando a envolveu em sua capa e a guiou para a porta, a deixando só o tempo suficiente para despedir-se brevemente de sua família e amigos.

Quando passou junto a Thor, ele a agarrou pela mão.

—Recorda o que te disse.

O olhar que dirigiu ao Gray não deixava lugar a dúvidas do que queria dizer e Corrie se sentiu agradecida de que fosse seu amigo.

—Não o esquecerei.

Gray a empurrou outra vez para a porta. Na carruagem, ele se recostou contra o assento em frente a ela, com os olhos ardendo de cólera e paixão, a cara de um demônio com uma fúria imponente.

Corrie teve que recorrer a toda sua coragem para sustentar esse olhar duro e não afastar a vista.

—Sou sua esposa - disse ela ao fim. - Não vou evitar meus deveres em nossa noite de bodas, mas não permitirei que me faça mal.

Gray arqueou as sobrancelhas negras com surpresa.

—É isso o que pensa? Que tenho intenção de te machucar?

Ela se estremeceu.

—Está claro que me odeia. Sei que tem intenção de me castigar pelo que fiz.

Pela primeira vez, o duro olhar do conde se suavizou.

—Jamais te faria mal, Coralee, não importa quão zangado esteja. - Relaxou contra o assento. - De fato, os planos que tenho para ti esta noite, não têm nada que ver com a dor, embora haja aprendido que às vezes pode ser utilizado de maneiras muito interessantes. Esta noite o prazer é a única coisa que tenho em mente.



Mas a dureza retornara a seus traços, fazendo difícil que Corrie acreditasse em suas palavras.

Capítulo 18

O sol já se ocultou. A escuridão rodeava o castelo enquanto fora rugia um forte vento. Corrie estava sentada com rigidez no tamborete da penteadeira do dormitório da condessa, contíguo ao quarto do conde.

Era uma suíte, e como Tremaine dissera, era muito mais elegante que o quarto que ocupara antes. Estava decorada com móveis de palisandro de modelo francês e cortinas e colcha de seda cor verde clara; o quarto era precioso, mas não podia evitar sentir-se uma intrusa em um dormitório que devia ter pertencido a anterior esposa do conde.

Como Allison já não exerceria mais de donzela, Gray prometera atribuir a tarefa a uma das criadas. A garota ainda não chegara, e Corrie se moveu com nervosismo enquanto a esperava.

O fogo da lareira estava aceso e esquentava o quarto, mas ela se sentia fria por dentro. Logo chegaria Gray.

Não estava segura do que esperava dela, só sabia que fazer amor com ele desta vez seria diferente de como o fizeram antes. Não haveria suavidade, nem ternura, nem lhe importariam seus sentimentos.

Só de pensar oprimiu o coração.

Estava temendo a noite que tinha por diante e desejando que chegasse a donzela, quando se abriu a porta e Gray entrou sem chamar. Ele percorreu o quarto com o olhar e franziu o cenho, como se fosse a primeira vez que percebesse onde estava.

—Não pode ficar aqui. Não até que se reforme o quarto. Este dormitório era de Jillian, e não quero que haja nada aqui que me recorde isso.

Parecia como se lhe tivesse arrojado de propósito o mais grave insulto, e Corrie ficou com o coração mais oprimido, ao mesmo tempo que elevava o queixo.

—Foi a governanta quem me conduziu até aqui.

Ele franziu o cenho de novo enquanto se aproximava dela.

—Não foi sua culpa - explicou Corrie com rapidez. - Só fez o que acreditava que você desejava.

O conde arqueou uma sobrancelha.

—Acredita que vou despedi-la por um simples engano? É essa a opinião que tem de mim?

Corrie tragou.

—Antes era diferente. Já não te conheço.

—Eu tampouco conheço a mulher com a qual me casei. - Deslizou-lhe um dedo pela face. -



Possivelmente esta noite possamos mudar isso um pouco.

Gray dirigiu o olhar para a porta que conduzia ao dormitório do conde.

—Pode decorar este quarto como quiser, mas permanecerá em meu quarto até que se terminem todos os acertos.

Corrie sentiu um nó no estômago.

—N... necessito um pouco de intimidade... e à donzela que me prometeu. Seguro que não é pedir muito.

Um duro sorriso apareceu nos lábios de Gray.

—Esta noite eu exercerei de donzela. Já encontrarei depois a alguém que te ajude, - estendeu-lhe a mão. - Veem. É hora de ir para a cama.

Ela não podia mover-se. Parecia que seus pés estavam pregados ao chão. Olhou-o e tentou não tremer.

—O que acontece?

Corrie pensou que já mentira o bastante.

—Tenho medo, Gray. Antes confiava em ti. Agora... - Afastou o olhar, tentando não chorar. Jamais fora covarde, mas essa noite se sentia a mulher mais covarde do mundo.

—Maldita seja. - Dirigindo-se a grandes pernadas para ela, inclinou-se e a agarrou nos braços. Embora já retirara a cauda do vestido, as capas de sua saia de organdi caíam em dobras vaporosas a seu redor. Depois de passar a soleira com ela em seus braços, deixou-a diante da penteadeira e começou a lhe tirar as forquilhas do cabelo.

Ela permaneceu rígida enquanto colocava os dedos entre os cachos dos cabelos, estendendo-os sobre os ombros. Gray não disse nada enquanto desabotoava os botões do vestido de noiva, logo a ajudou a sair da saia e das anáguas. Corrie ficou em espartilho, calções e meias, enquanto Gray permanecia vestido com as calças negras e a camisa branca que levava nas bodas. Tirou a casaca e o colete, tinha o cabelo despenteado pelo vento, e ela pensou no bandoleiro que havia roubado seu coração. Oxalá estivesse ali.

Gray se inclinou e a beijou no pescoço, e Corrie começou a tremer. Era uma loucura. Já não era virgem. Gray disse que não lhe faria mal, e mesmo assim...

Amava ao idiota que a despojou de sua inocência a noite da tormenta. Esse não era o mesmo homem. Fechou os olhos, mas não pôde conter as lágrimas que penetraram sob as pestanas.

Gray as viu e ergueu a cabeça.

—Pelo amor de Deus, Cora, já não é virgem. Hei-te dito que não te machucaria. Que diabos te passa?

Ela tragou, tentando reunir coragem.

—Não é ele... isso é o que acontece. Você desejava a Letty. E eu quero que retorne o homem que foi antes. - Solto um risinho histérico. - Não deixa de ser justiça divina, verdade?



Esses olhos sombrios a observaram. Soltou uma maldição que Corrie mal ouviu, deu-lhe as costas e se aproximou do aparador da parede. Uns minutos mais tarde, retornou com uma taça de vinho.

—Bebe isto.

—O que é?

—Na Índia o chamam "elixir sagrado".

—O que leva?

—Uns pós feitos com grãos de priyala amassados e kumhara, uma espécie de figo, e algo chamado murahari. Mesclei-os com vinho para que te ajude a relaxar.

Quando o olhou, ele estendeu a mão para lhe cavar a cara. Era a primeira amostra de ternura que teve desde a manhã que descobrira a verdadeira identidade de Corrie.

—Não leva nada mau. Dou-te minha palavra.

Ela o olhou com receio.

—Como soldado ou como cavaleiro?

Gray curvou os lábios, foi uma débil brecha no muro que construía a seu redor.

—Como soldado - disse ele com suavidade. E ela levantou a taça e bebeu até a última gota desse líquido ligeiramente amargo.

Demônios, Gray teve intenção de castigá-la, de lhe fazer pagar de algum jeito pelas mentiras que lhe dissera e o dano que causara. Mas quando o olhou com esses preciosos olhos verdes cheios de lágrimas, quando viu que lhe tremiam esses suaves lábios, na única coisa que pôde pensar foi em quanto a desejava.

Não o compreendia. Não era a doce esposa provinciana que acreditara que fosse, a jovem singela cuja inocente paixão desejava.

Era uma criatura sagaz e calculadora que esteve intrigando e mentindo sobre seus afetos. Percorreu com o olhar essas curvas suaves, esses rasgos preciosos e femininos, e o cabelo sedoso da cor das chamas.

Era formosa como uma deusa, sensual como uma sereia. Era a reencarnação de Maia, a deusa hindu da ilusão. Não era nada do que ele acreditara, mas a desejava como nunca desejara a outra mulher.

Mas Maia também era uma diaba, criadora das artes mágicas.

Essa mulher era uma bruxa. Do que outra maneira se não teria conseguido o enfeitiçar até o ponto de que qualquer castigo, qualquer dor que lhe infligisse, fosse muito mais doloroso para ele do que para ela? aproximou-se dela e percorreu a face com a ponta do dedo, sentindo a suave cremosidade de sua pele. Ferveu-lhe o sangue. Queria saboreá-la, acariciá-la por toda parte até enterrar-se em seu corpo.

Corrie devolveu a taça e sua mão já não tremia, e ele se deu conta de que o afrodisíaco



começava a surtir efeito.

Já não havia temor em seus olhos, a não ser um olhar lânguido, suave e acolhedor. A tensão abandonara o corpo de Corrie, e quando ele deixou a taça na penteadeira, ela se inclinou para ele com o olhar fixo em sua boca. Quando Corrie umedeceu os lábios com essa pequena língua rosada, Gray sentiu o ventre contrair e seu membro ficou duro como uma rocha.

A poção fizera efeito. Corrie era dele, uma companheira mais que disposta para que fizesse com ela o que quisesse. Girou-a para o espelho e observou como o olhava enquanto a despojava do resto dos objetos que ainda levava postas.

A nuca de Corrie o atraía, elegante e pálido, salpicada com um suave pelo acobreado. Beijou-a ali, sentindo o suave comichão dos sedosos fios contra a face, e ficou ainda mais duro, inclinando-se, subiu-lhe um pé ao tamborete, ajoelhou-se e lhe tirou as meias ao mesmo tempo que lhe beijava a panturrilha. Lambeu o arco do pé e ouviu seu gemido.

Só ficavam os calções e o espartilho. Recordando a fantasia do dia que se torceu o tornozelo, deslizou-lhe a palma da mão pela torneada perna, pela coxa, até que alcançou a abertura dos calções.

Deslizou dentro a mão, e começou a acariciá-la brandamente; estava úmida e escorregadia, como ele sabia que estaria.

A droga fizera o trabalho por ele. Tentou não pensar quanto preferia sua resposta natural a essas que se conseguiam graças a uma das poções que Samir preparara com ingredientes que trouxe da Índia.

Corrie se moveu contra sua mão e ele se deteve, negando-se a provocar sua liberação tão logo. Em seu lugar, ficou de pé e deslizou as mãos entre o espesso arbusto de cabelo, inclinou a cabeça e a beijou.

Em resposta, ela se apertou contra ele, ficou nas pontas dos pés e lhe devolveu o beijo. Quando enterrou a língua em sua boca, Gray sentiu um estremecimento de prazer que o percorreu dos pés a cabeça.

Quis cair com ela no chão, abrir suas calças e tomá-la ali mesmo, penetrando nela até que não pudesse conter sua semente.

Mas se reprimiu, tirou o resto de sua roupa, beijando cada centímetro de pele que ia ficando exposto, aspirando sua essência suave a flores que se mesclava com o aroma almiscarado do desejo.

Levantando-a em seus braços, depositou-a na cama, deixando-a só o tempo necessário para tirar suas próprias roupas; logo se uniu a ela sobre o colchão.

No momento que jazeu junto a ela, Corrie retornou a seus braços, beijando-o apaixonadamente e Gray quase perdeu o controle. Sabia que a droga era potente, por isso lhe dera só uma pequena dose.

Lhe ocorreu que aquela paixão não só era devida à poção, mas também à mulher a quem a dera. Seu nome podia ser Coralee e não Letty, mas esta era a mesma criatura apaixonada que



respondera com tanta avidez a vez anterior.

Algo pareceu ceder dentro dele. Possivelmente não a conhecesse, não estava seguro de se poderia viver com ela. Não era um homem que desse sua confiança à ligeira, e a pouca que deu a Letty, Coralee a destruíra.

Entretanto, quando se ofereceu a ele, dando a bem-vinda a seu corpo, quando se moveu dentro dela, e Corrie levantou os quadris para tomar mais dele, Gray sentiu uma profunda e comovedora sensação em seu interior que não esperava sentir.

Beijou-a com avidez, como se não tivesse suficiente dela, e Corrie lhe respondeu com similar abandono. Determinado convite o levaram mais alto e bombeou os quadris, conduzindo-a mais perto do limite.

Gray não cedeu a sua poderosa necessidade até que ela alcançou o orgasmo e gritou seu nome; não cedeu até que voltou a alcançar o êxtase. Logo o desejo o alcançou e o prazer o atravessou, tão feroz que seus músculos se esticaram e teve que apertar os dentes.

Passou muito tempo antes de que remetesse o prazer. Gray jazia deitado junto a essa esposa que não conhecia, e sentiu que sua ereção voltava para a vida outra vez. Disse a si mesmo que não era possível que pudesse desejá-la de novo tão logo.

O medo desaparecera. Em seu lugar, Corrie sentia um fogo que parecia não poder extinguir-se. Esperou a cólera de Gray, sua necessidade de vingança, não essa desenfreada paixão que ele não parecia poder controlar.

Inflamou seu desejo. Não podia apagar as chamas.

Disse a si mesmo que era a droga, mas em seu coração sabia que não era certo. A poção era só uma desculpa para fazer o que queria. Desde a primeira noite, sonhara em beijá-lo, tocá-lo por toda parte, sentindo os movimentos de seus músculos, conhecer a textura de sua pele.

Enquanto ele jazia a seu lado, ela se colocou sobre ele, roçando os seios contra o escuro pelo encaracolado de seu peito, esfregando seus mamilos duros como diamantes contra os planos bicos do peito cor bronze.

Beijou-o profundamente, na testa, nos olhos, na linha da mandíbula.

—Coralee? - sussurrou ele, pronunciando seu nome como ela tanto desejara lhe ouvir, e sentindo que o coração se enchia de esperança.

Enterrando os dedos no espesso cabelo negro, inclinou-se sobre ele, capturando sua boca em um beijo ardente e voraz que Gray devolveu introduzindo a língua na boca e incendiando de novo seu corpo.

Adorava o sabor de Gray, seu calor e masculinidade, a força dos braços que a rodeavam. Sentiu suas mãos na cintura e como a levantava em cima dele, com o cabelo balançando-se para diante, formando uma cortina que parecia deixar fora ao resto do mundo.

—Gray? - sussurrou ela. O amou uma vez, quando ele era um homem diferente e ela uma



mulher diferente.

Gray a beijou profundamente e a levantou de novo, ela sentiu o duro membro procurando a entrada. Compreendendo, tomou o controle e desceu sobre seu pênis, sentindo a deliciosa plenitude em seu interior.

O calor a alagou, um feroz e ardente desejo que a arrastava até o topo onde a conduzira antes. moveu-se, levantou-se para afundar-se de novo e sentiu uma sensação de triunfo e uma quebra de onda de incrível prazer quando ele gemeu. Gray esticou os músculos enquanto lutava por controlar-se, e pela primeira vez, ela reconheceu o poder que tinha sobre ele.

Corrie continuou, aprendendo o ritmo, movendo-se firmemente para a meta que ambos desejavam alcançar. O vento gemia fora enquanto Corrie ofegava e sentia um prazer cada vez mais intenso.

Gray gritou quando ela o tomou mais profundamente, começando a mover-se mais rápido, afundando-se com mais força, com mais profundidade.

—Santa Mãe de Deus - grunhiu Gray, agarrando-a pelos quadris para mantê-la quieta e empurrar nela uma e outra vez até que os conduziu a ambos ao êxtase.

O clímax foi rápido e duro, uma liberação destrutiva que a fez gritar de novo seu nome. Gray alcançou o topo um instante depois e ambos caíram pelo precipício.

Corrie se deixou cair em cima do forte peito de Gray, surpreendendo-se quando sentiu seus lábios contra a testa. Desceu-a de cima de seu corpo e logo a abraçou.

Gray não disse nada, e ela tampouco, ambos temiam destruir esse frágil momento.

Permaneceram tombados. Seu último pensamento foi que fosse o que fosse o que acontecesse entre eles, já não o temia.

Corrie despertou quando a primeira débil luz do amanhecer semeou de púrpura a terra atrás da janela. Sentia a mente um pouco confusa e os músculos relaxados. Havia um corpo duro e masculino a seu lado. Gray.

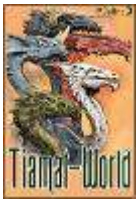
Girou a cabeça para lhe olhar, observando as grossas pestanas negras que se desdobravam em abano sobre as enxutas faces, a dura linha da mandíbula, a leve sombra da barba.

Tinha os lençóis ao redor dos quadris, estava nu até a cintura e ela centrou ali a atenção. Ele tinha um corpo magnífico, todo tendões e duros músculos, o abdômen plano, salvo pelos ossos dos quadris.

Fizera amor a noite anterior, e embora não fosse como a outra vez, proporcionou o prazer que prometeu.

A poção completara seu trabalho e ela relaxou. Não, muito mais que depravado. Respondera como a tigresa com a quem a comparara uma vez. Ruborizou-se ao pensar que virtualmente o atacara.

Formou um nó nas vísceras ao pensá-lo. Possivelmente esse seria seu castigo. Quando ele



despertasse, burlaria de seu comportamento, recordando a lasciva criatura em que se converteu.

Corrie suspirou. Fosse o que fosse o que ele jogara no vinho, servira para fazer desaparecer seus medos, mas não podia jogar completamente a culpa de sua selvagem resposta a isso.

Olhou ao homem com o qual se casou. Apesar de que desfrutara do prazer que proporcionou, gostou mais de sua maneira de fazer amor quando a paixão que bulia entre eles era provocada pelo simples desejo.

Isso não ocorrera na noite anterior, mas possivelmente poderiam alcançar um tácito acordo. Ele era um homem e ela uma mulher. desejavam-se mutuamente. Teria que ser suficiente.

—Dormiu bem? - perguntou-lhe ele do outro lado da cama; o tom duro retornara a sua voz.

Corrie se esticou.

—Muito bem, obrigado.

—Ainda tem medo?

—Não.

Ele arqueou uma sobrancelha. Sem deixar de examiná-la, aproximou-se, cavou-lhe um seio e começou a lhe esfregar o mamilo. excitou-se imediatamente e começou a sentir um pulsar entre as pernas.

Gray moveu a mão ali como se soubesse, e Corrie emitiu um suave gemido.

—Bom, ao menos temos isto. - Não havia mofa em sua voz, nem rastro de recriminação, e ela relaxou quando ele se colocou em cima dela, beijando-a profundamente, excitando-a com uma facilidade que deveria surpreendê-la mas que não o fazia. Ela se deixou levar pelo fogo que Gray provocava, deixando-se guiar por ele, seguindo o ritmo de seus movimentos enquanto pensava que ele tinha razão.

Ao menos tinham isso. Mas em seu coração, ela sabia que não seria suficiente.

Capítulo 19

Os raios do sol se filtravam pelas cortinas das janelas do dormitório de Gray. Corrie deu a volta para abraçá-lo, mas seu lado da cama estava frio, Gray já se foi. Recostou-se contra o travesseiro, olhando fixamente o pesado dossel de veludo dourado por cima dela. Embora uma parte dela se alegrava de não ter que enfrentar a ele, outra desejava que estivesse ali para fazer o amor quando despertasse.

Um ligeiro golpe na porta atraiu sua atenção, e uma jovem com saia negra, blusa branca e touca entrou no dormitório.

—Envia-me o conde - disse. - Sou Anna, sua nova donzela. - Alta, muito magra, com a pele



dourada e o cabelo loiro, Anna sorriu com simpatia. - Se lhe parecer bem, milady.

—Aparentava algo mais de trinta anos, mas esses rasgos claros a faziam parecer bastante atraente.

—Muito bem, Anna. Minha roupa está nos aposentos da condessa. por que não vamos ali e me ajuda a escolher o vestido?

—Sim, milady.

Meia hora depois, Corrie estava vestida e sentada no salão do café da manhã em frente a Rebecca, imersa na primeira conversação que mantinha com ela desde as bodas.

—Assim agora ficará aqui para sempre. Ou ao menos até que Gray se canse de ti.

Corrie ficou tensa. Desde o momento que começara a encher seu prato no aparador, Rebecca se mostrara tão desagradável como Corrie temia.

—O que quer dizer? Estamos casados. Agora sou a esposa de Gray. - O qual se encarregou ele de lhe demonstrar a conscientiza com sua apaixonada maneira de lhe fazer o amor a noite anterior.

—Sem dúvida alguma, se dará conta de que seu interesse por ti é só passageiro. Tencionava te converter em sua amante, não de casar-se contigo.

Era certo. Casou-se com ela porque as circunstâncias não deixaram outra opção.

—Inclusive assim, é meu marido.

Rebecca tomou um gole do escuro chá que enchia sua taça de porcelana. Estava vestida com a mesma elegância de sempre, com um vestido de seda azul claro que fazia jogo com o azul de seus olhos.

Os cachos de cabelo loiros e brilhantes caíam sobre os ombros.

—Gray é um homem de fortes apetites sexuais - disse Rebecca. - Depois da morte de Jillian, sentiu-se culpado e enterrou seus desejos, mas Bethany pôs fim a seu celibato. Logo chegou você. Estou segura de que sabe que não será a última.

Corrie conseguiu tragar o bocado de ovos que levou a boca, embora já não tinha fome.

—Como já falei, estamos casados. Espero que o conde respeite os votos matrimoniais. - E enquanto dizia essas palavras se deu conta de que eram verdade. Se Gray não fosse fiel, o deixaria. Pensar nisso lhe oprimiu o coração.

Rebecca sorriu.

—Se for fidelidade o que esperas, querida, então é tola. Que homem cumpre seus votos matrimoniais? Cedo ou tarde, Gray ficará prendado de outra mulher e enviará a alguma de suas fazendas. Possivelmente, se tiver sorte, possa te estabelecer na casa de Londres. Pelo menos assim poderá seguir escrevendo essa tua ridícula coluna.

Corrie apertou os dentes. Agora que estava casada com o Gray, os últimos restos de cortesia da Rebecca se desvaneceram. Estava claramente furiosa por não ser já a mulher que dirigisse o Castelo de Tremaine.



—Escrever na gazeta é meu trabalho. Mas suponho que é das que pensam que qualquer trabalho significa rebaixar-se. - O que lhe recordou que se queria ter algum tipo de privacidade, teria que remodelar o quarto da condessa.

Levantou-se da mesa sem acabar de comer.

—Tenho que ir. Tenho que fazer várias coisas esta manhã. Se me desculpar?

Um tenso sorriso se estendeu pela cara da Rebecca. Não importava. Jamais foram amigas e isso não ia mudar.

Enquanto Corrie avançava pelo corredor para recolher sua capa, pensou no projeto que tinha por diante. Essa manhã ao despertar, deu-se conta de quão deprimentes era o quarto de Gray: os móveis escuros de madeira maciça, pesadas cortinas que tampavam a luz do sol, o escuro tapete cor café. depois que esteve no ensolarado estúdio - a sala hindu, como decidira chamá-la, - onde ele tinha a maior parte de seus pertences pessoais, estava segura de que o dormitório não o agradava.

Perguntaria-lhe primeiro, é obvio, mas se lhe desse permissão, trocaria essa deprimente suíte junto com a sua.

Encontrou-o em seu escritório privado, enfrascado nos livros de contas abertos sobre a escrivaninha. Jamais o vira nessa sala, e agora que o fazia se deu conta de quão importante foram suas viagens para ele.

Parecia muito a gosto sentado ante essa mesa de vime e em meio dessas cores chamativas, com as vasilhas de bronze e os incensos de sândalo. De fato, parecia mais em seu ambiente que em nenhum outro lugar do castelo.

Preparando-se mentalmente para qualquer que fosse seu estado de ânimo, ela golpeou a porta aberta, compôs um sorriso e entrou. Gray levantou a vista dos livros de contas, viu-a e franziu o cenho.

Não era um bom sinal.

—Bom dia, milord.

Os olhos do conde percorreram o vestido de musselina cor damasco.

—Pensava que só Letty se vestia com singela musselina.

Corrie tentou ignorar suas palavras.

—Tenho trabalho que fazer. Por isso estou aqui. Seda e brocados não seriam adequados.

—O que quer?

—Sugeriu-me ontem que fizesse mudanças em meu quarto. Perguntava-me se estaria de acordo em que fizesse algumas mudanças também no teu. É obvio, se as preferir como está agora...

—Faz o que quiser. - Voltou para enfrascarse em seu trabalho, inclinando a cabeça sobre a tarefa como se ela já se fora.

A Letty poderia não se importar que a despachassem com desleixo, mas Coralee Whitmore não estava acostumada a um trato tão rude. Rodeando o escritório, aproximou-se aonde ele estava



sentado.

Gray ergueu a cabeça como se percebesse que ela ainda estava ali.

—Queria algo mais?

Não se dera conta da porta, mas agora, ao ver as tensas linhas da cara do Gray, o gesto torcido de seus lábios, ficou claro que ele queria que partisse sem importar o que ela desejasse.

—Possivelmente sim. - O pensou um momento. - Sou sua esposa, não? Estamos casados a um dia. Acredito que um recém casado merece um beijo de bom dia.

Notou a expressão estupefata da cara do Gray quando se inclinou e lhe depositou um quente beijo nos lábios. Ele permaneceu sentado com aspecto aturdido enquanto ela girava e saía do estúdio.

—Que tenha um bom dia, milord - lhe disse por cima do ombro.

Ao sair pela porta, Corrie sorriu incapaz de conter uma pequena sensação de triunfo.

O projeto de reforma estava em marcha. Assim que abandonou o estúdio de Gray, Corrie se encaminhou ao povoado para contratar os trabalhadores e encarregar novos móveis para ambos os dormitórios.

A princípio, considerou ir na carruagem, já que ela era, depois de tudo, a condessa de Tremaine. Mas, simplesmente, o dia estava muito agradável e os raios de sol esquentavam seus ombros.

Quando passava na frente do estábulo de caminho ao povoado Homero chegou trotando para ela.

—Homero! - Se abaixou ante o desalinhado cão cinza e lhe rodeou o pescoço com os braços. - Senti sua falta menino. - Acariciou-lhe a pelagem emaranhada. - Quer dar um passeio comigo?

Ladrou-lhe como se a entendesse, e Corrie sorriu enquanto punha-se a andar em direção ao povoado. Ao menos, podia contar com um amigo no castelo.

As ervas do caminho estavam ainda mais crescidas que no mês anterior, e lhe roçavam as pregas das saias. Começou sua primeira tarefa como lady Tremaine, mas tinha um assunto muito mais importante em mente, um que tentara deixar de lado, mas que, simplesmente, não podia. "Não te esqueci, irmãzinha".

Nos últimos dias, conseguira ignorar os pensamentos sobre Laurel. Com as bodas forçadas e suas preocupações sobre o Gray, Corrie teve pouco tempo para pensar em qualquer outra coisa.

Agora que era uma moradora a mais do castelo, lhe ocorreu que de maneira casual se apresentou a situação perfeita. Embora resultasse impossível acreditar que Charles ou Jason fossem capazes de assassinar a alguém, ao encontrar o livro de Laurel se convenceu de que um dos homens do castelo fora o amante de Laurel.

Rebecca fazia uma observação sobre a infidelidade dos homens. Possivelmente ela sabia de primeira mão.

E Jason? Jason era um jovem encantador, exatamente a classe de homem do qual sua irmã teria se apaixonado.



Como parte da família, Corrie poderia ir aonde quisesse. Com um pouco mais de investigação, poderia averiguar a qual dos dois homens deveria vigiar. Uma vez que soubesse com certeza quem dos dois era, pressionaria-o para conseguir respostas, para encontrar alguma pista do que realmente ocorreu a Laurel e a seu filho recém-nascido.

Corrie apertou o passo. Assim que retornasse do povoado, continuaria sua busca da verdade.

Gray estava diante da janela do dormitório. Depois de seu encontro com a Coralee no estúdio, encontrou-se subindo as escadas enquanto pensava que, se eram beijos o que sua pequena esposa queria, ele os daria... isso e muito mais.

Mas o quarto estava vazio, e tentou convencer-se a si mesmo de que não estava decepcionado. Olhando pela janela, viu sua esposa no pátio dos estábulos, atrás do castelo. Incomodou-lhe vê-la ajoelhar-se e rodear com os braços o pescoço do enorme cão mestiço de pelagem cinza.

Que diabos estava fazendo? Não era Letty Moss. Era uma mulher de coração duro que o caluniou em sua coluna, uma mulher que ganhava a vida descobrindo segredos de outras pessoas e expondo-os ao mundo.

Havia mentido, fingiu ser doce e ingênua quando estava claro que não era.

E mesmo assim...

Gray a observou com o cão e se perguntou: seria possível que Cora e Letty não fossem tão diferentes como ele acreditava?

Era um pensamento perturbador. Uma coisa era sentir-se muito atraído por uma amante, cuidá-la de uma maneira distante. Mas outra coisa era ficar completamente cativado por sua própria esposa.

Durante o ano que esteve casado, manteve as distâncias com Jillian, jamais desejou em realidade nenhum tipo de proximidade. Mas havia algo diferente em Coralee, algo que o atraía e que fazia que se sentisse invadido por um estranho desejo.

Gray conteve o desejo de acompanhá-la em seu passeio ao povoado. Ele era um solitário. Foi desde menino e tencionava seguir sendo-o agora. Não ia permitir que essa pequena ruiva encantasse seu coração com enganos.

Deu as costas à janela quando soou um suave golpe na porta. encaminhou-se para ali enquanto Samir girava a maçaneta e entrava no quarto.

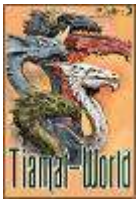
—Lamento o incomodar, sahib, mas tem visita. Seus amigos, o senhor Petersen e o coronel Rayburn o esperam no estúdio.

—O coronel está lá em baixo?

Timothy Rayburn fora seu comandante quando Gray estava na Índia, era um de seus melhores amigos.

O homenzinho sorriu amplamente, revelando os vãos entre os dentes.

—Sim, sahib. - O Samir sempre gostara de Rayburn.



Gray não pôde conter um sorriso, algo que raramente ocorria esses dias.

—Diga que já desço. - alegrou-se ante a inesperada chegada de seus amigos, entretanto, surpreendeu-se que chegassem juntos. Timothy Rayburn era um militar dos pés à cabeça, fora comandante (agora era coronel) no noventa e nove regimento de infantaria destinado na Índia, onde Gray o conheceu. Dolph estava retirado de não se sabia que posto extraoficial que ocupara no Ministério da Guerra.

Possivelmente, depois de tudo, não fosse tão surpreendente.

Gray desceu as escadas e encontrou a ambos os homens sentados em umas grandes poltronas de couro diante de uma lareira apagada, saboreando as taças de brandy que Samir serviu.

—Timothy. Dolph. Me alegro de os ver. - Ambos os homens se levantaram para lhe estreitar a mão. - Felicidades pela ascensão, coronel. O certo é que merecia isso.

Rayburn sorriu amplamente.

—Sim, bom, levou-me muito tempo. - Era um homem de faces coradas e cara sardenta, espesso cabelo avermelhado e de caráter reservado. Era também o tipo de militar ao qual um homem poderia confiar sua vida, como Gray fez em mais de uma ocasião.

—O que os trouxe por aqui? - perguntou.

—Uns negócios em Bristol - respondeu o coronel. - Um novo contrato que envolve à Companhia das Índias Orientais⁵ e a necessidade de pólvora para o exército.

Gray assentiu com a cabeça. O salitre, um dos ingredientes imprescindíveis, fora exportado da Índia desde princípios do século XVII.

—Negócios e a oportunidade de receber um pequeno conselho de um amigo - acrescentou Dolph.

Gray dirigiu um olhar duro ao homem alto, de cabelo escuro e cara angulosa.

—Conselho? Como o que você me deu? Segundo lembro, recebi tua mensagem me dizendo que não me preocupasse com a Letty Moss.

Dolph só sorriu.

—Essa senhora não era uma ameaça. Queria me contratar para investigá-la, mas nesse momento, já fora contratado por ela para te investigar. Estive afastado de Londres uns dias, mas suponho que já averiguaste a verdadeira identidade da senhora Moss.

Gray se encaminhou ao aparador, tirou a tampa a uma licoreira de cristal e se serviu uma taça.

—Possivelmente deveria ter-me dito isso. Se o soubesse, pode ser que agora não fosse minha esposa.

Dolph se engasgou com o gole de brandy que estava tomando.

⁵ *Campanhia da Índia Oriental* é o nome dado a diversas companhias européias que iniciaram o comércio com a Índia e o Extremo Oriente, durante o séc. XVII. As companhias da Índia Oriental constituíam empresas privadas que recebiam privilégios dos governos da Inglaterra, Países Baixos, Dinamarca e França. Obtinham autorização para realizar negócios vantajosos para seus países.



—Casou com ela?

Gray encolheu os ombros.

—Letty Moss era um delicioso bocado. Pensei convertê-la em minha amante. O visconde tinha uma opinião diferente, dado que a garota era sua filha...

Dolph conteve um sorriso.

—Felicidades.

—Sim, senhor! - disse Timothy Rayburn, elevando a taça de brandy para brindar.

A expressão de Dolph se tornou séria ao desvanecer as rugas provocadas pela risada.

—É uma boa garota, Gray. Será uma excelente esposa.

Gray não respondeu. Não queria uma esposa. Já teve uma, e perdê-la provocou uma dor insuportável.

Levou a bebida ao sofá e se sentou em frente a seus amigos.

—Bom, que conselho procuravam?

Foi o coronel quem respondeu.

—Gray, você conhece a Índia melhor que qualquer outro inglês que conheça. Correm rumores de possíveis revoltas. Nós gostaríamos de conhecer sua opinião sobre o tema.

—Fala pelos dois? - Olhou ao Dolph fixamente. - Acreditava que você estava retirado.

—Estou. Mas em certas ocasiões faço algum pequeno trabalho para a Companhia East a Índia. E este tema é de vital importância para seus interesses naquele país.

—Já vejo. - Gray se reclinou na cadeira enquanto o coronel levava o peso da conversação e o punha a par da situação atual da Índia, cinco anos depois de que Gray tivesse abandonado aquele país.

Escutou-o com atenção. Do momento em que pisou em chão hindu, do instante que aspirou o primeiro sopro desse quente ar perfumado com frangipani⁶, quando esteve sentado e observando a aqueles meninos morenos com amplos sorrisos brancos, e essas mulheres com os olhos pintados de kolh⁷, sentira um vínculo especial com aquele país.

Samir foi-lhe atribuído umas semanas depois de sua chegada, e o homenzinho sentia paixão por sua terra. O hindu o apresentou a Talita, uma bela e exótica nativa, cujo marido morreria, e uma semana mais tarde, converteu-se em sua amante.

Talita estava bem instruída em seus deveres, habilidades que aprendera do Kama Sutra, o guia hindu para a vida e a arte do amor. Guiou-o e ensinou e mostrou como obter o prazer de seu casal.

Ele fora um aluno apaixonado e ansioso, e aprendera bem.

Através de sua amante hindu, também conhecera a Índia, conheceu imagens e sons, cores e diversidade de um lugar diferente a qualquer outro do mundo.

⁶ Flor, tbambém chamada de Plumeria.

⁷ *cajal* ou *kohl*, o lápis preto usado pelas indianas no contorno dos olhos



—Estamos preocupados, Gray - dizia o coronel. - Há rumores de rebelião. Os altos cargos de Bombay e Madrás estão inquietos, mas são as forças bengalíes o que mais nos preocupa.

Gray se ergueu em sua cadeira.

—Em minha opinião, que aparentemente é a razão desta visita, o exército tem razões para estar preocupado. Até o fiasco em Kabul há dois anos, o exército britânico era considerado invencível, quase como um deus onipotente. A aniquilação da guarnição de Elphinstone e a retirada de Kabul puseram fim a essa realidade.

O coronel arqueou suas sobrancelhas avermelhadas.

—Pelo amor de Deus, homem, já sabe como é esse lugar. É uma zona infame, com um clima insuportável. As tropas não morreram na batalha, morreram de calor, enfermidade e falta de fornecimentos.

—Sem mencionar - acrescentou Gray com secura - aos oficiais mau escolhidos e incapazes de levar a cabo uma campanha em condições.

Rayburn não o negou.

—Mesmo assim, acredito que um duro castigo por parte do exército servirá para nos redimir ante a população local.

—Oxalá fosse tão fácil. Mas são gente que não esquece. Temo que o dano não será reparado com tanta facilidade. - Gray tomou um gole de brandy. - Por outra parte, não acredito que isto vá ocorrer de forma imediata. Os insurgentes avançam lentamente. Podem passar anos antes de que o exército sofra as consequências de sua imprudente guerra com o Afeganistão.

O coronel deu um gole a sua taça.

—Agradeço suas palavras e seus conhecimentos. Não exagerava quando disse que conhece a Índia melhor que qualquer outro homem que conheço. Muito melhor que a maioria dos ingleses. Nos três anos que vivera ali, Gray teve como objetivo aprender tanto como pudesse da gente e seus costumes. Desde que partiu, manteve-se ao dia do que estava ocorrendo ali.

Sorriu.

—Já não estou no exército. Minhas opiniões não são importantes.

Rayburn riu entre dentes.

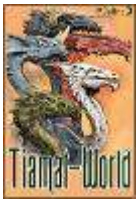
—Boa observação.

—Espero que fiquem para passar a noite. Rebecca gastou uma fortuna no chef francês que contratou. Sua comida é incrível. E esperamos ao Derek esta tarde. Suponho que faz tempo que não o veem.

Derek Stiles era o meio-irmão do Gray, cuja existência descobrira algum tempo depois da morte de seu pai.

—Nós adoraremos ficar - disse o coronel. - Não estamos muito longe de Bristol.

—Faz anos que não vejo o Derek - acrescentou Dolph. - Além disso, vim por outra razão. Eu



gostaria de falar com sua esposa.

Gray dirigiu um olhar a seu amigo, a seus rasgos enxutos e sua pele morena. Era um homem duro tal e como refletia sua cara, e tinha algo que atraía às mulheres. Gray decidiu que essa conversa não teria lugar em privado.

—Foi ao povoado. irei ver se retornou. - Gray deixou aos dois homens, perguntando-se do que queria falar Dolph com Coralee. Desejou não estar tão contente de ter uma desculpa para sair a procurá-la.

Pensou na mulher com a que se casou. Sua amante hindu o ensinou a ter paciência, uma habilidade essencial nas artes eróticas. Mas no que se referia a Coralee essas habilidades pareciam o evitar.

Cada vez que fazia amor com ela, acabava consumido por um desejo diferente a qualquer outro que conheceu.

Estava resolvido que tudo mudasse essa noite. Tencionava recuperar seu legendário controle, de usar suas habilidades em vez de deixar que o guiassem as emoções. Perguntou se, sem a influência da droga que a deu, sua esposa seria uma aluna tão aplicada como fora a noite anterior.

Capítulo 20

Ao terminar seus recados, Corrie se encaminhou de volta ao castelo, detendo-se brevemente nos estábulos para deixar a Homero ali, no lugar onde este era mais feliz. Surpreendeu-a ver o jovem Georgie Hobbs, o menino que roubara o pão, limpando uma das cavalariças.

—Olá, Georgie.

O moço ergueu a cabeça. Olhou ao redor com cautela, como se estivesse procurando o conde.

—Não está aqui. Não se preocupe.

O menino soltou um suspiro.

—Vim trabalhar todos os dias. Mas não sei se ele sabe.

—Suponho que sim. Parece saber tudo o que ocorre por aqui.

O menino levantou a forquilha cheia de palha suja e a descarregou no carrinho de mão.

—Acredita que, se trabalho muito e pago minha dívida, me contratará para trabalhar no castelo?

Ela mordiscou os lábios. Não tinha autoridade para interferir nas decisões de Gray. Não obstante, era sua esposa, e para desgosto de seu marido, não era a mulher tímida que ele desejava.

—Pode ser. por que não o pergunta?

O moço empalideceu visivelmente.



—De todas maneiras, o mais provável é que não necessite ajuda.

—A verdade é que sim que a necessito. - Gray se dirigiu a grandes pernas para eles, alto, masculino e incrivelmente atraente.

Uma lembrança fugaz desse duro corpo pressionando o seu contra o colchão a noite anterior, do ímpeto desses estreitos quadris musculosos, fez que lhe contraísse o ventre.

—Como está sua mãe? - perguntou-lhe Gray ao menino.

—Encontra-se muito melhor, milord. O que queria dizer sobre meu trabalho?

—Já trabalhou o suficiente para pagar sua dívida. Pagarei-te um pequeno salário a partir da semana que vem, o suficiente para que sua mãe e você subsistam até que esteja bem outra vez.

Um brilho aquoso apareceu nos olhos do jovem.

—Obrigado, milord. Muito obrigado.

—Se segue trabalhando como até agora, Georgie, ganhará um trabalho fixo no castelo.

O menino olhou a Corrie e, quando sorriu amplamente, ela pôde ver o vão de um dente caído. Devolveu-lhe o sorriso e sentiu uma estranha plenitude no peito.

Georgie retornou ao trabalho, e quando ela olhou de novo a Gray, pegou-o a observando de uma maneira que não fizera desde que descobrira que ela não era Letty Moss.

—Cães extraviados e meninos perdidos. Admito que me deixa surpreso, condessa.

Surpreendida que fosse amável com um pequeno pilantra? Que tipo de arpia sem coração acreditava que era?

—Supõe-se que foi um elogio?

Ele estendeu a mão e lhe acariciou a face.

—Suponho que, de algum jeito, é. - Agarrou-lhe a mão. - Veem. Temos convidados. Um deles é teu amigo.

—Meu amigo?

—Bom, resulta que também é meu amigo. Randolph Petersen. - O tom áspero retornou a sua voz. - O homem que contratou para me declarar culpado de assassinato.

Corrie acompanhou o Gray a salinha onde Dolph Petersen esperava. Em realidade não fora ela a pessoa que o contratou, A não ser Leif e Krista, mas mesmo assim escreveu a Krista para lhe perguntar se o investigador continuaria com seu trabalho inclusive depois de ter descoberto que Gray era inocente.

O coração acelerou. Possivelmente o senhor Petersen trazia informação para ela.

Viu-o assim que entrou pela porta, com as amplas saias fazendo frufrú em torno de seus tornozelos. Era quase tão alto como Gray, e tão duro e atraente como ela recordava.

—Senhor Petersen, me alegre de vê-lo. - Tomou a mão entre as suas, e ele se inclinou e a beijou na face.

—Seu marido me contou de seu matrimônio. Meus parabéns pelas bodas, desejo a ambos o



melhor.

Ela se ruborizou ao pensar no que Gray dissera.

—Obrigado.

—Esperava poder falar com você a sós. - Dirigiu ao Gray um olhar, mas deve ter observado seu gesto implacável. - Já que agora é uma mulher casada, encontro-me em um dilema.

—Possivelmente não. Possivelmente já vai sendo hora de que meu marido saiba por que fiquei aqui inclusive depois de saber que ele não estava envolto no que aconteceu a minha irmã.

Gray arqueou uma sobrancelha negra.

—E pensar que acreditei que ficou porque estava loucamente apaixonada por mim.

Corrie ignorou o sarcástico comentário.

—Fiquei para averiguar a verdade. E para isso precisava descobrir se foi Charles ou Jason o amante de minha irmã.

Gray endureceu a mandíbula.

—De que demônios falas?

—Falo do homem que deixou grávida a minha irmã, e logo a abandonou. Se não se importa em me seguir, mostrarei a prova que encontrei.

Corrie abandonou a salinha e ambos os homens a seguiram. Pôde sentir como a ira de Gray lhe chegava em ondas, e se perguntou que dano estaria fazendo a sua já frágil relação ao acusar a um membro de sua família de um ato tão atroz.

Depois de dirigir-se ao estúdio, pegou uma escada de mão para recuperar o livro que encontrara. Franziu o cenho ao descobrir um espaço vazio no sítio onde esteve.

Esquadrinhando a prateleira, leu as douradas letras das lombadas dos volumes, logo moveu a escada e olhou de novo, embora já sabia com certeza que o livro desaparecera.

—Estava aqui. Faz só uns dias que o encontrei. Voltei a deixar em seu lugar para que ninguém soubesse que o descobrira.

Os rasgos de Gray pareceram esticar-se.

—O que encontrou? O que diz não tem sentido, Coralee.

—Encontrei um livro que pertenceu a Laurel, um volume de sonetos que ela apreciava muito. O presenteara ao homem que amava. Tinha uma dedicatória escrita na primeira página.

—Se tinha uma dedicatória, então saberá o nome do homem.

—Não escreveu seu nome. referia-se a ele como seu querido amor. Mencionava que leram o livro juntos. Dizia que o amava.

Gray não disse nada. Estava segura de que não acreditava, e girou para que ele não visse as lágrimas que alagaram repentinamente os olhos.

As enxugou com a ponta do dedo, aspirou profundamente e se voltou para ele.

—Dado que você não é o homem que tomou sua inocência, tem que ser ou Jason ou Charles.



—Pôde ter sido qualquer outro homem - sustentou Gray. - Há dúzias de homens que visitam o castelo. Possivelmente sua irmã se apaixonou por algum de meus convidados.

—Se tivesse conhecido a Laurel, saberia que jamais entregaria seus afetos com ligeireza. Tem que ter conhecido profundamente a esse homem, teve que o respeitar e o amar. E isso leva tempo.

A voz de Dolph Petersen os interrompeu com suavidade.

—Isso é o que eu queria dizer. - Olhou ao Gray. - Sei que não quer ouvir isto, mas como há dito sua esposa, possivelmente vai sendo hora de que o faça.

Dolph voltou sua atenção a Corrie.

—Outro homem frequentou o castelo nos meses anteriores a que sua irmã ficasse grávida. De fato, passa aqui muito tempo. Derek Stiles é meio-irmão do Gray. Ao que parece, chegará esta mesma tarde.

Sobre a sala caiu um longo silêncio. Só se ouvia o tictac do relógio do suporte da lareira. Por que ninguém havia dito a Corrie? Por que nenhuma vez ouvira esse nome?

Mas ouvira, agora que o recordava. Alguns anos antes, escutara alguns falatórios sobre o Derek Stiles, o filho bastardo do último conde de Tremaine. Derek tinha a mesma reputação de Gray com as mulheres.

Mas, simplesmente, a Corrie jamais ocorreu que um filho ilegítimo fosse bem-vindo no castelo.

—Estão loucos. - Seu marido dirigiu a ela um olhar penetrante e logo se dirigiu à porta.

—Acredito que sua esposa tem razão - disse Dolph, fazendo que se detivesse antes de que alcançasse a soleira. - Acredito que a condessa encontrou o livro, como há dito, e se for assim, então um dos homens de sua família é o pai do filho de Laurel Whitmore. Agora que Laurel está morta, sim tem importância averiguar quem foi.

Um músculo palpitou na face de Gray.

—Que insinuas, Dolph?

—Nada. Mas Coralee acredita que sua irmã foi assassinada. E se isso é certo, merece que se faça justiça. Se Laurel teve uma aventura com um de seus parentes, possivelmente ele saiba algo que nos leve a descobrir o que ocorreu a ela e a seu filho aquela noite.

Gray olhou a Corrie fixamente.

—O que ocorreu é que Laurel Whitmore se suicidou. Ponto. Se algum de meus irmãos ou meu primo esteve envolvido com ela de algum jeito, já sofreu bastante por sua indiscrição. Mas nenhum deles é um assassino.

—Olhou ao Dolph. - O que se há dito nesta sala fica entre nós três.

—Isso não faz falta dizê-lo.

Gray se voltou para Corrie com os rasgos ainda mais duros que antes.

—É minha esposa, Coralee. Quero que termine com esta loucura aqui e agora. Você e essa obsessão pela morte de sua irmã, não fostes mais que um aporrinho.



Saiu da sala, e Corrie lutou por conter as lágrimas. Doía-lhe o coração e tinha um nó na garganta que a impedia de tragar. "Que não era mais que um aporrinho." Isso era o que ele pensava de seu matrimônio? que era um aporrinho. Um aporrinho que não causou mais que problemas.

Sentiu a mão do Dolph no ombro.

—Sinto muito, milady. Possivelmente deveria ter dirigido isto de uma maneira diferente.

Ela negou com a cabeça.

—Não foi culpa dela. Ia dizer se o de todas maneiras. Pensei que possivelmente estaria disposto a me ajudar.

—Dê tempo a ele. Gray é um homem duro, mas justo. E fazer justiça é algo muito importante para ele.

Pensou em todo o bem que fizera desde que o conhecia. Gray era justo. Possivelmente com o tempo entenderia por que descobrir a verdade era tão importante.

Enquanto abandonava o estúdio, tentou convencer-se disso sem êxito.

Tal como esperavam, Derek Stiles chegou ao castelo essa mesma tarde. Parecia mais ou menos da idade de Gray, não mais de trinta anos; outro homem atraente que poderia ter sido o amante de Laurel.

Derek compartilhava o mesmo cabelo loiro de Charles, só que mais dourado. Tinha o mesmo nariz reto que Gray e os mesmos olhos escuros, embora os seus eram mais leoninos.

Já no primeiro encontro ficou claro que era tão encantador como seu primo Jason e tão solícito como Charles, que estava ali para o saudar.

—Assim conseguiste te afastar das damas o tempo suficiente para conhecer a sua nova cunhada - brincou com ele Jason durante as apresentações na salinha azul céu.

Derek levou a mão enluvada de Corrie aos lábios.

—Lamento ter perdido as bodas. Suponho que meu convite se perdeu pelo caminho.

Corrie avermelhou levemente.

—Não houve muito tempo.

Gray só grunhiu.

—Foi uma cerimônia discreta, e além disso, odeia as bodas.

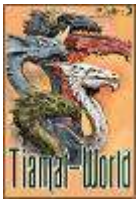
—Só a minha - disse Derek com um amplo e pícaro sorriso.

Corrie pensou em Laurel e se perguntou até onde seria capaz de chegar esse homem para evitar o matrimônio. Tentou não pensar que Gray fazia o mais honorável só porque seu pai impedira que se negasse.

Rebecca se aproximou então a eles, olhando a Derek com seus olhos azuis.

—Deixa-o já, descarado. Como disse Coralee, mal houve tempo para nada, mas está convidado à recepção que darei em honra dos recém casados.

Gray abriu a boca, mas Rebecca o cortou antes de que pudesse protestar.



—Vamos, Gray. Sabe que é uma velha tradição familiar convidar às pessoas do povoado à celebração das núpcias do senhor do castelo quando se casa.

E Rebecca queria pôr fim a qualquer falatório que pudessem ter provocado as ações do Gray (ou a estupidez de Corrie ao não deter a sedução quando teve oportunidade).

—Verdade que não se importa, Gray? - pressionou-o sua cunhada. - Não deixa de ser uma tradição e ajudará a sossegar as más línguas.

—Faz o que te agrada - disse ele de mau humor.

—Obrigado. - Rebecca sorriu. - Celebraremos a recepção dentro de duas semanas. Ah, quase me esqueci, chegou um convite esta manhã para o baile de máscaras de lady Devane. Será o último sábado do mês. Já lhe enviei nossa aceitação.

Gray a olhou com o cenho franzido.

—Poderia ter perguntado.

—Agora está casado. Tem obrigação de apresentar a sua esposa em sociedade, já que está aqui. - Pareceu que lhe quebrava o sorriso. - Não quererá que alguém pense que já se cansou dela.

O olhar do Gray se encontrou com a de Coralee e ela pôde perceber o ardor, a fome. Estava segura de que ele ainda não se cansou dela.

O conde curvou a boca.

—Não, não quero que pensem isso. Diga à condessa que iremos. - Olhou ao Derek. - Quanto tempo pensa ficar?

—Até que se canse de minha companhia. Pensava ficar ao menos até o final da semana que vem.

Algo mudou nos traços de Rebecca antes de que o sorriso voltasse para sua cara.

—Sabe que é bem-vindo todo o tempo que deseje.

Charles sorriu.

—Temos mais convidados na casa. Dolph Petersen está aqui, e também o coronel Timothy Rayburn. Acredito que os conhece. Se reunirão conosco no jantar. Possivelmente possamos convencê-los de que fiquem mais tempo e organizar uma caçada. O que te parece?

—Uma esplêndida ideia - afirmou Derek. - Temos que fazê-lo.

Corrie deixou aos homens discutindo sobre as atividades da semana. Enquanto se dirigia à biblioteca em busca de algo para ler, tentou imaginar ao Derek Stiles com sua irmã.

O tom de seus comentários sobre o matrimônio, era algo que lhe resultava bastante difícil de fazer.

Com um vestido de noite de seda cor esmeralda, que deixava descoberto os ombros e o decote, Corrie se sentou em frente ao Gray na mesa do salão de jantar. Sob os lustres de gás, os convidados jantavam ante uma mesa com jogo de mesa de linho e em que haviam dispostos uns pratos com borda dourada, o faqueiro de prata da família Tremaine e umas brilhantes taças de cristal.



Dois lacaios serviam a opípara⁸, janta preparado pelo chef francês da Rebecca.

—Tinha razão - disse o coronel, colocando a colher em uma deliciosa nata de ostras. - A comida é deliciosa. É obvio, um militar agradece tudo que não seja pão e carne cozida.

Jason esboçou um sorriso e Charles riu entre dentes. Inclusive Gray sorriu.

Petersen e Rayburn eram homens muito interessantes, pensou Corrie enquanto avançava o jantar; bem educados, não temiam discutir de temas que não fossem as festas de moda de Londres e o clima.

Como ela esperava, no final, a conversa se centrou na Índia.

—Gray viveu entre os nativos - disse o coronel, - algo que poucos ingleses estão dispostos a fazer. Acredito que ficou atraído por esse lugar. dedicou-se a aprender desse país tanto como pôde.

—É diferente a qualquer outro lugar do mundo - comentou Gray entre bocados de batatas com cordeiro assado e salsinha, iniciando um tema sobre o qual Corrie queria o ouvir falar. -É primitivo e selvagem, ainda conservam alguns costumes incrivelmente bárbaros. Ao mesmo tempo a gente possui uma sabedoria que não vi em nenhuma outra parte do mundo.

Corrie começou a lhe fazer perguntas, e Gray a assombrou a respondendo. A seguir mantiveram um vivo debate sobre o futuro da Índia, e que ações deveriam tomar para garantir os interesses britânicos.

—Não estarão sempre sob nosso domínio - disse Gray. - Um dia exigirão a independência e Inglaterra se verá forçada a dar-lhe.

—Disparates - declarou Rayburn. - São uma colônia e sempre o serão. São como meninos, dependem de que os britânicos nos encarreguemos deles.

Quando terminou o debate, Corrie descobrira uma faceta de seu marido que ainda não vira. Ele tinha uma mente muito mais aberta do que ela pensou, e era muito eloquente na hora de apresentar seus pontos de vista.

Deveria ocupar seu banco na Câmara dos Lordes, pensou, embora duvidava que ela o pudesse convencer disso.

O jantar foi muito mais agradável do que esperava, salvo pelos olhares sombrios e penetrantes que recebeu de Gray. Estava claro que ele ainda estava incomodado por suas anteriores acusações.

Mas outros homens compensaram os ocasionais silêncios do conde, mantendo entretidas às mulheres.

Por deferência às senhoras, os homens declinaram o brandy e os charutos, e Derek sugeriu um jogo de cartas.

—Temo-me que não podemos ficar - disse o coronel, depois de rechaçar o convite para ir caçar. - Nossos negócios em Bristol não podem esperar, o que quer dizer que precisamos madrugar.

—Agradecemos sua hospitalidade, Gray - acrescentou Dolph. - boa noite, damas e cavalheiros.

⁸ Comida abundante, saborosa e de qualidade.



Os dois homens se encaminharam a seus dormitórios, mas o resto do grupo se dirigiu à sala de jogos. Ao entrar na sala, Gray permaneceu surpreendentemente ao lado de Corrie, inclusive se ofereceu para ser seu parceiro no whist.

Com ele sentado a sua esquerda, Corrie não pôde evitar observar como ficava bem o traje negro feito sob medida, e como a gravata branca fazia ressaltar o cabelo escuro e o rosto moreno.

Ela podia sentir o poder de sua masculinidade, a força de seu olhar como se ele a estivesse tocando, e sua mão tremeu quando pegou as cartas.

—Bem, podemos começar? - Charles dispôs suas cartas, ansioso por iniciar a partida.

Afastando os pensamentos de Gray, Corrie se obrigou a concentrar-se no jogo.

Era boa, sabia, e ficou demonstrado quando ganhou a primeira mão. Em silêncio, agradeceu que Leif Draugr, um perito jogador a tivesse ajudado a melhorar suas habilidades. Conforme progrediu a velada e Corrie anotou outra mão ganhadora, Derek brincou sobre sua habilidade.

—Está segura de que não está fazendo trapaças? Joga como um homem.

Gray a percorreu com o olhar.

—Outro de seus talentos ocultos, carinho? Pergunto-me a que outras habilidades interessantes me oculta.

Ela ignorou a sutil burla. Letty fingira ser uma jogadora péssima. Corrie era melhor que a maioria dos homens. Outro aviso de seu engano.

Coralee esboçou um sorriso.

—O marido de minha amiga, Leif Draugr, ajudou-me a melhorar meu jogo. É muito bom jogador. Os três jogávamos com frequência.

—Conheço o Draugr - disse Derek, com o cabelo loiro brilhando sob a luz do abajur, dourado como um tesouro pirata. - Tem feito uma fortuna nas mesas de jogo. Mas ninguém sabe muito dele.

—Sua esposa, Krista, é minha melhor amiga. Trabalhamos juntas em De Coração a Coração. É uma gazeta para damas. Possivelmente tenha ouvido falar dela.

Derek pareceu divertido.

—Tenho-a lido.

—Sério? - Não se sentiu surpreendida. Havia muitos homens que liam a gazeta, ou pelo menos algumas seções.

—Tenho uma amiga que é admiradora dela. Quem quer que escreva os editoriais faz um bom trabalho.

O sorriso de Coralee foi sincero desta vez.

—A maioria são da Krista. Eu os escrevi enquanto esteve ausente. Fiz entrevistas aos líderes da reforma, incluindo uma com o Feargus O'Conner, a maioria para apoiar várias leis ante o Parlamento.

Os olhos sombrios de Gray não se separaram da cara de Corrie.

—Becky tem a assinatura da gazeta. É difícil conseguir notícias aqui, dessa forma a leem



frequentemente. Escreveu você esses artigos?

Ela se enrijeceu, seguro que soltava alguma ironia viperina.

—Sim, como já falei, dirigi a gazeta durante o tempo que Krista esteve ausente.

—Estavam muito bem escritos - disse ele com suavidade, atraindo seu olhar. - Fez válidas umas ideias bastante extremas.

Devolveu o olhar, com o coração oprimido dolorosamente.

—A gazeta não só se dedica a moda e as fofocas. Fazemos um trabalho importante. Espero, com o tempo, poder voltar a contribuir a isso.

Derek dirigiu a Gray um amplo e pícaro sorriso.

—Acredito que não sabia que se casou com uma reformista, irmãozinho?

Gray ficou tenso e voltou a mostrar um olhar sombrio.

—Há muitas coisas que desconheço de minha esposa. Mas, entretanto, sei a maravilhosa companhia na cama que é, assim se nos desculpas, chegou o momento de nos retirar.

—Gray! - A cara de Corrie ficou vermelha como um tomate quando ele retirou a cadeira para trás.

—Sua esposa é uma dama - disse Charles. - Não deveria ser necessário lhe recordar isso.

Gray fez uma reverência zombadora, mas não parecia nada arrependido.

—Minhas desculpas, milady. - Pegando com força o seu braço, insistiu a abandonar a sala com as faces ainda tintas de rubor.

Estava claro que Gray dera uma sutil advertência a seu primo. Corrie já notara a possessividade de seu marido durante toda a velada, mas não tinha nem ideia do que significava.

Deixando aos outros na sala de jogos, dirigiram-se às escadas.

Antes de chegar aos aposentos do conde, ela sentiu uma sutil mudança nele: o controle que parecia rodeá-lo como um manto protetor começava a esfumar-se.

A inquietação caiu sobre ela quando ele abriu a porta e esperou a que ela entrasse.

Capítulo 21

As mantas pregadas de forma requintada da enorme cama com dossel e o abajur aceso da penteadeira esperavam a chegada do conde e sua esposa. Um suave resplendor amarelo iluminava o quarto e o débil aroma de sândalo flutuava no ar.

O coração de Corrie palpitou em silêncio. Sabia com exatidão o que a esperava, e as agudas sensações despertaram nela.

—Preciso chamar a Anna - disse, esperando ganhar um pouco de tempo. Dirigiu-se para o



cordão com bordas douradas da campainha, mas Gray a puxou pelo braço.

—Não vai necessitar de sua donzela. - tirou a casaca negra e o colete e os lançou sobre uma cadeira. - Date a volta - ordenou, e o tom duro de sua voz provocou nela uma quebra de onda de calor no ventre.

Fez o que lhe pedia, permitindo que a despisse. A antecipação a fez tremer quando tirou suas forquilhas do cabelo. Tomou seu tempo, a beijando nos ombros, o pescoço, mordendo o lóbulo da orelha enquanto desabotoava os botões das costas do vestido de seda cor esmeralda. O quente fôlego do Gray roçou sua pele, e todo esse calor se concentrou em seu ventre.

Gray a despojou de cada capa de tecido, beijando as áreas que ia expondo, e mesmo assim havia um estranho desapego em cada um de seus movimentos, um controle férreo que parecia decidido a manter.

Sabia exatamente onde beijá-la para fazê-la tremer, como acariciar e moldar seus seios, com que dureza morder seu mamilo até que ela contivesse o fôlego. O calor ia aumentando, e seu corpo respondia.

O prazer a alagou, tão intensamente que mordeu o lábio para não gemer.

Olhou a Gray, observou o duro vulto de seu sexo fazendo pressão contra a braguilha das calças negras e soube que estava excitado e que a desejava tanto como ela desejava a ele.

Mas mesmo assim havia algo que faltava, algo que esteve presente quando fizera amor com ela a noite da tormenta, e que agora parecia que só fora coisa de sua imaginação.

Sua noite de bodas foi intensa e desenfreada, mas existira pouca emoção na maneira que seu marido fez amor. Essa noite parecia que seria mais do mesmo jeito.

A menos que ela fizesse algo a respeito.

No momento em que tirou o último objeto de vestir, Corrie girou e deslizou os braços ao redor do pescoço. Apertando-se contra ele, atraiu sua boca para a sua para lhe dar um beijo profundo e ardente.

Durante um instante, Gray resistiu, agarrando seus braços como se tivesse intenção de afastá-la. Mas Corrie seguiu o beijando, enterrando os dedos no espesso e sedoso cabelo negro, desfazendo-se da faixa de veludo e apertando os seios contra o peito do Gray.

Gray gemeu brandamente.

E logo devolveu o beijo como um possesso, abriu seus lábios com a língua, penetrando na boca de Corrie profundamente, cavando-lhe o traseiro para pressioná-la contra sua excitação.

A rígida protuberância se endureceu ainda mais, e começou a pulsar insistentemente contra ela. Corrie desabotoou os botões da braguilha, abriu as calças e tomou o duro membro na palma da mão.

Sentiu-o enorme, quente e pesado contra os dedos. Quando apertou sua presa, Gray deu um salto de surpresa, e a paixão o obscureceu a cara.

—Sinto-o - disse ela. - Lhe... fiz mal?



—Não. - ele negou com a cabeça. - Por Deus, como te desejo. - E logo a voltou a beijar de novo, uns beijos profundos e selvagens que a deixaram ofegante e entregue, tão ardentes e úmidos que não coube dúvida de suas intenções. Nesse momento, reconheceu ao homem que fora aquela noite sob a tormenta. Ao homem fegoso e apaixonado que tomava o que desejava, mas que também dava a si mesmo.

Elevando-a, levou-a a cama e a depositou no meio do colchão. Durante um instante, ficou ali de pé com o olhar fixo nela. Deu um suspiro trêmulo com os punhos fechados como se lutasse por controlar-se, logo se separou dela para despir-se.

Desapareceu por um momento, logo reapareceu nu e se encaminhou a grandes pernadas para a cama. Os poderosos músculos lhe ondeavam nos ombros e o peito e se esticavam no abdômen.

Os longos tendões das coxas se flexionaram ao aproximar-se.

Tinha algo nas mãos, observou Corrie. Várias cintas de seda vermelha penduravam que iam de suas mãos até quase roçar o chão. Aproximou-se da cama, agarrou-lhe os braços e atou as cintas aos pulsos.

Ela não resistiu quando levantou os braços sobre a cabeça e os atou a uma das colunas lavradas da cabeceira.

—O que... o que está fazendo?

—Relaxe. Você gostará, prometo isso.

O tom distante retornara. Santo Deus, acaso não obteria alguma vez chegar até ele? Reprimiu um soluço pensando no homem do qual se apaixonou, o homem que não havia tornado a ver.

Gray se inclinou sobre ela e a beijou, foi um beijo suave, profundo, sensual, que nada tinha que ver com o selvagem desenfreio de uns momentos antes. Pela primeira vez, Corrie se deu conta de com quanta ferocidade reprimia ele seus desejos, do controlados que eram cada um de seus movimentos.

Gray seguiu beijando-a, excitando seu corpo, tomando o controle por completo. Com uma repentina intuição, Corrie se deu conta de que ao atá-la, ele podia manter-se afastado dela.

Que podia controlar sua própria resposta ante ela.

Que se o envolvia entre seus braços, ele corria perigo de perder o controle.

Saber que ela podia afetar o de maneira tão profunda fez que em seu coração brotasse a esperança.

Gray subiu à cama e cobriu sua boca com a sua. Eram uns beijos largos, profundos e eróticos, e Corrie se abandonou a eles.

Não era o que queria, não era o que necessitava dele, mas não se negaria o prazer que essa ardente experiência prometia.

Ela se arqueou ante a sensação da boca de Gray em seus seios, dos ásperos puxões de seus brancos dentes nos mamilos. Suas mãos começaram a exercer sua magia, brincando e acariciando-a,



percorrendo seu corpo de cima abaixo, as deslizando firmemente entre as pernas de Corrie. Ela se retorceu na cama com desassossego, puxando as cintas de seda, emitindo gemidos afogados ante a suave e cálida penetração de seus dedos. O desejo cresceu e se enroscou como uma quente espiral em seu ventre.

Desejava-o, desejava senti-lo dentro.

—Necessito-te, Gray, por favor.

—Ainda não.

Ela se estremeceu quando baixou sua boca e sua língua se deslizou na depressão do umbigo. Localizou-se entre suas pernas, e a beijou no interior das coxas. Ela se retorceu.

—Necessito-te... - se umedeceu os lábios. - Quero te sentir dentro de mim.

—Logo - disse ele, e situou a boca para uma nova tarefa.

Corrie se retorceu e se arqueou contra a doce invasão de sua língua, esticando seu corpo ante as agudas sensações que já não podia reprimir mais. Gritou quando um clímax intenso a estremeceu, deixando-a sem respiração. O prazer a atravessou, tão feroz que não pôde conter um grito.

O orgasmo de Corrie começava a decrescer quando ele entrou nela. As cintas lhe sujeitavam os pulsos, fazendo impossível sua fuga, impedindo que o tocasse. Santo Deus, necessitava-o. Jamais desejara algo tanto.

Possivelmente essa fosse a razão pelo qual seu corpo se abriu para ele imediatamente, e comesse a escalar o topo que já alcançara antes. Pôde sentir sua dureza dentro dela, sua largura e longitude, a força de sua masculinidade. Gray investiu nela uma e outra vez, e as quebras de onda de sensações a atravessaram dos pés a cabeça.

Corrie mordeu os lábios para não gritar seu nome, e logo começou a remontar, a arquear-se sob Gray enquanto ele a penetrava com mais dureza e profundidade até que alcançou sua liberação.

Ela se deixou levar a deriva em satisfação. Não se deu conta de quando ele desatou as cintas de seda, e só se moveu um pouco quando ele curvou seu duro corpo ao redor dela.

Dormiu um momento. Era meia-noite quando despertou ante a pressão da boca do Gray em seu seio, de suas mãos a acariciando brandamente entre as pernas. De novo, a paixão se acendeu nela e o acolheu em seu corpo.

Logo, dormiu outra vez.

Pela manhã, Gray tinha ido.

Era cedo, embora os criados estavam já levantados e enfrascados em suas tarefas diárias. Na cozinha, Gray tomou uma bolsa cheia com carne fria, pão e queijo que o cozinheiro preparara para ele. Logo se dirigiu para o estábulo. Necessitava de um longo e vigoroso passeio matutino sobre o lombo de Rajá entre os campos cobertos de sereno. Precisava livrar-se desses desconcertantes sentimentos sobre a mulher que jazia em sua cama.

"Maldições do inferno!"



Não podia acreditar no que acontecera, não podia acreditar o perto que esteve de perder o controle. Não o compreendia. Sua esposa era muito formosa, mas esteve com mulheres mais belas, com amantes mais hábeis.

O que possuía ela?

Percorria o caminho a passo vivo para o estábulo, com a mente centrada em Coralee e na melhor forma de tratar à mulher que tinha por esposa, quando divisou ao Dickey Michaels que se dirigia para ele a toda velocidade.

—Milord! Graças ao céu que veio. Estive esperando uma hora adequada para falar com você.

Gray franziu o cenho.

—O que acontece, Dickey? O que ocorreu?

—Preciso lhe mostrar algo. Venha, milord. - O desengonçado jovem correu a toda velocidade para o estábulo. - Se trata de sua senhora, milord. O dia depois de que caiu, fui procurar a sela de amazona, como você me disse. Não me lembrei mais dela até este momento. Esta manhã, quando me dispus a colocar uma cela nova, encontrei-me com isto.

Dickey sustentou no alto a cela quebrada para que Gray a inspecionasse.

—Está cortada, vê? Não se rompeu como pensei. O que significa que alguém a cortou a propósito.

Gray examinou a cilha, não estava rasgada como teria ficado depois de uma ruptura accidental, mas sim fora seccionada de um extremo a outro. Uma sensação gelada lhe desceu pelas costas.

—Quem mais usava esta sela de montar, Dickey? Talvez minha esposa não fosse o alvo.

—Ninguém a usa, milord. Sua cunhada a usou algumas vezes faz tempo, antes de que chegasse a elegante sela acolchoada que usa há meses. Ninguém a usou até que selei a Tulipa para sua senhoria as duas vezes que montou nela. Dado que a cela não se rompeu no primeiro dia que montou, alguém teve que cortá-la depois.

"E quem o tivesse feito, pensou que Coralee a usaria de novo".

—Além de ti e dos moços, quem tem acesso ao quarto dos arreios?

—A porta não costuma estar fechada. Poderia entrar qualquer um, inclusive alguém do povoado.

"E Coralee esteve no povoado fazendo perguntas". Pela primeira vez, Gray considerou que possivelmente sua esposa tinha razão e que alguém assassinara a sua irmã. Mas seguia sem acreditar que pudesse ser alguém de sua família. Embora um de seus irmãos ou seu primo tivesse seduzido à garota, nenhum deles assassinaria a uma mulher e a um bebê inocente.

O mais provável era que o assassino - se havia algum - fosse um salteador de caminhos ou um criminoso. Possivelmente alguém do povoado cometera o assassinato e enviava a Coralee a advertência de que deixasse de fazer perguntas.

—Obrigado, Dickey. De agora em diante, deixa fechada a porta do quarto de arreios, entendeu?



E mantenha os olhos abertos se por acaso veem alguém que não deveria estar por aqui.

—Sim, milord. Pode contar com o Dickey Michaels.

Gray simplesmente inclinou a cabeça, com a mente dividida entre escapar do castelo e a preocupação por sua esposa. Essa mulher fora um aporrinho desde o dia que chegou.

E um aporrinho muito mais grave desde o dia que se viu forçado a casar-se com ela. E o estômago contraiu ante o temor de que pudesse ocorrer algo com ela.

Durante todo o dia, Corrie se dedicou aos planos para remodelar as suítes do piso de cima, o que a fez passar bastante tempo com os criados. Decidida a continuar procurando informação, perguntou com sutileza à governanta, ao mordomo, e às donzelas da planta baixa e às do primeiro piso, incluídas as criadas da cozinha. Se um dos homens da família esteve encalacrado com Laurel, os criados não sabiam.

Para sua surpresa, solicitar a informação foi mais difícil do que Corrie esperava. Cada vez que levantava a vista, Gray andava perto. Estava nas salas do conde quando o encarregado das cortinas, com ajuda de um par de lacaios, pendurava umas novas cortinas de seda nas janelas. Apareceu na porta da cozinha quando Corrie se aproximou ali para tomar um copo de leite.

Dirigia-se ao povoado para perguntar pela chegada dos móveis que encarregara quando seu marido a deteve no caminho seu faetón de duas rodas e insistiu em que a deixasse levá-la até ali.

Jamais esteve mais atento. Inclusive cordial. Mesmo assim, de noite seguia sendo o mesmo amante distante que fora desde as bodas. Apesar do intenso prazer que lhe dava, sempre estava esse algo que sentia falta.

O estranho era que acreditava que Gray também o sentia.

Passou-se quase uma semana quando os primeiros móveis chegaram ao castelo. Os moços retiraram os pesados móveis de carvalho das salas de Gray, substituindo-os por uns de teca e bambu, muito mais leves, que encarregara a um distribuidor de Londres.

Havia uma penteadeira de palisandro esculpido com intrincados desenhos, um cofre de mogno delicadamente esculpido com incrustações de marfim e uma cômoda de teca com gavetas negras.

Estava previsto que no fim de semana chegassem uns biombos Com delicadas filigranas, junto com uns abajures de latão e vários vasos antigos.

Seguindo as instruções de Corrie, um dos trabalhadores enrolou o feio tapete marrom e estendeu outros novos com um desenho em vivas cores azuis, verdes intensos e borgonha.

As paredes em tom âmbar e as cortinas, leves e recolhidas para deixar passar a luz do sol, faziam jogo com a colcha de seda em cor borgonha e as almofadas com coloridos desenhos em tons azuis e verdes que pensou colocar sobre a cama com dossel, o único móvel de quão originais ela conservara.

Estava dirigindo a manobra do homem que trasladava a pesada penteadeira de carvalho para substituí-la pela cômoda de teca, quando tropeçou com uma turca que não se localizou ainda e caiu



para trás contra a parede de painéis.

Quando se afastou, o painel se abriu com um estalo, e para seu assombro, revelou uma passagem atrás da parede. Olhando a seu redor para assegurar-se que ninguém o vira, aproximou com rapidez a turca contra o painel. Quando os trabalhadores acabaram de colocar o mobiliário, e partiram para trazer outra carga, examinou com rapidez a fechadura a fim de saber como abri-la quando o painel estivesse fechado.

Aonde conduziria essa passagem?

Corrie jurou que assim que tivesse a oportunidade, descobriria-o.

Gray decidiu não contar a Coralee sobre a cela. Não estava seguro de que a correia cortada significasse que estivesse correndo um perigo real, e não queria preocupá-la.

E tampouco queria que ela tirasse conclusões, embora fossem as mesmas que ele tirou tão precipitadamente. Não queria que voltasse a surgir de novo o tema da morte de sua irmã.

Assim que escreveu ao Dolph Petersen em Bristol, contando sobre a cela e o perigo que podia estar correndo Coralee, ao mesmo tempo que solicitava que retornasse a Castle-on-Avon para continuar a investigação sobre o possível assassinato de Laurel Whitmore.

Enquanto isso, Gray começou a investigar por si mesmo, indagando um pouco pelo povoado, vendo o que podia averiguar. Falou com o vigário Langston e descobriu que Laurel Whitmore o visitou não muito depois de sua volta do East Dereham. Entretanto, não parecia preocupada nesses momentos, havia-lhe dito o vigário, não parecia uma pessoa que estivesse pensando no suicídio.

Na taberna O Dragão Verde, uma criada chamada Greta o informou - por um módico preço - que, segundo os falatórios, um dos homens do castelo teve uma aventura com a filha do visconde Selkirk.

—Pensava que fosse você, bonitão - disse ela, sorrindo-lhe amplamente. - É o que eu escolheria.

Gray a pagou por sua informação, acrescentando um extra pelo complemento, e se encaminhou de retorno a casa. Tentou convencer a si mesmo de que nem seus irmãos nem seu primo estiveram relacionados com Laurel Whitmore. Mas Cora acreditava que sim. Dolph também acreditava, e os falatórios o corroboravam.

A Gray incomodava pensar que um de seus familiares pudesse ter seduzido a uma jovem inocente para depois abandoná-la.

Mas mesmo assim, seduzir a uma mulher era muito distinto a assassiná-la. Se não tivesse sido pela cela, Gray teria seguido convencido de que a garota se matou. Mas não podia ignorar o que encontrara Dickey Michaels, e agora se perguntava?

Teria sido um salteador de caminhos o que atacasse a jovem aquela noite quando ela passeava com seu bebê junto ao rio? Possivelmente tentou roubá-la, e as coisas se tornaram violentas.

Se Laurel era como Coralee, teria se defendido do assaltante. Na refrega, Laurel e o bebê poderiam terem caído à água.



Ou o homem poderia havê-la empurrado.

Coralee esteve fazendo perguntas. Possivelmente o responsável temia ser descoberto. Não cabia dúvida de que queria ocultar o crime.

Até onde chegaria um homem desesperado para livrar-se da força? Com duas mortes a suas costas, outra mais não seria uma preocupação.

Gray pensou em Coralee e o medo colocou um nó no estômago.

A notícia, completamente inesperada, foi anunciada no almoço do dia seguinte e deixou a toda a família emocionada. Corrie, Gray e o resto da família estavam sentados ao redor da mesa que havia no terraço desfrutando do sol da tarde de junho. Tinham convidados: Squire Morton e sua esposa, Mary, assim como dois de seus filhos, Thomas e James.

Corrie estudou a Thomas com atenção, já que tia Agnes mencionara suas frequentes visitas ao Selkirk Hall. Era o segundo, aparentava uns trinta e cinco anos; era um homem grande com espesso cabelo escuro e a pele morena. Apesar da imperceptível cicatriz do queixo, podia considerar-se arrumado. Era educado e tinha boas maneiras, o tipo de homem que Laurel poderia ter encontrado atraente.

Embora o livro que Corrie encontrara no estúdio deixava claro que Laurel se apaixonou por um dos homens do castelo.

Enquanto o grupo degustava um vinho branco e salmão defumado com salada de pepino, Rebecca se inclinou para o Charles e lhe sussurrou algo ao ouvido. Ele fez soar a taça para atrair a atenção dos comensais.

—Temos uma notícia que compartilhar com vocês - disse ele para logo animar a Rebecca: - Por que não o anuncia você, querida?

Embelezada elegantemente com um vestido de seda cor nata e rosa, Rebecca olhou atentamente aos amigos e familiares que ocupavam a mesa e sorriu.

—Vamos ter um menino. Durante anos, Charles e eu esperamos... Rezamos para que isto ocorresse. Agora, depois de todo este tempo, finalmente Deus nos abençoou. - As lágrimas alagavam seus brilhantes olhos azuis e as secou com a ponta do dedo.

—Bom, isso sim que é uma maravilhosa notícia - disse o musculoso Squire Morton.

Gray estava sentado na cabeceira da mesa, moreno e sério, totalmente diferente ao resto de sua loira família.

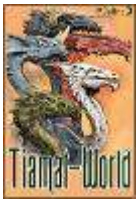
—É uma notícia estupenda. Parabéns aos dois. Sei quanto queriam ter um menino.

Havia algo em sua expressão que Corrie não conseguiu decifrar, algo profundo e aflito. Ele desejava ter filhos. Possivelmente ainda queria, mas jurou não os ter jamais.

—Eu... minha esposa e eu - se corrigiu Gray - não poderíamos estar mais felizes por vós.

—Um brinde - disse Jason, levantando a taça. - Pelos futuros papais Forsythe.

—Chin, chin! - interveio Derek. - Por um bebê saudável e que venham muitos mais.



Os brindes foram aceitos com cortesia enquanto Rebecca sorria todo o momento e Charles permanecia em silêncio sorrindo igual a sua esposa. Corrie acrescentou sua própria felicitação, feliz pela Rebecca embora não fossem amigas, e encantada pelo Charles, de quem estava segura que seria um pai excelente.

Depois do almoço, o grupo se dispersou e cada qual tomou uma direção distinta, segundo suas prioridades.

—Quais são seus planos para esta tarde? - perguntou Gray a Corrie com a mesma atenção que mostrara toda a semana.

—Tenho que tomar algumas medidas nos quartos. - Era uma pequena mentira. Tencionava explorar a passagem secreta, o que queria dizer que realmente teria que estar acima nos dormitórios.

—Por que me pergunta isso?

—Não entra em seus planos te aproximar do povoado? - Havia um leve rastro de preocupação em sua expressão. Algo que levava ali toda a semana.

—Não, mas...

—Bem, então darei um passeio a cavalo. Não te meta em problemas, entendeu? - Durante um instante, pensou que a beijaria, entretanto, Gray girou e se dirigiu a passo vivo para a parte traseira do castelo.

Corrie observou desaparecer a alta figura enquanto o desejo invadia seu coração. Tentou convencer-se de que já não estava apaixonada por Gray, que o homem com o que se casou era totalmente diferente, mas não era verdade. Dia após dia, a necessidade que ela via na cara de seu marido, o desejo que ele tentava ocultar, roubava-lhe um pouco mais o coração.

Pensou no homem solitário que era e na vida solitária que levava. Pensou em tudo o que ele perdera, e que era o temor a perder ainda mais o que o fazia incapaz de amar.

Com um suspiro, cruzou o terraço e entrou na casa. A misteriosa passagem a atraía de maneira irremediável, os sítios aonde a poderia conduzir e o que encontraria uma vez que chegasse ali.

Corrie apressou o passo enquanto subia a longa escadaria.

Capítulo 22

Por sorte, tanto Samir como Anna estavam ocupados em outra parte da casa, assim os aposentos do conde estavam vazios. Corrie soltou um suspiro de alívio e se apressou para a penteadeira, onde acendeu uma vela que colocou em um castiçal de prata. Em silêncio se dirigiu para o painel de madeira.

Os móveis recém chegados estavam cobertos por lençóis brancos, ocultos para o Gray até que o



projeto estivesse totalmente terminado. Queria o surpreender, esperava que estivesse encantado com o que ela fizera.

Mas não saberia até que ele o visse. Enquanto isso, a passagem a atraía. Corrie pressionou com suavidade o lugar que marcara e o painel se abriu sem fazer ruído. Esperava encontrar teias e aranhas, mas, quando introduziu a vela dentro da abertura, a estreita passagem revelou simplesmente uma profunda escuridão poeirenta.

Depois de jogar um rápido olhar ao redor, aspirou profundamente para armar-se de coragem, e entrou no vão sem fechar o painel. Planejava voltar para o quarto muito antes de que Gray retornasse de seu passeio vespertino. Além disso, a última coisa que queria era ficar presa nessa estreita passagem sem nenhuma via de escape.

Enquanto percorria o escuro corredor, a vela arrojava uma débil luz amarela na frente dela, e projetava sombras ameaçadoras nas paredes. Não saberia dizer com exatidão quão comprido era o corredor, mas ao longo da rota a vela revelou o que pareciam ser várias aberturas, oxalá pudesse descobrir como as abrir.

Ignorando o frio que invadia a passagem e que lhe provocava calafrios nas costas, continuou avançando até que alcançou umas escadas. A vela titilou e Corrie se deteve, o coração pulsava a toda velocidade ao pensar que a chama pudesse apagar-se, deixando-a na mais completa escuridão.

As amplas saias de seu vestido verde maçã faziam um frufú ao roçar-se contra as paredes enquanto descia para a planta baixa. Não estava segura de onde estava, mas ouviu o som apagado de umas vozes.

Corrie se aproximou do som, detendo-se para poder ouvir o que estavam dizendo. Mas os grossos muros afogavam as vozes até tal ponto que não podia saber quem falava, só que parecia uma conversa entre um homem e uma mulher.

—É meu, verdade? - dizia o homem.

—É obvio, carinho. Charles jamais foi o suficiente homem para engendrar um menino.

Corrie conteve o fôlego. Era Rebecca. Tinha que sê-lo.

—Sempre soube que não era minha culpa - disse ela, - e você o provou. Sempre estarei em dívida contigo por este presente.

Corrie ouviu o som apagado de uns passos (o homem devia passear-se de um lado a outro sobre o tapete).

—Não suspeita nada?

—Claro que não, carinho. Deseja tanto ter um menino que não tem feito muitas perguntas. A última coisa que Charles queria saber é que este menino não é dele.

Corrie sentiu uma pontada de simpatia pelo Charles Forsythe, por ter sido enganado dessa maneira. Também sentiu um imenso alívio. O bebê de Laurel não era do Charles. Embora Rebecca e ele tentaram ter filhos, Charles não foi capaz de engendrar um bebê. O que queria dizer que não



podia ser o amante de Laurel.

A Corrie caía bem Charles Forsythe. Alegrava-a saber que não seduzira a uma jovem inocente para logo abandoná-la.

—Criará-o bem - dizia o homem. - Quero dizer que Charles será um bom pai, eu não o seria.

"Quem é?", perguntou Corrie em silêncio, incapaz ainda de reconhecer a voz do interlocutor da Rebecca. "Jason ou Derek?"

Ocorreu uma ideia desagradável, possivelmente poderia ser Gray.

Mordeu os lábios. Não podia ser. negava-se a acreditar nisso. Gray jamais mostrou o mais leve interesse pela Rebecca. E Corrie não acreditava, nem por indício, que fosse a classe de homem que podia pôr os chifres a seu irmão.

—Sinto falta de você. Quero que estejamos juntos outra vez. - A voz do homem mal conseguia atravessar a espessura da parede.

Ao Corrie lhe ocorreu uma ideia: E se fosse Thomas Morton? Era um homem atraente, e era amigo da Rebecca. Possivelmente era algo mais que um amigo. E estava ali mesmo, no castelo.

—Já discutimos sobre isso - disse ela. - Se acabou. Sabe que isto precisava terminar.

—Não quero que termine. Não entendo por que não podemos seguir como estávamos.

Corrie se esforçou por ouvir a resposta da Rebecca, mas os dois estavam se afastando da parede. Tudo o que Corrie podia ouvir eram sussurros, e no momento, só silêncio.

Acreditou ouvir se abrir e fechar uma porta, mas não estava segura.

Por um momento, ficou ali de pé na passagem, com a vela titilando e ameaçando apagar-se. Respirou fundo e voltou por onde viera. Quando alcançou a diminuta escada que levava para cima, recolheu-se as saias e as anáguas e a subiu com rapidez, ansiosa por abandonar o deprimente corredor e refletir sobre o que descobrira.

As coisas no Castelo de Tremaine não eram como pareciam e jamais o foram. perguntou-se o que diria Gray se soubesse.

Também era possível que já soubesse.

Tal e como fizera todas as tardes dessa semana, Gray montou a Rajá tão rápido como pôde através dos campos. Mas, apesar disso, não podia livrar-se dos pensamentos sobre Coralee.

Preocupava-o que pudesse ocorrer algo com ela.

Salvo por algumas horas que dedicava a suas coisas quando Cora estava no castelo e ele sabia que estava a salvo, não a perdia de vista. Inclusive agora, a preocupação por ela o invadia.

Deteve rajá no alto de uma colina, fez girar ao cavalo e empreendeu o caminho de volta a casa.

Enquanto cruzava os campos, seus pensamentos passaram de Coralee ao anúncio que sua cunhada fizera essa tarde. Antes que terminasse o ano, Charles seria pai.

Se o recém-nascido fosse um varão, o título e a fortuna dos Tremaine teriam um herdeiro. E Charles seria um pai estupendo.



Pela primeira vez, Gray se viu forçado a considerar a ideia de que Coralee também pudesse estar grávida.

Era um pensamento aterrador.

Absolutamente aterrador.

Gray jamais teve um pai carinhoso e pormenorizado. Não tinha nem ideia de como tratar a um menino. Maldição, não saberia por onde começar. Pensou em Jillian e o pouco tempo que estiveram casados.

Acabava de herdar o condado, e como qualquer outro nobre com título, acreditara que era seu dever ter um herdeiro. Sabia com certeza que seria algo que acabaria ocorrendo com o tempo, mas, além disso, não pensou muito sobre o assunto.

Depois Jillian morreu, se sentira culpado. Sua esposa morrera por culpa dele. Se estivesse no navio com ela esse dia, poderia havê-la salvado. Não o duvidava nem por um momento. sentiu-se invadido pelas náuseas. Falhou com Jillian, e se tivesse um filho, poderia lhe falhar também. Por um instante, pensou que ficaria doente.

Não poderia superar falhar a um filho, ou falhar com Coralee. Não seria justo para nenhum deles.

A partir desse momento, decidiu, ia tomar medidas para impedir que Cora concebesse. Sabia como fazê-lo, embora também poderia não funcionar. Se não concebera já, era o momento adequado para impedir que ocorresse.

Quando alcançou a casa, Gray já estava convencido. Deixou ao garanhão com o Dickey, e se encaminhou para o castelo. A preocupação que sentia o fez começar a procurá-la, esperando que ainda estivesse concentrada no projeto de redecação e afastada de qualquer perigo possível.

—Viu à condessa? - perguntou ao Samir.

O pequeno hindu esboçou um sorriso.

—Espera-o acima, sahib - Samir não havia dito nada sobre a mulher com a que Gray se casou. Era um homem paciente e não julgava às pessoas com rapidez, mas Gray estava seguro de que percebera um indício de aprovação nas enrugadas linhas da morena cara do homem. Se era assim, Gray se perguntou o que teria feito sua esposa para ganhar o favor de um homem tão sábio.

Chamou Coralee enquanto abria a porta de seu quarto particular e entrava. Gray soube imediatamente por que Samir parecia tão contente.

Sentiu uma opressão no peito. Durante um instante, pensou que saíra da Inglaterra e retornara ao passado. Não ficava nada do antigo dormitório. Os móveis de carvalho maciço e as pesadas cortinas douradas, sempre tão opressivas, desapareceram e, com eles, as sombrias lembranças que pareciam guardar de seu pai.

Com a luz do sol entrando pelas janelas, viu os móveis de teca e bambu, uma penteadeira de palisandro belamente lavrada, uma arca de mogno com incrustações de marfim, uma cômoda com



gavetas negras e biombos com delicadas filigranas alinhadas em uma das paredes. Havia belos abajures de latão e algumas vasilhas antigas que não havia tornado a ver desde que deixara a Índia.

Entrou no dormitório com o coração palpitando, e observou que ambos os quartos estavam decorados em ricos tons verdes e azuis com algum toque em borgonha, e que as paredes e as cortinas eram de uma suave cor nata.

Só conservara a cama, mas com a colcha de cor borgonha e as coloridas almofadas verdes e azuis parecia diferente. Era como se sua esposa tivesse olhado no interior de sua alma, como se compreendesse o mundo que o fizera mais feliz.

—Você gosta?

Voltou-se ante o som de sua voz e a viu a uns metros de distância. Estava tão formosa que sentiu um nó na garganta.

—Leu meu pensamento - lhe disse.

Com os olhos cheios de lágrimas, Corrie se dirigiu a Gray e parou, aproximou-se dele e, brandamente, deslizou-lhe os braços ao redor do pescoço.

—Esperava que você gostasse. Queria que se sentisse a vontade em sua casa.

Ele a abraçou. Só a abraçou. E ela, curvou seu pequeno corpo contra o seu para encher o de calor. Ele soube que devia soltá-la. Sabia que era perigoso permitir que esses sentimentos para ela se convertessem em algo mais. Aspirou profundamente e se afastou, mas não pôde lhe soltar a mão.

—É precioso. Não poderia estar mais agradado. Obrigado por um presente tão maravilhoso.

Corrie só assentiu com a cabeça. Em silêncio, agarrando o na mão, conduziu-o para a porta que comunicava ambos os dormitórios e a abriu. Ambos os quartos eram idênticos. Os tons que ela escolhera para seu próprio dormitório eram algo mais suaves, mas não cabia dúvida da influência hindu.

—Não se importa? Faz que pareça um lugar muito especial.

—Não me importa.

—Eu gostaria de ir à Índia algum dia.

Ele negou com a cabeça.

—É um país assombroso, mas não é lugar para uma inglesa.

Ela simplesmente encolheu os ombros.

—Sempre quis viajar. Tinha vontade de escrever um livro sobre os lugares que visitasse, - soltou-lhe a mão e afastou o olhar. - Foi antes, é obvio.

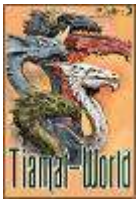
—Antes de se casar comigo?

Corrie o olhou aos olhos.

—Sim.

—Suponho que os dois perdemos algo.

—Suponho que nossa liberdade.



Isso foi o que ele pensou, mas agora se perguntava se... possivelmente ganhou em troca algo um pouco mais valioso.

Gray clareou a garganta.

—Eu adorei o quarto - repetiu só por dizer algo.

—Me alegre.

O sorriso de Cora foi tão doce que lhe oprimiu o coração. Maldição, isso não podia continuar assim. Precisava fazer algo antes de cair ao vazio do precipício para o qual parecia avançar lenta e inexoravelmente.

—Os dormitórios são preciosos, mas eu gosto que durma em minha cama, bem perto se por acaso te desejo. Quando formos dormir, continuará se deitando comigo.

Corrie se enrijeceu como ele sabia que o faria, e o encanto do momento se perdeu.

—Tenho uma cama. Só porque seja sua esposa não quer dizer que possa me dar ordens como se fosse um de seus soldados.

Dando obrigado por encontrar-se em um terreno mais familiar, manteve-se nessa linha.

—Não obstante, passará a noite em minha cama. Se te negar, simplesmente te colocarei ali dentro e atarei às colunas como fiz a outra noite.

Ela soltou um grunhido, e ele quase sorriu. Era tão ardente como o fogo.

Nada que ver com Letty.

Mas nas coisas que realmente importavam, seguia sendo igual a ela.

Pensar isso o incomodou, considerando os sentimentos que albergara pela pequena esposa provinciana. Em lugar de agarrá-la em seus braços e arrastá-la à cama para fazer o amor com ela com tanta ternura como desejava, Gray girou e saiu do quarto, deixando-a só no dormitório.

Assim como antes, lhe ocorreu que possivelmente deveria contar sobre a cela cortada. Se não tivesse notícias de Dolph nos próximos dois dias, faria-o. Gray valorizava a perspicácia de Coralee.

Poderia ser interessante ouvir o que ela teria a dizer.

Enquanto isso, ele a protegeria.

Dirigiu um último olhar à porta do dormitório e forçou a seus pés para que seguissem adiante.

O jantar acabava de terminar. Os homens sugeriram jogar às cartas, mas Rebecca pretextou uma dor de cabeça e recusou. Corrie aproveitou a oportunidade e também se negou, logo se dirigiu acima para voltar a investigar a passagem. Pegou uma das ferramentas dos trabalhadores da redecação, e esperava poder usá-la para abrir os painéis do corredor secreto.

Anna a ajudou a trocar o vestido de noite por uma camisola. Corrie se moveu com nervosismo enquanto a donzela lhe tirava as forquilha do cabelo e o escovava.

—Obrigado, Anna, isso é tudo por esta noite.

—Não quer que o transe?

—Eu mesma me encarregarei disso. - Não tinha muito tempo. O trançaria quando retornasse.



—Boa noite, milady. - A magra mulher saiu em silêncio, e assim que desapareceu, Corrie acendeu a vela e se dirigiu a passagem. Pressionando o ponto que marcara, deu um passo atrás quando o painel se abriu, então, com rapidez, entrou no escuro corredor.

A última vez que entrou era de dia. O corredor não estava mais escuro agora, mas o parecia. Cada um de seus passos trementes a punha mais nervosa. O estranho sussurro do ar que atravessava a passagem a fez estremecer.

Avançou pelo corredor, com a vela por diante, medindo as paredes para encontrar qualquer greta que indicasse que ali podia haver uma abertura. Parecia-lhe que o ar era cada vez mais frio, e a escuridão mais densa. Tremeu e desejou ter colocado uma bata. Alguns metros mais adiante, encontrou a primeira abertura e tentou adivinhar a que dormitório conduzia.

Apertou o painel, passou a mão de um lado a outro e de cima abaixo, mas não encontrou nenhuma maneira de abri-lo. Provou com a ferramenta, mas não era o suficientemente dura para gretar a madeira, e a porta continuou solidamente fechada.

Debatia-se entre usar mais força quando a luz da vela incidiu em uma peça de metal brilhante em que não se fixou antes. Levantou o comprido passador que tanto tempo levava sem usar-se e o painel se abriu de repente com um estalo.

Pôde ver o resplendor da luz de um abajur e se apertou contra a parede da passagem, temerosa de que pudesse haver alguém na sala. O abajur estava sobre a penteadeira, e a mecha estava baixa, mas, quando se inclinou para diante para surgir ao quarto, viu que o dormitório estava vazio.

Sem saber quanto tempo tinha, transpassou a abertura, que não era tão alta como ela, e revisou o dormitório com rapidez.

Havia uma bolsa de pele sobre o chão, e reconheceu alguma roupa do Derek no armário. Chapéus e luvas, trajes e brilhantes sapatos negros, também havia várias calças e casacas feitas a medida, mas nada que o vinculasse com Laurel. Corrie se aproximou da bolsa, abriu-a e rebuscou em seu interior, esperando encontrar algo que lhe servisse de prova. Não encontrou nada.

Havia uma vara sobre a penteadeira, e um par de botas de montar ao lado, no chão. Estava claro que Derek viajava ligeiro de bagagem e que ali não ia encontrar nada útil.

Não sabia quanto tempo tinha passado nem quanto continuariam os homens jogando às cartas, mas preferiu não correr riscos. Retornou ao corredor secreto, inclinou-se e fechou o painel, e continuou avançando pelo profundo negrume. A segunda porta parecia estar a muitos quilômetros de distância, mas sabia que devia pertencer a um dos dormitórios do corredor do primeiro piso.

Com muito mais cuidado que antes, pressionou a orelha contra a parede, tentando ouvir se alguém se movia do outro lado.

Quando esteve relativamente segura de que o quarto estava vazio, procurou o passador de metal, e conteve o fôlego quando o painel se abriu de repente com um estalo.

Não havia nenhum abajur aceso esta vez. Cruzou o quarto, deixou a vela na penteadeira e



começou a revistar o lugar sob o suave resplendor amarelo da vela. Estava ocupada revistando o armário quando se abriu a porta do dormitório sem prévio aviso, e Jason Forsythe entrou no dormitório.

—Verei-te pela manhã - disse a alguém do corredor, logo se girou e se deteve em seco ante a visão de Corrie em camisola diante do armário.

—Bom, cherie, admito que é um presente que não esperava encontrar. Entretanto, seria melhor para os dois que viesse quando seu marido não estivesse na porta. - A diversão lhe curvou os lábios.

—Assim ambos teremos sorte se conseguimos escapar com vida.

Corrie ficou sem fôlego quando Gray entrou no quarto com um olhar aterrador nos olhos sombrios.

—Que demônios está fazendo no quarto de meu primo?

Jason elevou uma mão.

—Tranquilo, Gray. Possivelmente simplesmente se perdeu.

Gray a perfurou com o olhar.

—Sem dúvida alguma, pode inventar algo melhor que isso, carinho.

Corrie tragou. Gray já estava furioso, mas a verdade seria melhor que o que ele estava pensando.

—Eu... - se voltou e assinalou o painel aberto que conduzia a passagem secreta - encontrei um corredor oculto detrás da parede da sala de sua suíte. Queria ver aonde conduzia.

Gray olhou o escuro e proibido vão que dava entrada ao corredor, e franziu o cenho.

—E esperas que eu acredite que se meteu nesse túnel sombrio só para saber aonde conduzia?

—Bom, eu...

—A verdade, Coralee.

—Certo! Estava procurando pistas. Pensei que todos estariam ocupados jogando às cartas e, enquanto isso, eu poderia tentar averiguar algo.

—Sua irmã outra vez! Maldita seja!

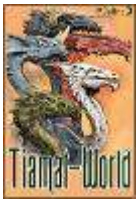
—Alguém poderia me dizer o que está ocorrendo? - Jason se aproximou para examinar a abertura, desfrutando da situação agora que estava seguro de que Gray não o ia matar. É obvio, pensou Corrie, seu marido ainda poderia machucá-la.

Gray centrou a atenção em Jason.

—Coralee veio aqui para provar que eu tinha assassinado a sua irmã, algo que já sabe. Ao que parece, descobriu que eu era inocente ou não me teria permitido me deitar com ela. - Corrie se ruborizou.

—Por desgracia, agora está convencida de que um dos outros homens do castelo era o amante de Laurel Whitmore. Está tratando de descobrir quem foi.

Jason arqueou as sobrancelhas douradas.



—Interessante. Custa imaginá-lo com grilhões, Gray, mas acredito que começo a compreender. O certo é que não tem que preocupar-se de que seu matrimônio seja aborrecido.

Gray esticou as feições.

—Já que discutimos sobre sedução, possivelmente deveria perguntar isso. Laurel e você foram amantes?

Jason negou com a cabeça.

—Conheci-a. Eu gostava dela. Não teria me importado de deitar com ela, mas não estou preparado para o matrimônio, e estava seguro de que isso é o que me teria esperado.

Gray jogou para trás uma mecha de cabelo negro que lhe soltou da cinta. Voltou seu sombrio olhar a Corrie.

—Satisfeita?

—Suponho que sim. Aproximou-se da passagem, inclinou-se para olhar em seu interior, logo fechou o painel. Quando voltou para o centro do dormitório, agarrou a Corrie pelo pulso e começou a arrastá-la para a porta.

—Agradeceria-te que guardasse em segredo a pequena aventura de minha esposa.

Jason riu entre dentes.

—É obvio.

Gray empurrou Corrie ao corredor e percorreram o tapete até o quarto do conde, com a camisola flutuando em torno dos tornozelos de Corrie enquanto o seguia meio correndo. Meteu-a na salinha da suíte e deu uma pancada na porta.

—Pequena insensata, juro que vou te dar uma surra. - Baixou o olhar até o traseiro de Corrie, protegido somente pela fina camisola branca. - Mas o mais provável é que você goste muito. - Com umas furiosas pernadas se aproximou do painel que ela deixara aberto como via de escapamento.

—Conhecia-o? - perguntou-lhe.

—Não. - Tentou ver dentro da passagem, mas estava escuro como a boca do lobo. - Aonde conduz?

—Não sei. Passa pelos dormitórios deste lado do corredor, pode-se entrar em alguns deles, e também há uma escada que conduz à planta de baixo. Desci e investiguei um pouco, mas já vê quão escuro está. Não estava segura de onde estava, assim retornei acima.

Gray apertou os dentes.

—Poderia se machucar, Coralee. Se te tivesse machucado enquanto estava aí dentro, jamais a teríamos encontrado. - aproximou-se até onde ela estava. - Maldição, me prometa que não voltará a fazer nada tão idiota como isto.

—Deixe o painel aberto. Não corria perigo.

—Poderia havê-lo deslocado. - Gray suspirou, tirou a cinta do cabelo e se passou os dedos. O espesso cabelo negro lhe caiu sobre os ombros, fazendo que parecesse o bandoleiro que algumas



vezes parecia.

—O dia da tormenta, a cela não se rompeu... estava cortada.

—Cortada? Não entendo o que quer dizer.

—Que alguém queria que caísse. Fez muitas perguntas. Possivelmente era uma advertência, não sei. Até que o averiguemos, teremos que tomar todas as precauções possíveis para que não ocorra de novo.

Corrie olhou para a janela, pensando no dia que caiu sob a chuva.

—Acredita que alguém tentou me matar?

—Ao menos tentou te machucar.

Ela refletiu sobre a informação e elevou o queixo.

—Se isso for assim, prova que tenho razão. Minha irmã foi assassinada, e quem quer que cortasse a cela quer impedir que averigue quem a matou.

Gray exalou lentamente e, para assombro de Corrie, assentiu.

—É possível. - Olhou a passagem, e assinalou a repugnante escuridão da abertura. - Se tiver razão, com outra façanha como essa a estará pondo em bandeja a quem quer que seja. - Estava zangado de novo.

E também preocupado. Via-se em seus olhos.

A cólera venceu.

—É hora de deitar-se. - Depois de fechar o painel, agarrou-a pela mão e a arrastou pelo tapete para o dormitório. - Quero te tomar por trás. Sobe ao colchão.

Não sabia do que falava, e ficou olhando fixamente.

—À cama - exigiu ele, como se tivesse todo o direito do mundo. O qual, como marido dela, tinha.

Ela jogou um olhar nessa direção, mas ainda não se moveu. Poderia ter todo o direito que quisesse, mas não gostava nem o tom de sua voz nem a maneira de intimidá-la.

—Não sou tua para que me dê ordens dessa maneira, e além disso, não sei o que quer que faça. - Gray pareceu só um pouco surpreso pelo desafio de Corrie. Possivelmente começava a conhecê-la, depois de tudo.

Era um homem difícil, caprichoso e frequentemente sinistro, mas não acreditava que tivesse intenção de machucá-la.

A dureza do olhar do Gray foi desaparecendo gradualmente.

—Mostrarei-lhe isso - lhe disse com suavidade. - Gostará aos dois. Confia em mim.

E o fazia, percebeu. Não lhe cabia dúvida de que confiava nele. Começou a afrouxar a cinta do colarinho da camisola, mas Gray a deteve com a mão.

—A deixe disse ele com brutalidade.

Bastante intrigada, fez o que ele queria e subindo à cama de colunas, observou como Gray se



despia. Afastou-se um momento e logo se reuniu nu com ela na cama. Tomando a cara entre as mãos, beijou-a, foi um beijo longo, úmido e exigente que lhe enviou uma quebra de onda de calor ao ventre e logo o desejo se estendeu por suas extremidades.

Gray se localizou atrás dela, amoldando seu corpo fornido contra as costas e os quadris de Corrie. Através da camisola, ela pôde sentir o calor da virilha do Gray contra o traseiro, e amaldiçoou em silêncio o tecido que formava uma barreira entre os dois. Uma das grandes mãos do Gray se deslizou por seu cabelo, que caía em suaves cachos sobre os ombros.

Penteou-lhe os pesados fios com os dedos para expor a nuca de Corrie.

Ela sentiu sua boca contra a nuca quando ele estendeu as mãos para lhe acariciar os seios, para brincar e cavá-los através do suave algodão branco, e os mamilos se endureceram contra suas Palmas.

Desejou livrar-se da camisola.

—Preciso te sentir, Gray.

—Logo.

—Mas necessito...

Ele se ergueu e lhe apanhou o queixo para depositar um beijo sobre sua boca e silenciar assim seus protestos.

—Vou te dar exatamente o que necessita - lhe prometeu Gray com uma voz rouca e profunda.

Mas em lugar de lhe tirar a camisola, a subiu sobre os quadris, enrolando o tecido ao redor de sua cintura. Roçou-lhe o traseiro com as mãos, logo as moveu entre suas pernas onde começou a acariciá-la.

Formou um nó nas vísceras. Esse homem conhecia todos os truques, sabia que quanto mais tempo tivesse a camisola posta, mais aumentaria seu desejo, e mais excitada estaria. Gemeu quando ele abriu sua carne ardente para começar a acariciá-la.

—É minha - disse Gray. - Não quero voltar a verte no dormitório de outro homem.

Ela tentou concentrar-se em suas palavras, mas o prazer aumentava por momentos. Mordeu o lábio para não rogar que tomasse já.

—Eu não...

Gray lhe beliscou o traseiro nu, provocando um calafrio de prazer.

—É uma mulher muito irritante - seguiu acariciando-a. - Maldita seja, mesmo assim te desejo tanto.

Introduzindo-se na úmida calidez de Corrie, encheu-a lentamente, até que a empalou por completo, logo a sujeitou pelos quadris e começou a mover-se.

Uma ardente sensação a atravessou. Deus, aquilo era o paraíso. Corrie se arqueou para tomá-lo mais profundamente, e Gray soltou um grunhido. Aumentou o ritmo, empurrando com força e fazendo-a cair em uma fogueira ardente. Corrie soube que o desejo do Gray era tão forte como o dela. Apesar disso, podia sentir como se controlava.



Mas seu próprio controle era algo distinto, apanhada entre o calor e a necessidade, o desejo a abrasava como uma chama. Flexionava os músculos das nádegas quando ele se chocava contra ela.

Os duros braços a rodeavam. Ele agarrou a camisola com os punhos e rasgou o tecido.

Corrie soltou um gemido. Por fim estava nua e quis soluçar de alívio. Em seu lugar, abandonou-se à sensação quente de uma pele contra outra, das profundas sensações de sua carne.

Gritou o nome do Gray quando foi atravessada por um intenso clímax, mas ele não se deteve. Não até que outra quebra de onda de prazer a atravessou, dissolvendo toda necessidade.

Logo Gray esticou os músculos e também alcançou sua liberação.

Passaram uns segundos. Logo se deixaram cair lentamente. Gray se aconchegou contra ela, e quando ela se voltou para ele, observou que tirava algo de sua ainda firme ereção.

—O que é isso?

—Uma camisinha - disse Gray distraidamente.

Corrie ficou rígida.

—Disse-me isso que se usam para impedir a gravidez.

Ele a olhou.

—Sim.

—Mas agora estamos casados. As crianças formam parte do matrimônio.

Gray afastou o olhar.

—Não estou preparado para ser pai, Coralee. Não sei se alguma vez estarei.

Corrie tragou saliva. Não podia acreditar no que acabava de ouvir. Seus olhos se encheram de lágrimas.

—É meu marido, Gray. Vai me negar a alegria de ter teu filho?

O olhar de Gray procurou o dela, turbulento e pela primeira vez inseguro.

Corrie continuou.

—E seu dever como conde?

—O filho do Charles poderá herdar o condado.

—Mas eu adoro as crianças, Gray. Acredito que seria um pai excelente. Por favor, não me prive, não nos prive disto.

Seguiu-a olhando aos olhos.

—Não pensei que fosse tão importante para ti.

Não pensou que fosse importante? Ficou com um nó na garganta. Ela o amava. Era seu marido. É óbvio que era importante.

—Quero ter teus filhos, Gray, mais que nada no mundo.

Gray estendeu a mão para tocar seu rosto, e ela se sentiu surpreendida do pequeno tremor que sentiu nela. Inclinando-se, beijou-a muito brandamente.

—De acordo, se isso for o que quer, darei-te um bebê. Ou ao menos o tentarei. - Logo a cobriu



com seu corpo, enchendo-a de novo e a fazendo rugir o sangue. Corrie se entregou a ele por completo, sentindo que seu amor por ele crescia em seu coração.

Não sabia se ele corresponderia alguma vez a esse amor, mas essa noite falaram do futuro, falaram de meninos e de família.

Possivelmente foi um começo.

Capítulo 23

A festa em honra do matrimônio dos condes de Tremaine se celebrou em uma ensolarada tarde de junho. Rebecca trabalhou sem descanso durante quase duas semanas, e quando Corrie conseguiu, jogou uma olhada aos verdes prados que rodeavam o castelo, onde ia se celebrar a festa, tudo parecia estar em perfeita ordem.

Estava previsto que a reunião começasse às quatro e que continuasse ao longo da tarde. Os faróis de papel de diferentes cores penduravam das árvores. As velas se acenderiam assim que começasse a escurecer. Trouxeram grandes barris de cerveja para os habitantes do povoado, assim como limonada e jarras de vinho. As longas fileiras de mesas se situaram sob as árvores e estavam providas de escandalosas quantidades de comida: leitão assado, perna de cordeiro, suculentos pombinhos assados. Também havia pão e queijo, bandejas de verdura e pudim, e uma assombrosa variedade de sobremesas.

Era um dia em que a plebe se mesclaria com a aristocracia, uma celebração que ninguém queria perder.

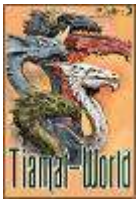
Embora os pais de Corrie optaram por não fazer a longa e tediosa viagem, a tia Agnes e Allison sim estariam ali.

Desde as bodas de Corrie, viram-se poucas vezes. Não queriam afastá-la de seu marido.

Corrie achava a ideia engraçada. A única coisa que importava a Gray era tê-la disposta quando queria desfrutar de seu corpo, o que fazia com uma assombrosa frequência. É obvio, ela não ia negar que desfrutava de seus hábeis cuidados. Quão único faltava era que Gray compartilhasse um pouco de si mesmo quando faziam o amor.

A festa começou e a cerveja começou a fluir. Tiraram mais bandejas de comida que foram consumidas pela alegre multidão sobre a grama. Krista, Leif e Thor tinham sido convidados, mas com a Corrie fora e sendo Lindsey nova no trabalho de editora, Krista não podia faltar na gazeta. Leif e ela se viram obrigados a contra gosto a rechaçar o convite, mas prometeram visitá-los o mês seguinte, algo que Corrie preferia, já que poderiam ficar mais tempo juntos.

A tarde avançava de maneira perfeita tal e como previra Rebecca, que se embelezara com um



vestido de seda em tons nata e âmbar. Corrie escolheu um vestido verde pálido, com uma saia vincada na frente, e com um cordão de seda verde debruando o sutiã e a prega. As amplas anáguas lhe roçavam os tornozelos enquanto passeava entre a multidão de braço dado com seu marido.

Com uma casaca azul marinho um colete de colarinho fechado, umas calças cinzas e uma gravata de seda branca, Gray estava muito bonito e elegante. Seu ondulado cabelo negro, preso com esmero na nuca, brilhava sob o sol da tarde. Corrie não pôde evitar perceber os provocadores olhares que ele recebia de algumas mulheres.

Se ele se deu conta, não o demonstrou. Estava interpretando ser o marido fiel e obediente, e se se deixasse levar, ela quase o podia imaginar dessa maneira. Embora o certo era que só era uma caricatura.

Não devia esquecer que Gray ainda precisava aceitá-la como algo mais que uma companheira de cama.

Corrie observou o mar de convidados que formavam redemoinhos na grama. Todos os vizinhos de vários quilômetros ao redor deram presença ali: o magistrado do povo, o vigário e sua família, Squire Morton, sua esposa e seus filhos, dois dos quais estavam casados e tinham seus próprios filhos.

A família Forsythe estava bem representada por Charles e Rebecca, o meio-irmão do Gray, Derek, e seu primo, o muito solicitado Jason. Corrie olhou ao arrumado homem das covinhas profundas e o cabelo castanho claro. Jason negou que teve uma relação com Laurel e foi muito convincente.

O que deixava ao Derek Stiles como o principal suspeito.

Corrie suspirou, já não estava tão segura de que fosse um deles. Sem o livro que encontrara como prova, começou a duvidar de seu julgamento. Possivelmente se equivocou em todas as suas conclusões.

Não obstante, estava a cela cortada e a queda que sofrera.

Passaram várias horas desde que a festa começou e se fez todas as apresentações quando Gray permitiu que Corrie se reunisse com suas amigas.

—Estou muito contente de as ver! - Corrie abraçou à tia Agnes e logo a Allison. - Vivemos muito perto, mas parece que jamais temos tempo de nos visitar.

—Agora está casada - disse a corpulenta tia Agnes, que voltou a se vestir de luto depois das bodas de Corrie. Depois da ordem de Gray, Corrie não voltou a pôr os deprimentes objetos negros. Não podia dizer que o lamentasse. - Tem que se ocupar de seu marido - continuou a tia Agnes, - tal como deve ser. Necessitam tempo para se conhecer.

Corrie só sorriu.

—Mesmo assim, farei-lhes uma visita a semana que vem. Assim terei uma desculpa para sair um momento.

Allison se aproximou e lhe apertou a mão.



—Como vai com o conde? Começastes a resolver suas diferenças?

O olhar de Corrie se dirigiu para onde Gray conversava com o Jason.

—Suponho. Pelo menos já não está zangado. Embora não acredito que me tenha perdoado de todo.

—Lhe dê tempo - disse Allison.

Corrie assentiu com a cabeça. Que outra opção tinha?

Sua amiga estava muito formosa, um pouco magra, mas com esse cabelo escuro e as maçãs do rosto marcados, parecia muito elegante. Corrie jamais se fixou antes.

Derek, em troca, sim se fixou. Conforme avançava a tarde, apresentou-se a Allison, e Corrie os viu depois a ambos compartilhando um prato sobre uma manta ao lado do rio.

Seu estômago ficou apertado. E se foi Derek o amante de Laurel? E se foi ele quem a seduziu e abandonou quando ficou grávida? Possivelmente esteve envolvido na morte de Laurel e de seu filho.

Estaria Allison correndo perigo?

—Tem o cenho franzido. - Era a profunda voz de Gray. voltou-se para ver o seu perfil. - O que acontece?

—Nada. Só... - o olhou. Ela já não era a doce e pequena Letty. Não tinha por que calar-se. - Estou preocupada com Allison. Derek parece interessado nela, e existe a possibilidade de que seja o homem que deixou grávida a minha irmã. Não quero que faça mal a Allison.

Corrie pensou que Gray se zangaria. Entretanto, seguiu com seu sombrio olhar ao casal que ria sobre a manta.

—Derek sempre gostou da companhia de uma bela mulher. E terá que reconhecer que, sem a touca, sua amiga Allison é muito formosa. Falarei com ele, deixarei claro que a garota é da família e que portanto está proibida. - Dirigiu um olhar a Corrie. - Eu falarei com o Derek, mas será melhor que você fale com sua prima.

Assentiu com a cabeça, sabendo que ele tinha razão embora poderia não ser o mais acertado. Derek era loiro, bonito e encantador. Que mulher não se sentiria atraída por ele? Possivelmente Corrie estava tirando conclusões precipitadas.

—Farei-o. Obrigado.

Ele estendeu a mão e lhe roçou a cara, logo se virou e partiu.

Não o viu de novo até que se aproximou dela para acompanhá-la ao jantar. Depois de encher seu prato com toda classe de alimentos deliciosos, Gray se sentou com Corrie na mesa preparada para os noivos.

A comida era deliciosa. Quando terminou de comer, estava tão cheia que não podia acreditar, reclinou-se e suspirou satisfeita. O vinho era tão bom como a comida, e também bebeu o bastante, e não demorou muito em ficar presa pelos sensuais olhares de Gray. Ansiava escapulir com ele, queria que a arrastasse a seu quarto e fizesse o amor com ela.



Sentindo-se um pouquinho perversa, estava a ponto de lhe sugerir exatamente isso, quando sentiu um enjoo. Cambaleando-se um pouco, recostou-se na cadeira.

Gray arqueou as sobrancelhas.

—O que te passa? Encontra-te mau?

—Não, porei-me bem. Só... - se sentiu invadida por um novo enjoo e se apoiou na mesa. - Acredito que bebi muito vinho.

Ele assentiu com a cabeça.

—Apresentarei nossas desculpas e subiremos acima. - Seu ardente olhar lhe disse com exatidão o que tinha em mente para quando estivessem a sós. Corrie sorriu enquanto ele se dirigia para Charles e Rebecca para agradecer pela festa e despedir-se.

Quando retornou, Corrie já não sorria.

—Encontro-me mau, milord. Sinto-o muito.

—Não passa nada. Já observei que não aguenta beber muito. - Ajudando-a a levantar-se, conduziu-a à casa. Por sorte, como quase todo mundo sentia em si mesmo os efeitos da comida e a bebida, não lhes prestaram atenção.

Por desgraça, quando Corrie chegou a seus aposentos, sentia-se muito mal. Estava realmente doente. Atravessando o dormitório a toda velocidade, esvaziou o conteúdo do estômago em um urinol.

Tudo lhe dava voltas e tentou controlar o enjoo. Viu que Gray se dirigia para ela, e se sentiu envergonhada.

—Tome, bebe isto - disse, estendendo um copo de água. Ela o bebeu e utilizou a toalha para secar o suor da cara.

—Não... não pensei que tivesse bebido tanto. - sentou-se em uma cadeira, sentindo-se muito cansada de repente. - Estarei bem em um momento. Só... só preciso descansar um momento.

—Os olhos lhe fechavam. ficou quase dormida ao apoiar-se contra o respaldo da cadeira.

Gray a sacudiu, mas ela mal se moveu.

—Coralee? Coralee, encontra-te bem?

Ela tentou assentir, mas a cabeça caiu para um lado. Tudo o que queria era dormir. Não podia recordar haver-se sentido tão cansada.

—Maldita seja, Coralee, acorda!

Gray a sacudiu de novo, e Corrie abriu os olhos devagar. Olhou-o fixamente com um olhar cansado.

—Sinto-o... não quero mais que dormir. - As pálpebras se fecharam de novo e ouviu a maldição de Gray.

Corrie gemeu quando ele a pôs em pé.

Gray examinou as pupilas, e viu algo que não gostou.



—Não acredito que se trate da bebida. - Elevou-lhe o queixo e a olhou diretamente aos olhos. - Acredito que lhe drogaram. - Sacudiu-a de novo e ela abriu os olhos. - Ouviste o que te hei dito?

Drogaram-lhe.

—Drogada?

—Deram-lhe ópio. A droga atua desta maneira quando alguém toma muita quantidade. Alguém deve ter jogado láudano, ou algo um pouco parecido, em seu vinho ou em sua comida. Se dormir, não acredito que te volte a despertar.

Ela se despertou um pouco ao ouvi-lo, levantou a cabeça e o coração lhe palpitou no peito.

—Estão tentando me matar?

A mandíbula de Gray se endureceu como o aço.

—Não vai ocorrer. - Deixou-a na cadeira um momento, aproximou-se a grandes pernadas ao cordão da campainha, e a puxou com força.

—Em pé - lhe disse, aproximando-se de novo a ela e forçando-a a abrir os olhos. - cedo ou tarde, os efeitos desaparecerão. Até então, tem que seguir acordada.

—Não acredito que possa.

Gray a acariciou na face com suavidade.

—Eu te ajudarei, carinho. Se apoie em mim. - E foi o que fez, sentia o corpo sem forças, como se fosse gelatina, e os pés mal se sustentavam sobre o chão.

Não soube com exatidão quando chegou Samir ao dormitório, só ouviu o Gray lhe falando em um tom profundo e preocupado.

—Administraram-lhe uma overdose de ópio - disse Gray. - Tem algo que a possa ajudar?

Antes de que os olhos lhe fechassem de novo, pôde ver como o homenzinho assentia com a cabeça.

—Farei o que possa. Mas necessito de tempo para fazer a mescla.

—Pois faz-o tão rápido como possa. - Quando o hindu desapareceu, Gray a sujeitou com força. - Vamos - ordenou, insistindo-a a mover-se outra vez, arrastando-a como se fosse uma boneca de trapo de tamanho real.

Corrie se sentia muito cansada. Estava sem forças, perdera o controle de seu corpo.

—Não posso... descansar... só um momento? Logo me levantarei... lhe prometo isso.

Ela começou a se deixar cair, mas Gray a endireitou.

—Segue caminhando. Não vou te deixar morrer, maldita seja.

E isso foi o que fez. Caminhou e caminhou, com o corpo pesado como o chumbo, com as pálpebras mal abertas. Não soube quanto tempo estiveram assim, Gray guiando-a pelo quarto, utilizando seu corpo duro e seus braços firmes para impedir que se derrubasse a seus pés.

—Venha, carinho. Bebe isto. - Gray aproximou um copo aos lábios de Corrie e o inclinava para obrigá-la a tragar o líquido amargo que Samir havia trazido. - Toma-o tudo.



—Ela fez o que lhe ordenava, sabendo que não a deixaria negar-se.

Seguiram movendo-se sem deter-se, uma interminável marcha durante horas, com os ponteiros do relógio movendo-se inclusive mais devagar que suas pernas. Ao final, pouco a pouco, pôde sustentar a cabeça no alto e levantar os pés com mais ligeireza. Chegou a madrugada, mas Gray não se deteve. Corrie sabia que estava tão exausto como ela, mas se mantinha firme.

Eram quatro da madrugada quando por fim pôde olhar o relógio sem ver os números imprecisos.

—Preciso me sentar, Gray. Prometo-te que não dormirei.

—Está segura?

Corrie assentiu com a cabeça, com os olhos, pela primeira vez, completamente abertos. Gray se inclinou sobre ela e a beijou na fronte.

—Sente-se um momento. Eu estarei a seu lado. - Conduziu-a ao sofá em frente da lareira, e se sentou a seu lado, rodeando-a com um braço, observando qualquer sinal de que ela pudesse estar deslizando-se na inconsciência.

Corrie estendeu a mão e pegou seu pulso.

—Salvou minha vida esta noite. Se não estivesse aqui...?

—Estava aqui e isso é o que conta. - Gray levou a mão de Corrie aos lábios e lhe beijou a palma. Logo apertou a mandíbula e afastou o olhar. - Vou averiguar quem o fez. E quando o fizer, esse bastardo pagará por isso.

O sol já saía quando Gray permitiu que Coralee se deitasse. Deixou à donzela na cadeira a seu lado, com instruções para despertá-la cada hora. Se ocorresse algum problema, Anna devia ir buscá-lo imediatamente.

Gray ainda seguia preocupado. Quando se sentou na mesa de seu estúdio e recordou o acontecido, um suor frio cobriu sua testa. O que ocorreria se não tivesse subido com ela?

E se se distraísse e não tivesse notado o estado no qual a deixou a droga até que fosse muito tarde?

Coralee poderia estar morta.

Gray sentiu uma opressão no peito ao pensar em perdê-la. disse-se que era porque se tratava de sua esposa e era sua responsabilidade protegê-la. recordou-se que havia falhado com Jillian e não queria voltar a falhar outra vez.

Estava mentindo para si mesmo e sabia. De algum jeito, nas semanas que Coralee levava formando parte de sua vida, chegou até seu coração, algo que ninguém jamais fizera.

Lhe dissera que queria ter um filho dele. Dele. Como se não valesse nenhum outro homem.

Não acreditava no amor. Dizia a si mesmo que não amava a Coralee. Mas seria capaz de matar para protegê-la. Descobriu no momento que a viu no dormitório, mal capaz de manter-se em pé, vulnerável como raramente a viu.



Quando se dirigiu ao primeiro piso, Gray pensou na maneira em que ela se confiou a seu cuidado e como o fizera sentir essa confiança. Corrie estava em grave perigo, disso não cabia dúvida.

Mas quando ele a olhava e sentia como lhe acelerava o coração, dava-se conta de que ele também o estava.

—Que demônios estava pensando? Pelo amor de Deus, foi uma autêntica tolice, uma verdadeira estupidez. - Rebecca caminhava de um lado a outro, deteve-se e olhou a fonte do jardim.

—Terei que detê-la. cedo ou tarde dará com alguém que viu ou ouviu algo. Somará dois mais dois, e resolverá o que aconteceu a sua irmã aquela noite.

Rebecca se voltou para lhe olhar.

—Disse que deveríamos adverti-la de algum jeito de que abandonasse suas investigações e estive de acordo, mas não concordei com isto.

O homem tomou um gole de brandy.

—Se tivesse funcionado, a condessa já não seria uma ameaça.

—Mas não funcionou, e estou começando a pensar que você se esqueceu do nosso objetivo.

Estavam de pé no terraço. Parecia uma conversa educada com um bom amigo. Estavam seguros, pois Charles fora ao povoado.

—Não é da esposa do Gray de quem temos que nos desfazer - continuou Rebecca. - É do próprio Tremaine. Assim que todo este desagradável assunto esteja resolvido, Charles será conde e eu condessa. Com a fortuna Tremaine a minha disposição, poderei pagar a considerável soma que te prometi.

O homem agitou o brandy em sua taça, e tomou um gole.

—Me acredite, não me esqueci.

—O que pensa fazer?

Ele apurou a taça e a depositou na mesa de ferro forjado ao lado da balaustrada.

—Tenho intenção de fazer o que te disse que faria.

Rebecca lhe lançou um olhar especulativo.

—Sabe... todas estas tentativas que levamos a cabo com a esposa do Gray poderiam jogar a nosso favor. Se ele morresse em um acidente que parecesse destinado a ela?

Pela primeira vez, seu acompanhante sorriu.

—Não só é formosa, também é inteligente.

—Ou melhor ainda, ambos devem perecer.

Assentiu com a cabeça.

—Sim, será o mais seguro. Falarei com o Biggs, pensarei na melhor maneira de proceder. Mas acredito que deste com a solução correta.

Era o que Rebecca esperava. Durante anos se ocupou da família do conde, assumira os deveres da condessa sem nenhuma das compensações econômicas. Agora, seu posto fora usurpado por uma



intrusa que caçara a Tremaine com uma charada, e cedo ou tarde Rebecca perderia tudo.

Estava cansada de depender da caridade de seu cunhado. Por sorte, o homem que tinha ao lado desfrutava vivendo bem, e para isso lhe fazia falta dinheiro.

Ele também estava cansado de esperar.

Corrie dormiu todo o dia e parte da noite. Não desceu para comer. Anna lhe subiu uma bandeja ao quarto.

Não estava de humor para enfrentar ao Gray e a seus olhares sombrios e preocupados, nem para escutar a Rebecca tagarelando sobre as fofocas de Londres. Não estava interessada nem nas brincalhonas paqueras do Jason, nem no que Derek tinha que dizer da tarde que passou com Allison. Quão único sentia falta era a bondade do Charles. Sempre fora capaz de aliviar a discórdia entre a Rebecca e ela, ou a tensão entre o Gray e ela.

Até esse momento, ninguém sabia as causas de sua enfermidade. Corrie decidira deixar em mãos do Gray o que iriam dizer. Sabia que ele se esforçaria em descobrir ao culpado, e rezou para que tivesse êxito. Tudo assinalava ao homem que já cometera um duplo assassinato e, até o momento, conseguira evadir-se de todo tipo de responsabilidades. Corrie era sua maior ameaça.

Sentiu um calafrio. Assim que ela estivesse morta, ele estaria a salvo. Enquanto entardecia, escreveu uma carta a seus pais, omitindo os atentados contra sua vida; escreveu uma carta similar a Krista, e logo tirou seu diário de debaixo da cama.

Nunca sabia como começar, mas não importava. Era a própria escritura o que importava. Amava as palavras, gostava de utilizá-las para formar frases interessantes.

Adorava escrever sua coluna em De coração a coração, mas sua verdadeira ambição era escrever uma novela.

E o faria, prometeu-se a si mesmo. Agora que estava casada, jamais conseguiria viajar como planejava, mas podia escrever sobre outras coisas.

"Algum dia", pensou com um suspiro. Introduzindo a pena no tinteiro, começou a escrever sobre os sombrios acontecimentos que davam voltas em sua cabeça: o painel secreto e a conversa que ouvira por acaso sobre a Rebecca e seu bebê, a cela cortada, e a overdose de ópio. Corrie se estremeceu ao pensar no culpado de atentar contra sua vida. E no que faria a próxima vez para obter seus propósitos.

Capítulo 24

Corrie recebeu um recado de seu marido para ir ao estúdio às três da tarde. Quando entrou na sala, viu o Gray sentado atrás da escrivaninha, a seu meio-irmão, o loiro e alto Derek Stiles de pé em



frente a ele e ao lado do Charles, que tinha ao Jason a seu outro lado. Com os três homens loiros estava Dolph Petersen.

—Coralee - disse Gray, rodeando a escrivainha para aproximar-se dela. Dirigiu-lhe um olhar de preocupação ao observar que ainda estava um pouco pálida. - Te encontra melhor?

—Muito melhor, obrigado. - Não disse nada mais. Esperava que Gray a explicasse o motivo da reunião, mas ele simplesmente voltou a sentar atrás da escrivainha.

Os outros tomaram assento na fila de cadeiras colocadas em frente do Gray.

—Agradeço que tenham vindo. Como já sabem, minha esposa esteve doente estes últimos dias. O que não sabem é que alguém tentou matá-la.

—O que? - disse Charles, que meio se levantou da cadeira.

—É uma acusação muito grave - disse Jason. - Está seguro, Gray?

—Muito seguro. Deram-lhe uma overdose de ópio durante a festa em honra a nossas bodas. Quando estava na Índia, vi os efeitos dessa droga em várias ocasiões. Um homem de meu regimento morreu por essa causa.

—Possivelmente foi um acidente - sugeriu Charles. - Ou melhor alguém jogou a droga na comida por equívoco.

—Poderia acreditá-lo se não fosse porque é a segunda vez que atentam contra sua vida.

Charles se apoiou no respaldo, claramente impressionado.

—Sabe quem o fez? - perguntou Derek com a mandíbula tensa. Dos Forsythe era o que tinha o caráter mais temperamental.

—Ainda não. Convoquei-lhes aqui para ver se poderiam me ajudar.

—É obvio - disse Charles. - O ajudaremos no que pudermos.

—Por que querem matar a Coralee? - perguntou Jason, que ainda seguia desconcertado.

—Minha esposa chegou ao Castelo de Tremaine convencida de que sua irmã foi assassinada. Esteve tratando de encontrar ao homem que o fez.

—Acreditei que esse tema estava resolvido - disse Charles surpreso. Como o resto da família, assumira que Corrie abandonara a busca depois de que saísse a descoberto sua verdadeira identidade e se casou com o Gray.

—Nunca se encontrou nenhuma evidência que demonstrasse que a senhorita Whitmore foi assassinada - acrescentou. - As autoridades acreditam que foi um suicídio.

—Isso é o que eu pensava também - disse Gray, - até que tentaram matar a Coralee pela segunda vez. Agora acredito que é provável que minha esposa tenha razão. Dolph Petersen também acredita.

Petersen se voltou na cadeira, centrando sua atenção nos outros.

—Acredito que os últimos acontecimentos falam por si só. Enquanto a condessa permaneça com vida, o assassino corre perigo de ser descoberto. A condenação seria a pena de morte.



Charles não se moveu.

Jason e Derek pareceram considerar as palavras do Dolph.

O silêncio se prolongou até que Gray falou de novo.

—A razão pelo qual estão aqui é porque preciso saber a verdade. Seria melhor falar com cada um de vós em privado, mas acredito que o tema é muito importante. Também acredito que Coralee tem direito de ouvir o que tiverem que dizer.

O sombrio olhar do Gray percorreu a sala.

—Jason já respondeu à questão, assim que toca a vós, Charles, Derek. Os dois estavam no castelo durante os meses anteriores a que Laurel Whitmore partisse para o East Dereham grávida de um bebê ilegítimo. O que quero saber é se algum de vocês era o pai desse menino.

Coralee se inclinou para diante em seu assento. Como Charles não podia ter filhos, tinha que ser Derek. Perguntou se seria o bastante homem para admitir a verdade.

Mas foi Charles o que falou com um tom rouco na voz.

—Não foi assim que aconteceu. - Tragou saliva e seu pomo se moveu de cima abaixo. - Amava a Laurel e ela me amava. Jamais tive intenção de lhe fazer mal de maneira nenhuma.

Não era possível. Rebecca insinuara que Charles não podia ter filhos. Mas com um só olhar à expressão pálida e desencaixada do Charles, Corrie soube a verdade.

A cólera quase a fez levantar-se da cadeira de um salto.

—Charles, está casado! Como pôde seduzir a uma jovem inocente? Como pôde fazê-lo?

—Nunca quis que ocorresse - disse com voz rouca pela emoção. - Nos conhecemos uma manhã quando saí a montar. O cavalo de Laurel tinha uma pedra na ferradura. Acompanhei-a caminhando de volta a sua casa. Começamos a conversar. Com ela era singelo falar de qualquer tema. Tínhamos muitas coisas em comum. - Lhe encheram os olhos de lágrimas. - Fui ao mesmo lugar ao dia seguinte, esperando que viesse outra vez, e ali estava. Falamos e falamos. Parecia que sempre tínhamos algo que dizer. Reuníamos-nos cada vez que podíamos. Acredito que nenhum dos dois pensou que aquilo se converteria em algo mais que uma amizade.

Sacudiu a cabeça e as lágrimas lhe escorregaram pelas faces.

—E logo, um dia, aconteceu.

Olhou a Corrie, e havia tanto sofrimento em sua cara que a ela ficou com o coração apertado.

—Sua irmã era a pessoa mais preciosa e mais amável que já conheci. Teria morrido em seu lugar sem duvidá-lo.

Corrie ignorou a piedade que sentia.

—Abandonou-a, Charles. Deixou-a sozinha quando mais te necessitava.

Ele ficou rígido.

—Não sabia do menino. Nunca me disse isso. Laurel sabia que estava casado. Não queria que minha família sofresse pelo que fizemos. Disse-me que necessitava de tempo para esclarecer suas



ideias. Pensei que possivelmente tinha razão. - Tragou saliva. - Devia ter impedido que partisse. Se o tivesse feito, possivelmente ainda estaria viva. - Logo se pôs-se a chorar com grandes soluços que lhe fizeram sacudir os ombros, algo que não era próprio dele.

O coração de Corrie sofreu com ele. Ela também perdera a Laurel e sofreu tanto quanto Charles devia havê-lo feito. Ficou de pé e se aproximou dele, rodeou-lhe o pescoço com os braços e simplesmente o abraçou. Por um momento, Charles se apoiou nela.

—Sinto-o - murmurou ele. - Não sabe como o sinto.

Aspirando profundamente, separou-se dela, e se dirigiu a Gray e ao resto dos homens da sala.

—Eu nunca tive intenção de causar tal tragédia. Laurel e eu... jamais quisemos fazer mal a ninguém.

Gray tomou o controle, permitindo que seu irmão recuperasse a compostura, e Corrie se voltou a sentar.

—Assim não te disse do bebê - lhe disse.

Charles negou com a cabeça.

—Vi Laurel só uma vez depois de que retornou do East Dereham.

—E o que aconteceu?

—Quão mesmo antes. Ainda a amava e ela ainda me amava. Disse-lhe que queria deixar Rebecca e me casar com ela.

Corrie sentiu que lhe oprimia o coração. Deveria ter sabido antes que Charles era o homem que sua irmã amara. E deveria haver-se dado conta de que Charles a correspondia.

—O que te respondeu Laurel? - perguntou Gray.

—Disse-me que precisava estar seguro de que isso era o que queria, que precisava estar muito seguro de que isso era o correto. Disse-lhe que convertê-la em minha esposa era o que eu queria. Que era o correto.

—Quem além de Laurel sabia o que pretendia fazer? - perguntou Corrie.

—Ninguém. Só o discutimos entre nós.

—Assim jamais falou de divórcio a sua esposa?

Derek se levantou da cadeira.

—Sem dúvida alguma não estará insinuando?

—Rebecca nunca chegou a saber, ou seja, - disse Charles. - Esperava a ocasião para falar com Laurel e fazer planos. Em vez disso, chegou o agente de polícia para nos dizer que ela... - Tragou saliva e o brilho das lágrimas apareceu de novo em seus olhos. - Que ela se afogou e que teve um filho. - Charles fechou os olhos com força e Corrie pôde sentir sua dor como se fosse dela.

—Ninguém é perfeito - disse Gray em voz baixa. - Seu matrimônio com a Rebecca foi acertado quando os dois eram uns meninos. Laurel e você se apaixonaram. São coisas que acontecem.

Jason interveio justo nesse momento.



—Está claro que Charles não teve nada que ver com a morte de Laurel Whitmore. Estava apaixonado por ela. Não posso imaginar que lhe fizesse mal. Parece-me que se, tal como sua esposa diz, Laurel foi assassinada, deve ter sido vítima de um salteador de caminhos ou um ladrão.

—Jason tem razão - conveio Derek. - Durante a celebração de suas bodas, todo o povoado esteve presente. A pessoa que drogou a Coralee pôde ter sido qualquer um.

—Sabe o que fazia Laurel no rio aquela noite? - perguntou Corrie ao Charles.

Ele negou com a cabeça.

—Não se afastava muito de Selkirk Hall. Possivelmente ela queria pensar com atenção as coisas, esclarecer suas ideias. Possivelmente decidira me contar do bebê, não sei. Pode ser que todo o acontecido tenha sido uma casualidade, um salteador se topou com ela, lutaram e logo... - Tragou saliva e afastou o olhar.

—Ocorresse o que ocorresse - disse Gray com um brilho feroz nos olhos, - minha esposa não se converterá em outra vítima. Vou averiguar quem foi o assassino para impedir que volte a matar de novo.

Ante a insistência de Gray, Corrie passou a semana perto da casa. Retardou a visita ao Selkirk Hall. Inclusive embora só fosse ao jardim, Gray a acompanhava. Enquanto isso, Dolph Petersen se hospedava na taberna O Dragão Verde, tentando solicitar informação no povoado.

Corrie se perguntou se Greta lhe ofereceria algo mais que informação a esse homem de rasgos duros, e se assim era, se ele aceitaria o convite. Perguntou-se que nova informação poderia lhe tirar a mulher, se ao final o fazia.

Rebecca fora informada sobre os atentados contra a vida de Corrie, mas não ficara convencida.

—Sabe..., possivelmente se trate só de uma coincidência. A cela se rompeu. Mais tarde comeu algo que não te sentou bem, e teve uma espécie de reação.

Corrie não discutiu com ela. A opinião da Rebecca não importava muito. A informara por pura necessidade, mas não contou a relação que Charles manteve com Laurel.

Corrie debateu consigo mesma se deveria contar ou não ao Gray sobre a aventura da Rebecca e o menino que ia ter, mas Corrie não tinha nem ideia de quem podia ser o amante da Rebecca e não parecia que tivesse relação com todo o acontecido. Inclusive embora o dissesse, não estava totalmente segura de que Gray acreditasse. Com tanto revoo na família, decidiu continuar guardando silêncio, ao menos de momento seria o mais conveniente.

Estava considerando sua decisão quando Charles se aproximou dela no terraço depois do jantar.

—Perguntei ao Gray se poderia falar contigo em privado - lhe disse, saindo das sombras até ficar iluminado pela luz das tochas.

—O que acontece, Charles?

—Queria falar contigo de sua irmã. Queria que soubesse quanto a amava, e quanto lamento tudo o que aconteceu.



Corrie o olhou. Ainda se percebiam as linhas de pesar em sua cara. Devia ter requerido um imenso controle ocultá-lo durante tanto tempo.

—Alegra-me que fosse você - disse ela. - Me alegro de que fosse o homem do qual se apaixonou minha irmã.

—O que quer dizer?

—É um bom homem, Charles, não importam as circunstâncias de sua relação com Laurel.

Ao Charles lhe nublaram os olhos.

—Significava-o tudo para mim. Tudo.

Corrie assentiu com a cabeça.

—Já o vejo.

—Quando descobri quem era, pensei que estava perturbada, louca de pena, como eu, por sua perda. Agora, ao descobrir que Laurel realmente poderia ter sido assassinada... me resulta quase insuportável pensá-lo.

—Descobriremos ao assassino. Agora que todos trabalhamos juntos, daremos com ele.

Charles baixou o olhar aos pés, como se tivesse que dizer algo muito importante, e tratasse de armar-se de coragem para fazê-lo.

—Nunca o perguntei. Supunha que não suportaria sabê-lo. Foi um menino ou uma menina?

Deu um tombo o coração.

—Teve um filho, Charles. Laurel o chamou Joshua Michael.

Os olhos azuis do Charles se encheram de dor.

—Esse era o nome de meu melhor amigo. Morreu de gripe quando estávamos no internato. Laurel sabia quão importante fora para mim. - Havia uma tristeza entristecedora na cara do Charles.

—Era muito valente. Se eu tivesse a mesma valentia...

—Você não a matou, Charles. Não foi tua culpa. - Ele não disse nada, só assentiu com a cabeça como se tentasse convencer-se, logo se virou e partiu. Deixou-a no terraço, lhe seguindo com o olhar, sentindo sua dor e sua pena.

Gray se reuniu com ela uns momentos depois.

—Meu irmão é um bom homem.

—Sim, é.

—Então, não acredita que teve nada que ver na morte de sua irmã?

—Não. Mas gostaria que a informação que nos deu tivesse sido de mais utilidade.

Um músculo palpitou na face de Gray.

—Igual à mim.

Dolph Petersen retornou ao castelo vários dias mais tarde. Por desgracia, Corrie não foi convidada a reunir-se com eles a porta fechada no estúdio.

Mesmo assim, não pôde resistir a escutar às escondidas. Assim que os homens estiveram



dentro, aproximou-se da porta e pressionou a orelha contra ela. Surpreendeu-lhe ouvi-los discutir sobre a condessa do Devane e o baile de máscaras que ia celebrar.

—Acredito que deveriam ir - dizia Dolph.

—Está louco? Já viu o que aconteceu no último evento a que Coralee assistiu.

—Esta vez teremos homens dentro e fora da casa. Sua esposa estará completamente protegida.

—Não. Nem sequer vou considerar.

—Se não encontrar a esse homem, Gray, cedo ou tarde terá êxito. Tem que lhe apanhar antes de que o consiga, e a menos que tenha uma ideia melhor, temos que desmascará-lo.

—Com minha esposa como isca. A resposta é não.

Corrie abriu a porta e entrou no estúdio.

—Sinto muito me entremeter, milord, mas o senhor Petersen tem razão. Não posso viver toda minha vida como uma prisioneira. Agora não posso nem montar a cavalo, não posso visitar minha família. Nem sequer posso sair a passear ao jardim. Não quero seguir assim. Simplesmente não posso.

—Posto que estava escutando às escondidas, já ouviste o que falei. É muito perigoso.

—Só se não o encontrarmos.

Gray conteve o fôlego. Durante um longo momento não disse nada. Logo dirigiu ao Dolph um duro olhar.

—Bem, faremos a sua maneira. Mas se algo sair mau...

—Nada vai sair mau. Não o permitiremos. Se nossa teoria for correta, o culpado é alguém do povoado. O que quer dizer que não estará entre os convidados, mas poderia ser contratado pelo pessoal da condessa para ajudar nos preparativos do baile.

—O que significa que poderia ser um laçao, um moço de quadra ou uma criada. Maldição, até poderia ser o cozinheiro!

—Como já falei, tomaremos cuidado. E você estará com sua esposa todo o momento.

Gray dirigiu a Corrie um duro olhar.

—Pode estar seguro disso.

Bom, era óbvio que estava preocupado. Sabia que sentia remorsos pela morte de sua primeira esposa. Estava resolvido a que não ocorresse de novo. Mas estava claro que não albergava nenhum tipo de sentimento especial por ela. Desde que Charles confessara o profundo amor que sentira por Laurel, Gray esteve mais distante que nunca. Inclusive o desejo que sentia por ela parecia ter diminuído.

Quando faziam o amor controlava sua paixão de maneira minuciosa. Usava suas habilidades para agradar a ela e a si mesmo, mas suas emoções permaneciam sob chave.

Só a preocupação que Corrie via nos olhos do conde lhe dava um leve vislumbre de esperança.



Capítulo 25

Dispuseram-se a levar a cabo os planos. Dolph fez vir de Londres um pequeno exército de guarda-costas. Embora os lacaios e o pessoal de lady Devane vestiam com librea azul claro, os homens que Petersen se infiltraria na velada, estariam vestidos com singelas roupas de camponês, e passariam inadvertidos entre os moços de quadra e o resto dos criados.

Contrataram tantos pessoal extra para a ocasião que os homens poderiam mover-se com total liberdade. Isso proporcionaria a Corrie certa segurança, mas mesmo assim estava preocupada.

Igual a Gray, por isso ela sabia, apesar de que fazia horas que não o via. Estava revisando tudo, fazendo mudanças de última hora, utilizando todo seu poder para garantir que ela estivesse a salvo.

Charles, Jason e Derek conheciam os planos e tinham acordado estar atentos a algo que pudesse resultar suspeito.

Às sete da tarde, estavam prontos e preparados para subir às carruagens que os conduziriam ao Parkside. Todos menos Corrie, que se atrasara um pouco ao vestir-se.

—Está segura, milady? - Anna a olhava com inquietação. - Me disse que ia disfarçar se de Julia Augusta, a imperatriz de Roma.

E o ia fazer. Procurou a túnica branca e as sandálias douradas que utilizou em um baile de Londres, mas encontrou outro vestido em seus baús.

—Mudei de ideia.

—Mas ao ser a condessa...

—Vou fantasiada de esposa provinciana. O que tem de mau nisso?

Anna mordeu os lábios.

—Pois nada, milady. - Mas vestida com a musselina gasta cor damasco e um singelo chapéu de palha não parecia mais que Letty Moss, que era exatamente o que pretendia.

Não tinha nem ideia de aonde queria chegar com isso, mas uma vez que meteu a ideia na cabeça, não foi capaz de fazê-la desaparecer.

Não sabia do que iria fantasiado o Gray, nem que reação teria quando a visse. Possivelmente essa fosse a razão pelo qual estava tão resolvida a ir vestida assim. Deixou Anna no dormitório e percorreu o corredor até as escadas, com a singela saia de musselina e as anáguas gastas sussurrando contra suas pernas. Quando alcançou o degrau superior, deteve-se.

Ao pé das escadas estava o homem mais bonito que vira jamais, e o coração lhe acelerou. Era alto e largo de ombros, e vestia umas rodeadas calças de montar negras com umas botas de cano alto até os joelhos, e uma camisa branca. Tinha o cabelo recolhido em um rabo. Uma máscara negra lhe ocultava a parte superior da cara, cobrindo tudo menos os intensos olhos sombrios.

Ja fantasiado de bandoleiro, tal como ela o imaginara desde a primeira vez que o viu. Era o



homem pelo qual se apaixonou. Sentiu que lhe fraquejavam as pernas quando ele levantou a vista para olhá-la, parada no alto das escadas. perguntou-se se estaria zangado pela fantasia que ela escolhera, entretanto, Gray curvou a boca em um leve sorriso. Esperou em silêncio enquanto Corrie avançava para ele; logo a agarrou da mão ao baixar o último degrau.

—Acredito que já nos vimos antes - disse ele, fazendo uma profunda reverência.

—Sou a senhora Moss - disse ela. - Letty Moss, milord.

Através dos buracos da máscara, os olhos escuros cintilaram como se queriam devorá-la. Estava realmente tão diferente? Ou seriam simplesmente as lembranças da mulher o que suavizava o olhar de Gray quando a observava?

—Acredito que a carruagem espera - disse ele. - Vamos, senhora Moss?

Oferecendo o braço a conduziu até a fila de carruagens que se alinhavam diante da casa. Outros já estavam ali, e ao vê-la começaram a subir aos carros. Os homens de Petersen montaram nas boleias, e os homens armados que fingiam ser lacaios, na parte de trás. dentro das carruagens, todos estavam vestidos para a festa: Rebecca ia fantasiada de Maria Antonieta com um traje de noite de cetim azul com pedraria e contas de ouro. A saia era ampla e aberta sobre um pano de algodão fino, como a moda dessa época.

Pôs uma alta peruca chapeada com adornos também de ouro.

Charles ia fantasiado do rei francês Luis XVI. Jason ia embelezado com uma casaca vermelha e um gorro de caçador e parecia como se em qualquer momento fosse a levar aos cães de caça, e Derek era um pirata com um pendente de ouro na orelha, um emplastro no olho e uma espada pendurada da cintura.

Todos estavam fantasiados e preparados para a velada que tinham por diante, mas mesmo assim havia uma inconfundível tensão entre os homens. Nomearam-se a si mesmos os guardiães de Corrie.

Ela não acreditava que evadissem seus deveres essa noite.

Levou quase uma hora atravessar o povoado e percorrer o caminho até o Parkside, a magnífica fazenda georgiana de lady Devane. Quando a carruagem se deteve diante, Corrie observou que havia um abajur aceso em cada ambiente da casa. Meia dúzia de lacaios com librea se apressaram para os ajudar a descer ao tapete vermelho que conduzia ao vestíbulo da mansão.

—Quero que fique a meu lado - disse Gray. - Não te afaste por aí sozinha.

Ela assentiu com a cabeça com ar distraído, atraída pela pompa e extravagância do acontecimento. Levava uma máscara com plumas que sujeitava com uma varinha. Sustentou-a sobre a cara e olhou com atenção através dos buracos dos olhos.

Gray a puxou pelo queixo para obrigá-la a lhe olhar.

—Prometa-me!

—Prometo-lhe isso.



—Se vir algo, se notar algo, quero que me diga isso imediatamente.

—Não sou tola, Gray.

Gray curvou a boca.

—Não. Jamais o foste. - Agarrou-lhe a mão para apoiar-lhe no braço e caminharam para a cauda da recepção.

Lady Devane estava no vestíbulo fantasiada da deusa Diana. Centrou em Gray seu agudo olhar.

—Querido... - me alegre de verte. Estou muito feliz de que você... - se interrompeu surpreendida ao ver as singelas roupas de Corrie, - de que você e sua esposa tenham podido assistir.

Gray simplesmente sorriu.

—Estou seguro de que o passaremos bem. - Conduziu rapidamente Corrie para o interior deixando à condessa, que os seguia com o olhar, com a palavra a boca, cortando pela raiz qualquer palavra mordaz que pudesse dizer.

A decoração era esplêndida, a mansão tinha a aparência de uma antiga cidade grega, com colunas brancas em toda parte e hera pendurada pelas paredes. Estava claro que a condessa não tinha reparado em gastos. Começou a tocar uma orquestra de dez músicos vestidos com togas brancas, e Gray conduziu Corrie para o som das notas de uma valsa.

—Você gostaria de dançar?

Ela o olhou com surpresa. Jamais dançou com seu marido. Parecia algo estranho, e conhecendo o Gray, surpreendeu-lhe que o pedisse.

Sorriu com deleite.

—Eu adoraria dançar, milord.

Os olhos do Gray percorreram seu rosto para deter-se no fim em seus lábios, e uma suave calidez a atravessou. Colocou a mão na cintura, guiou-a à pista de baile, e ela o seguiu nos passos da valsa.

Dançava com a mesma graça que já observou nele quando montava a cavalo, e embora fosse muito mais alto que ela, moveram-se com soltura, com um ritmo bem marcado. debaixo da mão, Corrie podia sentir os duros músculos de seu ombro, e quando captou o leve aroma a sândalo, sentiu-se invadida pelo desejo. Gray deve ter sentido também, porque quando a olhou, a excitação aparecia em seus olhos.

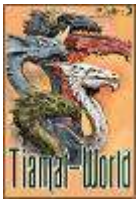
Percebeu o mesmo olhar ao longo da velada. Embora a vigiou como um falcão, prodigalizou-se em carícias sutis e olhadas ardentes durante toda a noite. um pouco depois de meia-noite, reuniram-se com o resto da família e se dirigiram à longa galeria onde se celebraria o suntuoso jantar.

—Viu algo? - perguntou Gray ao Jason.

—Nada.

—Derek?

Ele negou com a cabeça, fazendo oscilar o diminuto aro dourado de sua orelha.



Gray apertou a mandíbula.

—Eu adoraria rodear o pescoço desse bastardo com as mãos e apertar até lhe tirar a vida.

Gray olhou a Corrie e suavizou a expressão.

—Sinto muito, carinho. Não tencionava soar tão sedento de sangue.

Mas ela estava segura de que sentia cada palavra que havia dito.

Jantaram faisão e lagosta servidas em um bufê, por isso era seguro comer, e degustaram o champanha de uma fonte, embora nenhum bebesse muito.

Conforme avançou a velada, Corrie começou a relaxar-se. Tinha a certeza de que o homem que procuravam não estava ali. Possivelmente não encontrara a maneira de entrar, ou simplesmente não queria voltar a tentá-lo tão logo. A tensão do Gray diminuiu ao chegar à mesma conclusão, e cada um de seus olhares se foi fazendo mais ardente que o anterior. Vestido de bandoleiro era o homem mais atraente da sala, e Corrie voltou a sentir a mesma atração, a mesma quebra de onda de amor que sentira por ele a noite da tormenta.

Estavam de pé junto às escadas, tomando um pequeno descanso do baile, quando Corrie se inclinou para ele.

—Quero fazer amor contigo.

A surpresa apareceu na cara de Gray.

—Quer dizer aqui? Agora?

Deu um olhar travesso.

—Há muita gente. Estou segura de que poderemos desaparecer um momento sem que ninguém o note.

Os olhos do Gray ficaram mais escuros e logo e apareceu neles um fogo abrasador. Não havia a olhado assim desde a noite da tormenta.

Pegou sua mão, e lançando um olhar ao redor a empurrou escada acima. Havia alguns casais no corredor - alguns conhecidos, - desfrutando de suas próprias entrevistas amorosas. Gray passou entre elas para o final do corredor, guiando-a para outro corredor que estava completamente vazio. Abriu uma porta, assegurou-se de que a sala estava vazia, e logo a empurrou ao interior e fechou com chave.

Corrie ficou nas pontas dos pés para puxar as cintas que asseguravam a máscara negra de seda do Gray.

—Me beije.

Gray a olhou com ferocidade. Afastou a máscara de plumas e atraiu a boca de Corrie para a sua em um beijo profundo e ardente.

—Desejo-a - disse, beijando-a até que ela se sentiu muito fraca para estar de pé.

Ela puxou a cinta de veludo negro que recolhia o cabelo de Gray, liberando os longos fios negros.



—Eu também te desejo. Desejo-te tal como foi a noite da tormenta.

Ele estendeu a mão para tocar sua face.

—Como fui essa noite?

Os olhos de Corrie se encheram repentinamente de lágrimas.

—Foi apaixonado e tenro. Foi o homem de meus sonhos.

Gray sentiu uma opressão no peito. Durante uns longos instantes, só olhou fixamente à mulher que desejava acima de todas as coisas.

—Santo Deus, Coralee.

Tremiam-lhe as mãos quando a agarrou entre seus braços. Estava tão formosa essa noite, parecia tão ingênua e sincera. Desejava-a muito. Embalando seu rosto entre as mãos, beijou-a, com delicadeza a princípio, logo com profundidade. Algo capitalista ardeu dentro dele, e os beijos se voltaram selvagens, ardentes, convertendo-se em um feroz saque que parecia não ter fim.

Conteve-se durante semanas, obrigou-se a guardar distâncias mesmo quando estavam na cama. Sabia que sua maneira de fazer o amor fora diferente: o fizera a propósito, queria manter um rígido controle.

Mas não se deu conta de que sua esposa havia sentido a diferença. Que ela lamentou tanto quanto ele. Agora, essas suaves palavras e o desejo de seus olhos o alcançaram como nenhuma outra coisa podia ter feito. Dentro de seu peito, sentiu que lhe oprimia o coração e que sua respiração acelerava.

Sentiu uma sacudida completamente fora de controle, como se já não pudesse ignorar seu destino. Como se já não quisesse fazê-lo. Agarrando-a pelos ombros, apanhou sua boca, e introduziu a língua dentro para reclamar a doçura que possuía, beijou-a de uma maneira que não se permitiu fazer desde a manhã depois da tormenta.

Olhou-a, pensou quanto a desejava, quanto a necessitava.

Depositou nos lábios de Corrie outro beijo ardente, absorvendo sua essência, e inspirou o suave perfume a rosas até que o corpo doeu, exigindo a liberação.

Apoiando-a contra a parede, levantou suas saias e procurou a abertura dos calções para começar a acariciá-la. Estava úmida e preparada, com um desejo tão intenso como o seu.

—Não temos muito tempo - disse contra a boca dela, mordiscando os lábios antes de beijá-la de novo.

—Nem o precisamos - respondeu ela entre ofegos, estendendo a mão para desabotoar a braguilha das calças de montar. Gray a ajudou a liberar sua ereção, içou-a contra a parede e fez que o rodeasse a cintura com as pernas. Penetrou-a profundamente, sentiu as mãos de Corrie no cabelo e ouviu seu suave gemido de prazer.

Investiu-a uma e outra vez, completamente fora de controle. Já não importava. Isso era o que queria, o que necessitava da mulher que tinha entre seus braços, essa paixão desatada tão diferente à



maneira de fazer o amor que compartilharam nas bodas. Uma consumação ardente e selvagem que não conhecera desde a tormenta.

—Preciso-te - disse, penetrando-a uma e outra vez. - Jamais desejei tanto a uma mulher.

—Gray? - o beijou como se não tivesse suficiente dele, lhe deslizando a língua na boca.

Gray soltou um gemido do mais profundo de sua garganta. Tentou conter-se, disse-se a si mesmo que era muito logo, mas quando sentiu que a vagina de Corrie se fechava a seu redor tendo as primeiras e doces contrações, não pôde conter-se mais. Um intenso clímax sacudiu seu corpo, o fazendo esticar os músculos e apertar os dentes para reprimir um grito selvagem.

—Letty? - gemeu, penetrando-a uma última vez, e abraçando-a com força contra seu corpo. - Meu mais doce amor!

Gray sentiu como Corrie se esticava. Separou-se dele, conteve o fôlego e tentou liberar-se com todas suas forças.

Foi então quando se deu conta de que ela estava tremendo, lutando por não chorar. Soltando suas pernas da cintura, deixou-a no chão.

—O que acontece, carinho? Tenho-te feito mal?

Ela o olhou enquanto as lágrimas lhe escorregavam pelas faces.

—Tem-me feito mal, Gray. Tem-me quebrado o coração. - Logo deu a volta, abriu a chave e saiu da sala dando uma portada.

Durante um instante, Gray ficou ali, completamente aturdido. Que demônios fizera?

"Chamou-a Letty, estúpido".

O nome, simplesmente, lhe escapou; não sabia por que. Mas não importava.

Fosse como fosse, sua esposa estava sob seu amparo e precisava encontrá-la.

Fechou com rapidez as calças, saiu da sala e se dirigiu ao vestibulo. Não via Coralee em nenhuma parte. Ao pé das escadas, viu Charles e Jason, e se dirigiu para eles.

—Viram a Coralee? Estava comigo, mas a perdi.

—Ajudaremos a buscá-la - disse Jason. - Eu irei acima. Vocês procurem aqui embaixo.

—Temos que encontrá-la! - exclamou Gray. - Só Deus sabe o que poderia lhe ocorrer se não o fizemos.

Seu irmão deveu perceber o pânico em seu olhar. Charles o sujeitou pelo braço.

—A encontraremos. Pediremos ao Derek que nos ajude.

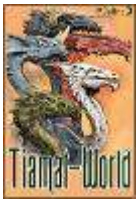
Mas mal começaram a procurá-la quando Coralee se aproximou de Gray como se retornasse de dar um passeio vespertino. Estava pálida e tremente e Gray sentiu que lhe oprimia o coração.

A preocupação deu passo à cólera.

—Pelo amor de Deus, Coralee, onde demônios te colocaste? Deste-me um susto de morte.

Ela suspirou tremente e ficou ainda mais pálida. A expressão de sua cara lhe rompeu o coração.

—Temo-me que não me encontro bem, milord. Eu gostaria de voltar para casa.



A preocupação atravessou ao Gray.

—Está doente? ocorreu algo?

—Não, não passou nada. Eu, simplesmente, quero voltar para casa.

—Bem, é uma boa ideia. - Levou-lhe uns minutos recuperar a capa e despedir-se de seus irmãos, Rebecca e Jason antes de sair da mansão. Os guardas ocuparam seus lugares na carruagem quando o casal subiu ao veículo.

Durante todo o caminho de volta ao Castelo de Tremaine, Gray observou a Coralee, mas ela não mencionou o acontecido na sala de cima.

Possivelmente fez mal com sua maneira incontida e selvagem de fazer amor.

—Me diga o que fiz - lhe disse enquanto a carruagem avançava na escuridão. - Se foi pela maneira em que fizemos o amor...

Ela negou com a cabeça.

—Foi maravilhoso. Foi exatamente o homem que recordava. - Mas quando levantou o olhar para ele, havia mais lágrimas em seus olhos.

—Me diga?

—Foi tal e como recordava. Mas eu não sou Letty e nunca o serei. - Corrie não disse nada mais, nem sequer quando subiram para deitar-se na suíte; não abriu a boca até que falou que queria passar a noite em sua própria cama, sozinha.

Gray o permitiu. Dentro do peito, doía-lhe o coração. Ela se vestira como Letty e ele a chamara com esse nome. Não compreendia por que a feria tanto ouvir esse nome.

E Gray não tinha nem ideia de como reparar o dano que fez. Fosse como fosse, arrumaria-o, disse a si mesmo. Pediria desculpa e esclareceria as coisas pela manhã.

Mas à manhã seguinte, quando perguntou à donzela de Corrie se esta se sentia melhor, descobriu que Coralee se fora.

Capítulo 26

Londres bulia de atividade quando a singela carruagem negra percorreu as ruas abarrotadas. Corrie havia esquecido quão ruidosa era a cidade, e o cheio de fuligem que estava o ar.

Viajara durante todo o dia, esperando chegar a Londres antes do anoitecer, mas anoiteceu fazia mais ou menos uma hora.

Suspirou, reclinando-se no assento de veludo. Quando partiu do castelo essa manhã cedo, na única coisa que podia pensar era em afastar-se de Gray e do dano que causou. Durante a longa viagem, teve tempo de pensar no que faria assim que chegasse à cidade.



Gray tinha uma casa em Londres. Como condessa de Tremaine, tinha todo o direito a usá-la, mas Gray podia segui-la. Era, depois de tudo, um homem muito protetor.

Independente do que sentia por ela, era sua esposa e se sentia responsável por ela.

Corrie não estava preparada para enfrentá-lo.

Era provável que agora, que partiu do campo, corresse menos perigo. Mas sempre cabia a possibilidade de que a seguissem e o único lugar onde se sentiria realmente segura seria com a Krista e Leif.

Corrie odiava lhes pedir ajuda, mas necessitava o conselho de sua melhor amiga, e sabia que com o Leif e Thor perto não deveria ter medo.

Já passara a hora do jantar quando a carruagem se deteve diante da casa de tijolo de dois andares dos Draugr. Corrie subiu a escadaria e bateu na porta.

O mordomo abriu a porta.

—Posso ajudá-la, senhora?

Ela conseguiu sorrir.

—Lembra-se de mim? Sou Coralee Whitmore. Agora sou a condessa de Tremaine.

—Pois claro, milady. Por favor, passe. - Era um homem de meia idade com o cabelo branco. Conforme recordava se chamava Simmons.

—Se me acompanhar a salinha, direi aos senhores Draugr que chegou.

—Obrigado.

Seguiu ao mordomo a uma sala decorada em tons vermelhos e dourados, com abajures de franjas nas mesinhas ornamentadas e uma prateleira com uma assombrosa quantidade de cacarecos, assim como cestos com um bom número de gazetas londrinos.

A decoração seguia a última moda vitoriana; o mais seguro era que não fosse obra da Krista, que sempre estava muito ocupada para preocupar-se com esse tipo de coisas.

Apesar de estar na casa de sua melhor amiga, deu-se conta de que estava nervosa. Por um instante, desejou não ter ido ali.

Logo apareceu Krista atravessando a sala com essas longas pernas que tinha para envolvê-la em um afetuoso e reconfortante abraço. Corrie se apertou contra ela, agradecendo sua amizade incondicional, e reprimindo as lágrimas. Krista deveu senti-la tremer, pois se separou um pouco dela.

—Coralee, que diabos te ocorreu?

Leif estava no outro extremo da salinha, justo na soleira da porta. Corrie percebeu a presença da sombria e alta figura do Thor antes de que Leif fechasse a porta, lhes dando a privacidade que pensou que necessitava.

—Foi o conde? - perguntou Krista, conduzindo-a para o sofá, onde as duas tomaram assento. - Te fez mal? Se tiver feito?

—Não me fez mal. Não da maneira que sugere.



Krista estendeu o braço e lhe agarrou a mão.

—Me conte, querida. O que ocorreu para que abandone a seu marido?

Durante a seguinte meia hora, Coralee contou a sua amiga o profundamente que se apaixonou pelo Gray e como, depois de casar-se, tentou convencer a si mesma de que ele já não era o homem que acreditava que era, que já não o percebia da mesma maneira que antes, e que finalmente aceitara a verdade.

—Amo-o tanto... - disse, aceitando o lenço que Krista lhe estendia para que se enxugasse as lágrimas das faces. - É um homem duro, mas pode ser muito tenro. Gray é inteligente e leal. É um ser solitário e está necessitado de amor. Quando me toca, eu...

—Afastou o olhar, ruborizando-se ao pensar no que Gray podia a fazer sentir com apenas um beijo ou uma carícia dessas hábeis mãos.

Tomou fôlego trêmulo.

—O problema é que não está apaixonado por mim. Está apaixonado por uma mulher que não existe. Está apaixonado pela Letty Moss.

—OH, Coralee?

—É certo, Krista.

Corrie contou depois a sua amiga como foram as coisas desde que se casaram. Krista escutou com paciência, embora estava claro que não estava totalmente convencida.

Nem sequer quando Corrie comentou o ocorrido na noite anterior no baile de máscaras.

—Pela primeira vez desde as bodas, deixou de controlar-se e me fez amor como se eu importasse de verdade. Logo me chamou: "Letty, meu mais doce amor".

Krista lhe apertou a mão.

—Mas isso é compreensível. Disse que se vestiu como a Letty. Possivelmente, por um momento, sentiu-se confundido.

—Eu não acredito. Estou segura de que desejava que Letty Moss estivesse ali de verdade em meu lugar.

Falaram durante várias horas, Leif foi o suficientemente amável para as deixa a sós. Logo soou um golpe seco na porta e o enorme e loiro marido da Krista abriu a porta da salinha.

—Lamento interromper, Coralee, seu marido está aqui, e se não lhe permito entrar e verte, Thor e ele vão chegar às brigas na entrada.

Corrie se levantou do sofá. Pensara que Gray a seguiria. Sentia-se obrigado a protegê-la. Mas não pensara que chegaria na metade da noite!

A porta se abriu mais e Gray entrou rapidamente na salinha. Levava umas calças de montar enrugadas e umas botas negras de cano alto manchadas de barro. Tinha o cabelo negro preso, mas algumas mechas lhe caíam sobre os ombros como se o vento os tivesse solto. Estava claro que cavalgara sem descanso para compensar a vantagem que ela tinha quando ele descobriu sua fuga.



Ignorou a emoção que sentiu ao saber que ele foi procurá-la com tal rapidez; disse a si mesmo que Gray só estava fazendo o que considerava seu dever. deteve-se ante ela, com os olhos escuros e brilhantes.

—Que demônios está fazendo em Londres?

Assim mostrava sua preocupação.

—Necessitava tempo para pensar. Este é o único lugar onde podia fazê-lo.

—E o que há do perigo, Coralee? Tem alguma ideia do que podia te haver ocorrido enquanto vinha para aqui? - antes de que ela pudesse responder, Gray olhou a Leif e a Thor, que estavam atrás deles com as pernas abertas como se estivessem dispostos a apresentar batalha. - Falou que sua vida corre perigo? Comentou-lhes minha pequena e impulsiva esposa que quase a mataram duas vezes?

Leif franziu o cenho e arqueou as douradas sobancelhas.

—Nos deveria haver isso dito, Coralee.

Thor a olhou de maneira desaprovadora.

—Se isso for assim, não deveria ter vindo. Mas agora não deve ter medo. Nos ocuparemos de que esteja a salvo.

Os olhos azuis do Leif se cravaram no Gray.

—Por que querem matar a Coralee?

—Pela determinação que mostra em encontrar ao homem que assassinou a sua irmã.

Krista elevou a cabeça de repente.

—Pensava que tinha terminado com isso, Coralee!

—Diga-lhe Gray. Diga que tinha razão? que Laurel foi assassinada.

—Isso parece, embora ainda não encontramos provas. Mas o fato de que alguém tente assassinar a Coralee dá crédito a essa teoria. Dolph Petersen continuou com a investigação, e está convencido de que isso foi o que aconteceu. - Gray centrou em Corrie seu feroz olhar. - E a última coisa que precisamos é que ande por aí só e sem o menor amparo!

Aproximou-se dela. Corrie recuou até que deu com as costas contra o empapelado vermelho da parede.

—Basta de tolices. Volta-te para casa comigo. Não vou deixar te aqui.

—Não vou contigo, Gray. Krista disse que posso ficar, e isso é o que vou fazer.

—Não tem escolha! - Agarrou-a pelo braço e a arrastou pela sala para a porta.

Thor se interpôs em seu caminho.

—Sua esposa não deseja partir.

—Já falei, sua vida corre perigo. Sou seu marido. É meu dever protegê-la.

—Coralee estará a salvo aqui com meu irmão e comigo.

Corrie sentiu uma quebra de onda de carinho para o bonito viking de cabelo escuro. Nos meses transcorridos depois das bodas da Krista, Corrie e Thor se converteram em bons amigos apesar de



que ele tinha passado muito tempo no Heartland com o professor Hart estudando o idioma e os costumes ingleses.

Corrie chegara a apreciá-lo muito, e parecia que o sentimento era recíproco. Além disso, era amiga de Krista, e isso a incluía no círculo familiar. Como Leif, Thor eram extremamente protetores com sua família e seus amigos.

—Não vou sem ela - disse Gray, voltando a cabeça para dirigir-se ao Thor, que era pelo menos dez centímetros mais alto que ele e bastante mais corpulento.

Corrie se interpôs entre eles.

—Necessito tempo, Gray.

—É minha esposa, Coralee.

—Pode ser que seja sua esposa, mas não me ama. Necessito tempo para assimilá-lo.

Gray abriu a boca, mas não emitiu palavra alguma. Ela podia ler em sua expressão turbulenta a responsabilidade que sentia de protegê-la. Mas não era um mentiroso, por isso ao final não disse nada.

—Estes homens são guerreiros - continuou Corrie, ocultando sua decepção. - Certamente se dará conta de que estarei a salvo com eles.

—É minha responsabilidade.

—Não estou preparada para ir.

Ele se afastou, andou de um lado a outro pela salinha e logo voltou aonde estava ela.

—Isto eu não gosto... nem um pinga.

—Vou ficar aqui, Gray.

Ele se voltou para dirigir um duro olhar a Thor.

—Se a deixo a seu cargo, juram-me que a protegerão?

—Dou-te minha palavra de guerreiro.

Gray podia aceitar isso.

—E também me dá sua palavra de que tratará a minha esposa com o devido respeito, e que não tentará nada com ela?

Thor curvou a boca.

—É muito formosa, mas é tua.

Gray olhou a Coralee.

—Voltarei amanhã. Temos que falar de muitas coisas.

Ela se perguntou o que teria a dizer e tentou não criar ilusões.

—De acordo.

Gray se dirigiu para a porta, a meio caminho se deteve e retornou a grandes pernadas. Agarrou-a em seus braços e a beijou profundamente. Foi um beijo feroz e possessivo, e quando a soltou, a Corrie tremeram as pernas.



—Voltarei - disse com brutalidade, e logo se foi.

Corrie não disse nada, permaneceu ali, vermelha como um tomate ante seu escandaloso comportamento.

Krista se aproximou dela.

—Sinto muito, Coralee, mas não acredito que um homem que beije dessa maneira a sua mulher, não a ame.

Corrie sentiu um nó na garganta.

—Gray não sabe como amar.

Krista olhou ao formoso gigante loiro que tinha por marido, um homem que chegara a Londres incapaz inclusive de falar seu idioma. Não sabia nada dos costumes ingleses e não tinha nem ideia de como ganhar a vida. Hoje, estava casado com a neta de um conde, tinha um filho de oito meses e era o proprietário de uma bem-sucedida companhia naval.

Krista só sorriu.

—É assombroso o que um homem pode chegar a aprender.

Gray seguia acordado passada a meia-noite, tentando sem nenhum êxito ler até dormir.

Surpreendeu-se ao ouvir que batiam na porta e que esta se abria. Samir entrou no quarto em silêncio, como se tivesse aparecido por arte de magia.

—Viajei tão rápido como pude. Pensei que poderia me necessitar.

Esse homem era muito intuitivo.

—Obrigado por vir, Samir. Pensei ficar só uma noite e retornar com minha esposa pela manhã. Parece que isso não vai ocorrer.

—Nega-se a retornar com você?

Gray assentiu com a cabeça.

—É uma mulher. Comporta-se como tal.

—E você não a obriga, como poderia fazer.

Gray suspirou no meio do silêncio.

—Diz que necessita tempo. Considerando tudo o que passou, não acredito que seja pedir muito.

—Ela o ama.

Ele afastou o olhar. Nem sequer sabia o que era o amor. Sua mãe o amou, mas fora há muito tempo, e não se lembrava. E mesmo assim, quando Samir disse essas palavras, o coração do Gray desejou que fossem verdade.

—Deve demonstrar o que sente por ela.

Gray sacudiu a cabeça.

—Não sei como fazê-lo.

—Poderia dizer como se sente.

—Não mentirei. Não seria justo.



—Não falei que mentisse.

Gray não disse nada. O que sentia por Coralee era diferente do que sentia pelas demais mulheres. Era amor? Riu de si mesmo. Ele não era o tipo de homem que amava.

—Se não sabe como dizer-lhe deve demonstrar-lhe. Alguma vez tentou? como chamam os ingleses ao feito de seduzir a uma mulher com presentes e pequenos prazeres?

Gray sorriu.

—Cortejar.

—Isso é o que deve fazer.

—Estou muito ocupado tentando mantê-la viva. Mal tenho tempo para nada mais.

O pequeno hindu encolheu os ombros.

—Isso depende de você.

Mas pela manhã Gray chegou à conclusão de que Samir, como sempre, tinha razão. Primeiro escreveu ao Charles, Jason e Derek para lhes dizer que permaneceria em Londres por no mínimo uma semana.

Sabia que se preocupariam e viriam a caminho se não sabiam o que acontecia. Assim que os pediu que permanecessem na fazenda e que continuassem trabalhando com o Dolph para encontrar ao homem que ameaçara a vida de Coralee.

Sua seguinte tarefa foi deter-se em uma floricultura. Ali encarregou meia dúzia de rosas amarelas e ordenou que as enviassem à casa dos Draugr, logo comprou um ramo de rosas vermelhas para as levar ele mesmo.

O suave perfume recordou a Coralee, e as levou ao nariz ao acabar as compras. Quando entrou a caminho para a residência onde ela estava, não estava seguro do que lhe diria, nem como ia conseguir que sua esposa retornasse, mas sabia que queria tê-la logo de volta. Seu lugar era em sua casa, em sua cama.

E Gray era um homem que sempre conseguia o que queria.

Corrie desceu as escadas para reunir-se com a Krista no salão de jantar, e encontrou o vestíbulo cheio de rosas amarelas. E havia mais nos vasos da salinha, e, quando entrou para tomar o café da manhã, havia um vaso com rosas vermelhas no meio da mesa.

A profunda voz do Leif lhe chegou da cabeceira da mesa.

—Está claro que a seu marido importa mais do que acredita.

O coração lhe deu um salto. Seria possível?

—Gray enviou... enviou todas estas...? - Indicou com a cabeça os Ramos de rosas que enchiam a casa.

—Olhei um dos cartões - disse Krista, Sorrindo. - Morria de curiosidade.

—Mas não é o tipo de homem que mandaria flores a uma mulher.

—Ao que parece, sim o é - disse sua amiga com ar satisfeito. - E segundo lembro, as rosas são



suas flores favoritas.

—Não é possível que ele soubesse.

Thor se burlou dela.

—Cheira a rosas. Qualquer homem saberia. - Com o espesso cabelo negro pulcramente talhado, e um pouco comprido na nuca; com essa mandíbula quadrada e os olhos incrivelmente azuis, era um dos homens mais bonitos que Corrie já viu.

Mas era Gray quem a atraía, era a Gray a quem ela amava. Enquanto tomavam o café da manhã ovos e salsichas, Corrie contou sobre os atentados contra sua vida e os esforços para apanhar ao homem que desejava vê-la morta.

—Tentamos o caçar no baile de máscaras da condessa de Devane. Não funcionou, mas a festa foi bastante espetacular. - Deu-lhe um gole ao chá.

—Eu, hummm, pensei que poderia escrever um artigo sobre isso para a seguinte edição da gazeta.

Krista emitiu um gritinho de alegria. Levantou-se da cadeira, aproximou-se correndo a ela e a abraçou.

—OH, Coralee, é maravilhoso. Lindsey está fazendo muito bem, mas está trabalhando muito. Esse artigo lhe permitiria tomar um pequeno descanso.

Thor fez um som depreciativo.

—Essa mulher necessita mais que um pequeno descanso. Necessita um homem que se dela ocupe.

Krista pôs os olhos em branco.

—Brigam como crianças. Não sei por que não podem levar-se bem.

—Não sabe qual é o lugar que lhe corresponde - se queixou.

—E você ainda vive no século XVI, Thor Draugr.

Ele nem se incomodou em discutir. Chegou com seu irmão de uma ilha ao norte da Escócia, um lugar que não aparecia em nenhuma carta de navegação. Viveram ali da mesma maneira que seus antepassados vikings viviam fazia mais de trezentos anos.

Fora só por acaso que Corrie e Krista encontraram a Leif, que após sobreviver a um naufrágio e ter sido levado pela corrente às costas inglesas, foi liberado por elas dos homens que o mantinham preso.

O pai da Krista, sir Paxton Hart, o ajudou a forjar uma nova vida ali, em Londres, e durante esse tempo Krista e Leif se apaixonaram. Posteriormente, Thor se reuniu com seu irmão na Inglaterra, e sir Paxton o estava instruindo e ajudando a converter-se em um cavalheiro, algo difícil para o Thor. No momento, trabalhava em De Coração a Coração, mas também trabalhava com seu irmão na companhia naval.

Apareceu o mordomo na porta, e se dirigiu a Corrie.



—Lamento incomodá-la, lady Tremaine, mas seu marido...

—Temos que falar - disse Gray, entrando no refeitório. - Lamento a interrupção - disse aos outros sem parecer arrependido absolutamente, - mas preciso falar com minha esposa.

—Ao ver que Corrie tinha já o prato vazio, urgiu-a a levantar-se da cadeira. - Se nos desculparem?

Era mais uma ordem que um pedido. Era, depois de tudo, o conde de Tremaine, e estava acostumado a sair-se com a sua.

—É obvio - disse Krista diplomaticamente, enquanto Thor fulminava Gray com o olhar.

Corrie não protestou. Queria ouvir o que precisava dizer.

—Nos desculpem - repetiu, e permitiu que a conduzisse fora do salão de jantar.

—Recorda a alguém que conheço - murmurou Krista ao ouvido de Leif enquanto saíam ao corredor.

Seu marido só grunhiu.

Quando Corrie entrou na salinha, Gray lançou um olhar a suas costas.

—Os irmãos Draugr são incomuns. Suponho que terão uma história interessante. Possivelmente possa me contar isso algum dia.

—Possivelmente. - Mas no momento havia outras coisas que discutir. Acompanhou-o ao sofá e os dois se sentaram. - Obrigado pelas flores. Surpreendeu-me que me enviasse isso.

Ele afastou o olhar.

—Observei-te no jardim. Pensei que você gostaria.

—As rosas são minhas flores favoritas.

Gray curvou a boca.

—Imaginei.

Assim que ele notou a que cheirava seu perfume.

—Do que queria falar comigo?

Gray a olhou diretamente aos olhos.

—De Letty Moss.

Corrie tentou não fazer uma careta. Gray sempre fora muito direto.

—O que... o que ocorre com ela?

—Por que te incomodou tanto que dissesse esse nome?

Corrie baixou o olhar, e alisou a saia.

—Porque sempre foi Letty a quem você queria. Sempre foi ela e não eu. Esperava que isso mudasse, mas é óbvio que não foi assim.

Gray agarrou sua mão. Corrie sentiu a calidez de seus dedos quando lhe rodeou os seus, e a olhou com veemência.

—Letty Moss era uma mulher que queria levar a cama. Jamais me teria casado com ela.



—Não?

—Não.

—Por sua posição social? Nunca pensei que fosse um homem que se preocupasse com essas coisas.

—Não por ser quem era. Mas sim por quem não era. A Letty Moss que interpretou me teria satisfeito na cama, mas nada mais. Preciso de uma mulher inteligente e interessante, uma mulher leal e de ideias firmes, uma mulher com a que possa contar. Preciso uma mulher que não tema enfrentar a mim. Sei que não sou um homem fácil.

Ela sorriu.

—Não, é teimoso e duro. É possessivo e dominante.

Ele sorriu amplamente.

—Mas sou muito hábil na cama.

Corrie se ruborizou.

—Sim, é, vagabundo, embora seja muito melhor quando baixa a guarda e deixa aflorar seus sentimentos.

—Também prefiro que você seja dessa maneira.

—Sim?

Gray levou a mão de Coralee aos lábios e a beijou na palma. Ela sentiu uma cálida sensação.

—Veem comigo, Coralee. Começaremos de novo, esforçaremos-nos em nos conhecer como deveríamos ter feito desde o começo.

Corrie se sentiu invadida pela esperança. Mas ainda não confiava nele.

—Me dê um pouco mais de tempo.

—Maldita seja, Coralee.

—Por favor, Gray.

—Quero-te em minha cama. Está simplesmente aí sentada, e já me custa trabalho manter minhas mãos separadas de ti. - Para corroborar suas palavras, fechou um de seus punhos inconscientemente.

—Quero ir contigo, Gray, não sabe quanto o desejo. Mas ainda não estou preparada.

Olhou a seu rosto.

—Está segura?

—Preciso-o, Gray.

Ele assentiu com a cabeça.

—Bom, darei-te o tempo que necessita com uma condição.

—Qual?

Gray sorriu, lhe fazendo parecer tão bonito que teve que conter o fôlego.

—Tem que dar uma volta comigo em carruagem esta tarde.



Sentiu-se invadida pelo prazer e por uma leve preocupação.

—Acredita que será seguro?

—Não iremos sozinhos. Levarei ao menos a dois homens comigo.

Corrie assentiu com a cabeça.

—Então estarei encantada de passear contigo em carruagem.

Gray se inclinou para ela e a beijou. O que começou com um leve e cortês roce de lábios se converteu em um profundo e arrasador beijo que os deixou aos dois ofegantes e excitados.

—Virei te buscar às quatro - disse Gray com brutalidade levantando-se para ir-se.

Quando o observou caminhar para a porta, Corrie pensou em como a surpreendeu seu marido. Dava-lhe o tempo que havia pedido. Não tinha acreditado que seus desejos fossem tão importantes para ele.

"Quero-te em minha cama", havia dito. Mas Corrie precisava estar segura de que ela era a mulher que ele queria de verdade, e não uma imagem obsessiva que jamais existira.

Quando recordou os acontecimentos dos últimos dois dias, lhe ocorreu que possivelmente Gray não a amasse, mas parecia que se importava mais do que acreditava.

Corrie se aferrou a essa esperança quando se dirigiu acima para escrever o artigo sobre o baile de máscaras de lady Devane.

Capítulo 27

Cada tarde, Gray levou Corrie a passear em carruagem pela cidade. Era tão atento com ela como poucas vezes o vira, levando-a as compras ou comprando presentes e doces. Negou-se a comprar outro perfume que não fosse a fragrância de rosas que ela usava normalmente, e Corrie, por alguma razão, encontrou-o encantador. Sentiu-se especial ao estar com ele, desfrutava dos cuidados extravagantes.

E isso a preocupava, já que ela estava cada vez mais apaixonada por ele. Era seu marido. Se queria que seu matrimônio funcionasse, precisava correr o risco de o amar.

Gray a pegava todas as tardes, mas pelas manhãs, antes de que ele chegasse, enquanto Leif ia trabalhar em sua companhia, Valhalla Shipping, Thor acompanhava a Krista e a ela a De Coração a Coração.

Corrie terminou o artigo sobre o baile de máscaras da condessa, ocultando unicamente os nomes das pessoas aos que surpreendera em seu encontro amoroso quando subira à planta superior.

Logo escreveu um artigo sobre as alegrias de viver no campo, algo que jamais imaginara que seria possível até que chegou ao Castelo de Tremaine.



Embora gostasse de trabalhar de novo, pensou no muito que ela mudara nos meses transcorridos desde que se foi. Já não estava tão fascinada com a sociedade e as reuniões sociais como o esteve antes, e agora sabia pelo Gray quanto dano podiam fazer os falatórios infundados.

Como sempre, era divertido trabalhar com Krista, e lhe divertia observar como se relacionavam Thor e Lindsey Graham, a amiga da escola que substituíra a Corrie.

Lindsey e Thor se evitavam cuidadosamente, como se não fossem capazes de estar na mesma sala ao mesmo tempo.

Lindsey era magra, com o cabelo da cor do mel e os olhos dourados, era enérgica e dinâmica, uma mulher que tinha muito claros seus objetivos e ambições. Thor pensava que o lugar de uma mulher estava em casa (esfolando peles, tecendo ou moendo trigo, supôs Corrie).

E apesar disso, o ar crepitava em torno deles cada vez que acidentalmente se viam forçados a estar juntos.

"Interessante", pensou ela quando saiu dos escritórios com Gray, que viera a recolhê-la para dar seu passeio pela cidade. Embora o clima de verão era o ideal - fazia calor, mas não muito, e as flores do parque tinham florescido cobrindo os campos de brilhantes tons dourados e rosados, Gray se negou a retirar a cobertura do cabriolé vitoriano que os transportava em seus passeios.

—Converteria-te em um alvo muito fácil - disse ele, - e não estou disposto a correr o risco. - E assim como sabia que levavam dois guardas armados na boleia fingindo ser lacaios, soube que Gray também ia armado.

Acomodaram-se no interior e permitiram que o relaxante estalo continuado das rodas lhes servisse de música de fundo.

—Desfrutei muito do tempo que passamos juntos esta semana - disse Corrie, tentando não notar a maneira em que ele a observava, nem o ardor que mostravam seus olhos e que ele não se esforçava em ocultar.

—Desde que nos casamos foi a primeira vez que tivemos realmente tempo para nos conhecer. - Olhou-o sentado no assento da carruagem. - Mas ainda temos que falar de sua primeira esposa, Gray. Me falará dela?

Durante um longo momento ele não disse nada. Logo, suspirou E apoiou a cabeça para trás no assento; relutante, diria Corrie, mas resignado.

—Jillian era jovem e bela. Eu acabava de herdar o título. Acreditava que necessitava de uma esposa, e Jillian parecia adequada.

—Adequada? Foi essa a razão pelo qual se casou com ela?

Ele encolheu os ombros.

—Pareceu-me uma boa razão.

—O que aconteceu no dia que morreu?

Ele afastou o olhar e a dirigiu para as lojas que rodeavam a rua. Um menino foi procurar uma



bola e logo retornou aonde o esperava seu companheiro de jogos.

—Rebecca organizara um passeio de navio - disse Gray. - Convidara a muita gente. No último momento decidi não ir. Sentia-me inquieto. Não podia suportar a ideia de passar o dia me mostrando educado e fingindo um interesse que não sentia. Em lugar disso fui montar a cavalo. Quando retornei ao castelo já era de noite e Charles me estava esperando. Disse-me que no navio se abrira uma via de água a pouco tempo depois de se afastar do mole e que se foi ao fundo com rapidez. Todos se salvaram exceto Jillian.

—OH, Gray, sinto tanto.

Ele olhou pela janela, mas não parecia ver as carruagens que passavam ou as pessoas que percorriam a rua.

—Charles me disse que se afundou e não voltou a sair à superfície. Suponho que as saias se enredaram em algum sítio, não sei. Buscaram-na durante horas. Não encontramos seu corpo até o dia seguinte.

Gray a encontrara, e Corrie pôde ver a dor em sua cara.

—Se estivesse ali, poderia havê-la salvado. Era seu marido. suponha que devia protegê-la.

Corrie se inclinou para ele, estendeu a mão e o acariciou a face.

—Não é mais culpado da morte de Jillian do que eu o sou da de Laurel. Durante meses joguei a culpa em mim por não estar ali quando me necessitava. Pensava que, se me tivesse confiado sobre o bebê, poderia havê-la ajudado de algum jeito. Mas o certo é que a vida está cheia de desgraças. Só podemos viver o melhor que saibamos. Isso é tudo o que Deus espera de nós.

Gray a olhou. Havia algo em seus olhos, uma vulnerabilidade que poucas vezes mostrava. Ele afastou a vista, e quando a olhou de novo, sua expressão mudara, e também trocou de tema.

—Chegou o momento de que volte para casa.

Corrie não gostou da determinação que viu nos ferozes olhos escuros.

—Mas, é que eu gosto que me corteje, já que é isso o que estiveste fazendo, não?

As faces de Gray acenderam.

—Estou tratando de te fazer feliz. Acaso não são estas as coisas que gostam às mulheres? - Dirigiu-lhe um olhar ardente. - É obvio, há outras maneiras de te agradar. - Baixou o olhar a seus seios.

—Tudo o que tem que fazer é vir a casa.

Corrie ficou sem fôlego quando tomou em seus braços e a beijou com vontade, com a ardente promessa do que ocorreria se cedia a suas demandas. Sentiu-se tentada. Muito tentada, e excitada quando a soltou.

Mas o certo era que ainda não estava disposta a retornar.

—Não posso, Gray. Ainda não.

—Advirto-lhe isso, Coralee. Não sou um homem conhecido por sua paciência. E está me pondo



a prova.

Sabia que o estava fazendo. Sentia como se tivesse desafiado a um leão que estivesse a ponto de romper a corrente.

—Só uns dias mais.

Gray soltou um grunhido que pareceu não poder conter.

—Sei que palavras quer ouvir, as que todas as mulheres querem escutar. Mas não sei nada do amor, Coralee. Só sei que me importa muito. Que te necessito, Corrie. Por favor, volta para casa.

"Importa-me muito." As palavras comoveram o coração de Corrie. Vindo de um homem como Gray, que duvidava de suas emoções e que não sabia como as dirigir, eram palavras a ter em conta.

Lhe dera mais do que nunca acreditara que lhe daria.

Coralee tragou o nó da garganta.

—Está bem. Voltarei para casa contigo, Gray.

Ele fechou os olhos com alívio.

—Graças a Deus.

Estreitou-a entre seus braços e a beijou. Corrie pôde sentir sua fome, sua profunda necessidade, até que lentamente a soltou. Gray alongou a mão e acariciou uma mecha de cabelo que havia lhe caído sobre a face.

—Apesar do muito que desejo voltar para o castelo, penso que deveríamos ficar na cidade um pouco mais de tempo. Minha família e Dolph estão procurando o homem que tentou te matar, mas até que o encontrem, acredito que estará mais segura aqui.

Ela pensou o mesmo.

—É provável.

—E já que ficamos aqui, podemos passá-lo bem. Fiz os acertos necessários para irmos ao teatro esta noite, se gosta de ir.

—Ao teatro?

Gray deveu ver a surpresa em sua cara, pois sorriu.

—Sabe, não passo todo o tempo no campo. E nunca esperei que você o fizesse.

Sempre gostou da cidade. Tirou o chapéu devolvendo o sorriso.

—Adoro o teatro. Claro que eu gostaria de ir.

Gray pareceu alegrar-se.

—Levaremos aos homens conosco, assim não terá que preocupar-se por nada. - reclinou-se no assento. - Esta noite iremos ao teatro. Depois retornará a minha cama.

Sentiu-se invadida por uma ardente excitação. Sentira falta da maneira de fazer amor de Gray, sentia-se perdida sem dormir na mesma cama que ele.

Essa noite iria a casa.

Perguntou-se quando começara a pensar que estar com o Gray era como estar em casa.



O teatro estava abarrotado de damas e cavalheiros vestidos com elegância para a ocasião. Corrie não voltara para o Teatro Royal desde que remodelaram o interior com um empapelado dourado.

Também pintaram o teto de cor dourada e acrescentaram uns lustres de cristal.

O camarote privado do conde estava no segundo piso, o interior estava resguardado com pesadas cortinas de veludo dourado e mobiliado com cadeiras a jogo com as cortinas. Assim que os deixaram ali seguros, os dois guardas que lhes escoltaram voltaram para a carruagem para aguardar o final da função.

Gray ajudou Corrie a sentar-se e logo se sentou na cadeira a seu lado. Querendo lhe agradecer, Corrie escolhera um traje de noite de seda cor verde mar que lhe deixava os ombros ao descoberto e exibía uma boa parte do busto. A ampla saia tinha um profundo v na parte dianteira que fazia que sua cintura parecesse muito pequena, e colocou um precioso colar de pérolas que Gray havia comprado no Harrington's, uma cara joalheria do Bond Street.

Dedicara muito cuidado com seu cabelo, deixando os cachos acobreados soltos sobre seus ombros. Parecia ter escolhido bem. Os olhos de Gray se deslizavam por seus seios uma e outra vez, provocando que os mamilos de Corrie se endurecessem contra as baleias do espartilho. estremeceu-se ante a fome que ele exibía tão atrevidamente, e sentiu que sua própria excitação aumentava em resposta.

A necessidade que sentia crescia a cada segundo que passava sentada junto a ele no camarote. Vestido, quase completamente de negro, com o cabelo escuro, os intensos olhos castanhos, e uma gravata branca, estava tão arrumado que mal podia concentrar-se na peça de teatro. Essa noite, ele levava uma bengala com o punho de prata, o que contribuía a lhe dar uma aparência ainda mais varonil, e que impressionara com toda claridade às damas junto às que passara.

A peça teatral, uma comédia chamada The Lark, cujo primeiro ato se desenvolvia em Viena, era muito divertida e Gray não deixou de rir. Corrie sentiu um arrebatamento de amor ao observá-lo, e quando a viu olhá-lo, ele se inclinou e a beijou.

Gray passou a ponta do dedo pelo lábio inferior.

—Obrigado pelo que me há dito hoje.

Que não devia culpar-se pelo que ocorreu a Jillian. Possivelmente essa era a razão de que fosse capaz de rir essa noite. Possivelmente dera o primeiro passo para perdoar-se a si mesmo, o primeiro passo para a cura de sua alma.

A obra foi uma delícia, mas quando se acabou, Gray já não ria. De fato a olhava como se queria raptá-la ali mesmo, no camarote, e Corrie queria que fizesse precisamente isso.

—Gostei da obra - disse ele, - mas assim que chegemos a casa tenho intenção de fazer algo que vou gostar muito mais.

"Contigo", diziam seus escuros olhos, e uma deliciosa calidez a invadiu.



Corrie sorria quando abriram passagem entre as pesadas cortinas de veludo para o abarrotado corredor. Logo um homem se aproximou de suas costas e apertou algo contra as costelas. Ela baixou o olhar e ficou sem fôlego ao ver uma pistola.

O homem a pressionou de novo contra o corpo.

—Quando chegarem ao final do corredor, verão uma porta. Sairão por ela do edifício.

O coração acelerou. Era este o homem que tentara matá-la? Santo Deus, como soube onde encontrá-la?

—Não vou, não penso ir a nenhuma parte com... - uma aguda espetada interrompeu suas palavras.

—Será melhor que façam o que lhes digo. - O homem tinha as mãos ossudas, o cabelo sujo e despidia aroma de licor rançoso.

Estremeceu ao olhar para Gray.

—Faz exatamente o que diz, Coralee.

Um segundo homem, maior que o primeiro, aproximou-se de Gray, e Corrie pôde vislumbrar uma segunda arma. Gray apertou a mão que mantinha trememente em seu braço, a advertindo que mantivesse a calma.

Em seus olhos não havia temor, estava aguardando o momento oportuno, esperando a oportunidade de atacá-los.

Moveram-se entre a multidão sem que ninguém percebesse nada estranho embora esses homens estavam muito mal vestidos que os cavalheiros que saíam dos camarotes. Era tarde e todos estavam cansados, ansiosos por chegar a suas casas, como Corrie esteve fazia só uns minutos.

Gray empurrou a porta do final do corredor e, ao abri-la, viram uma escada exterior que dava ao beco traseiro do teatro.

Chegaram em baixo sem que ninguém percebesse, e no mesmo momento que os pés de Corrie pisaram no chão, Gray a separou de um empurrão.

—Corre! - gritou-lhe. ouviu-se um disparo e Corrie gritou quando Gray e o homem de maior tamanho começaram a rodar pelo chão, com um deles gemendo de dor.

"Por favor, Meu deus, que não seja Gray", rezou Corrie, e o viu ficar em pé de um salto no mesmo instante em que o segundo homem apontava sua arma.

—Gray! - gritou Corrie, enquanto se lançava contra o homem, lhe fazendo cambalear. A arma saiu disparada de suas mãos.

Ele a fez girar bruscamente e a esbofeteou na cara, enviando-a contra a áspera parede de tijolo. Logo, Gray se lançou contra o homem e lhe pegou um murro, lhe fazendo cair ao chão.

Gray recuperou a bengala com o punho de prata de onde caíra, e o empunhou, desembainhando uma lâmina. Pressionou a folha, que cintilou sob a luz de um abajur de gás perto da entrada traseira para os atores, contra o pescoço do homem.



Corrie ficou imóvel, cobrindo-a boca com uma mão, observando o drama que se desenvolvia ante ela como se fosse parte de uma peça teatral.

—Está bem, carinho? - perguntou Gray com rugas de preocupação na fronte.

Assentiu com a cabeça, enquanto se preparava para passar um lenço sobre o fio de sangue que brotava de seus lábios com uma mão tremente.

Ele voltou a centrar-se no homem que estava no chão.

—Quem é? - Como o homem não respondeu, Gray lhe apertou o fio da faca contra a garganta. - Quero que me diga seus nomes.

—Ele é Biggs, eu me chamo Wilkins.

Biggs não se movia. Tinha uma grande mancha vermelha sobre o peito, que se destacava contra a sujeira do beco.

—Parece que seu amigo Biggs está morto. E se não responder a minhas perguntas, logo o fará companhia. - O homem umedeceu os lábios, mas não moveu a cabeça. - Foram Biggs e você os que mataram a Laurel Whitmore?

—Nós não, amigo. Mas Biggs trabalhava para o homem que o fez.

—Quem é?

—Não o conheço. Biggs ia pagar me por me desfazer de vocês. É tudo o que sei.

—Pagariam para nos matar? - Como o homem não respondeu, Gray lhe apertou a lâmina contra a pele, e Wilkins gemeu quando o sangue gotejou sobre a gola suja de sua camisa.

—Tínhamos que nos desfazer de vocês. É tudo o que disse.

—Como sabiam onde nos encontrar?

—Biggs sabia onde viviam. Levamos os vigiando toda a semana.

Gray amaldiçoou entre dentes, esticando a mão em torno do punho de prata. Durante um instante, Corrie temeu que cravasse a faca no fraco pescoço do homem.

—Não o faça, amigo - implorou Wilkins.

Corrie se apoiou contra a parede, com a face palpitando, e o coração martelando com força.

—Quero fazer um trato com vocês - disse o homem, enquanto as gotas de suor lhe penavam a fronte. - Tenho certa informação... uma muito valiosa. A direi se me promete que me deixarão partir.

Gray não vacilou.

—Essa informação vale quão mesmo sua inútil vida?

Wilkins assentiu levemente com a cabeça.

—Me conte. Se valer a pena, o deixarei partir.

O homem tragou saliva.

—O bebê... o que estava com a garota aquela noite no rio. Está ainda vivo, pelo menos que eu saiba.

Corrie se afastou bruscamente da parede.



—Mentira! Diz-o para salvar a vida!

—É verdade, moça, juro-o! Biggs me disse que o homem que matou à garota não foi capaz de assassinar a um bebê inocente. Pagou ao Biggs para que levasse o menino a um lar de acolhida da cidade.

Gray dirigiu a Corrie um olhar.

—Não o pensou?

Corrie estava tremendo dos pés a cabeça como uma folha no vento.

—Me... cheguei a pensar isso. Mas me dava medo me fazer ilusões e temia pensar o que podia estar ocorrendo ao bebê se continuava com vida. OH, Gray, acredita que é verdade?

Gray afastou a faca uns centímetros, e o homem soprou de alívio.

—Se esse bebê estiver vivo, onde está?

—Não sei. Biggs não me disse isso.

Logo se abriu de repente a porta do segundo piso por onde saíram e um dos guardas chamado Franklin - um homem grosso com costeletas - baixou correndo as escadas de madeira.

—Milord?, graças a Deus que os encontramos! Deavers e eu nos preocupamos ao ver que a condessa e você não saíam com os outros e levamos um momento os buscando.

Deavers, um homem musculoso com as feições duras e má cutis, desceu atrás dele com a pistola na mão.

—Lorde Tremaine, graças a Deus!

—Posso partir? - perguntou Wilkins esperançado.

Gray esticou a mandíbula.

—Sinto muito, amigo. Tentou nos matar. Não cumprio as promessas feitas a assassinos.

—Nos levaremos isso, milord - disse Deavers. - A polícia se alegrará de havê-lo apanhado.

Deavers apontou com a pistola ao Wilkins enquanto Franklin ia procurar à polícia, e Gray se aproximou de Coralee. Quando tomou em seus braços, viu o machucado que começava a formar na face.

—Esse bastardo te bateu. Só por isso deveria havê-lo matado.

Corrie tremeu ante a dureza da cara de Gray.

—Estou bem. - Agarrou-o pelo braço. - OH, Gray, acredita de verdade que o bebê de Laurel ainda está vivo?

—Se o estiver, prometo-te que o encontraremos.

—Seu corpo jamais foi recuperado.

—Não. Cheguei a pensar que era possível que alguém levou o menino, mas não queria que se preocupasse também por isso.

Ela voltou para seus braços. Agora que tudo acabara, pôs-se a tremer e lutava por não chorar.

Gray apertou a face contra seu cabelo.



—Sabia que podia contar contigo - sussurrou ele.

—Seriamente? Por quê?

Baixou a vista para ela sorrindo tão brandamente que o coração de Corrie saltou um batimento.

—Porque é Coralee e não a Letty. - E com a mesma suavidade, beijou-a.

—Já avisei à polícia - disse o guarda chamado Franklin ao retornar ao beco. - A carruagem está dando a volta para recolhê-los.

Gray olhou a Corrie.

—Esse homem, Wilkins, deu-nos a prova de que sua irmã foi assassinada. Podemos utilizá-lo para que a polícia encontre ao homem que o fez, e também para ajudar a que Charles encontre a seu filho.

Lhe devolveu o olhar.

—Sempre pensei no Joshua Michael como filho de Laurel. Mas também é do Charles. Temos que encontrá-lo, Gray.

Lhe apertou a mão.

—Se estiver vivo, o encontraremos. Mas já passaram cinco meses, carinho. Esses lugares são armadilhas mortais. É onde levam aos meninos ilegítimos para desfazer-se deles. A maioria morrem. Tem que ter em conta essa possibilidade.

Corrie trago o nó que tinha na garganta.

—Laurel era forte, e também o é Charles. Possivelmente o bebê herdou a fortaleza de seus pais.

—Por agora, é o que devemos acreditar. - Quando a carruagem apareceu no beco, Gray olhou aos homens que retinham o Wilkins. - Vamos a casa. Digam à polícia que devem falar conosco pela manhã.

Deavers assentiu com a cabeça.

—Nos encarregaremos de tudo, milord. Assim que acabemos aqui, iremos a sua casa para montar guarda.

—Estiveram espiando a casa. Alguém sabia onde encontrar-nos. Mantenham-se alertas.

—Sim, milord.

Corrie sentiu a mão de Gray na cintura quando a guiou para a carruagem. ia para casa. Não da maneira que planejava, mas era o único lugar onde queria estar.

O mordomo abriu a porta, e Gray conduziu a sua esposa para a entrada de sua casa no Mayfair. Podia sentir como tremia. Gray apertou os dentes ao pensar em quão bastardos os atacaram.

Qualquer outra mulher teria desmoronado ante tal desdobramento de morte e violência. Mas não sua pequena e valente Coralee.

Olhou-a e a preocupação oprimiu seu peito. Precisava encontrar ao causador desses ataques e precisava fazê-lo logo.

O mordomo agarrou o chapéu e o casaco de Gray junto com a bengala com a manga de prata



que levava com o mesmo propósito para o que servira, e Gray aspirou profundamente para tranquilizar-se.

—Coralee, este é Stewart - disse. - Stewart, esta é a condessa.

O grisalho mordomo se inclinou de maneira respeitosa.

—Milady.

—Tivemos alguns problemas esta noite. - Olhou fixamente o sangue que manchava o casaco de pano negro, e logo o machucado na preciosa cara de Coralee. - Necessitaremos que nos subam água quente.

—Acredito que Samir preparou um banho para vocês no piso de cima.

Gray assentiu com a cabeça. O homenzinho sempre ia um passo na frente dele. Gray conduziu Coralee para as escadas, sentiu que tropeçava e a levantou em seus braços.

—Está tudo bem, carinho, já te peguei. - Não estava disposto a soltá-la de novo. Esses dias que estavam separados bastaram para dar-se conta do precioso dom que recebera. Não a merecia, sabia, nunca entenderia como teve tanta sorte, mas lhe pertencia, e não tencionava deixá-la ir.

Apressou-se a subir as escadas enquanto Corrie rodeava seu pescoço com os braços, acomodando-se contra ele, e voltou a pensar no tanto que estava agradecido que estivesse de volta.

Depois do ataque dessa noite, esse desejo que sentia por ela era mais forte que nunca, essa necessidade de reclamá-la, de provar-se a si mesmo que era dela. Sonhou fazer amor com ela essa noite, mas agora só queria cuidá-la, queria assegurar-se de que estava bem.

Fechando a porta com o pé, deixou-a brandamente diante da penteadeira e começou a lhe tirar a roupa. O vestido de seda cor verde mar estava sujo e rasgado em vários lugares e Corrie tinha um arranhão no ombro pelos ásperos tijolos da parede contra o qual a jogara aquele bastardo. Gray inclinou a cabeça e depositou um suave beijo sobre a sensível pele, contendo um arranque de cólera, desejando não ter sentido piedade dele.

—Há um pequeno vestidor ao lado do dormitório - disse Gray. - É onde me banho e me visto. Samir preparou ali um banho.

O conde a agarrou pelo queixo, obrigando-a a lhe olhar.

—Senti-me muito orgulhoso de ti esta noite. Foi muito valente e muito esperta. Jamais conheci a outra mulher como você.

Ela levantou a vista com os olhos verdes brilhantes pelas lágrimas.

—Gray?

Atraiu-a para seus braços e simplesmente a abraçou, rezando para que ela soubesse o quanto significava para ele. Logo se afastou.

Tirando-se de uma vez a casaca e o colete, enrolou as mangas da camisa.

—Bom, vou te dar um banho e logo cama. - O desejo o invadia. Desejava-a. Parecia que sempre a desejava. Mas estava resolvido a manter encerrada sob chave à besta que tinha em seu interior.



Tirou o resto da roupa, até deixá-la só com a regata, arrancou-lhe as forquilha do abrasador cabelo, e o deixou cair em cascata sobre seus ombros, logo a levou ao vestidor. Como Samir prometera, ali estava a banheira da qual saíam fumaças de vapor. Gray tirou a regata, elevou-a e a meteu na banheira.

Inclusive com o machucado da face, estava muito formosa. Seus músculos se esticaram. Está ferida, disse a si mesmo, sabendo que se não tomasse cuidado, poderia chegar a perder o controle.

Em vez de deixar-se levar, ajoelhou-se ao lado da banheira e a banhou com suavidade, ensaboou um pano e o passou por esses seios tentadores. Por um instante, a besta se liberou e lhe deslizou o pano entre as pernas, sentindo o roce dos avermelhados cachos na união de suas coxas. Seu membro se ergueu e o desejo o fez ferver o sangue. Amaldiçoando, soltou o pano.

—Sinto muito. Sei que está machucada e que a última coisa que precisa é...

—Você é exatamente o que necessito, Gray.

Coralee se levantou na banheira com a água caindo em cascata pelas deliciosas curvas de seu corpo. Retornou a seus braços; era uma ninfa molhada, nua, e o desejo do Gray se incrementou até ao ponto de lhe doer.

—Eu simplesmente te desejo tanto. Senti muito sua falta. - Então a beijou; foi um beijo suave, mas se transformou em algo quente, apesar de sua determinação, que o fez arder como uma chama.

Coralee gemeu. Deslizou os dedos pelos cabelos, liberou-o da cinta, e as pesadas mechas lhe caíram sobre a cara. Beijou-o com toda a paixão que ele imaginou, beijou-o como se não tivesse bastante dele, e o desejo rugiu pelo sangue de Gray.

Levando-a ao dormitório, depositou-a na borda da cama e a estendeu sobre o colchão, logo se colocou entre suas coxas. Desejava-a já. Não se incomodou em tirar as calças, só os desabotoou e se liberou, situou seu membro e entrou em casa. Ela estava molhada, apertada e lhe dava a bem-vinda. Gemeu ante a premente e cálida sensação, e teve que apertar os dentes para não perder o controle.

Não foi fácil. Não era o homem que era até então, um que podia ignorar suas emoções e desfrutar do prazer de longe. Não queria voltar a ser esse homem.

—Santo Deus, Gray? - lhe sussurrou Corrie, enquanto a penetrava uma e outra vez. Gritou seu nome ao encontrar a liberação. Estirando-se, rodeou seu pescoço com os braços e atraiu seus lábios aos dela para dar a ele um beijo ardente. Ao sentir sua pequena língua dentro da boca, perdeu os últimos vestígios de controle e a seguiu para o clímax.

Durante uns longos momentos, permaneceu unido a ela. Sentia-se tão bem ao estar dentro de Corrie, ao saber que era dele.

Logo recordou os maus momentos que ela sofrera essa mesma noite, e se separou do sedutor calor de Coralee.

—Diabos, não deveria havê-lo feito. Depois de tudo o que sofreu, deveria ter sido mais paciente, deveria ter tido mais cuidado contigo.



Rodeou-lhe o pescoço com os braços.

—Foi perfeito.

Gray se inclinou e a beijou.

—Como você. - Tão perfeita que o surpreendia não haver-se dado conta antes. Ajudando-a a acomodar-se sob as mantas, as subiu até o queixo. Estava dormindo quando terminou de cobri-la.

Gray não se uniu a ela.

Em seu lugar tirou a pistola de uma gaveta da penteadeira, sentou-se na cadeira que havia junto à cama e colocou a arma no colo.

Capítulo 28

Gray falou com a polícia à manhã seguinte, proporcionando a eles toda a informação que pôde sobre o ataque e sua relação com a morte de Laurel Whitmore. Corrie acrescentou sua versão dos fatos.

Depois, Gray insistiu em acompanhá-la aos escritórios de Coração a Coração. Necessitavam informação sobre as casas de acolhida da cidade, e Krista, que estava à corrente da reforma social, poderia orientá-los na direção correta. Não foram sozinhos. Tanto Franklin como Deavers, os guarda-costas que havia contratado Gray, acompanharam-nos.

Corrie sabia que Gray tomaria todas as precauções que considerasse necessárias até que tivessem pego ao homem que estava por trás dos ataques. Transpassaram a soleira da gazeta e se viu envolta nos familiares aromas de tinta, óleos e papel de periódico. A enorme imprensa Stanhope ocupava uma grande parte da planta baixa do edifício, e captou imediatamente o interesse de Gray.

—Eu gostaria de vê-la funcionar em alguma ocasião.

—Estamos acostumados a imprimir as quintas-feiras.

Gray dedicou à máquina um momento mais de atenção e logo seguiu a Corrie através da porta entreaberta que conduzia ao despacho da Krista.

—Muito bom dia. - A formosa e loira Krista se levantou detrás da escrivaninha. Não era tão alta como Gray, mas sim era muito mais alta que Corrie. - Me surpreende os ver aqui.

—Pensei que passariam a manhã na cama, como deveriam ter feito. - Que tal foi o teatro?

—Temo-me que não exatamente como planejamos - disse Gray.

Durante a seguinte meia hora, Corrie e ele puseram a Krista a par do que acontecera na noite anterior, quando quase os mataram no teatro, e das notícias de que o menino de Laure ainda podia estar vivo.

—Um dos homens que nos atacou sabia que Laurel foi assassinada - disse Corrie. - Não conhecia



o homem que cometeu o crime, mas nos disse que o pequeno Joshua Michael fora levado a um lar de acolhida.

—OH, Meu deus.

—Exato - disse Gray com tom sombrio.

—Esses lugares são uma vergonha. - Krista se afastou da escrivaninha e se aproximou da janela para olhar à rua. - Me pediram que me una a um movimento que tenta que se proibissem essa classe de sítios. Agora tenho uma razão para fazê-lo.

—O que pode nos contar sobre eles? - perguntou Corrie com o estômago revoltado ao pensar que o bebê de sua irmã poderia estar sofrendo em algum desses lugares.

—Os lares de acolhida foram o resultado de uma lei para a reforma da assistência pública que se aprovou faz dez anos. Foi um intento de restaurar a moralidade das mulheres e absolver aos pais dos meninos ilegítimos de qualquer tipo de responsabilidade. Segundo essa lei, as mães são as únicas responsáveis por cuidar e dar de comer a seus filhos. Suponho que pensaram que às mulheres não faria graça ver-se envoltas nessa classe de circunstâncias.

—Não tinha nem ideia - disse Corrie.

—A maioria da gente tampouco. Posto que a maior parte das mães trabalham e não ganham suficiente dinheiro para manter a si mesmos, a única solução é desfazer-se do menino.

Gray esticou a mandíbula.

—Como pode uma mãe fazer isso? - sussurrou Corrie. - Como pode renunciar a seu bebê?

—É aí que quero chegar - disse Krista. - Os lares de acolhida estão dirigidos em sua maioria por mulheres. Segundo os anúncios dos periódicos, se supõe que graças a uma módica quantia, que frequentemente doa o pai, esse menino será entregue a uma família carinhosa. Mas a única maneira de que os lares de acolhida obtenham algum tipo de ganho é que o bebê morra antes de que se acabe o dinheiro que receberam.

O coração de Corrie se oprimiu até doer.

—Santo Deus.

—A maioria dos bebês estão desnutridos, ou são drogados com láudano. Algumas vezes são alimentados com leite aguado. Os meninos morrem lentamente de fome ou de alguma enfermidade provocada pelos maus tratos. Sinto muito, Coralee, mas quase nenhum sobrevive mais de dois meses. - Corrie não disse nada. Tinha um nó tão grande na garganta que não podia falar. Krista suspirou. - Sei que isto não é fácil de ouvir.

Corrie endireitou as costas.

—Preciso saber, Krista.

Sua amiga retornou à cadeira atrás da escrivaninha.

—Algumas vezes um dos pais paga uma retribuição mensal pela manutenção do bebê. Esses meninos têm mais probabilidades de sobreviver, já que esses pagamentos, por pequenos que sejam,



seguirão chegando enquanto o menino esteja vivo. Mesmo assim, são mantidos no nível mais baixo de subsistência e a maioria deles morre antes de alcançar o primeiro ano.

Corrie pensou no pequeno Joshua Michael e se sentiu invadida pelo desespero.

—Não posso imaginar a um assassino pagando para manter vivo a um menino. - Olhou a Gray com os olhos alagados de lágrimas.

—Ainda há esperança, Coralee.

—Se estiver vivo, temos que o encontrar antes de que seja muito tarde.

Gray estendeu a mão para pegar a dela.

—Seguiremos buscando-o, carinho, até saber o que aconteceu. - Aproximou a cadeira um pouco mais a escrivainha, um pouco mais perto de Corrie. - Por onde temos que começar a procurar? - perguntou a Krista.

—Como já falei, essas mulheres põem anúncios em todos os periódicos. Negamo-nos a imprimi-los em De Coração a Coração, mas há ao menos uma dúzia no Daily Telegraph e no Domestic Time.

—Compraremos exemplares de todos os periódicos - disse Gray. - Seguiremos a pista de qualquer pessoa envolta nesta classe de acordos e ofereceremos uma recompensa a qualquer um que nos ajude a encontrar ao menino. Sabemos que o bebê foi entregue em 30 de janeiro, na noite que morreu sua irmã. Disse que nesse momento tinha um mês.

—Assim é - disse Corrie.

—Por isso nós estaremos buscando um bebê de uns seis meses.

—Como saberá que encontrou o menino correto? - perguntou Krista.

—Allison disse que era um bebê adorável - disse Corrie. - Nasceu com o cabelo e os olhos escuros, mas o cabelo e os olhos de um bebê podem mudar. Neste momento poderia ter o cabelo loiro e os olhos azuis.

—Como seu pai e sua mãe - disse Gray.

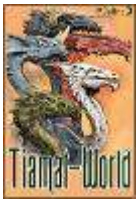
—Ou poderia ser mais moreno, como você - acrescentou Corrie, lhe olhando diretamente. Lera a carta da mãe de Gray e acreditara o que a condessa dizia, estava claro que Gray herdara seu aspecto pelo lado materno da família, o que queria dizer que o filho do Charles também podia ter herdado esses rasgos morenos.

Gray lhe devolveu o olhar, compreendendo a mensagem: que não tinha nada do que envergonhar-se, nem agora nem nunca.

O conde clareou a garganta.

—Assim sabemos a idade, mas não seu aspecto. Para reclamar a recompensa, requereremos algum tipo de prova de quem quer que dele cuide. Possivelmente um documento de quem o levou ou de quem pagou por seus cuidados, algo desse tipo.

—Há probabilidades de que tenha uma marca no ombro esquerdo - disse Corrie. - Allison nunca mencionou havê-la visto, mas meu pai a tem. Eu não, embora minha irmã sim a tinha.



Gray se aproximou mais a ela e pegou novamente a sua mão.

—Começaremos hoje mesmo. Graças a Krista, já sabemos por onde começar.

—Quero que fique aqui, onde está a salvo.

Estavam no estúdio da casa dos Tremaine. Durante os últimos três dias, estiveram olhando os anúncios dos periódicos para localizar às mulheres que os publicaram, algo que não resultara nada fácil.

Quem acolhia aos meninos tendiam a ser cautelosos. Apesar de que em alguns lugares se faziam cargo de um só menino, Corrie descobrira que em outros lares se produziu a morte de cinquenta ou sessenta meninos com o passar do tempo. E possivelmente ficassem curtos, posto que não havia forma de saber quantas mulheres solteiras entregaram sua descendência não desejada.

—Vou - disse Corrie. - Este menino é meu sobrinho. Se estiver vivo, quando o encontrarmos vai necessitar os cuidados de uma mulher. Além disso, sinto-me mais segura estando contigo que permanecendo aqui sem fazer nada, não importa a quem pague para me proteger.

Gray passou a mão pelo cabelo, soltando a cinta de tecido negro. Amaldiçoou entre dentes, tomou a cinta e voltou a recolher as grossas mechas.

—Sei que está incomodado porque sabe que tenho razão, que estarei mais segura se estiver contigo.

Gray olhou pela janela. Um dos guardas vigiava o jardim, o outro cobria a rua. Gray se voltou para ela.

—Certo, maldita seja. Tem razão, estará melhor comigo que aqui aos cuidados de outras pessoas.

Sorriu.

—É um homem muito preparado.

—E você é um aporrinho, milady. Mas o certo é que sempre o foste.

Antes de que ele tivesse ido a Londres a procurá-la, a Corrie feriram essas palavras. Agora, dava-se conta de que ele as dizia com carinho. Perguntou-se se com o tempo esse carinho poderia converter-se em algo mais.

—Está seguro de que não deveríamos dizer ao Charles? Se soubesse, o mais seguro é que queria nos ajudar a encontrá-lo.

—Já o discutimos, Coralee. Charles já sofreu o bastante. Se tivéssemos mais probabilidades de encontrar ao menino...

Ela sentiu um nó na garganta.

—Sei.

Gray se dirigiu para ela.

—Está segura de que poderá suportá-lo? Só Deus sabe o que encontraremos nesses lugares.

Ela tragou saliva, temendo imaginar que horrores poderiam chegar a ver.



—Tenho que fazê-lo, Gray.

Ele simplesmente assentiu com a cabeça.

—Bom, então nos ponhamos em marcha. Temos um longo dia pela frente.

Com o Deavers e Franklinden a parte traseira da carruagem, começaram a busca, o que os conduziu aos baixos recursos da cidade, desde o Southwark aos distritos do Turnbull e Cow Cross, passando pelo Holburn e St. Giles.

A maioria das vezes precisavam chamar a várias portas da zona antes de localizar à pessoa que procuravam. Uma vez que encontravam a casa correta, poucas vezes entravam. Só dizendo a idade do menino que procuravam, as mulheres negavam com a cabeça.

—Sinto muito, mas não posso lhes ajudar - disse uma viúva chamada Cummins no alpendre de uma casa do Bedford Street. - Aqui não há nenhum menino dessa idade.

O que queria dizer que não tinha bebês a seu cargo que tivessem sobrevivido aos seis meses.

—É possível que acolhesse a um bebê a primeiros de fevereiro? - perguntou Gray, como fazia em cada um dos lugares. - Teria chegado da zona do Castle-On-Avon e teria o trazido um homem chamado Biggs. Se foi assim, e tem alguma prova, darei-lhe cem libras.

A mulher, com seu cabelo branco sujo e despenteado, levantou a vista aumentando os olhos.

—Cem libras? Inclusive se o bebê está morto?

Ao Corrie lhe pôs um nó no estômago pela décima vez no dia.

—Sim - disse Gray. - Se pode provar que é o menino que estamos procurando.

O olhar da viúva se voltou sagaz.

—Eu não o acolhi, mas perguntarei por aí, e verei o que posso averiguar.

Gray lhe deu um cartão de visita.

—Se conseguir qualquer informação, pode-nos encontrar aqui. Se o fizer, será bem recompensada.

A conversa foi quase similar em todas as casas que visitaram. Entraram em algumas, mas os bebês estavam nas salas de cima, e Corrie não pôde ver essas pobres criaturas. Mesmo assim, podia ouvir seus prantos lastimosos de fome e imaginar seu terrível sofrimento.

Chorava quando abandonaram a última casa.

—Não posso suportar, Gray. Todas essas pobres criaturas inocentes. Temos que fazer algo para ajudá-los.

Gray parecia quase tão transtornado como ela.

—Falaremos com a Krista para saber qual será a melhor maneira de proceder.

Retornaram à carruagem. Com um suspiro de cansaço, ajudou-a a subir, logo entrou atrás dela.

—Por hoje já fizemos o bastante. Vamos para casa.

Corrie voltou o olhar à casa que acabavam de deixar.

—Há um nome mais em nossa lista. Agarra-nos de caminho. Joshua Michael poderia estar ali.



Gray lhe cavou a face com a mão.

—Está segura, carinho? É evidente o muito que isto te está afetando.

—Por favor, Gray.

Ele apertou os dentes e assentiu. E ela soube que tudo isso o afetava quase tanto como a ela.

A casa que procuravam estava no Golden Lane, era velha e descuidada, com a pintura descascada e as venezianas pendurada das janelas. Quando subiram ao alpendre, os degraus chiaram e Gray se deteve, temendo que se rompessem sob seu peso.

Tiveram que chamar várias vezes à porta antes de que alguém os atendesse. A porta se abriu com um chiado e uma mulher com uma touca e sem dentes dianteiros apareceu na soleira.

—É você a senhora Burney? - perguntou Gray.

—Quem o pergunta?

—Estamos procurando um bebê de uns seis meses.

Um bebê pôs-se a chorar com um som tão dilacerador que ao Corrie lhe oprimiu o peito dolorosamente.

—Aqui só há um e não é tão maior.

Era a mesma história de novo. Simplesmente, os bebês que foram parar a esses lugares não viviam muito tempo. Corrie lutou por conter as lágrimas.

—Ofereço uma recompensa pelo menino que procuramos. - Gray lhe deu à mulher os detalhes do bebê que estavam procurando e lhe entregou um cartão.

Quando terminou, o menino chorava outra vez, uns soluços tão débeis e desconsolados, que simplesmente, abriu de repente a porta e entrou na casa.

—Volte aqui! Alto!

Corrie seguiu caminhando. Na sala, viu as ásperas pranchas de madeira que serviam de berço ao bebê. Baixou a vista para observar o corpinho nu que repousava ali sem nem sequer o calor de uma manta.

Embora fosse provável que o bebê tivesse dois meses, estava tão encolhido que parecia inclusive menor.

—Que demônios está fazendo? - disse a senhora Burney dirigindo-se para ela.

Corrie a ignorou, inclinou-se e levantou o menino contra seu peito. Rodeou-o com os braços para tentar lhe transmitir calor.

—É seu este bebê?

—Só o estou cuidando.

Corrie apertou ao menino com força.

—Não, isso não é certo. Está-o matando e não vou deixar que siga fazendo-o.

—Coralee? Carinho? - Gray se aproximou dela.

—Levo-me isso, Gray. Não vou deixar que este pobre menino sofra nem um minuto mais.



—Não é teu, carinho. - A voz do Gray era tão suave, sua expressão tão tenra, que o peito de Corrie se oprimiu até o ponto de que mal podia respirar.

—Tampouco é dela. - Olhou-o e as lágrimas lhe deslizaram pelas faces. - Não posso deixá-lo aqui, Gray. O mais provável é que não tenha comido há dias. Está morto de fome e não posso deixar morrer a outro menino. Por favor, não me peça isso. - Sustentou o pequeno corpo contra o seu, sentindo a débil respiração e o roce do fino cabelo do bebê contra a face.

Não o deixaria morrer, jurou-se a si mesmo. Encontraria a maneira de salvá-lo.

Gray se endireitou e se voltou para olhar com firmeza à mulher.

—Quanto quer pelo menino?

—Não está a venda.

—Quanto?

—Me dê vinte libras, e é seu.

Gray tirou uma bolsinha com moedas do bolso interior do casaco e lhe atirou vinte moedas de ouro.

—Como se chama?

—Jonathan. Simplesmente Jonathan.

Gray tirou o casaco e Corrie envolveu ao bebê entre as suaves dobras que ainda conservavam o calor do Gray.

—Já tem meu cartão - disse. - Se conseguir a informação que procuramos, também lhe pagaremos por ela.

Corrie sentiu a mão do Gray na cintura, urgindo-a para a porta, e ela se dirigiu para ali agradecida. Subiram à carruagem, que pôs-se em movimento imediatamente, fazendo que a triste criatura comesse a chorar de novo.

—Necessita leite - disse Corrie.

—Contratei a uma ama de leite, uma mulher chamada Lawsen, se por acaso encontrássemos ao filho do Charles. Enviarei a um dos criados a procurá-la assim que chegemos a casa. E mandarei a procurar um médico.

Corrie olhou a Gray e seu coração se transbordou. Perguntou se ele notaria o amor que ela sentia por ele brilhando em seus olhos.

—Obrigado, Gray. Jamais esquecerei o que fez hoje.

Ele estendeu a mão e lhe tocou a face.

—Está muito doente, carinho. Não te faça muitas ilusões.

Corrie assentiu com a cabeça e tragou o nó que tinha na garganta. Era um menino pequeno e débil, e fora maltratado. Com o bebê nos braços, muito fraco inclusive para chorar, Corrie rezou para que o precioso menino de Laurel pudesse salvar-se.

—Por favor, Senhor nos ajude a encontrar ao pequeno Joshua Michael - sussurrou. - Que não



seja muito tarde.

O bebê não sobreviveu de noite. Estava tão terrivelmente débil e desnutrido que faleceu em silêncio enquanto dormia. Ao menos não havia tornado a passar nem fome nem frio, e quando morreu não sentiu dor.

Corrie chorou pelo bebê falecido e por outros meninos que seguiam sofrendo nos terríveis lugares que vira. Em lembrança do menino, Gray prometeu estabelecer um fundo para ajudar às mães solteiras a cuidar de seus filhos.

Embora isso não ajudou a que a morte do pequeno bebê fosse mais suportável.

E não conseguiu que a preocupação de Corrie por seu sobrinho se desvanecesse.

—Não renunciaremos, verdade? - Depois de retornar do breve serviço que se celebrou na igreja do St. Andrews, Corrie olhou a Gray. Tinha os olhos vermelhos e inchados, e as lágrimas lhe corriam pelas faces.

As enxugou com um lenço que lhe deu. - Não nos deteremos até estar seguros do que foi o que aconteceu com ele, verdade?

—Não, não nos deteremos, carinho. Não até ter feito todo o possível para o encontrar.

E foi quando decidiram pôr um anúncio em De Coração a Coração. Nele especificavam a idade do menino, a data em que o levaram a Londres e o nome do homem que o entregou. Ofereciam uma recompensa pela informação, mais cem libras se recuperavam ao menino.

—Vale a pena tentar - disse Krista, estudando o anúncio para assegurar-se de que se lia corretamente.

—Por cem libras - disse Leif, - se o menino estiver vivo, alguém responderá.

Mas passou outra semana, e embora aparecesse um considerável número de mulheres em sua porta, nenhuma tinha uma informação acreditável e nenhuma chegou com o menino.

Estavam desesperados, e a pena cobria a Corrie com o peso de uma mortalha. Só o tenro carinho de Gray servia para manter longe a pena e a preocupação. Ele parecia compreender sua dor, e inclusive compartilhá-la.

Também tiveram outras visitas. O coronel Timothy Rayburn se deteve para saudá-los em Londres uns dias antes de retornar à Índia. Gray o pôs a par do que ocorrera desde sua estadia no Castelo de Tremaine, os atentados contra a vida de Coralee e o ataque que sofreram no teatro.

—Sabia que Dolph estava dedicando-se a um caso que envolvia à irmã da condessa - disse o coronel quando se sentaram na salinha depois do jantar.

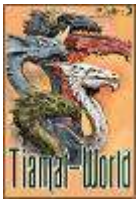
—Me causa pena profundamente ouvir que ainda não se pôde apanhar ao vilão que a matou.

Gray se inclinou para diante em sua cadeira.

—Conseguiremos apanhá-lo, Timothy. Nenhum de nós estará seguro até que o façamos.

—Eu gostaria de ficar mais tempo por aqui. Poderia ajudar.

—Certamente, sua presença seria de grande ajuda, mas é muito mais necessário na Índia.



O coronel dirigiu ao Gray um olhar especulativo.

—E você tem pensado retornar? Sempre me pareceu que estava mais a gosto ali que aqui.

Gray agitou o brandy em sua taça mas não o bebeu.

—Houve um tempo no qual queria retornar ali. Alistei-me no exército para escapar de meu pai, sentia-me preso neste país. Odiava ter que retornar. - olhou a Corrie. - Agora, entretanto, sou feliz aqui.

O coração de Corrie inchou ante o tenro olhar de seus olhos.

Rayburn riu entre dentes.

—Não sente saudades de nada?

Corrie observou o intercâmbio, sem estar completamente segura do que o coronel queria dizer. Exausta e ainda afetada pela perda do menino, despediu-se do oficial e se dirigiu ao dormitório que compartilhava com o Gray.

"Amanhã teremos boas notícias", disse a si mesmo. Mas cada dia era igual ao anterior, sem notícias de Dolph nem da família de Gray, e sem nenhum novo dado sobre o bebê de Laurel.

Capítulo 29

Gray permanecia de pé em frente a janela do estúdio da casa da cidade. O jardim da parte de trás estava cheio de flores de brilhantes cores como era habitual nessa época do ano.

Gray mal o olhava. Tinha a mente centrada em sua esposa e no perigo que ainda corria - que possivelmente corriam os dois, - e agora, para cúmulo ainda estava o problema do bebê perdido.

Não falou a Coralee, mas contratara a outro investigador, um homem chamado Robert Andrews, que tinha uma excelente reputação e contava com mais de meia dúzia de homens. Gray contratou o investigador para solicitar informação do bebê de Laurel. Até esse momento não encontraram nada.

Separou-se da janela. Cada vez que pensava em Coralee, doía-lhe o coração. Estava assustado por ela, e não podia suportar recordar a dor de seu rosto quando morreu o menino. Possivelmente não deveria ter permitido trazer o bebê para casa. A morte dessa diminuta criatura só causou mais pena. Mas não pôde negar-se, não pôde obrigá-la a abandonar o bebê doente, não importavam as consequências.

Como fazia cada vez com mais frequência, Gray pensou em quanto se preocupava com a mulher com a que se casou. Era isso amor? Tentou convencer-se de que ele não era o tipo de homem capaz de se apaixonar, mas a ardente paixão que sentia quando ela entrava em uma sala, o intenso desejo de protegê-la de qualquer dor ou perigo, o fazia perguntar-se?



Era amor o que sentia por Coralee?

E se o era, o que sentia ela por ele?

Viu-se obrigada a casar-se com ele. E se ele a amasse, mas ela não correspondesse a esse amor?

Sentiu uma dolorosa opressão no peito. Amou a seu pai e, em troca, só recebera ódio.

Não estava seguro se era capaz de sentir amor, e mesmo assim, quando olhava a Coralee e via esses preciosos olhos verdes cheios de lágrimas, sentia que faria tudo, o que estivesse a seu alcance, para apagar essa dor e fazê-la sorrir de novo.

Gray recordou a maneira em que a encontrou dormindo a noite anterior, enroscada em meio da cama, com rastros de lágrimas secas nas faces. Fazia dias que não fazia o amor com ela, desde a noite que sofreram o assalto no teatro. Até que desejava tocá-la, perder-se em seu interior, não sabia como receberia ela seus avanços, e se negava a pressioná-la para conseguir algo que não estava preparada para dar.

Estava perdido em seus pensamentos, sem saber que passo dar a seguir, quando ouviu um golpe na porta.

Gray cruzou o estúdio e a abriu.

—Samir? o que ocorre?

—Venha com rapidez, sahib. Chegou uma mulher. Tem notícias do menino que procuram.

Seu coração acelerou. Seria possível? Ou seria outra charlatã que só procurava o dinheiro que ofereciam, como fizeram todas as demais?

Gray se apressou pelo corredor e desceu as escadas.

Quando chegou a salinha, surpreendeu-se ao encontrar à viúva com a quem falaram no Bedford Street, com o cabelo grisalho tão sujo e descuidado como antes.

—Senhora Cummins, se mal não recordar. Que notícias me traz?

—O menino que procuram está vivo. Posso lhes mostrar onde encontrá-lo.

O pulso lhe acelerou de novo.

—Que prova tem de que seja o mesmo bebê que estamos procurando?

Entregou-o um papel dobrado com uma borda rasgada, como se tivesse sido arrancada de um livro. Tinha uma data - a data escrita em que o menino chegara a Londres, em 2 de fevereiro, - e um nome de batismo, Joshua. O nome do homem que havia o levado estava escrito justo abaixo: Sylvester Biggs.

—Estes são os dados que nós lhe demos. É esta sua prova?

Deu-lhe um segundo papel.

—Isto é uma remessa bancária de ontem mesmo. É de quinze xelins. - Não era muito, o justo para aliviar a consciência.

—Este é o nome do homem que faz o pagamento. Aqui está sua assinatura. - Assinalou com um dedo imundo um nome rabiscado em tinta azul, e o corpo do Gray ficou tenso.



"Thomas Morton".

Sentiu-se invadido por uma onda de fúria tão forte que por um instante lhe nublou a vista.

—Onde está agora este menino?

Dirigiu-o um olhar ardiloso.

—Quanto me dará se o digo?

—Cinquenta libras.

Brilhavam-lhe os olhos quando assentiu com a cabeça.

—Levarei-os até ali.

Gray olhou a Samir, que observava do corredor.

—Necessitaremos a carruagem. Que a preparem e a tragam para a porta.

—Já está ali, sahib. Preparei umas mantas para o menino. Esse homem jamais deixava de o assombrar.

—Obrigado. - Olhou à viúva. - Vamos?

A voz de Coralee, proveniente da parte superior das escadas, chegou-lhe antes de que descesse a escadaria da entrada.

—Essa é a mulher com quem falamos em Bedford Street. - aproximou-se até a entrada. - Aonde te leva?

Gray desejou mentir. Se o bebê estava tão doente como os demais? Se tudo resultava ser um engano?

—Diga-me isso Gray.

—A senhora Cummins acredita ter encontrado ao Joshua Michael. Tem uma prova. - Deu ao Corrie a página arrancada do livro. - Se tiver razão, este pode ser o nome do assassino de sua irmã.

Corrie ficou com a mão tremendo enquanto agarrava a segunda folha, leu-a e o olhou.

—Thomas Morton? O filho de Squire Morton? Santo Deus, por que quereria matar a Laurel?

—Isso é o que vamos descobrir. Mas primeiro temos que encontrar ao menino.

Corrie girou para a porta, mas Gray a agarrou pelo braço.

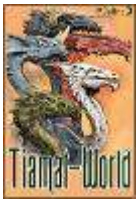
—Isto pode ser ainda pior que a outra vez. Está segura de estar preparada para passar por isso de novo?

Ela ergueu o queixo.

—Não tenho outra escolha.

Coralee agarrou a capa antes de dirigir-se à carruagem, e Gray a ajudou a ela e à viúva a subir ao veículo. Retornou à casa para pegar a pistola, a meteu no bolso do casaco, e logo ordenou ao Deavers e Franklin que se unissem a eles.

Se era Morton o homem que sequestrara ao menino, havia muitas probabilidades de que fosse o homem que assassinara a Laurel. Além disso, existia a possibilidade de que tivesse visto os anúncios nos periódicos ou que se inteirasse de alguma outra maneira de seus esforços por encontrar ao bebê.



Se fosse assim, esta podia ser a maneira de conduzi-los a uma armadilha.

Gray desejou ter podido deixar a sua esposa em casa, mas sabia que Corrie não o permitiria. E o certo era que merecia estar presente.

Sentado em frente a ela, colocou a mão no casaco para comprovar que a pistola seguia no bolso.

Corrie pôde cheirar o fedor a podridão e desperdícios antes de chegar à casa. Era o tipo de lugar onde proliferava o tifo e as pessoas viviam imersas no desespero e a pobreza sem fim; onde os meninos passavam fome.

Fechou os olhos, tentando não pensar no que os bebês precisavam suportar ali, o que o menino de Laurel poderia estar suportando nesse mesmo momento. Tentou concentrar-se em que encontrariam ao menino vivo, e de como, uma vez que o fizessem, cuidaria-o até que recuperasse a saúde. Não seria como a última vez. Deus não ia permitir que o encontrassem só para que morresse em seus braços uma vez que o levassem para casa. Esta vez, não seria muito tarde.

A viúva se moveu no assento, a seu lado, e sentiu um aroma similar ao da rua.

—Parem aí.

Era uma casa com janelas de madeira e dois pisos em um bairro de ladrões de carteira e prostitutas. A carruagem se deteve, e Corrie tomou ar para tranquilizar-se e preparar-se para o que os esperava, até que soube que jamais estaria realmente preparada.

—Ficaremos na carruagem até que Franklin e Deavers se assegurem de que não é uma armadilha - disse Gray quando Corrie se inclinou para a porta, ansiosa por ver o bebê, rezando para que fosse de verdade o filho de Laurel.

—Não é uma armadilha - disse a viúva, mas Gray a ignorou.

Os dois guardas rodearam a casa. Aproximaram-se da porta e chamaram, logo entraram. Reapareceram uns minutos mais tarde, dirigiram-se para a carruagem e abriram a porta.

—Tudo parece em ordem, milord - disse Deavers. - Mesmo assim, em um lugar como este, é melhor tomar cuidado.

Gray assentiu com a cabeça e olhou a Coralee.

—Está segura de que não quer ficar na carruagem? - Ela abriu a boca. - Não importa. Vamos. - Agarrou-lhe a mão e a ajudou a baixar, logo ajudou à viúva.

—A mulher nos espera - disse a senhora Cummins. - Quer a recompensa. Não dará nenhum problema.

Corrie não esperou mais. Só queria agarrar ao bebê e voltar para casa.

Gray abriu a porta principal, que estava um pouco torcida e chiou contra o chão de madeira quando entraram. A casa estava tão suja como o resto do bairro, na mesa havia pratos sem lavar, uma frigideira suja na cozinha e um rato morto em um canto em cima de um montão de farrapos.

Choramingou um bebê, um som débil e doloroso que a Corrie recordou ao pequeno Jonathan.



Encolheu o coração quando o bebê tossiu e começou a chorar, e a boca se encheu de bÍlis.

—Onde está? - perguntou. Gray deveu notar o leve tremor de sua voz, porque lhe agarrou a mão para tranquiliza-la.

—Trará-o em seguida.

Justo então, apareceu uma mulher na sala; era grossa e desalinhada, com um avental preso ao redor da ampla cintura e com um bebê, envolto em uma suja manta de lã entre os grossos braços.

—Este é Joshua. - Sustentou ao menino contra seus grandes seios.

—Temos que vê-lo bem - disse Gray.

A mulher afastou a manta para mostrar a um menino de cabelo loiro e olhos castanhos escuro. Era menor do que Corrie pensara, estava muito magro. Estava claro que nunca o alimentaram corretamente e que não demonstraram carinho. Tinha as faces afundadas e a pele áspera; os olhos afundados e a cabeça apoiada fracamente sobre a mão da mulher.

A Corrie retorceu o coração. Aproximando-se, puxou a borda da manta, e ali estava a diminuta marca de nascimento de Laurel no ombro do menino. Os olhos de Corrie se encheram de lágrimas e sentiu uma férrea determinação.

—Dê me, exigiu isso.

—Não até que me deem o dinheiro.

—Agora a daremos seu maldito dinheiro - disse ela, olhando a Gray com os olhos cheios de dor. Deu à mulher uma bolsinha com moedas de ouro e uma remessa bancária com o resto da recompensa, e a mulher entregou o bebê a Coralee.

—Está bem, carinho. - Depositou um beijo na face do menino, tremeram-lhe as mãos quando o apertou brandamente contra o ombro. - Agora vamos para casa. Ninguém voltará a te fazer mal.

Tão rápido como pôde, Gray terminou a transação e saíram da casa. Dentro da carruagem, Corrie se desfez da suja manta atirando-a pelo janela, e Gray a ajudou a envolver ao bebê em uma suave manta de lã limpa que Samir deixara sobre o assento.

O bebê pareceu proteger-se contra a suavidade desta, e a Corrie doeu o coração ao vê-lo. Como se essa pequena comodidade fosse o único bem que havia ocorrido em toda sua curta vida.

—Tem a marca de meu pai - disse ela brandamente enquanto o carro rodava pelas sujas ruas para o Mayfair. - Tem que ser Joshua Michael.

Os olhos de Gray se encontraram com os seus.

—Inclusive embora não o fosse, não o teria deixado ali. Não depois de ter visto como o olhava.

Ela afastou o olhar, pensando o profundamente que amava a esse homem com o qual se casou. Só lhe faltava encontrar a coragem para dizer-lhe.

Mas a única coisa que fez foi acariciar com o nariz a suave face do bebê.

—Vai ficar bem, carinho. Vai ficar forte como seu papai. - Girou a cabeça e viu que Gray olhava ao menino com uma ternura que jamais vira antes em sua cara. - Vai ficar bem, Gray. Não posso vê-lo



morrer como o outro menino.

Ele levantou com cuidado a manta até cobrir ao bebê.

—Joshua não vai morrer. Sobreviveu ao mais difícil. Agora tem a ti e a sua família para lhe dar carinho. Vamos nos assegurar de que cresça são e forte.

O coração tremeu no peito. Como amava a esse homem. E como amava já ao menino que levava nos braços. Deu-lhe outro beijo na cabeça e se recostou contra o assento de veludo, lhe sussurrando as mesmas tenras palavras de carinho que sua irmã devia haver dito.

"Encontrei-o - disse a Laurel em silêncio. - Encontrei a seu filho, querida. Logo poderá descansar em paz".

Gray passeou pela sala com impaciência. Queria deixar Londres e voltar para o campo. Tinham algo que arrumar com o Thomas Morton, um pouco muito pessoal. Tão pessoal, de fato, que nem sequer escreveu ao Dolph ou aos homens de sua família. Queria estar ali para enfrentar a Morton ele mesmo, queria o ouvir dizer o que havia acontecido a Laurel na noite que foi assassinada.

Queria ver como esse bastardo acabava no cárcere.

No mínimo, Morton era culpado de sequestrar o bebê inocente e afastá-lo de sua família. Gray estava seguro de que também era ele quem estava por trás dos atentados contra a vida de Coralee.

Só por isso, Gray queria vê-lo pendurado.

Mas ainda não podia deixar a cidade. Precisava ter em conta a Coralee, assim como a seu sobrinho. Não iria sem eles. Não queria arriscar-se a que Morton pudesse ter algum outro plano em marcha para desfazer-se da ameaça que supunham.

Sabia que Coralee estava tão ansiosa de partir como ele. Queria que se fizesse justiça com sua irmã e queria que Charles conhecesse seu filho. Durante o dia anterior e toda a noite, a senhora Lawsen e ela velaram pelo bebê. A ama de leite o alimentara tanto como era possível, e Coralee o sustentara em seus braços, tinha-o embrulhado e o agasalhara. Sua esposa estava agora dormindo, mas sabia que não descansaria muito tempo. Estava resolvida a dar ao menino o que mais necessitava e que nunca teve: amor.

Gray sentiu uma estranha pressão no peito. Corrie seria uma mãe maravilhosa. Sentia-se encantado de que queria ter um filho, e se perguntou se nesse momento poderia estar já grávida.

Entrando no dormitório das crianças, baixou a vista ao garotinho que dormia no berço que Samir encontrara no sótão, e pensou como seria ter um filho ou filha com ela.

Levantou a vista quando Coralee entrou no dormitório, e se sentiu afligido pela emoção. Inclusive cansada e preocupada, estava formosa.

—O menino está dormindo - disse Gray com suavidade. - Disse à senhora Lawsen que não despertasse. Disse-lhe que eu ficaria até que você se levantasse.

Corrie se aproximou dele e sorriu ao chegar a seu lado. Gray quis colocar seu rosto entre as mãos para beijá-la até fazer desaparecer as preocupações que lia em seus olhos; queria abraçá-la e



dizer quão feliz estava de que formasse parte de sua vida.

—Obrigado por ficar com ele - disse ela. Ele baixou a vista para o bebê dormindo, que tinha um punho diminuto contra a boca, e sentiu algo em seu interior. - Temos que levá-lo para casa, Gray.

Ele ergueu a cabeça. Era o que mais queria, mas não se fosse um risco para o menino.

—Acredita que será seguro para ele viajar agora?

—Faz calor e não chove. Com tal de que a senhora Lawsen venha conosco, não vejo razão alguma para que Joshua não faça a viagem. Dormirá quase todo o momento, e não está tão fraco como o pobre Jonathan.

—Ela afastou o olhar e ele soube que estava pensando no menino que morrera aquela noite em seus braços. Voltou a olhar a Gray. - Acredito que Joshua se recuperará mais rápido com o ar do campo.

Ele assentiu com a cabeça, agradecendo que logo estariam a caminho, e mais ansioso por chegar a seu lar do que nunca o esteve antes.

—Bom, sairemos amanhã pela manhã. Isso dará a ele um dia mais para recuperar-se.

E daria tempo a Gray para enviar uma nota a Dolph, lhe contando a participação do Thomas Morton no assassinato e o plano que tinha Gray para desmascará-lo uma vez que chegasse a Castle-On-Avon.

Apertou a mandíbula. Em um par de dias, Morton estaria na prisão e Coralee já não correria perigo.

Em pouco tempo, esse vilão penduraria de uma corda.

—Do que quer falar? Está louco? - Rebecca percorria de cima abaixo o caminho de cascalho que conduzia ao jardim da parte traseira da casa. Era meio da tarde e se reuniram em um lugar seguro longe da casa.

—Estamos juntos nisto. Tudo o que temos que fazer é nos desfazer de Tremaine.

—Biggs está morto. Seu cupincha, Wilkins, está preso. A estas alturas não tenho a menor dúvida de que Tremaine terá contratado um pequeno exército de guarda-costas. Não os voltaremos a pegar despreparados.

Ela passeava de um lado a outro com o passar do caminho.

—Possivelmente tenha razão. Seria melhor esperar um pouco, deixar esfriar as coisas. Charles diz que esse homem, Petersen, não descobriu nada. Esperar um pouco mais não importa.

Aguardaremos o momento oportuno, e planejaremos a maneira mais adequada.

—Não sei, Rebecca. Acredito que seria melhor desaparecer.

Ela se voltou para ele.

—Deus me libere de que faça algo tão estúpido! Que desapareça só levantará suspeitas. Temos que guardar as aparências, continuar fazendo o mesmo que temos feito até agora.

Rebecca se aproximou até ele, rebolando os quadris, embora Thomas não era tão fácil de dirigir



como outros. Mesmo assim, sabia que efeito tinha sobre ele. Estendendo a mão, acariciou-lhe a face.

—Pensa na recompensa, querido. Nunca herdará nada. Essa pequena casa é tudo o que receberá de seu pai. Se fizermos isto, você conseguirá a fortuna que te prometi. E eu terei o título e o dinheiro que mereço.

Thomas não disse nada. Seus instintos lhe diziam que fugisse, enquanto a avareza insistia para ficar.

—Thomas?

—Ficarei - decidi. Ao menos um pouco mais. Como a dama havia dito, havia uma fortuna em jogo.

A viagem estava sendo longa, mas não desagradável. O clima era bom, o sol brilhava e as estradas estavam secas. Corrie e a senhora Lawsen foram na primeira carruagem, Gray ia a maior parte do tempo montado em seu garanhão. Uma segunda carruagem os seguia; nele foram Samir, uma babá chamada Emma Beasley, a quem Coralee contratara para se encarregar do bebê assim que chegassem ao castelo, e os meninos da senhora Lawsen, um de dois anos e um bebê de apenas três meses.

À senhora Lawsen, uma mulher com abundante busto e com aspecto saudável, de uns trinta anos, sobrava-lhe leite para os dois bebês, e tinha uma maneira suave de tratá-los que Corrie se prometeu recordar quando tivesse seu próprio filho. O marido da mulher, que trabalhava como vendedor em Londres, ficaria na cidade com seus outros dois filhos.

—Tem uma grande família - disse Corrie com um sorriso, desfrutando da companhia da mulher.

—Tive sorte. Todos nasceram com saúde. Meu marido e eu queríamos ter uma família numerosa e Deus nos concedeu nosso desejo.

Corrie não lhe respondeu. Gray havia dito que a daria um bebê. Quando embalou a seu sobrinho contra seu peito, deu-se conta de que isso era o que mais queria no mundo. Queria ter um bebê com Gray.

E queria que ele a amasse.

Nos dias passados desde que chegaram a Londres, ele parecia diferente, como se realmente se importasse com ela.

Possivelmente com o tempo?

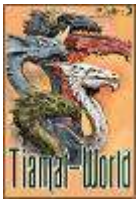
Gray se aproximou da janela nesse momento.

—Logo obscurecerá. Não falta muito para que cheguemos. - Assinalou ao bebê com a cabeça. - Como está?

—Dorme quase todo o tempo. Quase nunca chora. É um bebê muito doce.

Gray sorriu, quase foi um sorriso amplo.

—Não conte com que meu menino vá ser tão tranquilo. - Afastando-se do vidro, pôs ao garanhão ao galope e se adiantou à carruagem.



Corrie o seguiu com o olhar, incapaz de acreditar no que acabava de ouvir.

—Seu marido a ama muitíssimo.

Corrie girou a cabeça para a ama de leite.

—Por que diz isso?

—Se vê nos olhos cada vez que a olha. Provavelmente já o disse.

Ela negou com a cabeça.

—Não estou segura do que sente Gray por mim.

—Você disse o que sente por ele?

—Amo-o, mas...

—Mas?

—Mas me dá medo dizer-lhe.

—Por quê? Por que estava tão assustada?

—Gray não acredita no amor. O mais provável é que me considere uma idiota.

—Ou possivelmente que gostaria de saber que o ama, tanto como você gostaria de sabê-lo.

Seria possível? Rebecca falou que Gray não sabia como amar, mas, no tempo que estavam juntos, Gray havia mostrado de cem maneiras diferentes quanto se preocupava com ela.

Amar ao Gray era fácil. Dizer era difícil. Mas podia ser, como dizia a senhora Lawsen, que ele necessitasse seu amor tanto como ela necessitava o seu.

Embalando ao bebê um pouco mais perto do peito, reclinou-se contra o assento, decidida a dizer para ele como se sentia. De algum jeito encontraria a coragem. Possivelmente essa mesma noite, pensou. Depois de que tivesse reunido Charles com seu filho. Quando Gray e ela tivessem na cama.

Um quente desejo a atravessou. Gray não fizera o amor com ela desde a noite que foram ao teatro. Essa mesma noite, faria-o saber quanto o desejava. E logo lhe diria que estava apaixonada por ele.

A incerteza a invadiu. Santo Deus, o que diria Gray quando o fizesse?

Capítulo 30

Gray cavalgava diante das carruagens. Anoitecera e as luzes do passeio de cascalho iluminavam o caminho. Açoulou a Rajá para o castelo, desceu e deu as rédeas ao moço.

—Bem-vindo a casa, milord.

—Obrigado, Dickey. - Era bom estar de volta, não importava quais fossem as circunstâncias. Perguntou quando esse lugar que com muito gosto teria deixado para trás em outro tempo se



converteu em um verdadeiro lar para ele.

Esticou a mandíbula. Estava de volta, mas essa noite não permaneceria ali nem um pouco. Logo que tivesse reunido ao Charles com seu filho e se ocupasse da segurança de Coralee, sairia de novo.

Tinha um encontro pendente com Thomas Morton, e não estava disposto a esperar o dia seguinte.

Abriu a porta principal e um par de lacaios se apressaram a descer a escadaria. O mordomo tinha um olhar de surpresa ante a inesperada chegada do senhor do castelo.

Possivelmente deveria ter avisado de sua chegada, pensou Gray, possivelmente deveria ter preparado Charles para a chegada de seu filho.

Possivelmente, de forma inconsciente, tentava atrasar o enfrentamento que seu irmão teria com a Rebecca pela existência desse menino.

Gray não sabia o que faria sua cunhada quando se inteirasse de que o menino que traziam era o filho ilegítimo de seu marido.

Não importava. Gray sabia o que Charles queria. Queria que esse menino fosse criado sob a tutela de seu pai, não importava o que Rebecca dissesse.

Gray esperou enquanto um laçao ajudava Coralee a descer da carruagem. O feio cão mestiço, Homero, ficou a ladrar ao vê-la, e ela se inclinou para o acariciar a desalinhada pelagem, muito contente de vê-lo.

—Vamos, milady - disse Gray com um débil sorriso enquanto a acompanhava até a escadaria com o bebê nos braços. O resto da comitiva os seguiu.

—Senhora Lawsen, você e a babá Beasley devem levar ao Joshua ao dormitório das crianças - ordenou Gray assim que o grupo transpassou a entrada. - A governanta, a senhora Kittrick, mostrará-lhes onde fica.

—Gray?

Gray ouviu a incerteza na voz de Coralee e leu a pergunta em seus bonitos olhos verdes.

—Temos que dirigir as coisas com muito cuidado, carinho, e dar ao Charles um pouco de tempo para que se reponha da surpresa; para isso terá que fazer as coisas bem. - Ela assentiu com a cabeça.

Conhecia Rebecca e compreendia o que Gray queria dizer. Entregou o bebê à senhora Lawsen, que seguiu à governanta escada acima, seguida pela babá.

—A família está jantando - disse o mordomo. - A senhora Forsythe dá um pequeno banquete esta noite.

—Já vejo. - Gray suspirou. - Diga a meu irmão que preciso falar com ele. E diga que é importante.

—Sim, milord.

—Esperaremos na salinha azul céu.

—Sim, milord. - O grisalho homem atravessou depressa o vestíbulo e desapareceu. O salão de



jantar estava na outra asa do castelo. Passaram uns momentos antes de que chegasse seu irmão.

—Graças a Deus que os dois estão em casa sãos e salvos - disse Charles quando entrou na salinha onde Gray o aguardava com a Coralee. - Estivemos muito preocupados com vocês.

—É uma longa história, Charles. Lamento ter interrompido o jantar, mas isto é urgente. Acredito que deveria se sentar.

A preocupação invadiu lentamente as feições de seu irmão enquanto se sentava em uma cadeira, e Gray e Coralee tomaram assento no sofá. Durante os seguintes quinze minutos, Gray o pôs à corrente do que ocorrera no tempo que passaram em Londres, com a intenção de deixar o tema do bebê para o final.

—Deveria nos escrever, deveria nos dizer que estavam correndo perigo - disse Charles. - Teríamos acudido imediatamente. Nós três poderíamos ter feito algo.

—Já faziam algo importante aqui. Supunha que cedo ou tarde averiguariam algo que nos conduziria ao assassino de Laurel. Entretanto, encontramos a resposta em Londres.

Charles se inclinou para diante em seu assento.

—Sabem quem matou a Laurel?

Coralee se aproximou de Gray e agarrou sua mão, o advertindo que fosse com tato. Charles amara a sua irmã. Seu assassinato poderia não ser fácil de digerir. E a surpresa de saber que tinha um filho seria ainda mais difícil de aceitar.

—Não sabemos com segurança - disse Corrie, - mas sabemos que Thomas Morton estava ali a noite que mataram a Laurel.

—Thomas? Meu deus, Thomas estava ali essa noite com Laurel? Mas se mal o conhecia. Não entendo.

—Sabemos que estava ali - continuou Gray. - Não sabemos o motivo, mas acreditamos que pode ser o homem que a matou. Esta noite decidi lhe fazer uma visita. Tenciono averiguar o que aconteceu naquela noite.

Charles se levantou da cadeira com a expressão mais dura que Gray jamais vira.

—Não terá que ir muito longe. Thomas está aqui. É um dos convidados de Rebecca.

Gray dirigiu um olhar a Coralee, pensando na cela cortada, na noite que a drogaram, no ataque que sofrera no teatro. A fúria o alagou como uma besta.

—Bem, economizou-me uma viagem. - Envolto em uma neblina de fúria, ficou de pé e atravessou a grandes pernadas a salinha, dirigindo-se para o salão de jantar.

A raiva que sentia o impulsionava. Abriu com força a porta do salão de jantar para descobrir a Rebecca sentada em seu sítio habitual, Jason ao lado da condessa de Devane, e a Derek junto a

Allison Hatfield, ao que parece era seu par na velada. Thomas Morton estava sentado serenamente em frente à cadeira vazia de Charles.

—Gray! - Rebecca sorriu. - Não sabia que voltaria para casa esta noite.



—Boa noite a todos. - Tentou controlar a fúria que o invadia e a cólera de sua voz. - Especialmente a ti, Thomas. Pensei te fazer uma visita esta noite. Me alegro de que me tenha economizado a viagem.

Morton deixou o garfo sobre o prato, e o olhou com cautela.

—Desejava ver-me esta noite? Deve ser muito importante.

—Poderia dizer-se que sim. Implica a Laurel Whitmore e ao menino que enviou a uma casa de acolhida em Londres.

O homem empalideceu visivelmente.

—De que falas?

—Falo de assassinato, Thomas.

Tanto Derek como Jason ficaram alerta, esticando-se em seus assentos.

—Isso é uma loucura - disse Thomas.

—É? Contratou a um homem chamado Biggs para que entregasse o menino a um lar de acolhida. Suponho que o fez para aliviar sua consciência. Seguro que pensava que nestes momentos esse menino estaria morto.

Rebecca ficou de pé, afastando a cadeira com tanta força que esta caiu sobre o tapete. Tinha as faces vermelhas e nos olhos um olhar selvagem.

Cravou os olhos no Thomas Morton como se lhe tivesse colado algo na sola de seu sapato.

—É idiota! - Tinha os punhos apertados. - Se supunha que devia te desfazer dele. Disse que te encarregaria de tudo. Que você se desfaria dele! E olhe o que fez!

—Sente-se, Rebecca - a advertiu Morton.

—Então, fez tudo isto por ela? - perguntou-lhe Gray, não tão surpreso de que sua cunhada estivesse implicada como deveria ter estado. Centrou seu duro olhar na Rebecca, tentando encaixar as peças do quebra-cabeças. - O que aconteceu, Becky? Se inteirou da confusão do Charles com essa garota e decidiu se desfazer dela e do bebê?

—Se cale - lhe ordenou Morton, olhando-a fixamente. Olhou aos outros comensais que permaneciam em silêncio, aniquilados. - Está louca. Não sei de que fala. Não sei nada disto.

Gray lutou por controlar seu temperamento.

—Temos provas, Morton. Sabemos que você estava ali. Matou-a você? Ou foi Rebecca que a empurrou ao rio?

Jason empurrou a cadeira para trás. A luz do abajur de gás se refletiu em seu cabelo castanho claro e, sob a suave iluminação, seu rosto parecia ainda mais pálido.

Rebecca se aproximou do Jason com rapidez, com a cara deformada pela fúria.

—Eu não a matei, o fez ele! - assinalou ao Morton com um dedo, tão zangada que tremia. - Se tivesse terminado o trabalho pelo que cobrou, o mucoso teria morrido como ela, e ninguém se teria informado jamais.



A profunda voz do Charles tremia quando disse:

—Conhecia minha relação com Laurel?

Pela extremidade do olho, Gray viu seu irmão na porta, pálido como um cadáver.

—É obvio que a conhecia. Pelo amor de Deus, Charles, é tão transparente, tão bobo. Qualquer idiota se teria dado conta de que estava apaixonado. Pensei que tudo se acabou quando ela se foi, mas logo, seis meses mais tarde, retornou. Ouvi-te essa noite. Ouvi como dizia que conseguiria o divórcio. Não podia deixar que isso ocorresse.

—Assim em vez de aceitar um divórcio, contratou a Thomas Morton para que a assassinasse. - Charles parecia a ponto de perder o controle.

Os lábios da Rebecca se estreitaram até formar uma linha desagradável.

—Tínhamos um acordo. Interceptei uma nota que ela te enviou. Queria que se encontrasse com ela no rio. Não sabia que dera a luz a seu bastardo, mas ao que parece, pretendia contar isso tudo essa noite.

Rebecca lançou um olhar indignado ao Thomas.

—Se tivesse desfeito do menino, como se supunha que faria, ninguém o teria descoberto.

—Não penso carregar sozinho com a culpa, milady. - Morton ficou de pé em toda sua estatura, um homem alto que o parecia ainda mais pela cólera que esticava suas costas. Em frente dele, a condessa de Devane estava paralisada. Allison tremia. Jason e Derek permaneciam sentados na borda de seus assentos, preparados para saltar em caso de que Morton tentasse escapar.

—Por que queria se desfazer de Coralee? - perguntou Gray com tom duro, tentando descobrir toda a história. Sentiu uma pequena mão no braço e se deu conta de que Corrie se colocou a seu lado.

Maldita seja, desejou que ela se mantivesse separada de tudo isso.

—Ela não deixava as coisas tranquilas - disse Morton. - Sempre estava indagando, revolvendo as coisas. Cedo ou tarde teria descoberto algo por acaso, o que foi exatamente o que ocorreu em Londres.

Gray ficou paralisado quando viu como Morton tirava uma pistola do bolso interior de seu jaquetão. Maldição, não esperava que esse homem fosse armado a um jantar.

Mas claro, Morton não era um homem normal, era um assassino. Thomas empunhou a pistola com firmeza. Era óbvio que não duvidaria em utilizá-la.

—Agora que esclarecemos as coisas, parto-me.

Rebecca arqueou com rapidez as sobrancelhas loiras.

—De que falas? Não pode partir!

—Se pensa que vou à força por ti, carinho, está muito equivocada. Sou um homem de negócios. E agora, nosso negócio terminou.

Em lugar de apontar ao Charles ou Gray, Morton apontou a Coralee com a pistola.



—Não posso acabar com todos de um só disparo, mas lady Tremaine não viverá um dia mais se alguém se aproximar de mim.

Allison soltou um gemido afogado, captando a atenção do Morton. Derek se esticou, mas a arma jamais vacilou.

O medo embargava o Gray, que lutava por manter o controle.

—Por favor - rogou Charles, - que ninguém se mova.

—Muito sensato, Charles - disse Thomas. - Mas claro, você sempre foi um homem sensato. - Olhou a outros. - Fiquem onde estão e ninguém morrerá. Simplesmente irei e jamais voltarão a me ver outra vez.

Retrocedendo, dirigiu-se à porta que conduzia à cozinha, com a arma apontada ao coração de Coralee.

O coração de Gray martelava. Um movimento em falso e sua esposa morreria.

Morton seguiu retrocedendo com cautela. Assim que chegou à porta, quando esta se abriu de repente a suas costas, o fez perder o equilíbrio. Gray aproveitou a oportunidade.

Pulou para diante e golpeou a Morton enviando-o ao chão, vendo pela extremidade do olho a Samir enquanto o fazia. A pistola disparou e Coralee gritou. Rebecca caiu em cima do tapete, entre um montão de seda rosada e cachinhos loiros.

—Becky!

Gray ouviu a voz do Jason um instante antes de que seu próprio punho se chocasse contra o queixo do Morton e liberasse à besta de seu interior. Levantou o Morton pelas lapelas e o golpeou de novo, lhe enfiando o punho na cara. Morton contra-atacou, acertando um golpe na mandíbula do Gray. Era um homem grande e golpeava duro, mas a fúria de Gray o fazia invencível.

Voltou a golpear fortemente no corpo do Thomas Morton, e logo se centrou na cara do homem.

Teria continuado o golpeando se Charles não tivesse quebrado um vaso chinês sobre a cabeça do Thomas, deixando-o inconsciente. Com os nódulos ensanguentados, Gray se levantou e deu uns cambaleantes passos para trás.

—Gray! - Coralee se lançou a seus braços. Abraçou-a com força. Não havia nada melhor que ser abraçado por Coralee.

—Está bem, carinho? Já acabou.

Ela o olhou com os olhos cheios de lágrimas.

—Rebecca está morta. Morton disparou e a bala lhe perfurou o pescoço.

Ele olhou a seu redor para ver o Jason ajoelhado ao lado da formosa loira vestida de seda rosa. Charles se aproximou até eles, quão mesmo Gray e Coralee.

—Está morta? Charles. - Jason se via pálido e afetado.

—O bebê? - Charles ficou olhando fixamente a sua mulher.

Jason tragou e afastou o olhar.



—Não era teu, Charles. Sinto-o, era meu. - Tomou a mão da Rebecca e a cavou brandamente entre as suas. - Jamais tive intenção de o trair, o juro. Eu, simplesmente... me apaixonei por ela.

Os olhos do Charles encontraram o olhar torturado de seu primo.

—Rebecca sempre foi muito discreta com suas aventuras, mas sabia desde o começo que esse menino não era meu. Queria tanto ter um filho que não me importei.

Os olhos de Jason se encheram de lágrimas.

—Disse-me que você não poderia lhe dar o filho que tanto queria. Rogou-me que a ajudasse. Sabia que esperava ser condessa algum dia. Jamais me ocorreu que seria capaz de matar para consegui-lo.

—Negou com a cabeça. - O sinto, Charles, sinto-o muito. Possivelmente possa me perdoar algum dia.

Jason se levantou e abandonou o salão com o rosto inexpressivo; todo mundo pareceu sair do transe que os mantinha imóveis.

—Que horrível sucesso - disse lady Devane, meneando tristemente a cabeça. - Por outra parte, agora tenho tantas coisas que contar que poderei manter a toda Londres entretida durante anos.

Gray girou a cabeça para ela.

—Se disser uma só palavra do que aconteceu aqui, Bethany, toda Londres se inteirará de seus gostos mórbidos na cama.

A condessa abriu a boca, mas logo a fechou.

—Bom - disse ao fim. - Se fará como você diz.

Derek parecia emocionado, embora se continha. Passou uma mão pelo espesso cabelo dourado, e disse algo reconfortante a Allison; logo os dois se aproximaram do Gray.

—Tudo isto ocorria no castelo, e eu sem me inteirar de nada - disse Derek. - Sinto ter falhado, Gray. Sinto muito.

—Tudo o que ocorreu se deve à avareza de uma mulher. Não tem a culpa.

Allison se aproximou de Corrie e a abraçou.

—Tinha tanto medo por ti, Corrie. Para ser justa, nunca estive totalmente convencida de que Laurel foi assassinada. Jamais voltarei a duvidar de ti.

Gray se deu conta de que sua esposa queria contar a sua amiga do bebê, mas era a Charles a quem precisavam informar em primeiro lugar.

Derek assinalou com a cabeça ao homem que estava inconsciente no chão.

—Enviarei a procurar um agente de polícia. Enquanto isso, será melhor que o atemos.

—Suponho que isto servirá. - Dolph Petersen atravessou a soleira com um cordão dourado das cortinas pendurado de sua mão. Tinha um sombrio sorriso nos lábios. - Parece que chego um pouco tarde a nossa entrevista, milord.

—Se Morton não tivesse sido convidado para jantar, teria chegado bem a tempo.



—Sim? bom, depois de receber sua carta, encaixaram todas as peças. - Deu o cordão a Derek, que se dispôs a atar ao homem inconsciente do chão.

—O que?

—Tudo isto ocorreu porque sua cunhada queria ser a condessa de Tremaine.

—Isso é o que disse Jason. Suponho que por isso o ataque no teatro foi contra os dois. Comigo fora de jogo, Charles herdaria o título e Rebecca seria condessa.

—Isso mesmo, e se o plano da Rebecca tivesse êxito, teria morrido faz muito tempo. Para sua informação, Gray, a formosa Rebecca foi quem planejou o acidente do navio no qual morreu sua primeira esposa. Mas era você o alvo, não ela.

Gray sentiu um calafrio pelas costas. Coralee pegou sua mão em silêncio; sentia-se repentinamente fria.

—Isso não tem sentido. Nem sequer ia no navio.

—Não, mas decidiu não ir no último momento. Para então, os planos já estavam em marcha, e não havia tempo para detê-los. Ao que parece, um cúmplice do Morton, o homem chamado Biggs ao que disparou no teatro, estava entre os membros da tripulação, precisava te deixar inconsciente antes de que o navio se afundasse. Jillian foi uma vítima que ninguém esperava.

Gray não disse nada. Durante anos, culpou-se pela morte de sua esposa. E durante todo esse tempo, fora Rebecca a responsável. Se não estivesse morta já, mataria-a ele mesmo.

—Tudo terminou, Gray. - Coralee lhe apertou a mão. - Se acabou e podemos seguir com nossas vidas. - Ela se voltou e ele procurou com o olhar a Charles, que estava ajoelhado ao lado de Rebecca no chão.

—Jamais foi feliz - disse Charles. - Queria casar-se com um homem com título. É provável que o tivesse feito se nossos pais não tivessem sido tão amigos. Quando James morreu e você se converteu em conde, deve ter visto a oportunidade para converter seu sonho em realidade. - ficou de pé. - A compadeço, mas não posso levar luto por ela, não depois de tudo o que fez. Possivelmente sua morte tenha sido vontade de um ato de justiça divina acima de tudo o que ocorreu aqui esta noite.

Capítulo 31

Faltava chegar o agente de polícia. Assim que o fizesse, teriam que prestar declaração e logo levariam Morton ao cárcere. Em meio de toda a confusão, ninguém havia perguntado ao Gray pelo menino que mencionara, e que agora dormia no piso superior.

Corrie acreditava que Charles estava muito afligido pelos acontecimentos para dar-se conta da importância das palavras de seu irmão, para entender que seu filho estava vivo e que o trouxeram



para o castelo.

—Temos que dizer-lhe, disse Corrie a Gray enquanto estavam de pé ao lado da balaustrada do terraço. A noite era escura e tranquila, ideal para apaziguar seus nervos.

—Temos que explicar ao agente de polícia como descobrimos que Thomas Morton era o assassino. Teremos que dizer sobre o do bebê.

Gray simplesmente assentiu com a cabeça. Sob a luz das tochas, parecia desconsolado e rendido. Corrie ansiava levá-lo acima para o colocar na cama, acomodar-se a seu lado e rodeá-lo com seus braços.

Essa noite, sua família se quebrou. Já lhe doía o que ele devia estar sentindo.

—Gostaria de dizer-lhe em outro momento - disse. - Charles já teve bastante por hoje.

Sentiu um nó na garganta. Pobre e querido Charles. Quando saíra do salão, parecera perdido e completamente sozinho.

Gray a pegou pela mão e se dispuseram para buscá-lo, mas ao cruzar o terraço, Charles se aproximou deles.

—Justo agora íamos te buscar - disse Gray.

—Pensei que Jason poderia estar aqui fora.

—Não o vimos.

—Preciso falar com ele, Preciso arrumar as coisas entre nós. Eu tenho minha parte de culpa. Nego-me a reprovar ao Jason o mesmo pecado que eu cometi.

Corrie conseguiu sorrir.

—Me alegro de que pense assim. Sei que os dois resolverão as coisas. Mas enquanto isso, há alguém que deve conhecer.

Charles franziu o cenho.

—Esta noite?

—Esperávamos que fosse uma ocasião mais alegre - disse Gray, - mas sim, Charles, tem que ser agora.

Entraram pela parte traseira da casa e se dirigiram para as escadas com o Charles atrás deles.

—Aonde vamos? - perguntou.

—Ao dormitório das crianças - disse Gray, e Charles ficou paralisado em meio de um degrau.

—Ao dormitório das crianças? Não... não entendo.

Corrie se aproximou dele e o agarrou pela mão.

—Tudo está bem, Charles, vamos apresentá-lo a seu filho.

Corrie sentiu que os dedos do Charles tremiam entre os seus.

—Meu filho...? - Arqueou as loiras sobranceiras enquanto em sua mente encaixavam todas as peças. - Antes disseram algo sobre o bebê de Laurel. Logo tudo se atou, e depois houve esse tiroteio, e Rebecca, e eu... eu? - vacilou, logo começou a subir as escadas correndo, por isso tiveram que



apressar-se atrás dele para o alcançar.

Quando chegaram à porta do quarto do bebê, deteve-se.

—Está... Pelo amor de Deus, me digam que está bem. Que não lhe maltrataram nem... nada pelo estilo.

—Vai ficar bem - disse Gray com firmeza. - Só necessita amor e cuidados. E isso vai ter de sobra.

Charles ficou ali parado, muito emocionado para falar. Gray abriu a porta e empurrou a seu irmão a uma sala iluminada pela suave luz de um abajur. A babá, a senhorita Beasley, saiu em silêncio do dormitório enquanto eles se aproximavam do berço. Dentro, acomodado entre as quentes dobras de uma manta, jazia o loiro filho de Charles.

—Meu deus? - disse com voz carregada de emoção quando Corrie se inclinou e pegou ao bebê brandamente do berço para depositá-lo entre os braços de seu pai. - Meu filho. - Charles o disse com tal ternura que a Corrie lhe pôs um doloroso nó na garganta. - Não posso acreditar nisso. - Beijou o alto da cabecinha loira do bebê. - Por fim está em casa, filho. - Levantou a vista como se pudesse ver o céu.

—Já pode descansar em paz, carinho. Seu filho está em casa, e pode estar segura de que crescerá sendo amado.

Como se de algum jeito soubesse o que seu pai dizia, o bebê afastou a manta e fechou sua pequena mão ao redor de um dedo de seu pai. Charles levou os diminutos dedinhos aos lábios.

—Contarei-te tudo sobre sua mãe - lhe prometeu. Olhou a Coralee. - Sua tia e eu lhe contaremos o formosa e boa que era, e quanto te amava.

Corrie enxugou as lágrimas que caíam pelas faces. Então retornou aos braços de seu marido, e durante um momento, ele simplesmente a abraçou. Logo os dois partiram em silêncio para deixar a sós o pai e ao filho.

—Sua irmã já pode descansar em paz - disse Gray enquanto permaneciam de pé no corredor. - cumpriu sua promessa.

—Sem ti, não poderia havê-lo feito. - Corrie o olhou, com o coração transbordado. - Te amo, Gray. Amo-te tanto.

Rodeou-a com seus braços e a apertou contra seu corpo como se nunca quisesse soltá-la.

—Coralee? - tomando sua cara entre as mãos, beijou-a com suavidade. - Chegou a minha vida e encheu o vazio de meu coração. Jamais pensei que poderia amar, mas, santo Deus, Coralee, eu também te amo.

Epílogo



Um mês mais tarde.

O vento inflava as velas do navio que sulcava o mar rumo à França. Amanhecera, o sol só era uma bola ígnea no horizonte. Acabavam de fazer o amor. Corrie estava tombada ao lado de seu alto e de aparência agradável marido no amplo beliche da cabine do proprietário do navio, Dragão do Mar, o casco de navio insígnia do Leif, sentindo como se seu mundo, por fim, estivesse completo.

—Atracaremos a última hora da manhã - disse Gray. Rodeava-lhe os ombros com um braço, estreitando-a contra seu corpo. - Não está desejando chegar?

Ela se voltou para ele e sorriu.

—Estive desejando chegar desde o momento que me disse que íamos viajar. OH, Gray, sempre quis ver Paris. - Não era a Índia, mas era um começo. além de ir a França, Gray prometera levá-la a Itália.

Não podia esperar para ver Roma.

Gray a recostou sobre seu corpo e a beijou na testa.

—Lembre-se que prometeu escrever sobre a viagem quando retornássemos para casa.

—Bom, em realidade, tenciono começar enquanto estamos de viagem. Krista me pediu que redija uma série de artigos sobre minhas viagens.

—Então, suponho que terei que me assegurar de que tem suficiente material para os artigos.

E Corrie estava segura de que o teria. Ele tinha tanta vontade de viajar quanto ela. Uma viagem era exatamente o que necessitavam depois de tudo o que ocorrera em suas vidas.

Acontecera tantas coisas desde que sua irmã morreu.

Thomas Morton foi sentenciado à forca, justo o que merecia.

Charles exercia de pai, e mimava a seu filho mais que qualquer babá.

Tanto Jason como Derek abandonaram o castelo para retornar a Londres. Segundo Allison, Derek prometeu que retornaria, mas Corrie não estava segura. Esperava que sua amiga não se sentisse muito mal se ao final as coisas não funcionavam com o divertido meio-irmão de Gray.

Possivelmente a notícia mais excitante foi que Gray decidira ocupar sua cadeira na Câmara dos Lordes.

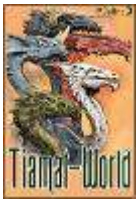
—É necessário mudar algumas leis - dissera. - Não posso ignorar meu dever por mais tempo.

Sabia que falava do terrível negócio que supunham as casas de acolhida, mas havia mais injustiças com as que lutar, e Corrie acreditava que Gray era o homem adequado para fazê-lo.

Cumprir seu dever sempre formara parte dele. Só lhe surpreendia que tivesse demorado tanto em por mãos à obra.

Se aconchegou mais perto dele, desfrutando da sólida calidez de seu corpo, de seus músculos firmes cada vez que ele se movia.

—Perguntava-me uma coisa...



Gray arqueou uma de suas escuras sobrancelhas.

—O que?

—Rebecca disse que Charles não podia ter filhos, e está claro que sim pode.

—Charles estava apaixonado por sua irmã. Possivelmente isso fez a diferença.

—Sim, suponho que seria isso. - Deslizou um dedo pelo espesso pelo escuro do peito de Gray e sentiu o rápido pulsar de seu coração.

—Está jogando com fogo, carinho. - O tom rouco de sua voz lhe fez sorrir.

—E se o amor foi realmente a causa, foi uma boa ideia sair agora de viagem, porque te amo com desespero, o que quer dizer que muito em breve estarei...

Gray a interrompeu com um beijo.

—Que muito em breve estará redonda e pesada por meu bebê. Amo-te, lady aporrinho. E acredito que o melhor será que tentemos de novo criar esse bebê.

Ela riu quando ele se colocou sobre ela e de maneira conscienciosa se dispôs a converter-se em pai.

Corrie teve a estranha sensação de que dessa vez seus esforços teriam êxito.

E sorriu para si mesmo.

FIM



Comunidade: <http://www.orkut.com.br/Community?cmm=94493443&mt=7>

Grupo: <http://groups.google.com.br/group/tiamat-world?hl=pt-BR>

Blog: <http://tiamatworld.blogspot.com/>

Título original: Heart of Fire.

2008 by Kat Martin

Edições B, S. A., 2008

ISBN: 978-84-666-3800-5

Depósito legal: B. 30.294-2008



A Origem dos Preservativos

Hoje em dia, sabe-se o quanto é importante fazer sexo com camisinha.

Mas para quem pensa que antigamente as pessoas podiam transar à vontade, sem a necessidade do uso do preservativo, vale a pena ler o texto abaixo.

Conheça a história da camisinha

A história da camisinha é muito mais antiga do que se pensa - afinal, desde muito cedo, homens e mulheres descobriram que a atividade sexual trazia alguns inconvenientes, como a gravidez indesejada e as doenças sexualmente transmissíveis.

Há mais de 3000 anos, a arte egípcia já mostrava figuras de homens com algum tipo de envoltório no pênis. Há quem fale de peles de animais, mas não se sabe de que material eram feitos. Na Europa, as primeiras evidências do uso de camisinha são pinturas nas cavernas de Combarelles, na França.

A origem histórica da camisinha foi em 1500, quando o anatomista italiano Gabrielle Fallopius inventou uma espécie de "saco de linho" para proteger seus pacientes da sífilis. Como o método inventado por ele funcionou, e as pessoas perceberam a possibilidade de usar a camisinha para evitar a gravidez, seu uso se popularizou e cresceu muito por volta do ano 1700, quando as camisinhas passaram a ser feitas de um material mais fino: membranas de intestino de carneiros.

Mas foi em 1843, quando o revolucionário processo de vulcanização da borracha, inventado por Hancock e Goodyear, possibilitou a produção em massa de preservativos, que eles se tornaram realmente mais populares e baratos. Até o legendário amante Casanova foi adepto dessas camisinhas. Em 1930, o látex líquido substituiu a borracha, e ainda é o material mais usado na fabricação de camisinhas.

Nos anos 90, as novas tecnologias possibilitaram a produção de camisinhas cada vez mais sofisticadas, como as de poliuretano, mais finas e sensíveis.

Curiosidades sobre o preservativo

- A origem da palavra condom - "camisinha" em inglês - pode vir do nome do médico Condon, que viveu na corte do rei Charles II. Mas é mais provável que venha do latim condus, que significa receptáculo.
- A expressão brasileira "camisa de vênus", hoje fora de moda, é uma referência à Vênus, deusa romana do Amor (ou Afrodite, para os gregos).
- Os japoneses foram os inventores da primeira camisinha sonora. Eles usaram o mesmo minúsculo chip de cartões musicais, instalado na ponta do preservativo. Assim que o homem ejacula, pode-se ouvir, no interior do corpo da mulher, a canção Love Me Do, dos Beatles.
- A rivalidade entre franceses e ingleses também foi parar nos preservativos. Os primeiros os chamaram de "capote anglaise" (capote inglês), na época em que usar camisinha era uma "frescura". Ofendidos, os ingleses contra-atacaram. Criaram a expressão "french disease" (doença francesa) para se referir a doenças sexualmente transmissíveis.
- Em Portugal, os preservativos são chamados de "durex".
- Existe um filme alemão chamado A Camisinha Assassina (Kondom des Grauens, 1996). É ambientado em Nova York, e seus astros são preservativos com dentes afiados. Por trás das camisinhas assassinas



há uma seita de lunáticos e cientistas malucos que querem acabar com os pervertidos da cidade. Os condoms foram desenhados pelo célebre artista Giger, o mesmo criador do viscoso Alien, o Oitavo Passageiro.

- A Organização Mundial de Saúde (OMS) apresentou um plano em que mostra que para diminuir o aumento de casos de Aids e de doenças sexualmente transmissíveis na próxima década serão precisos 20 bilhões de camisinhas.

Fonte: Terra



Ilustração mostra como seria uma camisinha de intestino de porco. Segundo a autora Collier, ainda há divergências sobre qual seria a data da camisinha mais antiga preservada (Foto: Arte/G1)

Quem reclama de ter que usar camisinha para se proteger de doenças sexualmente transmissíveis e de uma gravidez indesejada deveria agradecer por elas serem como são hoje. O sexo poderia ser muito pior se, em vez de ter que encapar o pênis num plástico fino, tivéssemos que usar pelos de crina de mula, uma capa de papel de seda untado em óleo ou mesmo uma carapaça feita de casco de tartaruga. Foi assim que, ao longo da história, o homem tentou encontrar um meio mais seguro de manter relações sexuais.

As primeiras menções escritas à camisinha estão no Egito Antigo. De acordo com Aine Collier, professora da Universidade de Maryland, nos EUA, e autora do livro "The Humble Little Condom: A History" ('A Pobre pequena camisinha: uma história', inédito em português), "o rico egípcio usava finas camisinhas de papiro e garantiam que elas estariam salvas após a sua morte, elaborando coberturas para o pênis feitas de couro e pele".

Segundo a autora, em entrevista ao **G1**, por e-mail, a camisinha também era mencionada na poesia grega. Mas foi na Idade Média que as práticas de prevenção atingiram o ápice da criatividade.

Segundo Collier, homens e mulheres eram aconselhados a usar uma cobertura de pelos de crina de mula durante o sexo. "Eles acreditavam que o artefato era mágico e prevenia a gravidez". Outra forma inusitada de proteção era a usada durante o Renascimento, quando mulheres colocavam aranhas mortas embaixo do braço para tentar não engravidar. "Claro que nada disso funcionava", diz Collier.



"No século XIX, mulheres alemãs bebiam chás feitos de folhas de árvores que não davam frutos, pois elas acreditavam que se as árvores não davam frutos elas também não engravidariam."

Segundo um artigo sobre a história da camisinha publicado pela Real Sociedade de Medicina inglesa, os chineses usavam uma camisinha de papel de seda antigo e os japoneses costumavam usar uma carapaça feita de casco de tartaruga ou de couro fino. Na Europa, as camisinhas originais eram feitas de intestino de ovelha, bezerro ou cabra. Esses tipos ainda são fabricados hoje. Mais caros e com o incômodo extra de ter uma costura, são comprados principalmente por pessoas que têm alergia ao látex.

O anatomista Gabriello Fallopio fez, em 1564, uma pesquisa com camisinhas, publicada dois anos antes de sua morte. Segundo o artigo da Real Sociedade de Medicina inglesa, ele clama ter inventado a carapuça de linho que protegia contra a sífilis. Seu experimento foi testado em 1100 homens, e nenhum deles foi infectado.

Enfim, o plástico

Após Charles Goodyear ter inventado o processo de vulcanização da borracha, por volta de 1840, produtores norte-americanos usaram pela vez a substância, fazendo uma camisinha dura, grossa e desconfortável. A maioria dos homens e mulheres ainda preferia o produto de origem animal até o final do século XIX, quando alemães melhoraram o produto, deixando-o mais confortável.

Proibições

A camisinha foi proibida muitas vezes na história - e ainda é condenada pela igreja Católica. Segundo a autora Collier, os nazistas a proibiram em toda Alemanha. "O mesmo ocorreu na Itália e Espanha. Os franceses baniram a camisinha após a Segunda Guerra Mundial - eles tinham perdido tantos homens que temiam que a população diminuísse drasticamente."

Nos Estados Unidos, uma lei de 1870 proibiu seu uso. "Elas ainda eram fabricadas, vendidas e usadas em segredo até o século XX", explica a autora.

Retirado do site: <http://g1.globo.com/Sites/Especiais/Noticias/0,,MUL756095-16107,00-CAMISINHAS+ANTIGAS+ERAM+FEITAS+DE+CRINA+DE+MULA+PAPEL+E+ATE+CASCO+DE+TARTAR.html>